

Quando o chão é tirado dos nossos pés,
nem sempre temos a opção de cair.

O COMEÇO de TUDO



ROBYN SCHNEIDER



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Quando o chão é tirado dos nossos pés,
nem sempre temos a opção de cair.

O COMEÇO de TUDO



ROBYN SCHNEIDER



Sumário

Capa

Sumário

Folha de Rosto

Folha de Créditos

Dedicatória

Epígrafe

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Agradecimientos

Notas

O COMEÇO de TUDO

ROBYN SCHNEIDER

Tradução
Shirley Gomes



Título original: The beginning of everything

Copyright © 2013 by Robyn Schneider

Copyright © 2014 Editora Novo Conceito

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio sem permissão por escrito exceto no caso de breves trechos em críticas.

Versão digital — 2014

Produção Editorial:
Equipe Novo Conceito

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Schneider, Robyn

O começo de tudo / Robyn Schneider ; tradução Shirley Gomes. -- Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2014.

Título original: The beginning of everything.

ISBN 978-85-8163-393-0

1. Ficção norte-americana I. Título.

14-00203 | CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885 – Parque Industrial Lagoinha

14095-260 – Ribeirão Preto – SP

www.grupoeditorialnovoconceito.com.br

A meus pais, que sem dúvida tentarão se encontrar neste livro.

Não se preocupem, eu facilitei as coisas — vocês estão aqui, bem na frente!

Eu me apaixonei por sua coragem, sua sinceridade e seu flamejante autorrespeito. E é nessas coisas que eu acredito, mesmo que o mundo todo mergulhasse em uma suspeita selvagem de que ela não era tudo que deveria ser...

Eu a amo, e isso é o começo de tudo.

— F. Scott Fitzgerald

O mundo quebra todo mundo, e, posteriormente, alguns ficam mais fortes nos lugares quebrados.

— Ernest Hemingway

Capítulo 1

Às vezes acho que uma tragédia vive à espreita de todo mundo; por isso, as pessoas que vão comprar leite na esquina ou que cutucam o nariz enquanto aguardam o sinal abrir estão a apenas alguns minutos de um desastre. Na vida de todos, não importa quão comum seja, existe um momento que se tornará extraordinário — um único embate após o qual tudo o que realmente é importante vai acontecer.

Uma semana antes de começarmos o sétimo ano na Westlake Middle School, meu amigo Toby enfrentou uma tragédia. Naquele verão, absolutamente fanáticos por pingue-pongue, jogávamos descalços no quintal da casa dele, com a aspiração de vencermos um campeonato mundial. Eu jogava melhor, porque meus pais me obrigaram a ter aulas de tênis assim que consegui segurar um garfo sozinho. Mas, às vezes, por causa da nossa amizade, eu deixava Toby ganhar. Para mim, era um divertido jogo planejar como perder de forma tão convincente que ele não percebesse que fora intencional. E assim, enquanto ele treinava para um fantasioso campeonato mundial de pingue-pongue, eu treinava um tipo secreto e bem-intencionado de anarquia contra a convicção do meu pai de que vencer era o mais importante na vida.

Embora eu e Toby fôssemos grandes amigos, do tipo que nunca procura a companhia de outros garotos da mesma idade, a mãe dele insistiu numa festa de aniversário. Talvez para garantir a popularidade do filho na escola, uma popularidade de que não desfrutamos nos anos anteriores.

Desse modo, ela enviou convites com o tema *Piratas do Caribe* para meia dúzia de alunos da nossa turma, pelos quais Toby e eu nunca nos interessamos, e, na última terça-feira do verão, levou todo mundo para a Disney na perua escolar cor de vinho mais nojenta do mundo.

De carro, bastavam vinte minutos para chegarmos à Disney, lugar cuja magia já se desgastara no final do último ano da escola; afinal, sabíamos exatamente quais eram os passeios bons e quais significavam perda de tempo. Assim, todos zombaram quando a Sra. Ellicott sugeriu que visitássemos a Enchanted Tiki Room, agindo como se alguém propusesse um almoço num restaurante vegetariano. Por fim, nosso primeiro — e único — passeio foi na Thunder Mountain Railroad.

Toby e eu escolhemos a fileira de trás da montanha-russa, que todos sabem ser a mais rápida. Os outros ficaram brigando pelos assentos da frente, porque, embora a parte traseira seja a mais rápida, a dianteira é inexplicavelmente mais popular. Feita a escolha, Toby e eu nos acomodamos separados dos demais por um mar de ansiosos visitantes da Disney.

Lembro-me muito bem desse dia por causa do acontecido. Sabe aquelas placas com grossas linhas pretas que mostram qual a altura indicada para poder usufruir determinado brinquedo? Pois bem, nelas também há muitos avisos idiotas, por exemplo, que mulheres grávidas ou pessoas com problemas cardíacos não devem brincar na montanha-russa, que a gente tem que guardar a mochila e que todo mundo deve ficar sentado o tempo todo.

No entanto, no final das contas, essas placas não são tão inúteis assim. Bem na nossa frente havia uma família de turistas japoneses cujo nome estava bordado nos bonés do Mickey. Enquanto o vento soprava em nosso rosto e o barulho da montanha-russa retumbava tão alto nos trilhos que mal dava para ouvirmos nossos próprios gritos, um dos garotos à nossa frente se levantou com ar de desafio. Ele riu e firmou o boné do Mickey na cabeça quando a montanha-russa entrou num túnel de teto baixo.

Os noticiários disseram que um garoto de quatorze anos, vindo do Japão, foi decapitado na montanha-russa por desrespeitar os avisos de segurança. O que os repórteres não disseram foi que a cabeça do turista com o boné do Mickey voou como uma grotesca hélice de helicóptero, e que Toby Ellicott, no seu aniversário de doze anos, pegou a cabeça separada do corpo, agarrando-a em estado de choque enquanto a montanha-russa continuava seu percurso.

Não existe uma maneira fácil de se recuperar de uma situação desse tipo; nenhuma resposta mágica às piadas sobre “perder a cabeça” feitas por todo mundo quando Toby passava nos corredores da Westlake Middle School. A tragédia de Toby foi o lugar que ele escolheu na montanha-russa no seu aniversário de doze anos, e, desde então, ele passou a viver sob as sombras desse acontecimento.

A tragédia toda podia muito bem ter sido comigo. Se nossos bancos

fossem invertidos, ou se os garotos à nossa frente tivessem trocado de lugar no último minuto, aquela cabeça talvez significasse a minha ruína, em vez de ser a de Toby. No decorrer dos anos, enquanto nossos caminhos se afastavam, pensei algumas vezes em como Toby foi mergulhando na obscuridade e eu virava um inexplicável sucesso.

Ao longo do colégio e da faculdade, uma sucessão de namoradas riu e franziu o nariz. “Você foi amigo daquele rapaz?”, perguntavam. “Aquele cara que segurou a cabeça decapitada na Disney?”

“Ainda somos amigos”, eu dizia. Mas não era bem assim. Nós fomos amigos e, de vez em quando, conversávamos pelo chat, mas essa amizade, de alguma forma, também foi decapitada naquele verão. Como o rapaz que se sentou à nossa frente naquela fatídica montanha-russa, nada pesava sobre os meus ombros.

Desculpe. É horrível dizer isso. Mas, sinceramente, já se passara muito tempo, então essa coisa toda parecia uma história de horror sobre a qual eu um dia tinha ouvido falar. Porque aquela tragédia pertence a Toby, e ele tem vivido estoicamente com as consequências, enquanto eu escapei relativamente ileso.

A minha própria tragédia demorou para acontecer. Esperou para dar o golpe até eu ficar tão acostumado com uma vidinha num bairro sem graça qualquer que já nem esperava que nada de interessante acontecesse. Por isso, quando a minha tragédia pessoal por fim me encontrou, já era quase tarde demais: eu completara dezessete anos recentemente, era popular de modo até embaraçoso, tirava boas notas, mas parecia fadado a ser eternamente comum.

Eu conhecia Jonas Beidecker apenas de vista, como se conhece alguém que se senta na carteira ao lado ou à esquerda numa van lotada. Assim, o rapaz mal estava no meu radar. A festa era dele, numa casa em North Lake com um gazebo nos fundos repleto de cerveja e refrigerante. Havia fios de luzes de Natal iluminando o jardim, ainda que fosse época de formatura, e o brilho delas refletia na água escura do lago. A rua estava cheia de carros, e eu tive de estacionar perto de Windhawk, dois quarteirões acima, porque tinha pavor de batidas.

Naquela tarde, na quadra de tênis, minha namorada Charlotte e eu tínhamos brigado. Ela havia me acusado — deixe-me ver se consigo resgatar a frase exata — de “estar me furtando às responsabilidades de presidente de classe em relação ao luau”. Disse isso com desdém, como se eu devesse me envergonhar. Como se o previsível fracasso do luau me animasse a convocar uma reunião de emergência naquele exato momento.

Eu estava suado e bebendo um Gatorade quando ela apareceu na quadra com um vestido tomara-que-caia, o dia todo escondido por baixo de um cardigã. Enquanto Charlotte falava, eu só conseguia pensar na sensualidade de seus ombros nus. Portanto, acho que ela teve razão ao me dizer que eu às vezes pareço um tonto, e que ela iria à festa de Jonas com sua amiga Jill, pois não conseguia lidar comigo quando eu ficava insuportável.

— Não é essa a definição de insuportável? — perguntei, enxugando o Gatorade de meu queixo.

Pronto! Ela soltou um gritinho semelhante a um rosnado e se afastou. Assim, cheguei à festa atrasado e ainda usando o short de malha, certo de que isso iria provocá-la.

Guardando as chaves no bolso, cumprimentei um grupo de pessoas com um gesto de cabeça. Como eu era presidente de classe e também o capitão do nosso time de tênis, tinha a sensação de constantemente acenar e cumprimentar as pessoas onde quer que aparecesse, como se a vida fosse um palco, e eu, um mero tenista medíocre.

Desculpe pelas brincadeiras, mas são o tipo de coisa que faço porque deixam as pessoas à vontade, e elas se voltam para o cara em questão.

Peguei um copo descartável com suco, pois não planejava beber, e fui ao encontro dos rapazes do tênis no jardim dos fundos. Era a turma de sempre, e todos já bem adiantados no caminho da bebedeira. Os cumprimentos foram efusivos demais, e eu suportei os tapinhas nas costas com uma careta bem-humorada antes de me sentar numa cadeira de piscina.

— Faulkner, você tem que ver isso! — disse Evan, cambaleando bêbado ao subir numa jardineira. Segurava um aspirador de piscina, tentando erguê-lo, enquanto Jimmy, ajoelhado no chão, prendia a outra ponta. Tentavam fazer uma serpentina de cerveja com um aspirador de piscina, o que já dava uma magnífica ideia de como estavam bêbados.

— Despeje aí já — Jimmy reclamou, e os outros caras batucaram nos móveis do quintal. Levantei-me e fiz as vezes de apresentador do evento, porque vivia exercendo esse papel. Portanto, fiquei ali, discursando sarcástico sobre como a cena toda podia entrar para o *Guinness Book*, mas apenas porque estávamos bebendo cerveja Guinness. Como em muitas outras festas, várias outras brincadeiras bobas que, apesar de não funcionarem, ao menos mantinham entretidos.

Como era de esperar, a serpentina falhou. Jimmy culpou Evan, e

Evan culpou Jimmy, inventando desculpas ridículas que nada tinham a ver com a pobre física de toda aquela parafernália. A conversa se voltou para o baile dos alunos após a festa de formatura — alguns de nós tínhamos reservado uma suíte no Four Seasons para depois —, mas eu não prestava muita atenção. Aquele era um dos últimos finais de semana antes de passarmos para o terceiro ano, e eu pensava no significado disso. Como esses rituais, o baile, o luau e a formatura a que assistíamos havia anos adquiriam agora um caráter bem pessoal.

Estava um pouco frio, e as meninas tremiam nos vestidos. Duas amigas tenistas se aproximaram, e cada uma se sentou no colo de seu respectivo namorado. Seguravam os celulares, criando com eles pequenos halos de luz nas mãos em concha.

— Cadê a Charlotte? — uma delas perguntou, e eu precisei de alguns instantes para perceber que a pergunta era para mim. — Ei! Ezra?

— Desculpe — respondi, passando a mão pelos cabelos. — Ela não está com a Jill?

— Não, Jill está de castigo. Ela tinha tipo um book... num site de modelos... Os pais viram e ficaram loucos da vida porque, por engano, pensaram que era um site de pornografia.

Dois rapazes animaram-se ante a menção de pornografia, e Jimmy fez um gesto obsceno com o cano do aspirador da piscina.

— Como alguém pode se equivocar com pornografia? — perguntei, já meio interessado na conversa.

— É pornografia quando tem um *timer* — ela explicou, como se fosse óbvio.

— Certo — eu disse, desejando que ela tivesse sido mais inteligente recorrendo a uma resposta que me impressionasse.

Todos riram e começaram a fazer piadas sobre pornografia. Mas eu, pensando bem, não tinha a menor ideia de onde estava Charlotte. Achei que fosse encontrá-la na festa, onde ela faria o de sempre quando brigávamos: ficar com Jill, virando os olhos para mim e parecendo aborrecida do outro lado da sala até que eu me aproximasse e morresse de pedir desculpas. No entanto, não a encontrei a noite toda. Peguei o celular e lhe mandei uma mensagem para saber o que estava acontecendo.

Cinco minutos depois, ainda sem sinal de vida de Charlotte, Heath, um cara enorme do time de futebol, aproximou-se da nossa mesa. Ele tinha empilhado seis copos de suco, possivelmente para nos impressionar, mas, na verdade, aquilo me pareceu um desperdício.

— Faulkner — ele grunhiu.

— O que foi?

Ele fez sinal para que eu me levantasse, e eu o segui pela pista meio suja perto do lago.

— Você devia ir ao andar de cima — disse ele, tão solene que preferi não questionar.

A casa de Jonas era grande; acho que tinha seis quartos. Mas a sorte, se podemos chamá-la assim, estava do meu lado.

Meu prêmio apareceu atrás da porta número um: Charlotte, um cara que eu não conhecia e uma cena que, se eu gravasse pela câmera do celular, poderia ser confundida com pornografia, embora esse não tivesse sido meu objetivo artístico.

Pigarreei. Charlotte também, ainda que com um grande esforço. Parecia horrorizada por me ver ali, parado na porta. Nenhum de nós disse nada. O rapaz então soltou um palavrão, fechou o zíper da calça e indagou:

— O que é isso?

— Ezra, eu... eu... — Charlotte gaguejou. — Não achei que você fosse...

— Mas parece que ele ia... — brinquei, amargo.

— Quem é ele? — o rapaz perguntou, olhando de Charlotte para mim.

Ele não estudava na nossa escola e parecia mais velho, talvez um rapaz da faculdade misturando-se numa festa de colegiais.

— Sou o namorado — respondi, mas as palavras soaram duvidosas, quase como uma pergunta.

— É esse o cara? — ele indagou, perscrutando-me. — Eu dou conta dele.

Então Charlotte tinha falado de mim para aquele babaca? Mas pensei que, se aquela afirmação se concretizasse, o cara realmente poderia dar conta de mim. Minha pancada sempre arrasa, mas apenas com a minha raquete, nunca com os punhos.

— O que acha de dar conta dela? — sugeri, saindo dali.

Apesar de toda aquela cena, seria bem legal se Charlotte não tivesse vindo atrás de mim, insistindo que eu ainda deveria acompanhá-la ao baile de sábado. Seria bom se ela não tivesse agido dessa forma no meio de uma sala cheia de gente. E seria diferente se eu não tivesse poupado o meu carro, estacionando-o no caminho para Windhawk

para me afastar de motoristas bêbados.

Talvez se apenas uma dessas coisas tivesse sido diferente eu não avançaria na curva da Princeton Boulevard no exato momento em que um SUV preto veio a mil por hora e passou com tudo no sinal vermelho.

Não sei por que as pessoas dizem “atingido por um carro”, como se o outro veículo atacasse igual a um boxeador campeão. Primeiro, o que me golpeou foi o air bag e, em seguida, o volante, e acho que a porta do lado do motorista, e seja lá como chamam aquela parte que vem de encontro aos joelhos, esmagando-os.

O impacto foi ensurdecedor. E parecia que tudo tinha despencado em cima de mim. E havia o cheiro do motor morrendo sob o capô dianteiro, um cheiro de borracha queimada, meio salgada e metálica. Todo mundo correu para o gramado dos Beidecker, duas casas para baixo, e, através da fumaça do motor, pude ver um exército de garotas de vestidos tomara-que-caia, com o celular erguido, clicando solenemente toda aquela destruição.

E eu apenas permaneci ali rindo, ileso, porque sou imortal, um vampiro de cem anos.

Tudo bem; estou de sacanagem. Afinal, seria impressionante se eu conseguisse me levantar e dirigir, como o cretino que nem sequer parou depois de detonar o meu Z4. Se a festa inteira não desse no pé, apavorada, antes que a polícia enquadrasse todo mundo por bebida. Se Charlotte, ou algum dos meus supostos amigos, ficasse comigo na ambulância, em vez de me deixarem sozinho ali, meio delirando de dor. Se a minha mãe não colocasse todas as suas melhores joias nem passasse batom antes de correr para o hospital.

É impressionante como me lembro dessas merdas, não acha? Detalhes insignificantes, bobagens, no meio de um desastre monumental.

Bom, eu realmente não quero continuar contando essa história, e espero que me perdoe, mas já bastou ter passado por isso uma vez. Meu pobre conversível sofreu perda total, bem como o resto da minha vida. Os médicos disseram que o meu pulso ficaria bom; os ferimentos da minha perna, entretanto, eram graves, incluindo o joelho irreversivelmente destruído.

Mas essa história não é sobre o aniversário de doze anos de Toby, nem sobre o acidente de carro na festa de Jonas... Não é mesmo!

Esse é o tipo de problema que a química orgânica chama de retróssíntese. Assim, tem-se uma molécula que não existe

naturalmente, e é necessário trabalhar de modo retroativo, passo a passo, e averiguar como ela passou a existir, ou seja, que condições levaram à sua eventual criação. Quando se chega ao final, se tudo foi feito de forma correta, a equação pode ser lida normalmente, e torna-se impossível distinguir a pergunta da resposta.

Ainda acho que a vida — independentemente do quão comum seja — de qualquer pessoa tem um ponto trágico e único, depois do qual tudo o que é realmente importante vai acontecer. Esse momento representa o catalisador, o primeiro passo da equação. Mas conhecê-lo não leva a nada, pois o resultado é determinado por aquilo que vem depois.

Capítulo 2

Em quem me transformei em consequência da minha tragédia pessoal? Primeiro, eu não tinha espírito esportivo em relação às tagarelices das enfermeiras da pediatria. Depois, virei um estranho na minha própria casa, um ocupante temporário do quarto de hóspedes do andar de baixo. Um inválido, se preferir, a palavra mais horrorosa que já ouvi para descrever alguém que esteja em recuperação. No contexto da comprovação matemática, se alguma coisa é considerada “inválida”, significa que se demonstrou, por meio de uma lógica irrefutável, que ela não existe.

Bom, retiro o que disse. A palavra combinava comigo. Eu era Ezra Faulkner, o garoto de ouro, mas essa pessoa não existia mais. A prova dessa situação?

Nunca contei isto a ninguém, mas, na última noite de verão antes do terceiro ano, fui dirigindo até Eastwood High. Era tarde, quase onze da noite, e meus pais já dormiam. As ruas arborizadas do meu condomínio estavam escuras e inexplicavelmente vazias, como fica a periferia à noite. Os campos de morangos ao lado da estrada pareciam se estender por quilômetros, mas pouco restava das terras das antigas fazendas, exceto o pomar de laranjas acima da rua de comércio chinês e os canteiros centrais onde os plátanos do século passado cresciam aprisionados.

Se pensarmos no assunto, era meio deprimente viver num condomínio cheio de casas, com seis quartos em estilo espanhol, enquanto, a pouco menos de um quilômetro dali, imigrantes ilegais trabalhavam com a coluna vergada nos campos de morango, e ainda tínhamos de passar de carro por esse caminho todos os dias ao irmos para a escola.

Eastwood High fica no extremo norte, ainda nos limites da cidade de Eastwood, estado da Califórnia, abrigado no sopé de uma alta montanha, como se fosse um tipo de fortaleza. Parei no estacionamento dos professores. Afinal, dane-se, eu disse a mim mesmo, sem qualquer revolta, mas com uma evidente demonstração de fraqueza, pois o estacionamento ficava praticamente acima das quadras de tênis.

Uma névoa de cloro pairava sobre o complexo das piscinas, e os funcionários já haviam posicionado os guarda-sóis nas mesas da quadra superior. Era possível ver suas silhuetas, inclinadas em ângulos dissolutos.

Coloquei a chave na fechadura da minha quadra preferida e empurrei a porta com a bolsa de equipamento. A raquete, que há meses eu não segurava, parecia a mesma, com uma fita preta meio solta no cabo. Já era hora de ter uma nova, a julgar pelos descascados da estrutura, mas claro que eu não teria uma nova raquete. Nem agora, nem nunca.

Deixei minha bengala no chão e avancei mancando até a linha de fundo da quadra. Meu fisioterapeuta ainda nem me autorizara a fazer exercícios na bicicleta ergométrica, e o outro terapeuta com certeza desaprovava minha atitude, mas isso pouco me importava. Eu precisava saber o quanto a situação era ruim; precisava ver por mim mesmo se era verdade o que os médicos disseram: acabaram os esportes. “Acabaram.” Como se os últimos doze anos da minha vida equivalassem a nada mais do que um terceiro período de educação física, e a campanha tivesse tocado para o intervalo.

Coloquei uma bola no bolso e preparei meu saque suave, aquela batida comum que usava para não cometer dupla falta. Mal ousando respirar, joguei a bola para cima e a senti se associar à raquete de um jeito que, apesar de não completamente agradável, era tolerável. Ela aterrissou quase no centro da quadra sem nenhuma resistência. Eu havia mirado o fundo do canto direito, mas tudo bem.

Sacudi o punho e fiz uma careta ao me dar conta de como o velcro da tala estava apertado, mesmo assim achei melhor não tirá-la. E então bati uma segunda bola, rodando a raquete de modo a dar um ligeiro impulso no saque. Aterrissei apoiando-me na perna boa; no entanto, o ímpeto da jogada me projetou e eu tropecei, acidentalmente deslocando muito peso para o joelho; a dor me pegou com tudo.

Quando começou a voltar aquela dorzinha familiar e incômoda que nunca vai embora, percebi que a bola tinha rolado silenciosamente até os meus pés, zombando de mim. Meu saque falhara; a bola nem

sequer ultrapassara a rede.

Era o fim. Deixei as bolas na quadra, guardei a raquete na bolsa e peguei minha bengala, perguntando-me por que ainda me chateava com isso.

Assim que fechei as quadras, o campus me pareceu de repente fantasmagórico, com as sombras escuras das montanhas pairando sobre os prédios vazios. Mas não havia nada com que me preocupar, nada além do primeiro dia de aula, quando finalmente teria de enfrentar todo o pessoal que havia evitado durante o verão.

Eastwood High costumava ser meu, o lugar onde era conhecido por todos e onde parecia que eu não podia errar. E também as quadras de tênis, afinal eu jogava na principal equipe da escola desde os quatorze anos. Antes, quando aquele prédio era meu, eu me sentia em paz ali, entre as linhas brancas ordenadamente pintadas nos retângulos verdes. O tênis era como um *video game*, que eu já vencera milhões de vezes, sentindo demoradamente o prazer da vitória. Um jogo que eu tinha de jogar porque as pessoas esperavam isso de mim. Mas agora não mais, porque ninguém parecia mais esperar nada. O mais estranho sobre o ouro é que ele pode embaçar rapidamente.

Capítulo 3

Na escola ocorrem muitas humilhações inesperadas, mas nenhuma havia me atingido até as 8h10 do primeiro dia do meu terceiro ano. Porque às 8h10 eu me conscientizei não só de que não tinha companhia para a tradicional festa de boas-vindas, mas também de que teria de me sentar na fileira da frente, já que a arquibancada era apertada demais para o meu joelho.

Mas na fileira da frente só havia professores e uma menina gótica numa cadeira de rodas que insistia ser uma bruxa. De jeito nenhum eu subiria as escadas mancando, enquanto a escola inteira me olhava. E *estavam olhando* mesmo. Dava para sentir os olhares em mim, e não porque eu tinha batido o recorde de votos nas eleições do conselho de classe ou tivesse ficado de mãos dadas com Charlotte Hyde na fila do café do pátio superior. Nada disso. Tive vontade de me encolher, pedindo desculpas em silêncio pelas olheiras e pelo fato de não poder falar de nenhum bronzado de verão. Tive vontade de sumir.

Um arco de balões coloridos e um cartaz decoravam cada seção das arquibancadas. Sentei-me bem embaixo do V de “VIVA OS VETERANOS!”, e observei as líderes da associação de alunos se unirem no meio da quadra de basquete. Usavam colares havaianos e óculos escuros. Jill Nakamura, a nova representante de classe, vestia top e short jeans. Então, o amontoado se desfez, e vi Charlotte rindo com as amigas em sua minissaia do Song Squad. Nossos olhares se cruzaram, mas ela desviou o olhar, constrangida, e esse exato instante me mostrou tudo o que eu precisava saber: a tragédia ocorrida na festa de Jonas Beidecker era minha, só minha.

Deu-se então um pequeno milagre, e Toby Ellicot sentou-se ao meu lado.

— Você ouviu falar das abelhas? — ele perguntou, muito alegre.

— O quê?

— Elas estão desaparecendo — ele explicou. — Os cientistas estão perplexos. Li no jornal agora de manhã.

— Talvez seja boato — respondi. — Como é que dá pra provar uma coisa dessas?

— Com um censo de abelhas? — ele sugeriu. — Sei lá; vou fazer um estoque de mel.

Eu e Toby não nos falávamos havia anos. Ele fazia parte da equipe de debate, e nossos horários raramente coincidiam. Não se parecia muito mais com o melhor amigo rechonchudo e quatro-olhos que perdi nas primeiras semanas do sétimo ano. O cabelo escuro ainda se alvoroçava para todo lado, mas Toby agora estava desengonçado e magrelo. Ele arrumou a gravata-borboleta, desabotoou o *blazer* e esticou as longas pernas, como se a arquibancada dos professores fosse uma boa escolha.

— Você devia arrumar uma bengala com espada — ele disse. — Seria demais! Conheço um cara, caso esteja interessado.

— Você conhece um cara que tem uma bengala com espada?

— Não se surpreenda com as minhas conexões escusas, Faulkner. Tecnicamente, ele negocia armas por baixo do pano.

A música então começou, com um som ensurdecador de microfonia que deu lugar aos primeiros acordes de um surrado Vampire Weekend. As meninas da associação começaram a bater palmas de um jeito brega, como quem diz “vamos começar a festa”, e Jill guinchou no microfone que ela estava superanimada com o melhor ano da escola.

E então, inexplicavelmente, as meninas da associação iniciaram uma coreografia do tipo hula-hula, com os óculos escuros e colares havaianos. Não dava para passar por cima do equívoco de um hula-hula feito na percussão de uma bandinha de rock escolar da Costa Leste.

— Por favor, diga que estou tendo alucinações — Toby cochichou.

— VETERANOS, CADÊ A ANIMAÇÃO? — Jill gritou. A resposta foi ensurdecadora. — NÃO ESTOU OUVINDO! — ela desafiou, empinando-se.

— Me mate agora — gemeu Toby.

— Com prazer, mas estou sem a bengala de espada — eu disse.

A professora Levine, sentada perto de Toby, nos lançou um olhar

severo.

— Comportem-se ou saiam, senhores — ela rosnou.

Toby bufou.

Quando a música finalmente terminou, Jimmy Fuller pegou o microfone. Estava usando o agasalho do time de tênis, e não pude deixar de observar que o uniforme mudara.

— E aí, alunos de Eastwood? — ele falou, animado. — Está na hora de conhecermos as principais equipes de esportistas!

Como se esperasse a deixa, uma porta lateral do ginásio se abriu, e o time de futebol americano surgiu com suas roupas de malha e enchimentos. Atrás dele, a equipe de beisebol, depois a de tênis, depois a de polo aquático, mas, a essa altura, eu não mais prestava atenção à ordem dos grupos. Toda a minha vida pregressa estava no meio da quadra de basquete, e eu ali na arquibancada dos professores, e não ia bater palmas de jeito nenhum. Queria apenas cair fora da festa e sumir.

— Ô, Ezra — Toby murmurou. — Você tem adesivo de nicotina, cara?

— Pra fora! — ordenou a professora Levine. — Agora! Os dois!

Toby e eu nos entreolhamos, encolhemos os ombros e pegamos nossas mochilas.

Lá fora, o dia estava iluminado, o céu, sem nuvens e incrivelmente azul. Parei meio desajeitado sob a sombra do telhado de estuque, revirando a mochila em busca dos meus óculos escuros.

— *Adesivo de nicotina?* — perguntei.

— Bom, a gente conseguiu ser expulso, né? — Toby disse, com um jeito presunçoso.

— É, conseguimos mesmo. Obrigado.

— Eu queria cair fora. A professora Levine tem um hálito horrível.

Demos a volta e fomos matar o tempo no Anexo, uma sala de estudo que unia as salas de debate e do jornal. Todo mundo estava na assembleia, e dava para ouvir os gritos abafados que vinham do ginásio em intervalos regulares.

— Parece mais ou menos a Disney — enunciou Toby com um sorriso.

Fiquei surpreso diante da menção.

— Você voltou lá? — perguntei.

— Tá brincando? Vou lá todo dia. Me deram passe livre. Sou uma espécie de prefeito da aventuralândia.

— Não voltou, então — constatei.

— Você voltou? — Balancei a cabeça em resposta. — Você pode conseguir um ingresso para deficientes — continuou Toby. — E pular todas as filas.

— Da próxima vez que convidar uma menina pra sair, não vou me esquecer disso.

Por alguma razão, pouco me importava Toby me provocar em relação à bengala. E, em geral, eu era muito suscetível acerca desse assunto. Quem não seria, se tivesse passado as férias de verão tentando fazer uma bem-intencionada mãe, ainda que superprotetora, parar de ciscar junto da porta do banheiro toda vez que eu ia tomar um banho? (Ela morria de medo que eu escorregasse e morresse, já que eu recusara a instalação de barras para me segurar. Eu morria de medo que ela entrasse e me pegasse... hã... tomando banho.)

— Que disciplina facultativa você escolheu? — perguntou Toby. Tínhamos essa exigência na escola.

— Discurso e Debate — admiti, de repente percebendo que Toby poderia estar na minha classe.

— Cara, sou o capitão este ano! Você deveria competir.

— Só escolhi por causa do pré-requisito — respondi. — Debate não é a minha praia.

Antes eu achava que o grupo de debate era um bando de caras que vestiam ternos de executivo durante o final de semana e pensavam que tinham de fato algo significativo para dizer sobre política externa, por estarem envolvidos com o Programa Avançado do Governo.

— Talvez não, mas você me deve essa. Eu liberei a gente dessa assembleia — Toby protestou.

— Estamos quites. No vestiário do oitavo ano, eu mandei Tug Mason não mijar na sua mochila.

— Você ainda me deve. Ele mijou no meu Gatorade.

— Ah, tinha me esquecido disso.

O sinal tocou.

— Sabe de uma coisa realmente desanimadora, Faulkner? — Toby perguntou, pegando a mochila.

— O quê?

— O primeiro semestre nem começou ainda.

Capítulo 4

A única coisa interessante de estar inscrito em Discurso e Debate era que eu tinha recebido o horário de Ciências Humanas Ímpar. Eastwood High funcionava em blocos curriculares, e, desde o primeiro ano, o meu horário tinha sido Ciências Humanas Par, com o de outros atletas. Mas agora não.

Eu cursei o primeiro período em Programa Avançado da Europa, o que era lamentável porque: 1) o professor Anthony, treinador de tênis, lecionava a disciplina; 2) a sala de aula dele ficava no segundo andar do edifício 400, o que significava que 3) eu tinha de subir um lance de escadas.

Ao longo do verão, as escadas se transformaram num castigo, e eu muitas vezes mudava o caminho para evitar subi-las, já que, para fazê-lo, deveria pegar a chave de um elevador na secretaria. E ela vinha acompanhada da plaquinha azul para o meu carro, aquela que eu jamais iria usar.

Quando finalmente cheguei à sala de PA Euro, seguindo por uma escadaria raramente usada perto do estacionamento dos funcionários, o professor Anthony já estava fazendo a chamada. Ele parou, fechando a cara para mim por cima da pasta de papel pardo, e eu me curvei em um silencioso pedido de desculpas enquanto ia me sentar no fundo da sala.

Quando ele chamou o meu nome, sussurrei um “aqui”, sem erguer os olhos. Na verdade, fiquei surpreso por ele me chamar. Em geral, quando chegavam ao meu nome na lista, os professores diziam “Ezra Faulkner está aqui”, ticando o quadradinho antes de continuar a leitura. Era como se estivessem satisfeitos por me ver; como se minha presença significasse que a aula seria melhor de algum modo.

Mas, quando o professor Anthony fez uma pausa depois de chamar o meu nome, e tive de confirmar que estava presente, ainda que ele soubesse muito bem que eu chegara com trinta segundos de atraso, fiquei me perguntando se *realmente* estava ali. Ergui os olhos, e ele me fitava como fazia sempre que alguém não se esforçava o bastante durante o treino.

— Considere-se advertido sobre atrasos, Senhor Faulkner — ele disse.

— Pois não — murmurei.

E então o professor Anthony continuou a chamada. Eu não estava prestando muita atenção, até que, quando ele falou um nome que não compreendi direito, houve uma mudança perceptível na sala. Uma aluna nova. Do outro lado, perto das prateleiras de livros. Eu só via uma manga de casaco verde e uma cascata de cabelos vermelhos.

O programa do curso nada apresentava de surpreendente, mas parecia que o professor Anthony pensava o contrário. Ele falou sobre a importância de estar num curso avançado de história, como se nenhum de nós tivesse feito Programa Avançado da História Norte-Americana com a professora Welsh quando cursávamos o oitavo ano. Muitos dos caras do tênis não gostavam do professor Anthony, pois o achavam muito inflexível. Eu estava acostumado a treinadores rigorosos, mas logo me dei conta de que, sem outros atletas na sala, o professor Anthony era simplesmente rígido.

— Vocês deviam ter feito a leitura do verão — disse ele, em tom de acusação e não de constatação. — “Europa Medieval: da queda de Roma ao Renascimento”. Se acharam que essa tarefa não merecia atenção, terão de refazer os planos para o final de semana. Talvez até considerem que o final de semana vai ser de... ah, *história*.

Ninguém riu.

Em seguida, ele escreveu na lousa: “O Império Romano: 200 a.C.— 474 d.C.”. E depois ergueu uma sobrancelha, como se estivesse se divertindo com alguma coisa. Houve um horrível silêncio enquanto tentávamos compreender por que ele não dizia nada, até que finalmente Xiao Lin ergueu a mão.

— Desculpe, mas não seria 476 d.C.? — ele resmungou.

— Obrigado, senhor... ah... Lin, por demonstrar um mínimo de competência em leitura — comentou asperamente o professor, corrigindo a data na lousa. — E agora quero saber se alguém pode me dizer por que o termo “Sacro Império Romano” é uma denominação imprópria... O Senhor Faulkner, talvez?

Se eu não estivesse com o pé atrás, juraria que o professor Anthony tinha um riso de desprezo nos lábios. Tudo bem, vamos chamar de desprezo. Entendi que ele se decepcionara por eu não poder jogar mais, mas não imaginei que fosse um idiota.

— Por que o termo só podia ser usado depois de Carlos Magno? — eu disse, pintando as letras do meu livro.

— Essa é uma resposta primária — anunciou o professor. — Você se importaria de reformulá-la para que ficasse adequada a um nível mais avançado?

Não sei por que eu disse isto, a não ser movido pelo fato de não querer aguentar tanta besteira do professor pelo ano todo; desse modo, antes que eu pudesse refletir, inclinei-me na cadeira e respondi:

— Ah, tá bom. Duas razões. A primeira, o Sacro Império Romano era originalmente chamado de reino franco até o papa coroar Carlos Magno “Imperador dos Romanos”. E a segunda: não era sagrado, nem romano, nem mesmo um império. Na verdade era meio, tipo, uma união ao acaso de estados tribais germânicos.

Eu nunca tinha de fato aberto a boca na classe antes, e imediatamente me arrependi. Em geral, sabia a resposta quando era chamado, e minhas notas eram bastante boas, embora eu não fosse um “crânio”. Só que, no verão, sem nada para fazer, havia lido e pensado bastante.

— Aproveite o final de semana, Senhor Faulkner — o professor zombou, e então me conscientizei de que, em vez de me livrar do professor, ele ia pegar no meu pé.

Já quase me esquecera de que estávamos na Semana de Integração Escolar até sair da sala, pensando que era intervalo, e alguém me dar um tapinha no ombro.

Era a aluna nova. Segurando um horário de aulas amassado, ela me encarava como se eu lhe tivesse dado a impressão de ser a pessoa certa com quem conversar no seu primeiro dia na escola. Não esperava aqueles olhos de um profundo e inquietante azul-escuro, do tipo que faz a gente pensar se os céus se abririam quando ela ficasse zangada.

— Hã, desculpe — ela disse, olhando de novo para o horário. — O primeiro período deveria terminar às 9h35, mas o sinal só tocou às 9h50...

— É a Semana de Integração — expliquei. — Não tem intervalo e a gente vai direto pro terceiro.

— Ah. — Ela empurrou a franja para o lado e hesitou um pouco antes de perguntar: — Então, que aula você tem em seguida?

— O Programa Avançado de Literatura Americana.

— Eu também. Pode me mostrar onde é?

Normalmente eu faria isso. No primeiro dia do sexto ano, eu parei na quadra para ajudar alguns novatos que pareciam confusos, olhando espantados para os mapas de suas agendas como se estivessem em algum tipo de labirinto incompreensível.

— Desculpe, não posso — respondi, odiando-me por isso.

— Tá bom.

Observei-a se afastar, pensando em como a maioria das meninas de Eastwood, ou pelo menos as que valiam a pena notar, eram iguais: loiras, muita maquiagem, com bolsas stupidamente caras. Essa aluna nova não era nada disso, e eu não soube o que pensar da blusa surrada de menino enfiada no short jeans, nem da bolsa de couro gasto pendurada no ombro, como se saída de um filme antigo. Mas era bonita, e eu me perguntei de onde teria vindo, e por que não tentara se entrosar. Quis segui-la e pedir desculpas, ou pelo menos explicar minha atitude. Mas não. Em vez disso, eu me agarrei na escadaria perto da faculdade, cruzei a quadra na direção do edifício 100 e abri a porta da sala de Literatura Americana muitos minutos depois do sinal.

Já tivera aula com o professor Moreno, em Literatura Britânica. Supunha-se que ele escrevia o mesmo romance há mais de vinte anos, e genuinamente adorava ensinar ou nunca tinha amadurecido desde o ensino médio, pois era meio deprimente o modo como tentava que a gente enlouquecesse com Shakespeare.

Moreno não ligou para o meu atraso; nem o notou. O DVD player não estava funcionando, e ele, de quatro, segurava um disco entre os dentes, pelejando com os cabos. Por fim, Luke Sheppard, o presidente do cineclube, interferiu com arrogância, e todos nós nos acomodamos e assistimos ao filme *O grande Gatsby*, o original, não a refilmagem. Eu não o conhecia, mas, em preto e branco, meio que me entediou, além de não ser bom. O livro fora a nossa leitura de férias.

E detestei mesmo a parte do acidente de carro. Não era novidade, mesmo assim foi bem difícil assistir. Fechei os olhos, apesar de ainda ouvir o policial dizendo à multidão de curiosos que o filho da puta nem sequer parara o carro. Mesmo de olhos fechados, senti todos me olhando, e preferia que não tivessem feito isso daquele modo desconcertante, como se eu os fascinasse e os horrorizasse. Como se eu não fizesse mais parte de nada.

Quando a aula acabou, refleti um pouco no pátio, sob a desagradável luz do sol e observando as mesas de café. Minha equipe antiga ficava na mesa mais visível, junto da parede que dividia o pátio de cima e o de baixo. Imaginei-os em seus novos uniformes, no primeiro dia do terceiro ano, contando histórias sobre acampamentos, esportes e férias na praia, rindo da cara jovem dos calouros. E então me imaginei naquela mesa. Não imaginei ninguém comentando nada, e sim todos pensando: você não é mais um de nós. Eu não era nem representante de classe nem capitão do time de tênis. Não estava namorando Charlotte, e não dirigia um Beemer brilhante. Não era mais rei e, portanto, tinha mesmo de me exilar. E foi por isso que, em vez de apostar as minhas últimas fichinhas de dignidade, acabei evitando o pátio todo e me retirando para o sombrio vão da escada perto do estacionamento dos funcionários, com os meus fones de ouvido, perguntando-me como não tinha imaginado que seria tão ruim assim.

Havia apenas uma classe de Espanhol no terceiro ano, o que significava mais um ano com a professora Martin. Ela nos incentivava a chamá-la de Señora Martinez ainda no Espanhol I, o que soava ridículo, considerando que se casara com o pastor da igreja luterana da região. Era uma dessas mulheres de forno e fogão, do tipo supermaternal, que enfeitava a roupas com broches comemorativos de feriados e nos tratava como crianças.

Fui o primeiro a chegar, e a professora Martin me recebeu sorridente e cochichou que a congregação a que pertencia tinha rezado por mim depois do acidente. Eu imaginava que pudessem rezar por tantas outras coisas de mais valor, mas não tive coragem de lhe dizer isso.

— *Gracias, Señora Martinez* — resmunguei, e fui me sentar no meu lugar de sempre.

— E aí, Faulkner? — Evan acenou, cumprimentando-me enquanto ele e mais três caras do tênis se ajeitavam nos lugares à minha volta como se nada tivesse mudado. Carregavam sacolinhas do Burger King e usavam tênis e mochilas combinando, do tipo profissional, que há anos pedíamos ao treinador. Essas mochilas me distraíram tanto que nem percebi duas coisas: que eles tinham saído do campus para almoçar e que Evan tinha uma linha a mais no bordado do uniforme.

— Não vai me cumprimentar por ser o capitão? — Evan tirou da sacola um embrulho com um hambúrguer imenso. O cheiro de cebola quente e carne engordurada encheu a sala.

— Parabéns — respondi, sem surpresa, já que Evan era mesmo a

escolha mais provável para me substituir.

— Bom, alguém tinha que assumir a merda do seu lugar — o insulto de Evan soou estranhamente simpático em sua voz de barítono.

Jimmy, sentado atrás de mim, ofereceu-me o que parecia um balde de batatas fritas tamanho família.

— Aceita?

— Tem certeza de que não vai comer sozinho? — falei na cara de pau.

— Nada, tem pra todo mundo, caso a Señora Martin fique brava.

Não pude deixar de rir.

— Cara — disse Evan, batendo no meu ombro —, você vai ao Chipotle amanhã? Dia de taco! Você tem que comer taco e guaca!

— Ninguém chama guacamole de guaca! — sacudi a cabeça, sorrindo.

Parecia muito estranho essa minha turma agindo como sempre. Cheguei a pensar se era realmente assim tão simples. Se eu poderia ir a um mexicano com um grupo a que não pertencia mais. Mesmo se eu *quisesse* sair com eles, tinha passado de líder a dependente.

E então Charlotte chegou, deslizando numa nuvem familiar de perfume frutado, e enfiou a mão no balde de batatinhas de Jimmy. Pousou na carteira junto de Evan, com a saia do Song Squad farfalhando nas coxas bronzeadas.

— Cadê *minhas* batatas? — ela exigiu, cutucando Evan com o pé.

— Jimmy trouxe pra todo mundo. — A expressão de Evan ficou desapontada ao perceber que se dera mal.

— Mas não pedi as batatas pro *Jimmy*; pedi pra *você* — ela disse, amuada.

— Desculpe, gata, vou te compensar. — Evan se inclinou para beijá-la, e, se eu ainda não havia percebido, nesse momento tive certeza: eles estavam namorando.

— Agora não, estou com as mãos engorduradas — Charlotte retrucou, virando-se. — Pelo menos trouxe guardanapos?

— Ih, esqueci.

Supostamente deveria ser bem doloroso vê-los juntos, a minha ex-namorada com um dos meus melhores amigos. E eu não só teria de me perguntar como isso aconteceu, mas *quando* aconteceu. Mas me sentia estranhamente alheio a tudo, como se tal preocupação fosse muito

trabalhosa. Suspirei, peguei uma caixa de lenços na mochila e a ofereci a Charlotte.

— Obrigada. — Ela não conseguia nem olhar para mim, e eu não saberia dizer se era a culpa ou a pena que justificava essa atitude.

Então Jill Nakamura, ainda de óculos escuros, juntou-se a nós. Após abraçar Charlotte como se não tivessem acabado de se encontrar no almoço, ela se sentou.

— Ih, a gente só tem duas aulas juntas este ano — Charlotte reclamou.

Não pude deixar de sorrir tolamente quando Jill inventou uma desculpa sobre o fato de a Student Government estar ferrando com o horário dela. A verdade era que eu e Jill cursamos as mesmas disciplinas desde o primeiro ano do ensino médio, mas mantínhamos um entendimento silencioso quanto a não falar sobre isso.

Observei Charlotte guardando a caixa de lenços na bolsa, a *minha* caixa de lenços.

— Minha *nossa* — Charlotte disse, fechando a bolsa com floreios. — Olha só! Parece que tirou tudo dos achados e perdidos.

— Dos achados e perdidos dos *meninos* — Jill retrucou, contendo uma gargalhada.

A aluna nova estava na porta, inspecionando as fileiras mais cheias de bancos, tentando não se abalar com a atenção despertada. Felizmente, a professora Martin postou-se diante da classe, batendo as mãos em um pedido de silêncio como se fôssemos crianças, e chamou:

— ¡Hola, clase!

Sempre fui ambivalente em relação à aula de Espanhol. Em geral, gastava uns bons cinco minutos avaliando o broche do dia da professora Martin, e às vezes assistíamos a filmes da Disney dublados em espanhol. Mas, quando a professora disse que iríamos entrevistar um colega de classe, apresentando-o aos demais *en español*, percebi que a coisa poderia ser ainda pior.

Fiquei olhando todos à minha volta, que poucos minutos antes tinham sido tão simpáticos, juntando-se em duplas. Antes, sempre havia alguém que se unia a mim para os trabalhos na sala. Mas obviamente a situação mudara. Então, vi a aluna nova olhando para a página vazia do seu caderno.

Reivindiquei o assento perto dela e lhe sorri de um jeito que as meninas costumavam achar irresistível.

— E aí, qual é o seu nome? — perguntei-lhe.

— Nós não temos que falar em espanhol? — ela contestou, sem se impressionar.

— A professora não se importa, desde que a gente fale espanhol quando fizer a apresentação.

— Que difícil! — Ela sacudiu a cabeça, voltando-se para o caderno.
— Bom, *me llamo* Cassidy. ¿*Como te llamas*?

— *Me llamo* Ezra — respondi, escrevendo o nome dela. Cassidy. Gostei.

Ficamos um instante em silêncio, escutando um dos grupos em volta torturando-se para falar espanhol. O resto da turma falava inglês porque, como eu já disse, a professora Martin não se importava.

— E aí... — Cassidy me instigou.

— Ah, desculpe. É... ¿*de donde has venido*?

Ela ergueu a sobrancelha.

— *De Barrows School de San Francisco*. ¿*Y tú*?

Nunca tinha ouvido falar da Barrows School, mas imaginei que fosse algum tipo de escola preparatória rígida, e isso só tornava mais estranha a chegada de Cassidy a Eastwood High. Respondi que era dali mesmo.

— Então, é... ¿*es una escuela donde duerme uno con el otro*? — perguntei. O meu espanhol, que nunca fora muito bom, estava enferrujado.

Ela caiu na gargalhada, do jeito desembaraçado como às vezes rimos em festas ou almoços, mas nunca numa sala de aula silenciosa. Charlotte e Jill viraram-se para nos encarar.

— Desculpe. — Cassidy sorriu com ar de gozação. — Mas, sério, quer saber se os alunos dormem uns com os outros?

Hesitei.

— Estava tentando perguntar se era um internato.

— *Si, es un internado*. Um internato — ela respondeu. — Talvez seja melhor a gente mudar para o inglês.

E assim fizemos. Fiquei sabendo que Cassidy tinha acabado de completar um programa de verão em Oxford, estudando Shakespeare; que em um final de semana quase ficou vagando, sem qualquer recurso, pela Transilvânia; que tinha aprendido sozinha a tocar violão no telhado do dormitório por causa da acústica da arquitetura gótica. Eu nunca saíra do país, a menos que as três horas de carro até Tijuana com Jimmy, Evan e Charlotte, na última primavera, valessem. Nunca

tinha ido ao Globe Theatre, nem meu passaporte tinha sido roubado por ciganos num castelo do Drácula, nem tinha subido pela janela do meu quarto com um violão pendurado nas costas. Tudo o que eu tinha feito, tudo o que me definia, estava bem preso ao passado. Mas Cassidy esperava impaciente, com a caneta pairando acima das linhas brancas do seu caderno.

Suspirei e lhe dei as clássicas respostas de uma aula de Espanhol: que eu tinha dezessete anos, que o meu esporte preferido era o tênis e que a minha disciplina preferida era História.

— Que coisa chata — disse Cassidy quando terminei.

— Eu sei. Desculpe — resmunguei.

— Não entendo — ela começou, franzindo o rosto. — Praticamente todo mundo sai do caminho para evitar você, mas não param para olhá-lo. E aí você fica com *aquele* grupo do canto como se fosse o maldito rei do baile de formatura ou sei lá o quê, e apenas me diz sobre você que *me gusta el tennis*, coisa que, sinto muito, é óbvio que você não pode jogar.

Encolhi os ombros, tentando não demonstrar como me enervava o fato de ela ter percebido essas coisas.

— É que eu *fui* o rei do baile — disse, afinal.

A resposta a enfureceu. Tentei não rir, mas tudo me parecia tão ridículo. A poeira se acumulava sobre uma coroa de plástico e um cetro do baile de formatura, e eu nem sequer fora ao baile.

Ficamos ali cuidadosamente ignorando um ao outro até ser a nossa vez.

— *Yo presento Cassidy* — eu disse, e Charlotte riu alto.

A professora Martin fechou a cara.

— Butch Cassidy — Charlotte cochichou alto, fazendo Jill abafar um riso histérico.

Eu sabia do que Charlotte era capaz, e a última coisa de que Cassidy precisava era tornar-se o novo objeto de tortura dela. Então, inventei uma história chata sobre como a disciplina preferida de Cassidy era Inglês, e como gostava de dançar balé, e que seu irmão mais novo jogava futebol. Prestei-lhe um favor, tentando fazer que se esquecessem dela, em vez de dar mais munição a Charlotte. Mas obviamente Cassidy não pensava assim, pois, quando terminei a apresentação, ela sorriu de modo maldoso, arregaçou as mangas do casaco e dirigiu-se à classe, com calma:

— *Este é Ezra. Ele foi o rei do baile e é o melhor jogador de tênis de*

toda a escola.

Capítulo 5

Quando cheguei em casa, vesti um short e fui me esticar numa cadeira da piscina no quintal. A almofada estava empoeirada, e, ouvindo a água bater nas pedras de nossa cachoeira falsa, tentei me lembrar da última vez que alguém tinha usado a piscina. O sol batia ardente no meu peito, brilhando tanto que eu mal conseguia ler a lição de Espanhol.

— Ezra, o que você está fazendo? — o tom estridente da minha mãe me assustou.

Virei-me, apertando os olhos na direção da casa, onde ela se via às voltas com uma esteira para fazer ioga.

— Já vou entrar, tá bom? — retruquei.

— Que ideia foi essa? — minha mãe perguntou gentilmente quando me juntei a ela na cozinha. Ela ainda usava a roupa de ioga, aparentando menos que os seus 47 anos.

Encolhi os ombros.

— Achei que podia me bronzear. Estou muito branco.

— Ah, querido. — Ela tirou uma caixa de suco do congelador e nos serviu. — Você sabe que ainda não pode tomar sol.

Resmunguei e tomei um gole de limonada, cujo gosto estava horrível. Como tudo o que a minha mãe comprava era saudável, sempre faltava em casa algum ingrediente importante, como glúten, açúcar ou sabor.

Mas ela estava certa em relação ao sol. Eu ainda tomava analgésicos por causa da última cirurgia no joelho, e um dos efeitos colaterais mais incriveis era a sensibilidade à luz solar. Depois de vinte minutos

no quintal, ainda que não admitisse, eu me senti um pouco zozinho.

— E a escola? — ela franziu o cenho, com cara de preocupação.

Uma humilhação silenciosa, pensei.

— Tudo bem.

— Aconteceu alguma coisa interessante? — ela insistiu.

Lembrei-me de como fora expulso da Semana de Integração por causa de um hipotético adesivo de nicotina (eu nunca havia experimentado um cigarro na vida), e da aula infernal do professor Anthony. Lembrei-me da menina nova, vinda de um mundo distante dos campos de morango e do lago artificial de Eastwood que desapareciam de vista, pendurada num telhado gótico com roupas velhas e estranhas, dedilhando um violão enquanto olhava os campanários e muros de pedra.

— Não, nada — disse, aí fingi cansaço e subi.

A nossa casa é um horror. Seis quartos e mais um “extra”, todos pintados do mesmo tom calmo de casca de ovo. Parece um desses modelos para mostrar espaços futurísticos, cheios de móveis sem graça, o tipo de casa onde a gente não imagina que alguém more. Mudamos quando eu tinha oito anos, um “progresso” depois de um condomínio antigo do outro lado do centro. Passado um ano, quando a minha tia doida se casou de novo e se mudou para um condomínio de luxo, herdamos Cooper, um poodle enorme, porque lá ela não podia ter animais de grande porte.

Cooper nada tinha de extraordinário para um poodle, parecendo uma girafa de pelagem preta e espessa. Quando eu era mais novo, costumava levá-lo para passear, andando de patinete enquanto ele me arrastava pelas descidas e subidas. Ao dormir e ter pesadelos, eu o enfiava na cama, ainda que ele devesse dormir na lavanderia. Estava com uns oito anos quando o pegamos, e era evidente que ele se considerava muitíssimo elegante, o lorde da mansão. Tudo bem, admito: adorava esse cachorro maluco e o seu cheiro de pipoca, e o modo como nos olhava, sugerindo que entendia tudo o que a gente dizia.

Ele estava me esperando no quarto, enrolado ao pé da minha cama, com o queixo em cima do exemplar de *O grande Gatsby* que eu tinha folheado na noite anterior.

Que tal um passeio, amigo?, parecia perguntar com o olhar.

Sentei-me junto dele, afagando-lhe a cabeça.

— Desculpe.

E juro que ele fez um sinal sábio de cabeça antes de se acomodar sobre o antigo exemplar do *Gatsby* da minha mãe. Quase morri de emoção. Queria pegar a guia e levá-lo para a nossa caminhada normal pela vizinhança, terminando numa corrida completa pela trilha no final da Crescent Vista. E, quando me dei conta de que fazia muito tempo que não passeávamos, e de que não mais poderia levá-lo para caminhar, isso me baqueou.

Liguei o mesmo set list do Bob Dylan com que vinha me lamentando o verão todo e me deitei em cima da colcha. Não chorei, mas senti o nó na garganta. Fiquei assim algum tempo, ouvindo aquelas músicas antigas maravilhosamente depressivas, com as cortinas fechadas, tentando me convencer de que queria mesmo a minha vida antiga de volta. Curtira um vazio enorme durante a tarde, sentado ali na classe de Espanhol com o antigo grupo falando de nada, falando do almoço. Parecia que um pedaço de mim, que um dia tinha gostado desses amigos, tinha evaporado, deixando um imenso buraco, na beirada do qual eu me debatia, tentando não cair porque estava com medo de descobrir o tamanho do caos.

Quando a minha mãe me chamou para o jantar pelo interfone, precisamente às seis e meia, eu já tinha me recomposto. Ela havia preparado salmão com quinoa e couve, mas, sem querer soar ingrato nem nada, o meu pai e eu preferiríamos pizza. Mas não dissemos nada. Com a minha mãe, não dá.

Eu me pareço muito com o meu pai. Os mesmos cabelos escuros, embora os dele estejam grisalhos nas têmporas. Os mesmos olhos azuis e a mesma leve fenda no queixo. Mas meu pai tem 61 anos, então sou uns dois centímetros mais alto que ele. É um desses amigos de todos os advogados associados que doam uma fortuna para a antiga fraternidade da faculdade. Riso marcante, sempre cheirando a Listerine, já jogou tênis, agora joga golfe... Todo mundo conhece esse tipo.

Meu pai passou o jantar olhando por cima do ombro, esperando um telefonema, ou talvez ansiando por um. Em função de ele manter um escritório em casa, pode trabalhar antes ou depois de ir ao escritório de fato. Assim, segundo justifica meu pai, Nova York fica a três horas, e às vezes ele recebe uma chamada às seis da manhã, mas, na verdade, ele quer que a gente veja como é uma pessoa importante e não pode ficar longe dos seus arquivos e do fax.

Os meus pais conversavam calmamente sobre como agir em relação aos galhos da árvore do vizinho, os quais estavam despencando em nosso quintal, quando o telefone tocou no escritório. A chamada caiu na caixa de mensagens, e a musiquinha conhecida começou a tocar, o

que fez meu pai voar para atender.

— Pare de tocar, filho da mãe — ele rosnou.

A minha mãe cerrou os lábios e comeu mais um tanto de quinoa, mas eu quase morri de rir. Quando instalaram a linha do escritório, meu pai deve ter enchido a paciência da companhia telefônica, porque eles lhe deram uma verdadeira pérola de número. Você se lembra do momento em que descobriu como tocar “Mary tinha um carneirinho” teclando uma determinada combinação de teclas? Pois bem, essa é a combinação que toca no telefone do escritório do meu pai.

Em geral, há um garoto sem noção na linha, batendo no teclado sem nem saber que fez uma ligação. O meu pai fica doido, mas ele se convenceu de que mudar o número daria muito aborrecimento. Particularmente, acho uma piada! Às vezes, tarde da noite, eu atendo ao toque e tento conversar com quem quer que esteja do outro lado da linha. Na maioria das vezes é gente que nem inglês fala, mas, em dezembro passado, um garotinho simpático resolveu que eu era o Papai Noel, e tive de lhe prometer um trator de verdade. Acabei rindo.

Ao retornar para a mesa, meu pai pegou o garfo como se a gente não tivesse ouvido as obscenidades dele ao telefone.

— E aí, Ezra — disse, voltando-se para mim com o mesmo largo sorriso trivial que deve usar em todas as recepções de ex-alunos da Universidade da Califórnia —, como vai o carro novo?

— Ah, tá ótimo — respondi, ainda que não passasse de um sedã comum com cinco anos de uso. Não que eu quisesse que o seguro, ou mesmo meu pai, substituísse o conversível que eu tinha antes. Mas, claro, teria sido *excelente*.

— Bom, não se esqueça, garoto: se der qualquer amassadinha nele, eu te mato. — O meu pai começou a rir como se tivesse dito alguma coisa realmente espirituosa, e eu retribuí com um sorrisinho amarelo, como se não tivesse entendido a piada.

Capítulo 6

Se tudo realmente fica melhor, como todo mundo diz, então a felicidade devia aparecer num gráfico. Bastaria traçar um eixo X e um eixo Y, e uma curva positiva representaria uma atitude positiva, marcaria alguns pontos, e pronto. Mas isso é bobagem, pois “melhor” não é mensurável. Enfim, era nisso que eu pensava durante a aula de Cálculo, na manhã seguinte, enquanto o professor Choi revisava derivadas. Dá para ver como detesto aula de matemática.

No intervalo, entrei na fila do carrinho de café e tive a sorte de ficar entre duas novatas que não paravam de rir. Batendo no ombro uma da outra, elas me lançavam olhares, parecendo se desafiarem mutuamente a dizer alguma coisa. Eu não sabia o que fazer.

Ficaram por ali enquanto eu pedia o meu café, e, quando peguei um sachê de açúcar, a garota mais alta empurrou em minha direção uma colherinha.

— Obrigado — agradei, imaginando o que isso significava. Já tinha visto esse tipo de comportamento entre alunos apaixonados do primeiro ano, e tinha certeza de que o meu status de veterano inatingível fora irrevogavelmente removido.

— Oi, Ezra — disse a menina, rindo. — Lembra de mim? Irmã de Toby?

— Ah, claro — respondi, mesmo duvidando que a reconhecesse no saguão. Parecia-se com tantas outras de sua idade, magrinha e moreninha, de moletom cor-de-rosa e os ferrinhos do aparelho dentário combinando. E me dei conta de que não me lembrava do nome dela de jeito nenhum.

Fiquei ali, mexendo o açúcar no café, até que senti um tapa no ombro.

— Bom dia — Cassidy disse, animada. — Que escola é esta que tem seu próprio carrinho de café?

— Carrinho de bebida — corriji. — Ano passado, teve uma rebelião do café. Antes, era só chocolate quente.

Por questão de boas maneiras, apresentei Cassidy para a irmã de Toby, mas hesitei, ainda sem conseguir me lembrar do nome dela.

— Emily — completou a irmã de Toby.

— Isso, Emily — eu disse, acanhado, culpando a memória.

O sinal tocou, e as duas garotas pareceram apavoradas, como se o mundo fosse desabar se não corressem para a aula naquele instante. Ah, nada como ser veterano!

— Vocês não têm que ir pra aula? — perguntei, brincando com elas gentilmente. — Não vão querer se atrasar.

Elas se afastaram como se eu tivesse lhes dado uma ordem. Ainda as ouvi rindo enquanto andavam, os ombros de ambas grudados um no outro.

— Não se atrasem — ecoou Cassidy, com um sorriso afetado. Ela havia descartado a camiseta grandalhona de menino em prol de um vestido de lã escocesa provavelmente antigo. Ajustava-se nos lugares certos, e ela não tinha nada de Butch Cassidy.

Joguei fora o meu sachê de açúcar vazio e olhei para ela com frieza, ainda chateado por causa do que tinha acontecido na aula de Espanhol. E, então, me dirigi à sala de Discurso e Debate.

— Se chama “*tartle*”. — falou Cassidy, me seguindo. — Só para o caso de você estar se perguntando.

— O que se chama “*tartle*”?

— Aquela pausa durante uma conversa, quando você está prestes a apresentar alguém, mas esqueceu o nome da pessoa. Existe uma palavra para isso. Na Escócia se chama “*tartle*”.

— Incrível — falei, acidamente. Na verdade, era interessante, porém eu ainda estava chateado com ela por conta do que tinha acontecido na aula de Espanhol.

— Espere aí — Cassidy pediu, seguindo-me. — O que eu disse ontem... Eu não sabia. Nossa! Você deve me odiar. Vá em frente, eu te dou permissão para atirar uma flecha invisível no meu coração. — Ela parou de andar e ficou ali um instante, os olhos apertados, talvez à espera de que eu entrasse na brincadeira. Como não fiz isso, Cassidy franziu a testa e me alcançou. — Eu não perguntei nada — continuou.

— A escola inteira está falando de você. E a gente vai chegar atrasado se não se apressar.

— Você está *me* acompanhando — frisei. Ela mordeu os lábios, e tive certeza de que entendeu por que eu não quis acompanhá-la até a aula de Inglês no dia anterior. Um estranho e silencioso momento de compreensão se passou entre nós. — Qual é sua quarta aula? — perguntei, quebrando o silêncio.

— Discurso e Debate. — Cassidy franziu o lábio, como se essa aula a asfixiasse, como acontecia comigo.

— Eu também. Escuta, é melhor você ir na frente.

— E deixar você me acertar pelas costas com aquela flecha invisível? — ela zombou. — Nem pensar!

Então nós dois nos atrasamos.

— Faulkner! — a voz de Toby retumbou. Ele estava sentado na mesa do professor e usava outra extravagante gravata-borboleta. A aula ainda não começara, e quase ninguém estava sentado. Pela janelinha da porta, eu via a professora Weng, no Anexo, conversando com o professor de Jornalismo.

Toby escorregou da mesa e praticamente engasgou ao ver Cassidy.

— O que está fazendo aqui? — ele balbuciou.

— Vocês se conhecem? — Franzi as sobrancelhas, olhando de um para o outro. Cassidy pareceu chocada, e eu não conseguia entender a expressão de Toby de jeito nenhum.

— Cassidy é... bom — Toby pareceu pensar na explicação. — Ela é uma espécie de esgrimista.

Por alguma razão, Cassidy parecia pouco à vontade.

— Como assim? Do tipo que luta com espadas? — perguntei. — É bobagem; apenas um termo usado nos debates.

— Bobagem coisa nenhuma! — Toby retrucou. — Não acredito que você se transferiu para esta escola. Transferiu, não é? Porque, fala sério, é demais! Todo mundo vai ficar doido.

Cassidy deu de ombros, visivelmente querendo evitar o assunto. Ocupamos uma mesa juntos ao fundo, e, depois de alguns minutos, a professora Weng entrou e descreveu o curso. Ela era jovem, recém-formada, e obviamente perderia o controle de uma classe bagunceira, entrando em pânico até que um professor da sala ao lado entrasse e desse um grito.

Ela expôs os tipos diferentes de debate e então pediu a Toby que se

levantasse e nos convencesse a participar do grupo de debate.

Abotoando o paletó, ele caminhou até a frente da classe e deu um amplo sorriso.

— Senhoras e senhores — Toby começou —, imagino que todos nós compartilhemos o interesse por bebedeiras, sacanagem e pela noite do pijama. — A professora Weng empalideceu. — É claro que estou falando de entrar na faculdade, onde a gente tem a opção de se engajar nesse tipo de atividade ilícita depois de obter títulos acadêmicos, claro. — Toby rapidamente emendou: — Participar do grupo de debates incrementa o currículo de quem quer ingressar na faculdade.^[1]

Toby continuou falando sobre o grupo de debate, o compromisso com o horário e a pontuação escolar nos anos anteriores (“Somos piores que o time de golfe!”). Ele era um bom orador, e fiquei pensando por que nunca pertencera a um grêmio estudantil. Então me lembrei da cabeça decepada.

Em seguida, Toby distribuiu uma folha relativa ao primeiro torneio de debates do ano, a qual ninguém assinou. Quando o material chegou às mãos de Cassidy, os ombros dela sacudiram num riso silencioso, e o papel deslizou para a minha carteira.

No alto da lista, escrito com uma caneta cor-de-rosa rosa irritante, lia-se esta maravilha:

EZRA FILHO DA MÃE FAULKNER!

(Você me deve essa pelo mijo no Gatorade.)

Não deu outra: caí na risada.

Um silêncio sepulcral recaiu sobre a sala, e Toby sorriu como se tivesse vencido o campeonato mundial de pingue-pongue. A professora Weng me olhou feio. Rapidamente, transformei a risada em um ataque de tosse, e Cassidy se inclinou, solidária, batendo nas minhas costas. Para minha enorme vergonha, acabei *tossindo* para valer.

Quando finalmente consegui me controlar, percebi que me transformara numa atração.

— Desculpe — Cassidy cochichou.

Encolhi os ombros, como se não dando importância alguma ao fato, mas, tão logo ela desviou os olhos, me vinguei rabiscando o nome dela na tal folha e a passei adiante. No restante da aula, trabalhamos em dupla, estruturando um debate parlamentar. Eu e Cassidy formamos uma dupla.

— O que é uma esgrimista nas aulas? Que “luta”? — insisti, ao ver que ela não esboçava sinal de começar o exercício.

— É quando a gente fica em primeiro em todas as etapas do torneio. — Ela suspirou, revirando a caneta ainda com tampa. — O jeito como marcam os pontos.

Fiquei pensando não só na ideia de ganhar, mas na de ser invicto no torneio, enquanto Toby se aproximou e puxou uma cadeira.

— Oi. Não vai ter jeito de você se safar dessa, caso esteja pensando nisso.

— Tem certeza? — perguntei.

— Juro pela alma da minha querida *hamster* Petúnia — ele respondeu, o que foi meio desanimador, pois, até onde sabia, Toby nunca tivera um *hamster*. — Durante o intervalo, a professora Weng me pediu que sugerisse um assunto qualquer, só para fazer um exercício. Tecnicamente, não estou na classe dela. Sou monitor.

— Então você é um Weng-man? — Cassidy perguntou.

Nós três rimos, e me lembrei de que Cassidy e Toby se conheciam. Portanto, eu era o intruso ali, e não a menina nova.

Quando o sinal tocou, a professora Weng nos disse que nos comprometêssomos com os debates, e Toby murmurou:

— Não te disse?

A sala de aula começou a esvaziar, e observei Cassidy afivelando a mochila. A imagem do cabelo meio preso numa espécie de coroa de tranças, com as maçãs salientes no rosto pálido, fazia-a assemelhar-se a alguém de outra época, como quando as pessoas compravam títulos de guerra e iam para o interior fugindo de ataques aéreos. Nunca em minha vida vira alguém assim e, por isso, não conseguia desgrudar os olhos dela.

— Vamos — disse Toby, e Cassidy ergueu os olhos, quase me flagrando. — Venha almoçar comigo. Venha também, Faulkner. Não é ruim ter um novo companheiro.

— Na verdade, vou pro Chipotle — eu disse. — Com Evan, Jimmy e os outros. — Mas isso soou ridículo, e, assim que falei, já sabia que não iria.

— Claro que vai. — Toby riu. — Não aceito um não. Vamos logo, porque o meu harém não come antes de eu lhe dar a honra de minha magnificência.

Capítulo 7

Assim que entrei no campus, percebi que tinha cometido um grande engano: Jimmy e Evan não foram ao Chipotle coisa nenhuma. Todos os meus antigos amigos estavam ali, reunidos em torno de sua mesa preferida, próxima ao muro que dividia o campus de baixo e o de cima. Os caras do polo aquático e do tênis espremidos naquela mesa muito pequena, com as namoradas balançando no colo. A turma de Charlotte junto da parede, bebendo Coca Diet e balançando as pernas nuas. Não era exatamente o mesmo grupo do ano anterior, mas não importava. Ainda era *aquela mesa*, de onde a gargalhada se espalhava pelo campus e todo mundo que a ouvia queria ter participado da piada.

— Ei, capitão! — gritou Luke Sheppard, vendo Toby e acenando.

Eu percebia o olhar de todos enquanto cruzávamos o pátio: Toby e sua gravata-borboleta, Cassidy e sua coroa de tranças e eu, com a manga do blusão preto bem abaixo do punho, na tentativa de mostrar que não precisava muito da bengala.

Toby nos conduziu para uma das mais bem localizadas mesas do pátio de cima, com lugar para oito e um guarda-sol, quase lotada com os excêntricos residentes do ano.

— Venha conhecer o resto do nosso ilustre time de debates — meu amigo disse, e pensei que ele estivesse brincando.

Ali estava Luke Sheppard, presidente do cineclube, com óculos modernos e o costumeiro sorriso afetado. No ano anterior, a escola inteira havia acompanhado um blog chamado *Auto-Tunethe Principal* [Sintonize-se com o Diretor], e, embora Luke jamais tenha reivindicado o crédito para si, todos ali sabiam que o mérito era dele. Ao lado de Luke, Sam Mayfield, com cara de quem se perdera ao

voltar do clube de campo. Sam encarnava o futuro advogado e, desde que entrara na escola, sempre fora o líder dos republicanos do campus.

Na frente de Sam, com uma latinha de Red Bull na mão e se divertindo com algum jogo no iPad, estava Austin Novelli, nosso designer gráfico residente no campus. Era ele quem fazia não só o *layout* da capa do livro do ano da escola, mas também desenhava os moletons escolares. Durante o segundo ano, Austin tinha inaugurado uma loja de camisetas on-line.

Com frequência eu imaginava os amigos de Toby como um bando de honrosos estudantes obscuros, daqueles que se reúnem por necessidade social e atravessam a escola despercebidos. Mas não era bem assim.

— Vejam quem eu encontrei — Toby disse, com alegria.

Luke ficou de queixo caído. Sam soltou uma risada incrédula.

— Quem diria? Cassidy Thorpe — afirmou Austin, sacudindo o desgrenhado cabelo loiro dos olhos, mas sem desviá-los do jogo. — O que anda fazendo por aqui?

Cassidy deu um imenso sorriso.

— Esperando me formar pra seguir em frente, igual a todos. Como é que ninguém tinha me contado que nesta escola tem carrinho de café?

Cassidy escorregou para o banco perto de Toby, tirou da mochila um pacote de bolachas de pasta de amendoim e me indicou com a mão o espaço junto dela. Felizmente, ficava na ponta do banco, e eu me perguntei se ela o reservara de propósito, para que eu não precisasse pedir a ninguém que mudasse de lugar.

— Ah, claro — disse Toby, num tom teatral, fingindo que tinha acabado de se lembrar. — Vocês todos conhecem Faulkner.

— Oi — cumprimentei timidamente, ocupando o lugar que me foi oferecido. Eu acho que eles pensaram que eu estava só de passagem, mostrando a escola para a aluna nova, mas, quando me sentei, Luke lançou a Toby um olhar significativo, como se fosse necessária a aprovação *dele* para que eu me juntasse ao grupo.

Coloquei os óculos escuros e observei todos lambiscarem a comida (o almoço começa às onze e meia, o que é ridículo, considerando que, nesse horário, algumas cadeias de restaurante ali pela vizinhança ainda estão servindo o café da manhã). Eu não tinha trazido nada para comer, e dei uma olhada na fila interminável do refeitório.

— Rapidinho, comam isto aqui. — Phoebe Chang, com uma mecha

cor-de-rosa no cabelo, deslizou uma embalagem plástica de cupcakes pela mesa, o piercing no nariz brilhando à luz do sol. — Acabei de roubá-los da secretaria. É aniversário da enfermeira da escola.

Ela deu uma olhada por cima do ombro, talvez esperando ser presa a qualquer momento, e Toby pegou um dos cupcakes de baunilha.

— Cinquenta pontos para a ironia se tivermos intoxicação alimentar — ele disse. — Aliás, Phoebe, esta é Cassidy. Ezra você já conhece.

Phoebe, ainda desfrutando a glória de seu roubo de cupcakes, deu uma olhada em mim e quase derrubou seu chá gelado.

— Mas que merda! Eu me atraso cinco minutos e quase perco a mais histórica mudança de mesa nos anais do pátio superior!

— Achei que você não fizesse anais, Phoebs — Luke disse, com uma piscadela.

Phoebe pegou um cupcake, lambeu a cobertura e ofereceu-o a Luke com um sorriso malicioso.

— Sei lá. Mas que tal relaxar por alguns momentos?

Luke aceitou o cupcake, mordendo-o com prazer, provocando-a. *Há quanto tempo estariam namorando?*, pensei. Phoebe, longe de ser uma ladra de cupcakes, era na verdade a editora do jornal da escola.

— E aí, Ezra? — perguntou ela, ajeitando-se no lugar perto de Luke. — Que tal a vida de vampiro adolescente? — Toby bufou, e Cassidy abafou o riso na boca cheia de cupcake. — Fala sério — Phoebe continuou. — Você estava pedindo essa. Pálido, de roupa preta, sem almoço e com todo esse jeito fechadão! É muito engraçado. Você devia passar um brilho no corpo e sair atrás de alguma novata ingênua.

— É mesmo! — Cassidy concordou. — Diga a Phoebe que você é um monstro perigoso e que o sangue dela cheira bem.

— Se for o momento errado do mês, eu levo um tapa — resmunguei, e todo mundo riu.

— Você é engraçado. — Phoebe me deu o último cupcake de chocolate. — Sempre achei que seus amigos riam dos próprios peidos.

— Noventa por cento da população masculina de Eastwood ri dos próprios peidos — disse Toby. — Com exceção dos aqui presentes, claro.

— Quantos pontos perco se peidar agora? — Luke perguntou, soltando uma risada estrondosa.

— Nem pense nisso! — Phoebe retrucou, afastando-se dele por precaução.

Tirei o papel do meu cupcake e dei uma olhada na minha antiga mesa de almoço, vendo Charlotte empoleirada no colo de Evan. Ela digitava uma mensagem, o rabo de cavalo caindo-lhe pelo ombro, enquanto a mão de Evan pousava na coxa dela. De repente, ela ergueu os olhos e me flagrou. Em seguida, cutucou Evan, que também me olhou, obviamente imaginando por que eu mudara de mesa. Mas, no final das contas, eles nem ligaram e, apenas um instante depois, já estavam aos beijos.

— E aí, aluna nova — Phoebe disse, levantando-se —, vamos ao banheiro?

Assim que ambas saíram, Luke riu e sacudiu a cabeça.

— Alguém pode me explicar, por favor, por que a minha namorada está indo ao banheiro com Cassidy Thorpe?

— Não sei nada sobre o complexo comportamento feminino — respondeu Sam. — Mas sei que precisamos aumentar a lista de convidados de sexta-feira. — Luke lançou um olhar sério para ele, que continuou, agora sussurrando: — Desculpe. — E olhou com ar de culpa em minha direção.

— Caramba! — disse Austin. — Achei que ela tinha sumido, e agora ela aparece em Eastwood? Não tem sentido.

— *O que não tem sentido?* — perguntei.

— Nada. — Toby fez uma bola com o papel do cupcake. — De qualquer modo, Cassidy sempre foi assim. Lembra que eu disse que ninguém a vencia no debate? Isso é só metade da história. Ela nunca parecia se esforçar. Chegava aos torneios com um vestido espalhafatoso, violando as regras, fazia piquenique no elevador e nem se importava de comparecer à cerimônia de premiação. E ela competia por uma escola realmente desprezível, o que deixava tudo ainda mais estranho. Mas Cassidy parou depois de se classificar no estadual do ano passado. Desistiu da vaga do campeonato estadual quatro dias antes do torneio, e diziam que ela tinha saído da escola de repente. Simplesmente evaporou.

— Descobriram por quê? — perguntei.

— Como se alguém conseguisse uma resposta direta de Cassidy — Toby riu.

— Elas estão voltando — Austin murmurou, fazendo um sinal na direção de Phoebe e Cassidy.

Todos ali na mesa se voltaram para as duas, a expressão acentuadamente de culpa, mas eu estava observando outra cena: o espetáculo de Charlotte e Evan e seu beijo exibicionista demais.

Assim que as meninas se aproximaram, Phoebe olhou para o cupcake que eu não tinha comido e me deu um tapinha na mão.

— Não se preocupe — brincou. — Tem um O positivo bacana na enfermaria se você estiver com sede.

Capítulo 8

Quem já não experimentou a sensação de estar na fila de uma farmácia, ou na de algum outro lugar, e uma pessoa logo atrás mascar chiclete bem no seu ouvido, de modo tão repulsivo que parece de propósito, e você se sente um bobalhão ali, aceitando essa situação? Alguma coisa no comportamento de Charlotte e Evan fazia com que eu me sentisse exatamente assim. Algo de profundo e pessoalmente ofensivo no fato de os dois estarem o tempo todo em cima um do outro, a ponto de eu não conseguir lidar com isso, embora o choque inicial tenha me enganado, pois acreditei que não me importava com eles.

E eu também devo admitir que já sabia o que fazer quando decidi ficar na hora do almoço com Toby, e não com a minha antiga turma. Durante a semana, como fizera durante todo o verão, continuei evitando meus velhos amigos, e eles pareceram desconcertados, e até um pouco magoados com minha atitude, ainda que eu não imaginasse por quê. Será que achavam que eu iria aparecer na partida de paintball, ou aceitar o convite de última hora para fazer rafting, ou essas coisas absurdas sobre as quais enviavam mensagens? Afinal, nenhum deles tinha me visitado no hospital.

De qualquer forma, Evan e Charlotte estavam juntos agora, e eu suspeitava que já estivessem juntos há alguns meses, sendo óbvio o que isso significava. De acordo com a formidável intriga armada pelos alunos do terceiro ano, eles estariam no topo da lista das pessoas mais comentadas. Mas não estavam. Em vez disso, eu recebia atenção demais para meu gosto. Assim, quando todo mundo não estava sussurrando ou olhando para mim, sussurrava e olhava para Cassidy.

Muitas histórias sobre a equipe de debate se espalhavam pela escola; algumas diziam que Cassidy comparecera ao torneio de

debates vestida como um rapaz, usando inclusive um enorme bigode falso, e ainda assim vencera. Que Cassidy havia organizado uma multidão de cem pessoas para ir a um cemitério de São Francisco, todas vestidas de zumbi, onde realizaram uma imensa guerra de travesseiros. Que era possível comprar camisetas com a estampa pop art do rosto de Cassidy impressa, diretamente de um varejista espanhol. Que ela tinha passado o verão posando como modelo para a capa de livros juvenis.

Em nossa minúscula cidade, onde nada acontecia, Cassidy era uma esquisitice; assim, mesmo que as histórias não fossem reais, era maior a probabilidade de que acontecessem com ela do que com outra pessoa.

Ela nunca deu a entender que sabia dos boatos. E acho mesmo que não sabia. Nosso grupo de almoço tinha muita coisa para conversar sem recorrer a fofocas imbecis, e eu me sentia agradecido por me sentar ali com eles, embora fosse melhor se não visse as preliminares dos encontros de Charlotte e Evan.

Na quinta à noite, eu me reuni com a professora Welsh, minha orientadora, o que era uma das obrigações dos alunos do terceiro ano. Eu cheguei atrasado, claro, pois havia esquecido o livro de matemática no consultório do fisioterapeuta e só me lembrei disso quando já estava próximo do campus.

A professora Welsh foi muito simpática, inclusive com o meu atraso. Assim, na sala dela, acomodei-me na cadeira mais dura do mundo, sorri atenciosamente e fiquei ouvindo-a falar sobre a importância das atividades extracurriculares durante o ano de formatura, bem como sobre conversar com os professores bem antes a fim de conseguir recomendações para a universidade. Eu não tinha coragem de lhe contar ser fisicamente impossível manter minhas atividades extracurriculares, nem de que eu suspeitava que a professora Martin iria enfeitar a minha carta de recomendação com figurinhas do Snoopy e perfumá-la com essência de uva.

Quando finalmente deixei a sala, depois de lhe prometer que pesquisaria algumas faculdades localizadas “perto de casa”, nas quais eu não estava nem um pouco interessado em me inscrever, sentia-me exausto só de pensar nos formulários das faculdades. Nunca realmente imaginara que teria de preenchê-los um dia, pois estava certo de que seria recrutado por alguma universidade, provavelmente por algumas das federais das redondezas, sobretudo em função de ser esportista. Meu pai costumava me contar histórias sobre a associação de alunos da faculdade em que estudou, e sempre falava em como os futuros empregadores se impressionariam se eu me tornasse presidente da

associação da minha faculdade. Naquela época, tudo parecia fácil, o meu plano de vida era fácil: atleta da universidade, presidente da associação de alunos, um trabalho executivo depois que me formasse e viagens nos fins de semana com meus amigos para Big Bear ou Tahoe. Ainda havia mais, mas a ideia era esta: uma vida bem comum para um rapaz brilhante e bem comum.

— Ezra? — alguém me chamou, descarrilando o trilho dos meus pensamentos.

Era Cassidy, descendo a escadaria de um dos prédios num vestido azul que combinava muito bem com seus olhos.

— Oi — disse, forçando um sorriso. — Reunião com o orientador?

— Infelizmente. O professor Choi não é bem-humorado.

— Já ouvi falar que ele gosta de piadas cujo desfecho são equações matemáticas — comentei.

— Pois é, ele parece o tipo de homem que sairia pela tangente.

— Que horror! — brinquei.

Cassidy sacudiu os ombros enquanto seguimos para o estacionamento.

Era tarde. O mundo todo tinha escurecido enquanto eu estava na sala da professora Welsh. As luzes do estádio, já acesas, banhavam o campus com um brilho amarelado, projetando as sombras nas colinas.

— Amanhã é sexta — Cassidy comentou, como se fosse necessário lembrar. — O que será que esses maravilhosos jovens vão fazer no fim de semana?

— A turma de Jimmy tem uma festa amanhã à noite. Dou duas horas para que fiquem bêbados e comecem a jogar o barril de chope na piscina.

— Nossa! Isso parece muito divertido — Cassidy ironizou, virando os olhos.

— Bom, o que *você* fazia nas noites de sexta antes de se mudar pra cá?

Ela sacudiu a cabeça e, com certa hesitação, começou a contar uma história estranha sobre festas secretas nos laboratórios de ciências da escola onde estudava.

— A gente tinha que entrar e sair dos dormitórios se arrastando por estranhos túneis de vapor. Se alguém se queimava nos tubos velhos, o ferimento era uma marca de prestígio. Parece que foi um dos amigos do meu irmão quem começou com essa brincadeira. Não tenho

certeza. E que bobagem falar disso agora.

— Não, não é bobagem.

A festa de Jimmy, com sua chopada, parecia bobagem. Só que não falei nada.

O campus estava silencioso à noite, rodeado pelos declives suaves das montanhas, com suas únicas duas pistas que levavam à cidade. Centenas de abacateiros cobriam as encostas, e de vez em quando um coioote, passeando por lá, aterrorizava os moradores de um dos condomínios da redondeza.

As pessoas por aqui se excitavam com isto: juntar um monte de gente para enxotar o coioote de volta ao bosque de abacates, expulsando o intrometido da nossa tão pequena, perfeita e planejada comunidade. Ninguém estava à procura de aventuras; queriam apenas expulsá-lo.

Ao chegarmos ao estacionamento dos alunos, havia apenas o meu Volvo, o Honda superenvenenado de Justin Wong e uma caminhonete em cima da qual havia uma prancha de surfe.

— Qual é o seu carro? — perguntei.

Cassidy riu.

— Minha bicicleta está logo ali.

Sem dúvida, uma bicicleta vermelha estava presa na grade. Era bonita, uma Cannondale restaurada, mas eu não entendia muito de bicicletas.

— Humm — murmurei, ainda a olhando.

— O que foi?

— Nada — tentei não rir ao pensar em Cassidy pedalando pelos campos de morango.

— Veja só, eu me preocupo com o meio ambiente — ela retrucou, meio irritada. — Por isso, faço o que posso para reduzir minhas emissões de carbono.

Pensei nisso por um momento.

— Aceitar uma carona também reduz a sua emissão de carbono?

— Sim.

— Então, eu poderia levá-la pra casa? — Não sei muito bem de onde surgiu a ideia de lhe oferecer carona, mas de repente pareceu arrogante. — Bem, há coiootes aqui — eu disse, sem jeito para quebrar o silêncio. — Às vezes eles descem das montanhas à noite, e não

gostaria que eles a atacassem.

— Coiotes? — Cassidy franziu a testa. — Aqueles que são parecidos com lobos?

— Lobos noturnos — esclareci.

— Tem certeza de que não se importa?

— Fui eu que ofereci, não é?

— Está bem, então — Cassidy aceitou.

Tive um infeliz ataque de cavalheirismo e disse a Cassidy que entrasse no carro enquanto eu guardaria a bicicleta. Colocar aquela coisa no porta-malas quase me matou.

— Obrigada — ela agradeceu quando entrei no carro.

— Tudo bem. — Puxei o cinto de segurança. — E onde você mora?

— Hã... Terrace Bluffs.

— Não tem problema. Moro em Rosewood, bem perto de você.

Ela colocou o cinto de segurança e eu engatei a ré, percebendo então como parecia íntima a situação com apenas nós dois ali, e tantos espaços vazios no estacionamento.

— Rosewood fica do outro lado do parque, não é? — ela perguntou.

— Sim. Meu quarto dá para ele.

— O meu também. — Cassidy sorriu. — Talvez a gente possa ver os nossos quartos.

— Vou fechar as persianas no próximo fim de semana porque pretendo cometer um duplo homicídio — brinquei, dando sinal de luz na curva ao pé das montanhas.

— Eu gosto de você assim — disse Cassidy.

— Assim como? — perguntei enquanto entrávamos no Eastwood Boulevard.

— Falante. Você fica mais calado se tem muita gente por perto.

Liguei a seta para o caso de algum coioite ficar curioso sobre a direção em que eu viraria no cruzamento deserto. Para mim, o silêncio representava segurança. As palavras podem nos trair se forem mal escolhidas, ou significar menos se usadas em exagero. As piadas, por exemplo, podem ser muito mal interpretadas, e aprendi bem cedo que o meu senso de humor e as minhas ideias sobre que tipo de coisa atraía a atenção não combinavam exatamente com os dos meus amigos.

— Só fico na minha — retruquei. — Não tenho nada de interessante pra falar.

O rosto de Cassidy assumiu um ar incrédulo.

— Desculpe, mas não acredito. Muitas vezes vejo que está com um sorrisinho de quem pensou alguma coisa bem espirituosa, mas fica com medo de falar e ser alvo de piadas. — Sacudi os ombros e entrei à esquerda na Crescent Vista, parando no semáforo, o que fez dois minutos se alongarem mais do que as aulas do professor Anthony. — Na verdade, não sei o que é pior — Cassidy continuou: — as pessoas rirem de coisas que não são engraçadas ou não rirem das que são.

— A primeira — comentei, com um ar sombrio. — Pode perguntar a Toby.

— Está falando da cabeça decepada?

Ela fez a pergunta com naturalidade, como se estivéssemos conversando sobre verbos irregulares ou o juramento à bandeira.

— Ele contou pra você?

— Sim, no ano passado, quando participamos de um torneio de debates. Estávamos sentados na sacada, dentro de uma tenda que improvisamos com os lençóis do hotel, e eu comentei que nunca tinha ido à Disney. É engraçado. Durante um tempão, fiquei chamando o Toby de “o apanhador do campo de diversões”[2].

Sacudi a cabeça diante do horrível trocadilho e liguei o rádio, tentando não pensar em Cassidy e Toby juntos à noite, num quarto de hotel, provavelmente de pijama. O som da banda The Shins saía dos alto-falantes, e esperei que Cassidy dissesse alguma coisa, enquanto esperávamos aquele sinal interminável mudar. Em vez disso, ela pegou um guardanapo no porta-copos e começou a fazer uma estrela de origami.

— Faça um desejo — disse ela, mostrando a estrelinha na palma da mão.

O brilho da luz da rua pairou sobre Cassidy, e então me ocorreu algo que ainda não tinha constatado: como ela era bonita! Não sei como não pensara nisso nesses dias atrás. Os cabelos estavam presos num rabo de cavalo, com algumas mechas ruivas emoldurando-lhe o rosto. Os olhos brilhavam divertidos, e, quando o suéter escorregou do ombro, ficou à vista a alça do sutiã rosa. Ela era dolorosamente linda sem fazer qualquer esforço, e nunca, nem mesmo em um milhão de anos, me escolheria. Mas, por alguns minutos, me contentei com a maravilhosa possibilidade de que isso pudesse acontecer.

O guarda do condomínio de Cassidy fez um interrogatório rigoroso.

Quando finalmente pareceu convencido de que não iríamos provocar uma devastação nas ruas suburbanas, ele abriu o portão, e dirigiu por Terrace Bluffs.

Não era muito diferente do meu condomínio, com as mesmas casas recuadas e as entradas de automóveis e sacadas que não foram feitas para ser usadas. Algumas crianças haviam desenhado nas ruas com giz, e me senti péssimo de passar com o carro ali, como se estivesse desmanchando um castelo de areia construído por um garotinho.

— Como faço para chegar à sua casa? — perguntei.

— Você às vezes tem vontade de não voltar pra casa? — O rosto dela parecia pálido nas luzes fracas do condomínio, e ela estava realmente séria.

— Com certeza — admiti, embora essa fosse uma questão pessoal. Pensei na minha mãe sentada na sala, vendo televisão e se preocupando com tudo. E no meu pai em seu escritório, uma caneca de chá esfriando enquanto ele digitava mais uma petição. E no meu quarto, que não parecia mais meu depois de ter passado três meses dormindo no quarto de hóspedes.

— Faça ideia — Cassidy disse. — O que acha de irmos a algum lugar agora?

— Isso aqui é Eastwood — respondi. — Não temos para onde ir.

— Vamos ao parque — ela suplicou. — Você pode me mostrar a janela do seu quarto e eu posso lhe mostrar a do meu.

— Está bem — respondi, manobrando o carro sobre os desenhos de giz.

O guarda da entrada me olhou de forma estranha quando passamos por ele, e Cassidy riu e imitou o sujeito quando já estávamos bem distantes.

— Eu não gosto daquele cara — ela comentou. — Você já leu Foucault? O que é que eu estou falando? É claro que você não lê Foucault.

— Para falar a verdade, eu não leio nada — retruquei com um ar impassível, o que a fez rir.

— Bom, Sr. Ignorante, me deixe instruí-lo. Havia um filósofo e historiador cujo nome era Foucault, que escreveu sobre como a sociedade se parece com uma lendária prisão chamada Panóptico. Nessa prisão, você é vigiado constantemente, só que nunca tem certeza se alguém o está ou não observando; assim, você fica preso, seguindo sempre as regras.

— E como sabemos quem é o vigia e quem é o prisioneiro? — perguntei, entrando no estacionamento vazio.

— Essa é a questão. Até mesmo os vigias são prisioneiros. Venha; vamos até os balanços.

Ela já estava fora do carro antes mesmo de eu puxar o freio de mão.

— Espere — gritei. Cassidy se virou, o vestido esvoaçando com a brisa quente de Santa Ana. Fechei o carro e fiquei ali, completamente constrangido. — Acho que não consigo brincar nos balanços — admiti.

— Então você me empurra.

Ela seguiu na direção do pequeno playground, e os balanços nos esperavam como se fôssemos apostar uma corrida. Pisei com cautela na areia, sentindo minha bengala afundar-se nela. Cassidy tirou as sandálias e amarrou o suéter na cintura. Sentada no balanço, os pés descalços e o vestido azul, o cabelo se soltando do rabo de cavalo, ela estava deslumbrante.

— Venha — ela me chamou, retorcendo-se no balanço de modo que as correntes formaram um X. — Vamos, me empurre. — Coloquei as mãos nas costas dela, tocando-lhe a pele. Respirei fundo e a empurrei, quase perdendo o equilíbrio antes de entender direito como lidar com o brinquedo. — Continue! — ela pediu.

Continuei. Ela se elevava cada vez mais alto no balanço e, para ser honesto, eu também estava me elevando um pouco.

Depois de alguns instantes, não precisava mais empurrá-la. Cassidy já estava lá em cima, as correntes batendo contra a barra superior do balanço.

Ela inclinou a cabeça para trás e sorriu.

— Vamos escapar juntos do Panóptico — prometeu.

E então ela pulou.

O balanço curvou-se quando ela voou para a frente, rindo e gritando. E aterrissou hesitante na ponta da caixa de areia.

— Escapamos? — perguntei.

— De jeito nenhum.

Eu me sentei no balanço, tentando disfarçar meu problema. Cassidy se sentou no outro balanço e fez um desenho complicado na areia, movimentando os pés.

— Está vendo aquela casa bem à direita da árvore mais alta? — perguntei, quebrando o silêncio.

— Aquela com duas chaminés?

— Essa mesmo. Meu quarto é aquele com a sacada. Fica bem em cima da piscina, que tem uma queda de água falsa — acrescentei, ganhando de Cassidy um de seus raros sorrisos.

— Vou enviar mensagens secretas pra você — prometeu. — Em código Morse, com a minha lanterna Hello Kitty.

— Ótimo.

De repente, o celular de Cassidy vibrou. Ela o tirou do bolso, e vi a foto de fundo, com Cassidy e um rapaz, os rostos de ambos cobertos por uma lista de chamadas perdidas.

— Preciso voltar — disse ela enquanto se levantava. — Você pode abrir o porta-malas e pegar a minha bicicleta?

— Levo você de carro.

Cassidy sacudiu negativamente a cabeça.

— É melhor eu ir de bicicleta; minha mãe já está irritada. Não estou acostumada a viver em casa e me esqueci de dar uma olhada.

— Bem, se acha melhor assim...

— A gente se vê na escola — disse ela, e então sorriu de maneira maliciosa. — A menos que eu seja atacada por lobos noturnos; nesse caso, você não poderia fazer nada a não ser conviver com a culpa.

Cassidy calçou as sandálias, e eu fiquei olhando sua silhueta correndo pela grama. E também fiquei pensando em como normalmente as coisas não aconteciam desse jeito quando se tratava de algo relacionado a mim e garotas.

Capítulo 9

Acredito que seja melhor explicar como eu e Charlotte Hyde começamos a namorar. Eu a pedi em namoro em outubro do segundo ano, num dia muito quente em que fomos a Laguna Beach. Éramos aproximadamente quinze, ou seja, a turma de sempre socada nos carros de sempre.

Os isopores estavam entupidos de cervejas, que Jimmy comprara com a identidade do seu irmão mais velho. Como era típico dele, acabara se esquecendo de trazer alguma coisa para encobrir as embalagens abertas, então, para beber, os caras ficavam se escondendo nos banheiros públicos. Os policiais do Beach Boulevard devem ter pensado que todo mundo estava com dor de barriga.

As meninas quiseram tomar sol, como sempre. Elas raramente faziam outra coisa que não fosse se reclinar nas cadeiras de praia e folhear revistas, e para mim soava desconcertante alguém ir à praia e voluntariamente se dedicar a passatempos que eram um sofrimento para os passageiros nos aviões.

Os formandos de nossa turma colocaram a mim e Evan grelhando salsichas numa churrasqueira pública perto do quiosque dos salva-vidas. Evan reclamou, dizendo que isso se assemelhava a coisa de soldado raso, mas eu, sinceramente, não me importava. Era tranquilo ficar ali, com o calor do carvão secando a minha sunga, o sol se pondo. Foi no início do segundo ano, e tínhamos todos os sonhos do mundo.

Depois de comermos os hot dogs no pão de hambúrguer (“Ninguém me falou o tipo de pão”, reclamou Evan), e de as meninas fingirem se aborrecer com isso, Brett Masters, o capitão do time de polo aquático, desafiou os caras do tênis a uma partidinha de vôlei.

Eles acabaram com a gente porque, ao contrário do tênis, joga-se polo aquático na mesma quadra, e os caras sabem como passar a maldita bola. Mesmo assim, ainda que por pura sorte, eu consegui uma pontuação espetacular, mas Jimmy e Evan estavam tão bêbados que foi bastante divertido observar os dois desastrados xingando a própria inépcia.

O sol tinha começado a se pôr durante o jogo, e a brisa do mar soprava fria. As meninas se vestiram novamente. Charlotte desamarrou a parte de cima do biquíni, tirando-a por baixo do vestido num passe de mágica. Ela me flagrou olhando e sorriu, percebendo meu encantamento.

— Ezra, vem cá — ela chamou, fazendo um beicinho lindo. Eu obedeci. Charlotte continuou: — Jill e eu encontramos um teste na revista *Pop Teen* sobre como saber se um cara gosta da gente — ela disse, e, antes que eu visse, as garotas tinham me segurado com suas toalhas rosa, obrigando-me a fazer o tal teste. As perguntas eram ridículas e, quando finalmente cheguei à última, Charlotte insistiu em ler o meu horóscopo: — “Todos os teimosos taurinos estão predestinados ao amor”. — E depois franziu a sobrancelha. — O que acha disso?

— Acho que não entendi nada — brinquei, e Charlotte fingiu se aborrecer por eu não levar o horóscopo a sério.

Desde o final do primeiro ano desconfiei de que Charlotte gostava de mim, mas apenas naquele dia na praia percebi que ela não estava flertando só de brincadeira; parecia realmente a fim de alguma coisa.

— Você é um amor — ela murmurou, apoiando-se no meu ombro quando nos sentamos juntos na toalha dela. — Pena que ainda não esqueceu a Staci.

Eu e Staci Guffin tínhamos rompido um mês antes, por razões que não compreendi direito e pouco me importavam. Eu estava traumatizado com as maratonas da série *Sex and the City* quando ia até a casa dela por algo mais, digamos assim, orgástico do que sapatos. Talvez ela tenha rompido o namoro apenas para ter um ex-namorado de quem reclamar com as amigas. Sinceramente, não entendi.

— Acredite — eu disse, olhando o longo cabelo loiro preso no alto da cabeça e as intermináveis e bronzeadas pernas, polvilhadas com uma fina camada de areia. — Definitivamente, Staci ficou para trás.

Não conhecia Charlotte muito bem nessa época; sabia apenas que ela era linda, sexy e sempre tinha na bolsa algum chiclete, que me oferecia com um sorriso, como se o tivesse comprado especialmente para mim. Ainda não sabia que ela ouvia o iPod na cozinha enquanto

preparava complicados biscoitos e cupcakes cujas receitas vinham de blogs de confeitaria, nem que achava má sorte comer a massa. Não sabia que dançava desde os três anos, que praticava ioga com a mãe antes da escola, que colecionava tudo relacionado a joaninhas. E não sabia que ficaríamos juntos mais oito meses, o relacionamento mais longo que tive na escola.

Acabamos caminhando até a outra ponta da praia, onde as pedras se projetavam na arrebentação, formando pequenas piscinas naturais. Com frio, Charlotte vestiu o meu moletom da equipe de tênis. Eu me senti intimamente feliz, pois assim ela pareceu mais real, arregaçando as mangas do meu casaco enquanto andávamos na espuma do mar.

Subimos pelas pedras, as cracas machucando as solas dos nossos pés. Ao longe, eu via nossos amigos começando a juntar as coisas, e fui dominado por uma estranha sensação de urgência. Observei Evan levantar o isopor e despejar o conteúdo na cabeça de Jimmy, e considerei que tínhamos talvez cinco minutos para aquilo que nos afastara dos demais, independentemente do que fosse.

— Que bom que você não é nenhum idiota — disse Charlotte. Ela tinha tirado o celular do bolso do meu moletom e estava enviando uma mensagem.

— Imagino que devo dizer obrigado.

— Não me leve a mal. — Charlotte ergueu os olhos do celular com um sorriso culpado. O cabelo ondeava em suas costas ao sabor da brisa, e o nariz se tornara rosado por causa do sol. — Desculpe; Jill queria saber onde eu coloquei o protetor solar. Bom, eu só queria dizer que nós estamos, tipo, *destinados* um ao outro. A garota e o cara mais populares do segundo ano.

— Não sou o cara mais popular do nosso ano — retruquei, olhando as piscinas naturais formadas pela maré.

— Ah, tá. Claro que é. Por que outra razão eu teria trazido você até aqui?

— *Você* me trouxe até aqui? — ergui uma sobrancelha, provocando-a.

— Sim, fui eu. Agora, cala a boca e me beije.

Eu me calei e a beijei. Os lábios de Charlotte tinham o gosto do morango do gloss e de soda diet, e ela exalava um cheiro de protetor solar e do detergente preferido da minha mãe. E nós tínhamos dezesseis anos e não estávamos muito vestidos, mesmo considerando a praia.

— E aí? — perguntou Charlotte com um sorriso malicioso quando

nos afastamos um do outro.

— Você devia ficar com o meu moletom — eu disse. — Fica bem em você.

— Ezra — Charlotte disse em tom de repreensão, colocando as mãos na cintura e esperando.

— Hum, gostaria de sair comigo?

— É claro. — Então sorriu triunfante e me beijou de novo, as mãos quentes e macias nas minhas costas. — Hum, você é tão *atraente*. A gente devia levá-lo pra fazer compras. Aposto que ficaria muito sexy num jeans novo.

E assim foi. O dia em que tudo aconteceu: uma historinha romântica repleta de cervejas consumidas em banheiros públicos, a equipe de polo aquático nos dando uma lavada no vôlei, um beijo numa garota nas piscinas naturais, e nada de eu saber onde estava me metendo.

Na aula de Ciências, havia uma programação sobre ecologia, e eu tinha lido *Por el mar de Cortés*, de Steinbeck, para ganhar algum crédito extra junto ao professor Ghesh, pois não o impressionara com o meu precário entendimento do ciclo da água. Steinbeck escreveu sobre as piscinas naturais formadas pelas marés e como elas ilustram com profundidade a interconectividade das coisas, pois fazem parte de um universo sempre em expansão, limitado pela elástica corda do tempo. Ele disse que dessas piscinas naturais a gente devia olhar para as estrelas, e depois olhá-las de novo, com encanto. Talvez as coisas fossem diferentes se, naquele dia na praia com Charlotte, eu me lembrasse desse conselho. Mas não fiz isso. Ao contrário, entrelacei a minha mão na dela e deixei de apreciar a paisagem, e as únicas estrelas que vi estavam usando o uniforme do time da escola.

Capítulo 10

Dá sempre pra dizer quando é sexta-feira. Existe um entusiasmo específico nas sextas, e também alívio, porque mais uma semana passou. Até os amigos de Toby, que eu achava que não faziam grande coisa no final de semana, estavam de bom humor no intervalo das aulas daquela sexta.

Encontramos Luke, Austin e Phoebe já na mesa quando lá chegamos. Luke tinha passado o braço pelo ombro de Phoebe, que segurava um pacote de salgadinhos de queijo, e Austin estava entretido em algum joguinho no celular.

— Não, não, maldito portal — ele resmungou, completamente alheio ao mundo. — Pare, maldito, argh! Chupa minhas bolas, desgraçado!

Phoebe suspirou.

— Acuda, Austin! Suas bolas estão pegando fogo! — Mas Austin não se abalou. — Não falei que ele estava no mundo do jogo? — completou Phoebe.

— Perdi alguma coisa? — perguntei, ajustando-me no banco.

— Bom, ouvi dizer que o Jimmy vai dar uma festa regada a chope hoje — Luke disse de um jeito sarcástico, sugerindo sua insatisfação por me ter por perto. É uma festa exclusiva.

— É, ouvi falar também — retruquei, sem gostar do modo como Luke espalhou o termo usado pelos meus antigos amigos para exprimir a exclusividade dos eventos. — É como em *A revolução dos bichos*.

— Você quer dizer *Casa dos bichos* — Luke corrigiu. — O filme sobre as festas das associações de alunos.

Sacudi a cabeça.

— Não, *A revolução dos bichos* mesmo. Sabe, “todos os animais são iguais, mas alguns são mais iguais do que outros”.

Phoebe riu e se soltou do braço de Luke para jogar no lixo o saquinho vazio.

— Ezra, você vai me levar à festa do Jimmy, né? — ela perguntou, fazendo beicinho de propósito.

— Claro — respondi, entrando na brincadeira. — Vamos levar uma garrafa de vinho ou alguns queijos para o anfitrião?

Luke pegou um salgadinho de Phoebe sobre a mesa e ela gritou em protesto, ignorando a minha pergunta.

— E aí, gente boa? — Toby colocou na mesa uma gigantesca garrafa térmica de café. — Aah, é o Mortal Portal 3?

Austin não ergueu os olhos.

— Ele está viajando — comentou Phoebe. — Sinceramente, qual é essa dos meninos com os *video games*? Não é pra menos que ninguém mais lê.

— *Eu* leio — retrucou Toby, enquanto Sam e Cassidy se juntavam a nós, comendo os biscoitos fresquinhos da confeitaria da escola. — Por exemplo, ontem à noite li que a gente pode fazer um sapo levitar com ímãs.

Phoebe virou os olhos, pouco impressionada.

— Hipoteticamente ou cientificamente comprovado? — Cassidy quis saber.

— Cientificamente comprovado — Toby disse, triunfante. — Uns cientistas com prêmio Nobel fizeram isso.

— Quantas cervejas você acha que são necessárias para que um cientista respeitado internacionalmente vire para o outro e diga: “Cara, aposto vinte que você consegue fazer um sapo levitar com ímãs” — Sam falou pausadamente.

— Bom, que carga magnética? — Cassidy perguntou. — Tem que ser ou positiva ou negativa, certo?

— Você se acha muito esperta, não? — Toby brincou

— Só um girino — Cassidy respondeu.

Todos resmungaram.

E o sinal então tocou.

Cassidy e eu tínhamos aula de Inglês juntos, com Luke, na verdade, mas ele sempre acompanhava Phoebe até a sala dela.

— E aí — eu disse, enquanto nos dirigíamos à sala do professor Moreno —, eu não vi nenhuma mensagem secreta ontem à noite.

— Não quis ser previsível — Cassidy replicou. — Mas pelo menos agora sei que você está atento.

O professor Moreno e suas provas moderninhas. Quase me esquecera disso. Ele nos aplicou uma difícil: temas e metáforas das primeiras cem páginas do *Gatsby*. Eu estava martelando meus neurônios com as perguntas da lousa interativa quando caiu minha ficha sobre como o outdoor que Wilson pensava estar de olho nele, aquele com olhos do Dr. T. J. Eckleburg, não era muito diferente da ideia por trás do Panóptico. Rabisquei essa revelação, finalizando a pergunta dissertativa, e terminei pouco antes de o professor Moreno dar por encerrada a prova.

Ele nos fez trocá-las com o colega que ficava atrás, o que significava, maldita sorte, que era Luke. Ele sorriu quando rasguei a folha do caderno e a entreguei.

— Espero que tenha estudado, Faulkner — ele disse, tirando a tampa da caneta.

Eu fiquei com a prova de Anamica Patel. No cabeçalho, ela havia escrito o nome, a data, o nome do professor, o ano escolar e Teste *Gatsby* 1 com a letra mais caprichada que eu já tinha visto.

O professor Moreno repassou as perguntas de resposta curta e as de múltipla escolha. Anamica tinha pulado uma dessas.

— Muito bem, devolvam. Vou pontuar eu mesmo a pergunta dissertativa. Não se esqueçam de deixar a prova na caixa antes de sair — alertou o professor.

Devolvi a prova de Anamica, e ela fez cara feia, como se fosse minha culpa ela não ter uma pontuação tão boa quanto a caligrafia caprichosa.

— E aí, Luke, pode me devolver a minha prova? — perguntei.

— Bom trabalho, Faulkner — ele disse, recostando-se na cadeira, o papel firme nas mãos. — Que versão do Cliffs Notes você usou?

— Não sabia que existem versões diferentes — disse. — Que versão você recomenda?

Luke resmungou alguma coisa e me devolveu a prova. Sob ela, havia um pedaço de papel dobrado em três.

Eu estava prestes a mencionar isso, mas Luke sacudi a cabeça num aviso. Então, enfiei o papel na bolsa e passei a prova para a frente.

— A professora Weng quer falar com vocês dois — Toby disse, quando Cassidy e eu chegamos para o almoço com nossas minipizzas. — E isso significa “agora”!

Enfiei um pedaço da comida na boca, indicando que estava pronto pra ir.

— Ótimo. Que coisa nojenta — Phoebe observou.

Cassidy suspirou e sentou-se.

— Vou fingir que não recebi o recado antes do final do almoço. E você, Ezra?

Engoli tudo rápido.

— Que recado?

— É isso aí. — Cassidy colocou os óculos escuros e mordiscou metade da pizza antes de se levantar.

— Você não vai mesmo comer tudo? — perguntei-lhe.

— Por quê? — Cassidy sorriu, balançando a pizza em cima da lata de lixo. — Você quer?

— *Eu* quero — Austin disse, finalmente desviando os olhos do jogo. — Estou quebrado. Gastei tudo nesse jogo.

— Eu sabia que era isso que vocês estavam jogando! — Toby disse. — Cara, em que nível você está?

— Vamos indo — Cassidy disse, suspirando, e eu a segui até a sala da professora Weng.

A professora estava comendo a sobra do espaguete da noite num recipiente de plástico e lendo uma revista de fofocas de celebridades. Não vou mentir: a cena era triste.

— Você queria falar com a gente? — perguntei.

Ela se assustou e, sem graça, puxou a pasta de chamada para encobrir a revista. Eu fingi que não percebi nada.

— Sim, nossos dois novos recrutas! Estou muito feliz de tê-los no time.

De repente, eu me lembrei daquela folha de inscrição do primeiro dia de aula, na qual havia colocado o nome de Cassidy. Estava ferrado. Olhei para ela e percebi que sua expressão era um misto de choque e horror.

— Hã... é isso? — comecei. — Acho que...

Mas a professora Weng não me ouvia. Continuou tagarelando sobre como era maravilhoso ter uma profissional do nível de Cassidy, acrescentando que estava certa de que Cassidy ou Toby responderiam a todas as minhas dúvidas sobre a competição.

O rosto de Cassidy estava branco.

— Professora Weng — ela disse, por fim. — Acho que há algum engano. Eu não me inscrevi.

— Ah, mas eu já registrei vocês dois para a abertura do torneio em San Diego, daqui a duas semanas — a professora Weng retrucou, compreendendo outra coisa. — E também reservei a van da escola para levar todo mundo no final de semana, a menos que vocês tenham, é, *necessidades especiais* sobre as quais queiram falar em particular...

— Não — eu disse entredentes. — Nada de “necessidades especiais”.

A frase soou intencionalmente maliciosa, e Cassidy me lançou um olhar de solidariedade.

— Que bom — afirmou a professora, entregando-nos um pacote pesado. — É preciso que os pais ou responsáveis assinem esses formulários.

— Meus pais não estão na cidade — Cassidy disse. — É, eles estão na Suíça, num congresso de medicina, até o fim do mês.

Tinha certeza de que os pais de Cassidy não tinham viajado para lugar nenhum assim, mas a professora apenas sorriu e garantiu a Cassidy que, por enquanto, o antigo treinador dela poderia mandar o formulário do ano passado por fax. O tom da professora era tão resolutivo que não ousamos questionar.

Cassidy e eu escapulimos do escritório da professora Weng derrotados. Assim que a porta se fechou, Cassidy virou-se para mim, os olhos enfurecidos.

— Que merda foi essa? — ela perguntou. — A professora nos encurralou. E eu *não* me inscrevi para competir coisa nenhuma; é como se ela tivesse planejado tudo. Sabia que havia alguma razão para eu ter sido colocada na classe de debate! “Ah, não temos outras disciplinas facultativas disponíveis!”, o meu tutor disse. “É isso ou educação física”. Ah, tá bom. Não sou nenhum bichinho que eles podem pôr para desfilar por aí como bem entendem. Não entro mais em competição, e eles não têm o direito de me forçar.

— É...

— E você também não se inscreveu! — Cassidy enfiou um dedo no meu peito. — Você devia ter visto a sua cara quando a professora perguntou se tinha alguma necessidade especial. Queria que tivesse dado um soco nela.

— É, teria sido muito conveniente.

Cassidy suspirou.

— Meu Deus, Ezra, você não entende. Já colocaram nosso nome. Agora, ou a gente compete ou é penalizado.

Merda. Eu não conhecia as regras dessas competições de debate, e não sabia que o único jeito de sair era ser penalizado publicamente.

— Ô, Cassidy... — eu tinha de contar. — Lembra aquele dia na sala com a lista de inscrições? Lembra que estava rindo de mim?

— Sei.

— Eu meio que inscrevi você de brincadeira — admiti.

— Você O QUÊ?

— Eu não sabia! — emendei rápido. — Você tinha me sacaneado na aula de Espanhol e o Toby tinha me inscrito, então eu achei...

— Você achou o quê, exatamente? — Cassidy disse com frieza. — Que seria *engraçado*?

— É, acho que sim. Eu não sabia de seus sentimentos em relação aos debates. Não sabia que tinha parado de competir.

Baixei a cabeça, esperando que ela risse e dissesse que estava tudo bem. Mas ela não fez isso.

— É isso mesmo — Cassidy disse, furiosa. — Parei de competir. Do mesmo jeito que você parou de competir no tênis. Mas sabe de uma coisa? Eu *percebo* que você não quer tocar no assunto. Só porque eu não ando mancando por aí com uma maldita bengala, isso não significa que eu quero explicar o porquê de minha desistência para pessoas que conheço há cinco segundos. Então, vá se danar! Não tinha o direito de me inscrever porque achou que ia ser *engraçado*!

Os olhos dela brilhavam de revolta ao passar por mim batendo os pés. E eu não a culpava. Sentia-me horrível. Como se tivesse que voltar à sala da professora Weng para explicar tudo. Mas aí o sinal tocou, e percebi que ia chegar atrasado à aula de Espanhol.

Capítulo 11

Até aquela noite, meu fim de semana estava ficando com cara de que seria péssimo. Fui direto da escola para casa e passei o dia alternando entre preparar as palavras-chave para a aula do professor Anthony e tocar Zombie Guitar God bem baixo para não pensar na trapalhada com Cassidy. Mas nada dava certo.

Para piorar as coisas, minha mãe aparecia toda hora querendo entender o que estava acontecendo, parada atrás da porta do meu quarto à espreita. Cooper, enrolado num roupão aos pés da minha cama, olhava para a porta e suspirava, acomodando-se de novo.

Bom, é noite de sexta-feira, meu amigo, seus olhos pareciam me dizer. E existe um mundo lá fora.

Cooper tinha razão; talvez eu *devesse* ir à cervejada de Jimmy. Até pensei rapidamente em fazê-lo, antes de me lembrar do que tinha acontecido da última vez que fora a uma festa. Então, nem pensar! Nesse instante, o ícone do Skype piscou na tela do meu computador. Era Toby, perguntando se eu queria passar na casa dele.

Troquei de roupa, peguei as chaves e praticamente abri a porta do quarto na cara da minha mãe.

— Ah, você ainda está acordado — disse ela.

— Bem, ainda são nove horas. Vou dar uma saída.

— Aonde você vai? — ela perguntou, caminhando atrás de mim. — Preciso saber aonde você vai.

— Por quê? — perguntei, um tanto curioso para saber se essa era uma nova regra da casa. Então minha mãe começou a gaguejar alguma coisa, e aproveitei para continuar num tom bem tolerante: — Vou à casa de Toby. Tenho meu telefone, e nós não vamos ter um

ataque de raiva por aí nem coisa parecida.

— Ezra! — ela pareceu chocada. — Não seja rude. Tenho o direito de me preocupar.

— Eu sei — falei, exasperado. — Você *me lembra disso o tempo todo!*

Enquanto saía da garagem, fiquei pensando no que o pessoal da escola estava fazendo. Podia bem imaginar uma multidão indo até a cervejada de Jimmy, já vestindo trajes de banho. E as outras pessoas provavelmente iriam ao Prisma Center, um shopping com cinema Imax e um monte de palmeiras exageradamente iluminadas. O Prisma era, na verdade, o único lugar aonde se podia ir em Eastwood, além do shopping no centro de comércio chinês, e mesmo lá os seguranças começavam a mandar todos para casa ainda cedo por causa do toque de recolher da cidade. Eu pensava neles como os Sentinelas do Prisma, o que conseguiu me distrair por alguns segundos, mas depois me pareceu deprimente — e não só porque o nome agora me lembrava Cassidy e sua sociedade panóptica.

Estranhei ir de carro para a casa de Toby. Afinal, só tinha usado bicicleta até lá, pedalando pelas ciclovias que fazem as ligações entre os vários loteamentos da cidade. Toby morava em Walnut Ranch, uma das mais antigas áreas ao sul. Eu praticamente morava na casa dele durante os anos do ensino fundamental, e, enquanto dirigia, me lembrei de cenas que compartilhamos quando crianças: os bilhetes que deixávamos na caixa do correio um do outro, escritos num código que só nós podíamos decifrar. Teve um ano, no Halloween, que nos vestimos de Batman e Robin, e depois trocamos de roupa só para ver quanto tempo meu pai levaria para notar a mudança, e foi preciso muito tempo. Lembrei-me da nossa viagem ao camping Cub Scout, quando o filho detestável do líder dos escoteiros colocou uma minhoca na minha sobremesa, e, para dar o troco, eu e Toby pegamos um sapo e o fechamos dentro do saco de dormir do garoto. Lembrei-me dos palavrões escritos no ar com os fogos no Quatro de Julho. E também do dia que imploramos para a minha mãe nos levar à livraria Barnes & Noble à meia-noite, pois queríamos comprar o último volume da saga de Harry Potter, e, apesar de prometermos que não passaríamos a noite toda acordados lendo o livro, foi exatamente o que fizemos.

Tinha me esquecido completamente do jeito de Toby naquela época. De como era sempre ele o primeiro a criar nossos complicados planos; de como ele constantemente me metia em confusão, e me tirava delas com seu discurso constrangido e suas justificativas. Ele cresceu e se tornou um tipo descaradamente nerd e perspicaz, muito coerente com o que se poderia esperar de um garoto que ia de porta em porta

vendendo gibis feitos por nós, porque precisávamos de dinheiro para comprar limonada no verão, quando tínhamos dez anos. E eu me transformei num grande estúpido — e com bengala.

A casa de Toby parecia exatamente igual, até com a minivan cor de vinho na garagem. Sem lavar, pelo visto. Toquei a campainha e um cachorro minúsculo começou a latir.

A irmã de Toby abriu a porta. Usava um roupão rosa e carregava um terrier zangado, com cara daqueles cachorros que agarram nosso tornozelo.

— Oi, Emily — cumprimentei.

— Minha nossa! — ela parecia espantada por me ver ali, como se tivesse esquecido que eu sabia o código da porta da garagem.

A casa de Toby era muito compacta, e a porta da frente dava diretamente na sala, onde três amigas de Emily, acampadas já de pijama, assistiam a um daqueles romances nojentos de vampiros.

— Oi, Ezra — uma das garotas disse, com um sorrisinho.

— Olá, meninas. — Pobre Toby. Não era preciso nem perguntar por que ele me chamara. Agradecido, ele apareceu impetuosamente no corredor, fechando as abotoaduras.

— Bem-vindo ao purgatório — ele disse. — Venha; entre.

O quarto dele não tinha mudado muito; havia uma nova estante com alguns bonecos de ação que não reconheci, uma caixa de polícia e um boneco usando *blazer* e gravata-borboleta, como Toby, além de algumas espadas de samurai. Mas então dei uma olhada no alto da estante e gelei.

— Você os guardou? — perguntei.

— Terminei todos eles. — Toby puxou uma pilha de gibis feitos em sua casa e jogou-os sobre a cama.

Peguei o *Superhero Academy*, volume I. Tão amador, feito com caneta colorida em papel sulfite, os nomes dos autores escritos em letras redondinhas, alternando entre o azul e o vermelho: *criado por Toby Ellicott & Ezra Faulkner*.

Trabalhamos no *Superhero Academy* todos os dias depois da escola no quinto ano. Acho que fizemos quatro volumes antes de enfrentarmos nossas diferenças artísticas. Mas havia pelo menos oito deles espalhados na cama. Alguns com ilustrações computadorizadas e uma cara um pouco mais profissional. Peguei o *Justice University: The Final Battle*, e folheei-o até o fim.

— Ok, mas o Garoto Invisível jamais derrotaria o Arqueiro Alquimista com uma *espada de samurai* — argumentei.

— Você está decepcionado porque transformei seu personagem num malvado — Toby retrucou.

— De jeito nenhum; só não entendo como o Arqueiro virou um mortal assim de repente.

— Porque ele dividiu a própria alma em sete partes e as escondeu na Cidade da Justiça.

— Você transformou nossa história em quadrinhos numa imitação barata de *Harry Potter* — explodi.

— Nós vamos mesmo continuar esta conversa? — Senti meu rosto aquecer, e então joguei os gibis na cama e dei de ombros. Toby os colocou em ordem numérica e os guardou na estante de novo. Então continuou: — Vamos ou não vamos?

— Pra onde? Pra festa de Jimmy? — Esperava sinceramente que ele não quisesse me irritar indo àquela festa.

— Vou matar Luke — Toby disse, erguendo o punho no ar. — Ele *realmente* não convidou você?

— Me convidar pra quê?

— Para o Cinema Itinerante. Você sabe, aquele pedaço de papel com algumas palavras aleatórias nele e um URL.

De repente me lembrei do papel que Luke me passara na aula do professor Moreno naquela tarde. Pensei que fosse alguma coisa boba ligada ao Cineclube.

— Droga! Ele me entregou alguma coisa, mas nem me dei ao trabalho de ler. Acho que eu estava distraído.

Toby resmungou e soou irônico:

— Distraído... Sei.

— Como assim?

— Cassidy, cara, Cassidy. Eu sei que você está na dela, mas, vai por mim, esquece. Ela não sairá da sua cabeça e vai acabar te ferrando.

— Acredite — retruquei com um suspiro —, ficar longe de Cassidy não será um problema.

E então expliquei como eu a forcei, por mero acaso, a fazer parte da equipe de Debate.

— Você está perdido — disse Toby.

— Não percebi a história antes — admiti. — Você colocou o *meu* nome lá.

— E eu imaginei que você tivesse riscado. — Toby deu de ombros. — Mas Cassidy é diferente. Uma punição ao lado do nome dela nas listas do torneio causaria muitos boatos. Ela é a campeã atual, você sabia? Todo mundo achava que ela iria se classificar nacionalmente, mas ela desistiu do torneio estadual dois dias antes das preliminares e simplesmente desapareceu. Ter o nome dela em cada rodada do torneio ligado a uma penalidade e a *Eastwood*, a equipe mais patética do torneio? Bom, seja como for, nós vamos ou não à projeção de Luke? Afinal, temos de comprar filtros de café no caminho.

Vinte minutos depois, estávamos na maravilhosa minivan vinho (conhecida carinhosamente como Quase Baleia), tentando ajustar a antena quebrada para conseguir ouvir uma rádio FM enquanto passávamos pelo Eastwood Boulevard.

— A noite será divertida — Toby prometeu. — Você vai ver.

E eu acho que até nos divertiríamos se eu ainda não estivesse pensando na confusão com Cassidy. Quanto mais eu pensava nela no balanço, os pés descalços, sorrindo enquanto prometia que escaparíamos juntos de Panóptico, mais eu desejava não ter estragado tudo.

— Sim, muito divertido — murmurei, observando um monte de plantas que o vento arrastava e jogava numa placa no canteiro central da rua.

De acordo com Toby, o Cinema Itinerante era um segredo muito bem guardado pelos círculos excêntricos, e o fato de eu ter sido convidado representava algo muito importante. A história vinha da época do Cub Scout — o clube dos escoteiros —, quando Max Sheppard, um aluno corajoso de Eastwood High, roubara o molho de chaves do zelador do prédio e fizera uma cópia em segredo. Ele usou as chaves para aprontar coisas horrorosas na administração, sempre escapando com sucesso. Ao completar dezesseis anos, Luke Sheppard herdou as chaves do reino de seu irmão mais velho, mas resolveu usá-las para o bem. Assim nasceu o Cinema Itinerante, uma série de projeções secretas de filmes que jamais ocorriam duas vezes no mesmo lugar.

O campus estava completamente deserto, e Toby usou duas vagas para estacionar a minivan: a do diretor e a do vice-diretor.

— Pegue os filtros de café — ele me pediu.

— Afinal, por que eu tive de pagar esses filtros?

— Porque você tinha o dinheiro e eu não? — Toby esboçou um sorriso. — Bom, isso é parte do que fazemos. Quero dizer, não queremos que nos peguem... Queremos ser *notados*. Assim, vimos *Sociedade dos poetas mortos* na sala do professor Moreno e deixamos um monte de canetas no quadro. Assistimos ao filme *A princesa prometida* na biblioteca e fizemos uma doação enorme de livros. E, hoje, vamos ver *Três é demais* na sala dos professores. Por isso, os filtros de café.

Toby parou de andar, esperando que a grandiosidade absoluta do Cinema Itinerante me fizesse exultar.

Em vez disso, perguntei:

— Nós vamos invadir a sala dos professores?

— Digamos que fique melhor dizer que “nos permitir entrar” — Toby respondeu. — Vamos embora.

Continuei parado na extremidade do estacionamento.

— É melhor você ter certeza de que não seremos apanhados — avisei. — Porque não posso sair correndo se os guardas aparecerem.

Toby começou a rir.

— Que engraçado — disse ele. — Max Sheppard? Na outra semana, ele me deixou uma advertência por causa da minha lanterna traseira quebrada. Vamos logo.

O filme tinha acabado de começar. Toby e eu nos sentamos em cadeiras colocadas na lateral, e eu até tentei acompanhar a história, mas, na maior parte do tempo, o que acabei acompanhando mesmo foi a expressão de Cassidy.

Acho que ela não esperava que alguém a estivesse observando e, por isso, baixou a guarda, do jeito que fazemos numa sala vazia. Do jeito que eu fazia quando fechava as persianas e ficava olhando para o ventilador de teto acima da minha cama, fascinado e horrorizado pelos pensamentos que viajavam pela minha cabeça.

Ela parecia tão triste, apesar de ser uma comédia e todo mundo rir. Era como se não prestasse atenção ao filme, assombrada por imagens de alguma outra coisa. Nunca a vira assim, e isso me fez pensar nas palavras de Toby sobre como ela tinha desaparecido sem aviso e sobre como ninguém sabia o que dizer disso.

Algumas pessoas se levantaram quando o filme terminou, mas Luke insistiu que aguardássemos os créditos. Surpreendentemente, todos se sentaram de novo, como à espera de um castigo; nunca tinha percebido esse poder todo de Luke, o que, de qualquer forma, fazia

sentido. Já havia visto se referirem a ele como o “rei dos nerds”, e nunca entendera o porquê, mas naquele momento foi fácil compreender.

— E então, o que achou? — Toby perguntou enquanto nós e todos os outros colocávamos os filtros de café em cima da mesa.

— Sobre o filme?

— Bom, o filme é obviamente um clássico, e *Napoleon Dynamite*^[3] é uma fraca imitação do outro, que é muito superior — Toby comentou, ironicamente. — Mas não. Na verdade, quero saber o que achou das projeções secretas, dos convites em código e do vandalismo positivo.

— Incrível, cara, incrível mesmo — era isso que eu realmente achava. Não sabia que as pessoas faziam coisas assim, especialmente em Eastwood. Era estranho pensar que esse tipo de atividade clandestina acontecia na escola onde eu estudava, ou seja, que existiam outras coisas acontecendo além das festas dos meus antigos camaradas. — Por que outras pessoas não sabem disso?

— Porque Evan McMillan transformaria isto aqui numa bebedeira abominável — Luke disse, juntando-se a nós.

— Provavelmente — admiti. — Barris de chope *versus* filtros para coar café. — Continuamos ali em silêncio por alguns instantes, Luke com aquele olhar de quem sabe das coisas, como se estivesse contente de que eu finalmente visse o que ele podia fazer. — Então, Luke — quebrei o silêncio —, o que acha de assistirmos a *Um estranho no ninho* na sala da enfermeira? Sei que ia ser um pouco apertado, mas perfeito!

— Cara, isso seria demais! — disse Toby.

— Não perguntei quais são as suas ideias, Faulkner — Luke disse friamente, e foi ao encontro de um grupo de alunos que estava ao nosso lado.

— Ele realmente não gosta de mim.

— Não, é claro que ele gosta. — Mas Toby não conseguiu me convencer. — Você é nosso camarada. Acontece que a namorada dele sentia uma enorme atração por você — Toby confessou. — Pode ser que ainda sinta.

— *Phoebe*?

— Ezra, você é uma espécie de vampiro sexy — Toby zombou.

Hesitei, mas de fato ele tinha razão.

— Não me chame de vampiro sexy — resmunguei.

— Oi, vampiro sexy — disse alguém, batendo nos meus ombros.

Cassidy colocou os cabelos atrás da orelha e sorriu como se essa tarde e as últimas horas nunca tivessem existido.

— Oi — cumprimentei, ainda cauteloso.

— E aí, vocês gostam de Bill Murray? — ela perguntou, referindo-se ao filme que tínhamos acabado de ver. — *Eu* adoro. Se ele me pedisse em casamento, eu não hesitaria.

— Huumm — murmurei, confuso. Teria eu perdido alguma coisa? Da última vez em que nos falamos, Cassidy estava com raiva de mim, e eu imaginava que não nos falaríamos por muito tempo.

— Escute — Cassidy começou —, posso apadrinhar você e te ensinar tudo o que sei sobre debate, e você vai ficar em primeiro lugar no torneio de San Diego.

— Eu? Em primeiro lugar?

— Isso mesmo. E os querubins celestiais vão tocar guitarras havaianas de pura alegria, e você acenderá incensos e oferecerá frutas no meu altar.

— Isso parece um plano — retruquei num tom seco. — Frutas e adoração... Vamos ver.

— É isso aí! — Cassidy deu um amplo sorriso.

— Ah, olhem só — Toby brincou, lançando-me um olhar dissimulado. — Fiquei com vontade de perturbar alguém ali.

— Achei que você estivesse louca da vida — eu disse, depois que Toby se afastou.

— Como Hamlet, a minha loucura é fugaz — Cassidy afirmou.

— Achei que estivesse louca da vida comigo — esclareci.

— Ezra, não seja bobo. Já passou. As meninas são assim: a gente fica furiosa, e depois passa. Você nunca foi amigo de meninas?

É claro que não; eu havia namorado um tanto delas, mas nunca fora amigo de nenhuma das meninas da minha antiga turma. Para quê?

Talvez Cassidy tivesse razão — talvez só as *namoradas* ficassem loucas da vida com a gente. Porém, alguma coisa no sorriso dela me fazia duvidar disso. Mas aceitei minha sorte, achando melhor não questioná-la.

Capítulo 12

Em setembro, os professores costumam ter um dia de treinamento, e a gente fica de folga. No segundo ano, eu, Evan e Jimmy fomos a Balboa, comemos cheeseburger no calçadão ao longo da praia e assistimos a um filme horrível em 3D. Mas este ano eu havia me esquecido completamente do dia de treinamento do professor até a véspera.

Obviamente, Toby e a turma do Debate tinham planejado uma incrível aventura: o show *Spring Awakening*, em Los Angeles, e Toby estava tentando convencer todo mundo, ainda sem sucesso, a se fantasiar de estudante da virada do século.

— Vocês deviam vir conosco — Phoebe disse, quando todos ficaram sem graça ao perceber que Cassidy e eu não estávamos incluídos no plano original. — Nós compramos os ingressos faz tempo, mas vocês deviam vir mesmo que tenham que se sentar em outro lugar.

— Tudo bem — Cassidy acabou dizendo. — Ezra e eu temos planos.

Isso era novidade para mim. Toby me lançou um olhar significativo, e eu encolhi os ombros, sem ideia do que Cassidy falava.

— Ah, é? Vocês vão à colheita? — perguntou Sam, e todos, menos Cassidy, caíram na gargalhada.

Devo me explicar: “colheita” é quando a gente vai catar o que sobrou da safra, aquilo que fica estragando e apodrecendo nos campos, deixado para trás pelos trabalhadores imigrantes porque não dá para vender. É de fato um trabalho de campo obrigatório para os alunos do oitavo ano. Todos vão de ônibus até algumas fazendas, tiram fotos para o livro do ano, e pronto, e de fato, é tão chato quanto parece.

Toby rapidamente explicou a Cassidy o motivo por que todos estavam rindo.

— Sério? — Cassidy perguntou. — Todo mundo já foi catar tomate podre? E nada de museus?

— É. Não muito. Bem-vinda a Eastwood — Toby disse friamente.

A caminho das aulas seguintes, perguntei a Cassidy a que planos ela se referira. Mas seu vestido branco de alcinhas que não paravam de cair me levou a imaginar as minhas mãos correndo pelos ombros dela, deslizando as alcinhas para baixo.

— Ah, é — Cassidy meneou os ombros. — Acho que é a hora certa pra começar o seu treinamento. Você vai ser o meu *protégé*, lembra?

— Como poderia me esquecer? — brinquei.

— Ótimo. — Cassidy sorriu. — Me pegue do lado de fora do Terrace Bluffs às oito e meia da manhã. E traga uma mochila cheia de coisas da escola.

Oito e meia da manhã de uma quarta-feira me pareceu tremendamente cedo, como se a minha cabeça tivesse se convencido de que precisava dormir num dia de folga. Bocejando, tomei um café e me juntei à fila de carros que saíam pelos portões de Rosewood a caminho do trabalho.

Quando estacionei em Terrace Bluffs, Cassidy estava sentada no meio-fio, revirando na mão os óculos Ray-Ban. Vestia jeans e uma camisa xadrez, e uma mochila azul-marinho se postava aos seus pés.

Tinha me preparado para mais uma das misturas de roupas antigas de Cassidy, e aquilo me pareceu um pouco diferente. Mas, mesmo com roupas normais, ela ainda era um tipo que a gente olha duas vezes sem entender bem por quê. Era como se ela estivesse fantasiada de menina comum e se divertisse com isso.

— Vi um coiole esta manhã — ela anunciou, sentando-se no banco da frente. — Estava no quintal dos fundos, obcecado com o lagunho de carpas.

— Talvez só quisesse um amigo.

— Ou uma namorada — Cassidy comentou, ironicamente.

Devia ser referência a algum poema, mas eu não compreendi. Dei de ombros.

— “Se ao menos tivéssemos mundo e tempo suficiente” — Cassidy citou. — Andrew Marvell?

— Certo. — Soava vagamente conhecido, como alguma coisa que o

professor Moreno tivesse colocado em algum teste, mas eu não era lá muito fã de poesia. — E aí, pra onde vamos?

— Aonde não temos que nos meter, a não ser fingindo e aprontando — ela respondeu. — Vá para a Universidade Town Center.

Lá fui eu. Enquanto dirigia, Cassidy me explicou sua teoria sobre como vencer em torneios de debate. Os debatedores mais bem-sucedidos (“Eu os chamaria de mestres, mas obviamente você não tem maturidade suficiente pra lidar com isso, senhor Pretensioso”, ela brincou) sabiam fazer referências literárias, filosóficas e históricas.

— Quanto mais sofisticadas as referências, melhor — Cassidy disse, brincando com a saída de ar do carro. — Ninguém vai citar Robert Frost, pelo amor de Deus. Mas John Rawls ou John Stuart Mill.

Nunca tinha ouvido falar destes dois últimos, mas não disse nada. Na verdade, estava tentando entender se isso era um encontro, embora tivesse começado às oito e meia da manhã.

— Ainda podemos fazer colheitas — eu disse, indicando as plantações de laranja por onde passávamos.

— Não entendo o que acha de engraçado nisso.

— Ah, não? É meu jeito caipira de levar você a um museu.

Cassidy balançou a cabeça, mas eu vi que sorria.

Às 8h45, a Universidade Town Center parecia um lugar esquisito. Eu nunca fora lá, já que levava quinze minutos de carro na direção de Back Bay, um balneário esnobe e metido. Na verdade, Town Center ficava na divisa de Eastwood e Back Bay, na qual havia basicamente um posto do Metrolink, um complexo médico bastante familiar para mim e um clube de golfe do qual meu pai era sócio.

— Irônico, não é? — eu disse, estacionando. — Como Town Center está na divisa de duas cidades e não fica no centro de nenhuma?

Cassidy riu, concordando.

— Bom, vamos lá — disse ela, colocando os óculos escuros. — A gente vai chegar atrasado à aula.

— Ha, ha — eu ri, mas Cassidy não parecia estar brincando. — O que viemos fazer aqui?

A Town Center era um ponto de reunião não oficial da Universidade da Califórnia Eastwood, cujo campus ficava do outro lado da rua.

— Já disse a você — Cassidy respondeu, impaciente, descendo do carro e colocando a mochila no ombro. — Fingir e aprontar. Vamos nos enfiar em algumas aulas da universidade, para que você receba

alguma formação em humanas e tenha uma estreia surpreendente no torneio de San Diego. *Voilà!* Aqui está a programação.

Dei uma olhada na folha roxa que ela me mostrava.

— História do Império Britânico? — li em voz alta. — Literatura do século 17 e Introdução à Filosofia?

— Exatamente — Cassidy respondeu, de modo presunçoso. — Agora, ande logo; vamos pegar um atalho até lá. Ser pontual faz diferença.

— E o professor não vai perceber? — perguntei, esforçando-me para acompanhar o ritmo de Cassidy ao subir a passarela que levava ao campus principal. — Afinal, não estamos inscritos.

— Pra começo de conversa, é *doutor*, e não, ninguém vai perceber. Costumava passar alguns feriados com o meu irmão quando ele estava em Yale, e eu entrava em umas aulas ao acaso quando estava entediada. Nunca me pegaram. Além disso, eu escolhia cursos com, tipo, centenas de alunos. A gente só vai assistir a umas palestras, fazer umas anotações pra usar no debate e sair numa boa.

E foi isso basicamente o que aconteceu, pelo menos em História do Império Britânico. Nós nos juntamos a centenas de outros estudantes nas bancadas de uma sala de conferências cheia de ecos, onde ficamos ouvindo sobre imperialismo, capitalismo e economia de guerra durante uns quinze minutos cansativos e não muito interessantes. Obedientemente, fiz algumas anotações, o que foi mais do que o sujeito de barba duas fileiras abaixo da minha, que passou a aula inteira num joguinho do celular.

— E aí? — perguntou Cassidy, enquanto me arrastava até o café mais próximo quando a aula acabou. — O que achou?

— Interessante — respondi, pois sabia que era isso que devia dizer.

— “Embora seja loucura, tem lá o seu método” — Cassidy sorriu, colocando açúcar no café. — Como diriam em *Hamlet*. Aliás, falando nisso, hora de literatura do século 17.

Quando chegamos à sala de conferência, havia algo errado. E só percebi ao observar os livros das pessoas ali.

— Acho que entramos na sala errada — cochichei. — Vamos embora?

Nesse instante, um professor com uma gravata engraçada caminhou a passos largos até a frente da classe, e só tivemos tempo de nos sentar e ouvir.

Tínhamos caído numa aula de Química Orgânica. Eu já havia estudado um pouco de Química, uma das minhas experiências escolares menos prazerosas, e achei que a Orgânica seria a continuação da mesma chatice.

O professor, um cara do Leste Europeu com uma propensão a afagar o cavanhaque loiro, arregaçou as mangas. Desenhcou duas cadeias de hidrocarboneto na lousa, e até aí tudo bem. Uma tinha forma de M; a outra, de W.

— Quem pode me dizer a diferença? — ele perguntou, perscrutando o salão. Mas ninguém teve coragem de arriscar. — Não *há* diferença — ele finalmente disse. — As moléculas são idênticas, se as considerarmos num espaço tridimensional.

Ele apresentou dois modelos em plástico, girando-os. *Absolutamente* idênticos.

— Agora, por favor — ele continuou, desenhando duas novas moléculas na lousa. — Qual é a diferença aqui?

Era doido como eu de repente conseguia ver exatamente o que ele estava perguntando, depois de entender como enxergar além dos rabiscos na lousa e imaginar as moléculas como eram de fato.

— E aí? Ninguém nunca jogou Tetris? — o professor perguntou, arrancando umas risadas.

— São opostos — alguém falou.

— São opostos — repetiu o professor, pegando dois novos modelos e girando-os —, do mesmo modo como a nossa mão direita é oposta à esquerda. São imagens espelhadas uma da outra, a que denominamos enantiômeros.

E então continuou falando sobre como os opostos podiam na verdade ser a mesma coisa, e como tinham surgido juntos na natureza, sem ser opostos de jeito nenhum, mas simplesmente destinados a tomar parte em reações distintas. Não se parecia em nada com as equações extenuantes que éramos forçados a encarar, números com expoentes tão altos que eu chegava a ter dó da minha calculadora. Nada de matemática; apenas teorias e explicações sobre o motivo de as reações acontecerem como acontecem, e por que as moléculas se aglutinavam em três dimensões. Não compreendia tudo, mas o que compreendia soava bem interessante.

Quando a aula terminou, Cassidy virou-se para mim, com as sobranceiras um pouco franzidas.

— Desculpe; misturei as salas de aula — disse.

— Imagine! Foi incrível.

Nunca antes eu deixara uma aula com a cabeça fervendo por causa do que tinha aprendido, e queria saborear essa sensação ao máximo. Era como se de repente o meu cérebro considerasse o mundo de um modo muito mais complexo; como se houvesse muito mais para ser visto e aprendido. Pela primeira vez, achei que talvez a universidade fosse diferente da escola, que as aulas talvez valessem a pena. Então, Cassidy começou a rir.

— O que foi? — perguntei, um pouco aborrecido por ela ter interrompido o meu momento zen particular.

— Ninguém gosta de Química Orgânica. É, tipo, o pior pré-requisito pra quem faz medicina.

— Bom, talvez tenha gostado porque *não* vou fazer medicina.

— Não. Você está planejando ser um escravo na lavoura — Cassidy virou os olhos.

— Óbvio. Vou funcionar em escala sazonal. E vou chamar de “colheita da primavera”. — Cassidy me acertou o caderno na cabeça.

Depois de uma enfadonha palestra de Filosofia sobre algo chamado “consequencialismo”, voltamos para Town Center. Já era meio-dia, e o tempo tinha esquentado. O céu, de um azul brilhante, tornava-se cinza-esbranquiçado à medida que se aproximava das montanhas.

Tirei a minha camisa, que vestira sobre uma camiseta, caso isso fosse um encontro amoroso.

Cassidy deu uma olhada enquanto eu enfiava a camisa colorida na mochila.

— O que aconteceu com o seu pulso? — ela perguntou.

— Nada, é só uma braçadeira — respondi, sem querer prolongar o assunto.

— Algum tipo de moda de atleta? — ela provocou. Empurrou os óculos para cima da cabeça e, de repente, ficou séria. — É por isso que sempre usa mangas compridas?

— Não, sempre uso mangas compridas porque é um tipo de moda de atleta — respondi, imitando-a.

Ela me mostrou a língua, e assim ficou com cara de criança.

— Muito maduro — eu disse. — Achei que fingíamos ser universitários.

— Agora não. Acabou a aula. Hora do almoço.

Fomos andando até o Town Center e compramos sanduíches no Lee's, uma dessas redes que a gente acha que se espalham por todo canto, mas só existe na Califórnia.

Por insistência de Cassidy, cruzamos a rua e fomos comer em uma pequena elevação de pedras e grama que ficava ao longo de um córrego, onde fizemos um piquenique à sombra de um carvalho. Numa estreita trilha acima, os ciclistas passavam correndo, e, do outro lado do córrego, outro casal fazia piquenique. Não que eu e Cassidy fôssemos um casal.

Aumentei o som dos meus fones e selecionei um álbum dos Crystal Castles, enquanto Cassidy vasculhava a grama, pegando pequenas flores brancas que foi juntando numa coroa.

— Pronto — disse, inclinando-se para colocá-la na minha cabeça.

O rosto dela estava bem perto do meu. Dava para ver as sardas que polvilhavam o seu nariz e as manchinhas douradas no inquietante azul dos olhos.

Quando se afastou para admirar o efeito da coroa nos meus cabelos, tive a leve impressão de que ela sabia como me afetava, e se divertia com a situação.

— Quando posso tirar isto? — perguntei.

— Quando me disser em que faculdade vai se inscrever — ela respondeu, maliciosa.

Dei de ombros. A pergunta era fácil.

— Provavelmente nesta aqui, ou talvez em outra do estado.

De imediato percebi que tinha dito algo errado.

— Como assim? — Cassidy perguntou. — Pra você tudo bem passar o resto da vida nos mesmos metros quadrados?

Sem saber o que dizer, tirei a coroa e fiquei observando-a.

— Bom, parece que não vou mais ser *recrutado* por lugar nenhum.

— Ah. — O rosto de Cassidy corou, e ela ficou remexendo num guardanapo por um tempo. — Desculpe; não tinha me tocado.

— Tudo bem. Qualquer universidade do estado é boa. Não faço questão de nenhuma dessas de ponta.

— Por que não? — Cassidy perguntou, curiosa. — Todo mundo de Barrows faz.

Não era o tipo de pergunta que costumava ouvir: por que não Harvard ou Yale? A resposta era óbvia: porque ninguém esperava que

eu frequentasse uma escola como essas. Nunca me interessei muito pelas coisas acadêmicas, e, mesmo quando jogava tênis, esperava que o nosso time fosse campeão estadual, não olímpico. A grande maioria dos meus colegas, e eu mesmo, nunca nem sequer vira neve na vida.

— Não acho que me enquadraria — respondi, por fim.

— Não, claro que não — falou Cassidy num tom de desprezo. — Você prefere se enquadrar entre os atletas sem cérebro que ganham torneios de popularidade na escola e as meninas insípidas que os idolatram.

— Caso não tenha percebido, eu não me enquadrando nisso também.

Cassidy começou a rir.

— Ezra, *todo mundo* já notou — ela disse devagar.

Inclinei-me e coloquei a coroa de flores na cabeça dela, deixando que a minha mão se demorasse no cabelo mais do que o necessário.

E suponho que deveria ter virado o rosto de Cassidy e a beijado, mas não fiz isso. Não consegui entender se ela estava esperando o beijo ou se realmente o queria. Preferi não descobrir.

Em vez disso, eu lhe contei como tinham sido as coisas comigo desde o acidente. Contei-lhe que havia passado quase duas semanas no hospital, enquanto o resto da minha turma terminava o ano sem mim; que eu tinha perdido o baile de formatura e as eleições de representante de classe e o luau; que a primeira cirurgia não dera certo e que a minha mãe tinha chorado quando soube que eu faria outra; que o meu treinador tinha ido ao hospital, e eu o ouvira brigando com o meu pai no saguão, culpando-me; e que os ditos amigos tinham me enviado um cartãozinho brega assinado por todos, em vez de me visitar; que os médicos tinham feito uma cena tão grande para me contar que eu não ia mais poder jogar que eu pensei que ficaria numa cadeira de rodas pelo resto da vida; que a pior parte fora voltar para a escola com gente que eu conhecia desde o jardim da infância, mas que só eu havia mudado, pois não sabia mais quem eu era nem quem queria ser.

Quando terminei de falar, Cassidy ficou em silêncio durante algum tempo. Então, aproximou-se e roçou os lábios no meu rosto.

Estavam frios por causa do refrigerante, e foi um instante fugaz. Mas ela não se afastou. Em vez disso, sentou-se bem perto e apoiou a cabeça no meu ombro. Eu sentia o bater de seus cílios no meu pescoço a cada piscada, e assim ficamos algum tempo, respirando juntos calmamente, ouvindo o som monótono do tráfego da Universidade Drive e o gorgolejar do riacho.

— Tem um poema da Mary Oliver... — Cassidy disse afinal. — Sei que não gosta de poesia, mas vai gostar desta, pelo menos da última parte.

Ela começou a recitar, a cabeça ainda no meu ombro:

Diga, o que mais devia ter feito?

Afinal, tudo não se acaba cedo demais?

Diga, o que quer fazer

Com essa sua única vida vibrante e preciosa? [4]

Ficamos olhando para o riacho e observando o casal do outro lado juntar as coisas e pegar o caminho de volta.

— Bom, que opções eu tenho? — perguntei.

— Vou consultar o oráculo — Cassidy refletiu, inclinando-se para a frente a fim de pegar uma folha de grama. Examinou-a na palma da mão, como se estivesse lendo o meu destino. — Você pode gritar feito um bárbaro em cima do telhado... ou sofrer as dores e dissabores de um destino ultrajante... ou aproveitar o dia... ou deixar o porto seguro... ou descobrir um novo mundo... ou vociferar contra a luz que se extingue... Algumas alternativas poéticas, não acha?

— E eu achando que você ia me dizer: médico, advogado, homem de negócios — gargalhei.

— Sinceramente, Ezra — Cassidy se ergueu, tirando a grama do jeans —, você nunca vai escapar do Panóptico pensando desse jeito.

Capítulo 13

Naquela noite, levei Cooper até o final de nossa rua sem saída para brincar de bolinha. Não era igual a nossas caminhadas de antes, mas parece que ele gostou do mesmo jeito. E até encontrou um coelho selvagem para caçar, mas acho que o bichinho não gostou muito do jogo, ou de ser caçado.

Quando voltei com Cooper para casa, a minha mãe estava à mesa da cozinha, com uma caneca de chá, folheando um guia de TV, embora a gente tenha pacotes personalizados.

— Aonde você foi? — perguntou.

— Até o fim da quadra — respondi, colocando água fresca na tigela de Cooper. — Pra jogar bolinha.

— Sem a guia? — Ela me olhou, horrorizada. — Ezra, está escuro! Ele podia ser atropelado!

— É um beco sem saída, então tenho minhas dúvidas.

— Olha o tom, rapaz.

— Desculpe. — Peguei um pacote de biscoitos da despensa e abri. — Quer?

— Agora não — ela respondeu. — Venha aqui e me fale da escola.

De repente, eu me arrependi de minha incursão à despensa.

— A escola vai bem — respondi, com a boca cheia de biscoito. — Mas isto aqui é horrível. Achei que fossem de chocolate.

— De alfarroba. É mais saudável. Como vão as aulas?

— Bem. Preciso de uma autorização. Tem um passeio para um torneio em San Diego na semana que vem.

— Dormir fora por causa de excursão escolar? — Ela balançou a cabeça. — Querido, sei lá... Você não tem fisioterapia aos sábados?

— É só eu ligar para o doutor Levine e desmarcar — respondi, impaciente. — E não é uma excursão; é um torneio. Entrei para o time de Debate.

Cooper choramingou por um biscoito, e eu lhe lancei um olhar dizendo: *Confie em mim, você não vai querer isto.*

— É isso que seus amigos do grêmio estudantil estão fazendo este ano? — minha mãe perguntou, animada. — Um time de debate?

— Não é bem isso. — Tentei não rir diante da ideia de Jimmy Fuller, nosso representante esportivo, ou Tiffany Wells, nosso representante de eventos sociais, andarem juntos com o meu novo grupo. — Toby Ellicot me convidou. Ele é capitão este ano.

— Ah, Toby! Não o vejo há tanto tempo. — A minha mãe fechou a revista e inclinou-se na mesa, baixando a voz num cochicho: — Diga uma coisa, ele virou gay?

Engasguei com o biscoito.

— Mãe!

— O que foi? Só estou curiosa, querido.

Encarei-a, espantado. Não é o tipo de pergunta que a gente sai fazendo por aí.

— Vai assinar a autorização ou eu peço ao papai? — pressionei.

— Deixe no balcão da cozinha de manhã. Posso levar você ao Nordstrom depois da aula. — Tinha acabado de me levantar, e fiquei paralisado quando ela mencionou fazer compras. — Ué, você vai precisar de um terno para o debate, não vai? — E minha mãe continuou, animada com a ideia: — A gente pode comprar umas roupas novas também. Os seus jeans estão muito folgados. Não quero que você tropece na barra.

Ela estava sorrindo como se o departamento masculino do Nordstrom fosse a oportunidade perfeita para nós dois passarmos um tempinho juntos. Aí, tive uma ideia.

— Na verdade — disse —, eu vou com Toby. Ele sabe do que vou precisar para o torneio.

— Ótima ideia. — A minha mãe sorriu radiante. — Use o cartão de crédito do seu pai. Os gays têm um bom gosto imenso para roupas!

— Você não pode simplesmente comprar um terno direto das araras — Cassidy me olhou, horrorizada.

Dos alto-falantes invisíveis saía a mesma música que tinha tocado na comemoração de volta às aulas, espalhando-se por todo o departamento de roupas masculinas de Nordstrom. Suspirei, indefeso diante das intermináveis araras de roupas.

— Toby — Cassidy reclamou. — Fale com ele.

— Como todos os *meus* ternos vêm do lindo ateliê da Senhora Exército da Salvação, eu não sei de nada — Toby sorriu, adorando o meu incômodo. — Mas, definitivamente, ele precisa de uma camisa rosa.

— Para o inferno com isso. Não encham o saco.

— Posso ajudar? — perguntou uma vendedora sorridente, que poderia ser a mãe de algum colega da escola.

— Na verdade, pode — Cassidy respondeu com animação. — Vocês fazem ajustes nos paletós?

Uma hora depois, o porta-malas estava cheio de sacolas de compras, e eu tinha também um ticket de alfaiataria para pegar o terno novo na semana seguinte.

— Podia ter sido pior — Cassidy disse, dando tapinhas no meu ombro quando entramos no carro. — Você podia ter gastado duas horas provando tipos diferentes de calças pregueadas com sua mãe.

— Você não conhece a mãe dele — Toby riu. — Teriam sido três horas. E um corte de cabelo surpresa.

— Quando foi que vocês dois se uniram? — resmunguei.

— Pelo visto, demoramos muito — Cassidy sorriu. — E aí, quem quer estudar para o teste do professor Anthony?

O horário de Toby na escola era o contrário do nosso; ele primeiro tinha Inglês, depois História.

— Que tal vocês simplesmente me darem as respostas no intervalo de amanhã? — Toby sugeriu.

— Que tal eu grudar a gravata-borboleta no seu pescoço? — Cassidy retrucou.

— Gostaria de ver você tentando. — Toby sorriu e ligou o rádio. — Bom, vamos dar o fora do Prisma Center agora que a gente já conseguiu o que queria.

— Vamos estudar em algum lugar ou eu deixo você na Fail Whale? — perguntei.

— Vamos estudar — Toby suspirou.

Fomos até o Legacy, um gigantesco aglomerado de lojas perto da escola. Era legal espalhar as nossas coisas na cafeteria da livraria Barnes & Noble, tomando café e estudando com outras pessoas como se fosse algum tipo de atividade social. Nunca passara por tal experiência antes.

Quer dizer, *passei*, sim, quando Charlotte insistia que a gente fizesse a lição de casa juntos na Starbucks, logo que começamos a namorar. E isso significava principalmente que ela ia ficar esfregando a minha perna por baixo da mesa até a gente ter de desistir de estudar e voltar para a casa dela, já que seus pais nunca estavam por lá. Portanto, acho que eu nunca estudei *de fato* com outras pessoas. Claro, Cassidy me provocava, fingindo que tinha mexido na minha bebida quando eu voltava do banheiro (mas não o fizera, só queria me deixar desconfiado), contudo a gente conseguia estudar pra valer.

Quando já estávamos razoavelmente preparados para o teste, era tarde.

— E aí, Faulkner? — Toby disse. — Posso estar enganado, mas acho que você vai me pagar o jantar porque eu o ajudei muito na escolha da gravata.

— Tá bom — concordei. Sempre fora assim, mesmo quando éramos moleques. Meus cinco dólares por semana tinham financiado a mania dele por certos bonequinhos de goma e cartas do Pokémon. — Vou ligar pra minha mãe avisando que não estarei em casa para jantar.

Peguei o celular, fui até a seção de revistas e rapidamente assegurei minha mãe de que não, não íamos comer fast-food, e de que, sim, tinha comprado tudo de que precisava. Mas a conversa não ia terminar tão cedo, então me sentei num banco e folhee um exemplar da *Rolling Stone* que alguém tinha esquecido, desejando que ela aprendesse a teclar mensagens.

— Sim, comprei... mocassins ou algo assim... com botões de borracha, lembrei! É, sei lá, meio castanho avermelhado. — Suspirei, torcendo para que ela perdesse o interesse. — Mãe — forcei. — Todo mundo está me esperando; vou desligar... Sim, chego antes das nove. Tá bom, tá bom. Tchau.

— Ah, cale a boca — eu disse quando voltei para a mesa da cafeteria.

— Mas eu não falei nada — Toby deu um sorriso largo.

— O seu silêncio está me julgando.

— É provável que sim — Toby admitiu.

Cruzamos o estacionamento e fomos até o In-N-Out Burger, que tecnicamente não conta como fast-food, já que temos de esperar pela comida.

— Já ouviu falar do cardápio secreto deles? — Toby perguntou a Cassidy. — Porque você pode pedir um monte de coisas. Vaca preta, batatinhas com cara de bichinho...

— Claro. — Cassidy virou os olhos. — Eu já morei na Califórnia.

— Não diga! Mesmo? — Toby brincou.

— Vocês sabem das palmeiras? — perguntei. Ambos me olharam. Forcei um sorriso. — Existem duas palmeiras plantadas em X do lado de fora de todos os In-N-Outs — expliquei. — Tem a ver com algum filme antigo de que o dono gostava, porque no filme tinha um tesouro enterrado ali.

— Que horror! Fazendo de conta que fast-food é como um tesouro enterrado — Cassidy comentou.

— Sei lá, acho legal. A maioria das pessoas não sabe disso, mas, quando a gente sabe, sempre procura pelo X toda vez que passa perto de um In-N-Out.

— É como o IHOP[5] — Toby disse. — O meu primo chama de “dohi”, que é IHOP invertido. Isso fica na cabeça da gente. Da próxima vez que você passar por um, vai ver um dohi! Vá por mim.

Imediatamente, pensei nas cadeias de hidrocarboneto da Química Orgânica; a mesma coisa de ponta-cabeça, e saber disso muda toda uma perspectiva. Quase comentei o fato, já que Cassidy saberia do que estava falando, mas não o fiz. Não porque achariam que eu era esquisito ou nerd, mas porque esse momento estava tão perfeito que não precisava de mais nada.

— Cara — cochichou Toby, quando pegamos o pedido —, sabia que Justin Wong trabalhou aqui?

Dei de ombros.

— Devem pagar bem.

Justin estava na minha classe de Matemática. Era um cara inexpressivo, exceto pelo carro — um incrível Honda turbinado, o tipo que todo mundo da escola chamava de “foguetes”.

Estávamos na máquina de refrigerante quando ouvi uma gargalhada conhecida. Fiquei tenso na hora.

— Ai, quero morrer! — Toby se apoiou na máquina, olhando para eles.

Claro. Charlotte, Evan e Jimmy se reuniam no lugarzinho perto da janela onde sempre costumávamos sentar quando vínhamos aqui.

— Acha que devemos pedir pra viagem? — Toby cochichou.

— E ir pra onde? — perguntei. — Não quero hambúrguer no meu carro porque vai ficar com *cheiro de hambúrguer*, não quero correr esse risco!

— A gente pode guardá-los no porta-malas — Toby sugeriu, em desespero.

— Não vou comer hambúrguer que ficou no porta-malas de ninguém — disse Cassidy.

— Podemos comer no estacionamento — disse Toby.

— E não seria nada óbvio... — virei os olhos. — Eles estão bem na janela.

Ficamos embolados junto da bisnaga de ketchup, dando uma olhada para a mesa. Eles tinham acabado de fazer o pedido e obviamente não sairiam tão cedo.

Um dos funcionários do In-N-Out, um garoto de outra escola, levou mais três hambúrgueres e batatas fritas para a mesa deles.

— Oi, Ezra — chamou Justin Wong. — Ângelo levou o pedido para a sua mesa.

Encarei Justin, sem compreender. E aí me dei conta de que aqueles sanduíches eram os nossos.

— Maravilha — respondi, sem graça. — Obrigado.

— Que merda! — Toby xingou baixinho.

— Bom, vamos lá — eu disse, como se estivéssemos hesitando diante de um velório.

— Ah, nossa, quer dizer que vou ficar com os seus antigos amigos? — Cassidy sorriu com ironia.

— Comporte-se — avisei.

— Do jeito que você fala, parece até que escovo os dentes e afio a língua toda manhã — Cassidy reclamou.

— Tá mais pra escovar os dentes e embotar a inteligência — disse Toby.

Foi Evan quem nos viu primeiro. Fazendo a voz de barítono ecoar pelo restaurante todo ao erguer o refrigerante no ar em um tipo de brinde, ele gritou:

— E aí, Faulkner! Senta a bunda aqui, cara!

— Oi — eu disse, acanhado, enquanto nos arrastávamos até a mesa.

— E aí?

— Só relaxando — Evan respondeu.

Jimmy fez um sinal de cabeça animado. Estava comendo um sanduíche tipo 4 x 4 animalesco, grudento, do qual escorria um monte de carne e molho. Na bandeja havia outro sanduíche idêntico, porque talvez um só não bastasse. Ele deu uma mordida, e me lembrei do vídeo no YouTube de um leão da montanha comendo uma gazela.

— Que engraçado — eu disse —, Justin mandou a nossa comida pra mesa de vocês.

— *Quem?* — Charlotte perguntou, meio confusa.

— Justin — repeti. — O cara do balcão. Ele é da nossa escola.

Não sei como ela não sabia quem era. Depois lembrei que Charlotte sempre fez isso, fingir que não sabia de que colega a gente estava falando, como se estivesse acima desse tipo de lembrança.

— Ah — Charlotte franziu a testa, sem interesse. — Bom, tanto faz. Estão aqui. Juntem-se a nós.

— É, cara, tem espaço de sobra. Se enfia aí — disse Evan.

Não tínhamos combinado, mas eu sabia que o plano era pegar os sanduíches e calcular que mesa ficava mais longe daquela, o melhor lugar para curtir o nosso jantar. Mas não podia recusar o convite. Não depois que tinha sumido sem explicações desde que as aulas haviam começado.

— Tudo bem — concordei, encolhendo o ombro e me ajeitando no banco. Senti a mão de Cassidy na minha manga, como se quisesse me dizer que ela se sentaria primeiro, para que eu ficasse na ponta, mas cerrei os dentes e escorreguei pelo assento de couro, pois não queria que meus amigos soubessem como estava inútil. — Onde está Jill? — perguntei, desembrulhando a comida. Virei metade das batatas na bandeja e, sem dizer nada, passei para Cassidy a embalagem de papel, já que estávamos dividindo.

Charlotte me observou dividindo a embalagem de batatas como se isso fosse significativo.

— Ficou presa com alguma merda administrativa, nem sei o quê. Mas a gente vai poder conhecer a sua nova amiga. — O sorriso de Charlotte era puro veneno, enquanto mexia o milk-shake.

Começamos a comer. A três mesas dali, um garoto grande demais

para a cadeirinha alta que ocupava gritava que queria sobremesa, enquanto seus pais comiam calmamente, ignorando-o.

— Faulkner, você não foi à minha festa! — Jimmy reclamou.

— É, desculpe. Como foi?

— Connor MacLeary apareceu bêbado e jogou o barril na piscina. — Jimmy balançou os ombros, filosoficamente. — E o chato do meu vizinho chamou a polícia. Tivemos que fingir que era um churrasquinho da paróquia.

— E funcionou? — Toby perguntou, confuso.

— Não. — Jimmy deu outra mordida no sanduíche.

— E aí, *Cassie* — Charlotte disse, animadamente. — De onde você veio? Chino? Compton?

Cassidy sorriu diante do insulto, como se achasse Charlotte muito engraçada.

— São Francisco — Cassidy respondeu. — Mas já morei em um monte de lugar, na verdade. Londres, Zurique, até mesmo na Louisiana por uns dois anos.

— Ah — Charlotte ficou meio sem graça enquanto pensava nisso. — Sempre quis conhecer a Europa.

— Bom, pra onde a escola de vocês viaja? — Cassidy quis saber. Mas todos nós a olhamos sem entender. Então ela perguntou, surpresa: — Vocês não viajam? O terceiro ano não vai à Espanha ou a algum outro lugar para passear por museus e igrejas durante uma semana?

Eu comecei a rir.

— Vamos para Six Flags.

— Ainda bem que não é a Disney — Charlotte comentou suavemente, com uma olhada na direção de Toby.

Nesse momento, Evan caiu na gargalhada.

— Menina, que veneno — ele engasgou, espirrando comida e tentando se controlar.

— E você adora — retrucou Charlotte, tocando a ponta do nariz de Evan com o indicador. Foi tão meigo que eu quase vomitei em cima da minha adorável pilha de batatas.

— E aí, todo mundo estudou para o teste do professor Anthony? — perguntei sem pensar, querendo logo mudar de assunto.

— Que teste? — Jimmy, nervoso, perguntou.

— PA Euro — Cassidy respondeu.

— Cara, nenhum de nós faz essa. — Evan deu um risinho, enchendo a boca com um punhado de batatas fritas.

— É o terceiro ano — Jimmy disse. — Só tenho cinco matérias contando o tênis.

— Contando o tênis! Haja colhões! — Toby resmungou.

Cassidy riu com desdém, e eu tentei não rir.

Evan estendeu a mão e roubou um punhado de batatas do prato de Charlotte. Ela fingiu um beicinho e deu um tapa de leve na mão dele, que enfiou tudo na boca, rindo.

— Estou com fome — Evan disse, desculpando-se. — Treinei duro esta tarde.

— Foi mesmo! — Jimmy confirmou. E ambos bateram os punhos engordurados no porta-guardanapo. Toby recuou.

— E aí, Ezra, por que não está mais se sentando com a gente no almoço? — perguntou Charlotte.

Todos os olhos se voltaram para mim. Dei de ombros e tomei um gole da minha bebida, ganhando tempo. A família com o garoto gritando deixou as bandejas e o lixo ao se levantar.

— É que... — comecei, sem saber como continuar.

Ela queria mesmo que eu dissesse em voz alta? Que para mim tudo aquilo parecia esquisito, como se só me quisessem por perto por pena? Que tinham sido péssimos amigos quando eu estava no hospital? Que ela tinha me sacaneado na noite do acidente e que eu a culpava um pouquinho pelo que tinha acontecido? Que, se fosse preciso dizer, eu preferia almoçar na maca da enfermaria a testemunhar diariamente ela se sentando no colo de Evan?

Felizmente, Toby me salvou.

— Faulkner está no time de debates agora.

Todos caíram na risada, como se Toby tivesse dito que eu tinha me reunido com os meninos que traziam os laptops para a escola a fim de ficar jogando durante o almoço.

— Cara, é mesmo? — Evan perguntou.

— Claro — respondi. — Por que não?

— Podemos conversar? — Charlotte pestanejou, curvando a boca num sorriso perigoso.

Espontaneamente, Cassidy e Toby se levantaram para que eu saísse

do banco. Num silêncio pesado e constrangedor, segui Charlotte até o balcão de condimentos.

Não tínhamos mais nos falado. Não desde a festa do Jonas Beidecker, quando ela correria atrás de mim, insistindo que não desistisse do baile. E havia tanto para dizer, e não dizer, que eu nem sabia por onde começar. Mas Charlotte obviamente sabia.

— O que acontece com você? — ela perguntou. — Fica saindo com *Toby Ellicott* e fazendo parte do time de debate?! — Charlotte ainda usava a minissaia do grupo de torcida, fitas emoldurando o rabo de cavalo e uma patinha azul pintada na bochecha. Mas a expressão dela não sugeria animação. — E aí? — ela insistiu, esperando uma explicação.

Mas, do meu ponto de vista, eu não devia justificar nada a ela. Nada sobre algo tão trivial, que era com quem eu almoçava.

— Então, você e o Evan — retruquei. — Maravilha. Vai ter o meu voto pra rainha da escola.

— Dá licença! — Charlotte protestou, com veemência demais. — Não é por isso que estamos juntos.

— Claro que não. — Mantive o sorriso firme, percebendo como o meu comentário a havia enfurecido.

— Isso é um absurdo — ela revidou. — Você devia voltar para a nossa mesa de almoço. O seu lugar não é com esses perdedores. Traga até a sua namoradinha da pré-escola. Não me importo.

— Não são perdedores. E Cassidy e eu somos apenas amigos.

— Sei... — Charlotte riu. — Porque um *monte* de meninas olha pra você e pensa: Taí um cara de quem gostaria de ser *só amiga*.

— Do que está falando?

Tinha certeza de que a maioria das meninas me via e pensava: *É o cara que quase morreu na festa do Jonas. Costumava ser uma estrela do esporte, mas agora está aleijado. Que pena!*

Ergui a sobrancelha, esperando que Charlotte enunciasse o que todo mundo andava dizendo. Em vez disso, ela suspirou e sacudiu a saia como se eu a irritasse. Reconhecia esse gesto, dos tranquilos tempos em que começamos a namorar.

— Pelo amor de Deus, Ezra! Se ligue! Você está todo mal-humorado e depressivo agora, e nem me pergunte por quê, mas sombrio, profundo e tortuoso funcionam *completamente* pra você. Você poderia ter quem quisesse, então se livre desses marginais e pare de ficar de mau humor por causa do seu joelho distendido.

Meu joelho distendido, certo. Sem saber o que comentar, fiz o que sempre fazia com Charlotte — com todos os meus amigos, na verdade: dei de ombros e silencieei.

— Escute — ela disse, aproximando-se e fazendo um beicinho charmoso. — Vou dar uma festa na próxima sexta. — Você vai, tá?

Agora eu tinha *certeza* de que ela estava me paquerando. E eu não queria nada com isso.

— Na verdade, não. Estarei ocupado.

— Fazendo o quê?

— Num torneio de debate — respondi, com prazer. — O fim de semana inteiro, infelizmente. Fora da cidade.

— Você não está falando sério.

Inclinei-me, diminuindo a distância entre nós e ciente de que iria embora depois de dizer isto:

— Tão sério quanto um acidente de carro.

Dei-lhe o meu melhor sorriso e voltei para a mesa.

Enquanto voltávamos para o meu carro, só me virei uma vez. O sol se punha, e as luzes entre as palmeiras do estacionamento estavam recém-acesas. Mas mesmo nessa noite purpúrea, com o brilho de milhares de lampadzinhas refletidas na janela do In-N-Out, eu os via ali no canto que tinham ocupado apenas para os três. A comida deles tinha acabado, mas guardavam a melhor mesa do lugar como se ela lhes pertencesse pelo tempo que desejassem.

Não muito tempo atrás, eu estaria ali com eles, devorando um sanduíche duplo depois do treino, mergulhando as minhas batatas fritas no milk-shake só para que Charlotte guinchasse de nojo. Teria gargalhado das palhaçadas de Evan e Jimmy, porque a gente sabia que eles agiam assim só para ver quanto eu demoraria para fazê-los parar.

— Vamos ser expulsos — eu avisaria, balançando a cabeça. — Eles vão tirar uma foto nossa usando esses chapéus de papel idiotas e pendurá-la na parede para nos envergonhar.

E talvez, assim que Justin Wong viesse retirar as bandejas, eu lhe pediria desculpas com o olhar, quando os demais não estivessem vendo, sabendo que não nos comportamos bem, mas tínhamos nos safado mesmo assim.

— Bom, foi uma beleza de desagradável — Cassidy comentou, sentando-se no banco da frente.

— Bem-vinda a O.C.[6], vadia — Toby propôs.

— Vamos embora. — Liguei a música, pois não queria falar de nada. A estação de rádio da universidade local tocava Arcade Fire, que cantava sobre a vida nas periferias. Concentrei-me na letra até chegar a Princeton Boulevard.

— Estepicursor — Toby observou. — Cinquenta pontos se você acertar.

— Na União Soviética — eu disse, com um sotaque horrível.

— Não tem estepicursor na União Soviética — Cassidy comentou. — Mas, falando de KGB, o que foi aquilo com a sua ex-namorada?

Dei um riso abafado.

— Ela me informou que eu estava subvertendo o *status quo*. E também que vai dar uma festa na próxima sexta.

— Nós também — Toby disse. — E eu garanto que a nossa vai ser muito melhor, e muito mais exclusiva.

— Com certeza — Cassidy garantiu. — Você ainda vai ter que experimentar a maravilha de uma festa num quarto de hotel.

— O meu único arrependimento na vida — respondi.

— Não sei, não — Toby provocou. — Aquele topete que você tinha aos onze anos era bem ruim.

Cassidy riu.

— Ele está mentindo — eu disse. — Fisicamente, é impossível o meu cabelo formar um topete.

— Desde quando? — Toby riu com desdém.

— Desde que você começou a mentir sobre ele — retruquei, entrando no estacionamento da escola, que estava quase lotado por causa do jogo da noite.

— Pode deixar que levo Cassidy para casa — Toby disse, procurando as chaves.

— Eu estou *bem* — Cassidy protestou. — Não sei por que vocês têm tanto medo de coiotes.

— Não tenho — Toby disse. — Tenho medo de que Faulkner se ofereça para guardar a bicicleta no porta-malas de novo. A gente sabe que ele vai se matar fazendo isso.

— Você é um babaca — revidei.

— Pelo menos eu não tinha topete aos onze anos!

Capítulo 14

Eu e Cassidy nunca contamos a ninguém onde tínhamos passado o dia de treinamento dos professores. Não juramos manter a realidade em segredo nem nada, mas parecia um momento estranhamente pessoal, emaranhado nas coisas que eu tinha confessado e no breve instante em que ela encostara seus lábios no meu rosto. No entanto, de algum modo, Toby percebia que alguma coisa havia acontecido entre nós, e não estava muito animado com isso.

— Foi por isso que eu a levei para casa — ele me explicou na fila do almoço, na sexta. — Ela... ela não é como você pensa. É imprevisível.

— Então, pare de *prever* que ela vai me destruir — respondi, pagando meu almoço à funcionária. — Do que se trata, afinal? Vocês se conhecem tanto assim?

— Biblicamente, Faulkner. A gente se conhece biblicamente.

— Ah, sei. Com certeza.

— Bem, os nossos times se encontravam às vezes. Um convidava o outro quando fazíamos festas no quarto — Toby explicou. — E namoricos acontecem... ou como quiser chamá-los. Ela agia como se um dia fosse insuficiente para certa pessoa, e depois perdia o interesse completamente. Cassidy deixa uma trilha de corações partidos e não percebe ou não está nem aí.

Peguei o troco com a funcionária.

— É esse o problema? Meu Deus, lembre-me de nunca te contar o que acontece num acampamento de tenistas — comentei, pegando guardanapos.

— Eu faria uma piada com um sabonete que cai no chão, mas acho que as funcionárias não iam gostar. — Toby pegou uma embalagem de

frango e deu uma fungada nela antes de entregar o dinheiro amarfanhado. — Alguma coisa mudou em Cassidy este ano; não sei o quê, mas tenho um mau pressentimento. Então, o que você acha? Este frango é genérico ou algum tipo específico que se esqueceram de identificar?

— Tem uma cara nojenta.

— Claro. Mas essa nojeira lembra alguma coisa? — Toby insistiu, esperançoso. — O frango do General Tso, talvez?

Dei uma olhada nele de novo.

— É um frango genérico nojento — comentei.

— Humm — Toby olhou para ele, chateado. — Acho que tem razão.

Passei o final de semana soterrado numa pilha de lição. Moreno queria um “ensaio aplicado” sobre o *Gatsby*, que aparentemente era diferente de um ensaio normal, provavelmente porque não existia. O professor Anthony queria cinquenta palavras-chave até terça, escritas à mão, para que não usássemos copiar-colar. E eu tinha uma lição de casa de cálculo. O único ponto alto foi domingo à noite, quando Cassidy finalmente mandou um código Morse da janela do seu quarto.

“Oi”, ela disse, piscando duas vezes. “Oi, Oi”.

Ainda me lembrava do código Morse dos tempos de escoteiro, então caminhei até o interruptor da minha luminária e pisquei “Oi” para ela, imaginando e meio desejando que ela me pedisse para sair e encontrá-la no parque. Mas a janela continuou escura depois da minha resposta, ainda que ela soubesse que eu estava ali, olhando. Então, fui dormir pensando em Cassidy, na curva de suas costas num leve vestido de algodão, no cabelo puxado numa coroa de tranças, nela pulando do alto do balanço, caindo na ponta da caixa de areia e fazendo um giro perfeito por toda Eastwood, Califórnia, enquanto eu ficava ali, preso à melancolia, observando adormecido.

Toby convocou o time de debate para dois treinos depois da escola naquela semana. Na terça, formamos duplas para simular os debates, e eu caí com Phoebe. Cassidy fez as vezes de juiz, sentando-se de pernas cruzadas na mesa da professora Weng e brincando com as franjas do cachecol.

No dia anterior, Toby tinha acabado de me ensinar a ter fluência, e ir fazendo anotações, e eu ainda estava usando uma daquelas planilhas quadriculadas. E por isso eu me sentia remediado. A única coisa boa é que Phoebe, que eu imaginava que iria acabar comigo, acabou se saindo surpreendentemente péssima no debate, e só havia

competido em um torneio até então. Depois de nossos comentários finais, entregamos as anotações a Cassidy e fomos ver o armarinho de troféus do fundo da sala.

Os mais impressionantes ali eram o legado de estudantes formados há muito tempo. O que um dia fora um time campeão acabou se transformando no destino de uns nerds, que participavam do campeonato mais por diversão do que pela glória. Jamais conseguiria imaginar uma coisa dessas no time de tênis da escola — nem de qualquer time esportivo, na verdade. *Você se diverte se você está vencendo*, costumava dizer o meu pai, como se fosse possível controlar tais coisas.

— Algum desses é recente? — perguntei a Phoebe, indicando o armário.

— Uns dois. O pequeno e engraçado é de Toby. E a placa é de Sam e Luke, que são uma boa equipe de debatedores na verdade, se Sam não se empolgar com suas ideias republicanas. — Ela riu um pouco. — Você é surpreendentemente bom falando em público, sabia?

— É, bom, você tem um estilo aceitável, mas a fluência é confusa — disse Cassidy, descendo da mesa da professora Weng e nos devolvendo as anotações. Parecia que a caneta dela tivera uma hemorragia no meu papel, enquanto no de Phoebe havia apenas algumas marcas. — E você é o oposto — Cassidy continuou, franzindo o cenho para Phoebe. — A estrutura dos tópicos é consistente, mas o estilo não convence. Vamos ver como vocês se saem com um tema diferente.

Praticamos até as quatro e meia da tarde, quando Austin tinha aula e eu precisava ir para a fisio, embora tenha dito que era dentista. Sei que não é preciso se envergonhar de fisioterapia, mas ainda tinha cara de “terapia”, como se eu precisasse de ajuda profissional para funcionar.

Pelo menos era só fisio, e não uma dessas seções de aconselhamento pós-trauma que o hospital tinha insistido que eu frequentasse depois do acidente. Não dava para aguentar, mas eu tinha de aprender a gostar de ir uma vez por mês ao Dr. Cohen, o psicólogo mais maluco do mundo. Sério! Os dentes dele eram tão brancos que provavelmente brilhavam no escuro.

Então, timidamente, fui dirigindo até o centro médico, onde fiquei uma hora fazendo bicicleta e esteira, enquanto ouvia áudios de exemplos de debates que Toby tinha me dado, e tentava não pensar em Cassidy. Ela se comportara como se nunca tivesse ficado chateada por eu tê-la inscrito no time de debate, e eu não conseguia entender se apenas reagira de modo exagerado ou se estava escondendo a raiva.

Talvez Toby estivesse certo: ela era imprevisível. Mas tinha minhas dúvidas. Porque, toda noite, por volta das onze, do outro lado da Meadowbridge Park, o quarto de Cassidy ficava escuro, e a lanterna piscava o mesmo cumprimento em código Morse: “Oi, Oi”. Nada mais. O início de uma conversa inacabada cujo controle eu não tinha coragem de assumir.

Fui dormir todas as noites daquela semana esperando que, independentemente do que houvesse entre nós, começasse a viajar na velocidade da luz. Mas isso não aconteceu.

Como sempre, ela me deixava querendo mais e imaginando como seria se eu conseguisse.

Capítulo 15

O torneio estava ocorrendo em SDAPA, a Academia de Artes de San Diego. Era um campus ao estilo das Missões, cheio de arcos de adobe e mosaicos de ladrilhos. Eu achava que ia ser possível ouvir o estrondo das ondas do estacionamento.

Atrasados por causa do trânsito, mal tivemos tempo de trocar de roupa. Cassidy, Phoebe e eu nos trocamos nos banheiros, enquanto o resto do grupo corria para se apresentar.

À nossa volta, o campus tinha se transformado num centro frenético de estudantes usando ternos e uniformes de escolas particulares. Passamos por dois sujeitos que puxavam um carrinho de arquivos empilhados e presos com uma corda, e por uma garota que recitava um monólogo junto de um muro de tijolos. O lugar inteiro exalava desespero, os últimos minutos dos preparativos, que me lembravam da manhã em que eu havia prestado o SAT[7].

Vesti o meu terno e, tive de admitir, caía-me muito melhor do que os que eu tinha alugado para bailes. As meninas demoraram mais, e eu fiquei alguns constrangedores minutos do lado de fora do banheiro, como uma espécie de guarda-costas, esperando que se aprontassem.

— Uau! — Phoebe disse quando finalmente apareceram. — Tem gente que fica adorável de terno.

— Mentira, pareço um senador — reclamei, ajeitando o colarinho.

— Um senador liberal — Cassidy me garantiu. — O tipo que se envolve num escândalo sexual com uma prostituta de alta classe.

E foi então que eu vi como Cassidy havia se arrumado: dourado e nervuras vermelhas no suéter, listas combinando na gravata, a saia cinza do uniforme e um blazer no estilo da marinha dobrado no

braço...

— Esta é a gravata da Grifinória? — perguntei.

— E um suéter da propaganda oficial de Harry Potter — ela confirmou, presunçosa.

— A professora Weng vai fazer você trocar — Phoebe disse.

— Não pode — Cassidy sorriu. — Não estou fora do código de vestimenta. Tecnicamente. Vamos lá, Cedric.

Fomos para a cafeteria, onde todos os times se reuniam, e então me dei conta de que me sentia nervoso. Profundamente, terrivelmente nervoso. Não em relação a me sair bem no torneio, pois sabia que isso não tinha jeito. Nervoso por não entender o que havia de tão maravilhoso em vestir um terno e falar sobre governo. Nervoso, no final das contas, por não pertencer de fato a esse grupo de amigos. Porque estava destinado a ser sempre uma pessoa cujas características determinantes tinham sido perdidas para sempre aos dezessete anos, ao invés de encontradas.

A cafeteria estava lotada, e Cassidy segurou-me pela mão quando entramos. Lancei-lhe um olhar; ela parecia tão diferente da moça que havia colocado uma coroa de flores na minha cabeça e dissera que eu fizesse um pedido para uma estrela de papel. Pela primeira vez, Cassidy parecia no seu limite.

Toby nos viu e acenou da mesa de nosso time, onde a professora Weng rapidamente nos informava da programação: teríamos duas rodadas preliminares naquela tarde, depois mais duas na manhã seguinte, e em seguida duas rodadas finais e a cerimônia de premiação.

— Cassidy, o que está usando? — a professora Weng perguntou.

— A minha gravata de Oxford? — Cassidy franziu a testa, o perfeito retrato da confusão. — É do meu curso do verão.

Não sei como todos nós demos um jeito de não rir enquanto ela se safava, mas conseguimos. Então, uma comoção tomou conta do outro lado da cafeteria: a primeira rodada tinha sido publicada. A sala virou um completo caos enquanto trezentos jovens se agitavam para dar uma olhada.

Cassidy insistiu que eu ficasse para trás, então permaneci com a professora Weng, constrangido, até que ela voltasse brandindo um papel roxo com o número da minha sala anotado.

Encarei o papelzinho mais nervoso ainda.

— Vai dar tudo certo — Toby disse, batendo nas minhas costas. —

Nós somos péssimos, lembra? Vai lá perder uma pelo time.

Eu ri, sentindo-me um pouco melhor. Eu podia fazer isso. Era só um discurso, algo que sempre fizera nas reuniões e confraternizações. Um discurso numa sala onde quase ninguém estava ouvindo. Um discurso que nem tinha sido escrito, portanto não precisava me preocupar se esquecesse alguma coisa.

Dei uma olhada em Cassidy para ver como ela estava se aguentando, já que estivera estranha o dia todo. Sua palidez sugeria um iminente desmaio, e a expressão era de susto.

— Você está bem? — perguntei.

— Estou bem — respondeu, tentando sorrir. — Não se preocupe comigo, pequeno *protégé*. Vá em frente, voe.

— Bem, boa sorte — eu disse.

— Merda pra você! — Cassidy exclamou, como se diz no teatro, brincando enquanto eu me dirigia ao edifício A.

Escolhi um caminho para evitar as escadas principais e acabei me confundindo. Fui parar no corredor da ala leste por engano, bastante chateado comigo mesmo enquanto voltava pelo saguão de um terceiro andar. Aí vi Cassidy.

Ela estava de costas, perto de uma fonte decrepita, e falando com uma professora que não reconheci, a qual apoiava a mão no ombro de Cassidy, a expressão tão séria que não ousei interromper.

— ... ficamos tão sentidos quando soubemos... — ela estava dizendo —, mas é maravilhoso ver você de volta, competindo de novo.

— Obrigada — Cassidy murmurou.

Hesitei, percebendo que se tratava de uma cena que eu não deveria ter presenciado, e então Cassidy se virou.

— Oi — ela disse, constrangida. — O que está fazendo aqui?

— Tentando encontrar o corredor oeste — admiti.

— Por aqui — Cassidy respondeu. — Vou te mostrar.

Ela me conduziu, dobrando os corredores, e as letrinhas da sala seguinte mudaram de “leste” para “norte”.

— O que foi aquilo? — perguntei.

— Não tenho ideia — Cassidy deu de ombros. — Na verdade, ainda bem que você apareceu. Aquela professora que eu nem sequer sei quem é me segurou. Ficou me chamando de Elizabeth e agindo como se minha mãe tivesse câncer.

— Esquisito.

— Deve haver alguma escola que tem mesmo o uniforme da Grifinória — Cassidy sorriu, puxando o suéter. — Bom, “oeste” deve ser na virada ali. Preciso voltar.

— Te vejo mais tarde, Elizabeth! — gritei-lhe.

— Detesto você — ela gritou de volta.

Quando voltei para a mesa depois da minha rodada, Toby, Austin e Phoebe já estavam lá. Phoebe tinha desenterrado uma caixa de balinhas de fruta, e me ofereceu um pacotinho.

— Obrigado — disse, abrindo-o. — Não via isso desde criança.

— Esse é o ponto — Phoebe retrucou, dando um amplo sorriso. — Tem gosto de infância.

— E aí, como foi?

— Bem, eu acho. É estranho. Não sei dizer se ganhei ou perdi.

— Acontece às vezes. — Austin tirou os olhos do joguinho. — Mas eu *definitivamente* perdi. Fiquei com um desses idiotas de Rancho que usam brochinhas da Liga Nacional de Retórica na lapela. Foi um desastre.

— Uma merda — ajudei.

Austin deu de ombros e engoliu um punhado de balas.

— Tudo bem — ele disse, mostrando o joguinho. — Consegui, tipo, três passes para andar, mais um código para destravar, então eles que se danem.

Phoebe virou os olhos.

— Austin acredita que ganhar ou perder em binário não é significativo quando se tem um recorde maior a bater.

— É isso mesmo — Austin disse, cumprimentando-a com seu estilo.

— Então, Austin — Toby perguntou —, você bate o próprio recorde todo dia?

Foi tão malicioso que todos nós rachamos de rir.

— Você está me perguntando se sou um debatedor *master*, Ellicot? — Austin replicou.

Nesse ponto, estávamos todos quase histéricos. E foi assim que Cassidy nos encontrou, rindo tanto que fazíamos esforço para não engasgar.

Luke e Sam voltaram de suas rodadas dez minutos depois, já que os times de debates levam um pouco mais de tempo. Quando chegaram à mesa, estávamos grudados no iPad de Austin assistindo a vídeos ridículos do YouTube e nos alternando para mostrar os nossos preferidos.

A segunda rodada foi publicada, e mais uma vez Cassidy correu para pegar o número da minha sala. Acho que ela estava tentando ser útil, mas era um pouco de exagero. Porém, não tive coragem de lhe dizer. Então, aceitei o papel com o número da sala e tratei de me encaminhar para debater com um desses tais Rancho, um calouro magricela com um Blackberry preso na cintura, como se já administrasse uma empresa. *O inimigo*, pensei, percebendo que já começava a desenvolver um sentido de lealdade ao time.

Acabamos debatendo economia de mercado livre, que definitivamente não era o meu ponto forte, e argumentei a favor de novo. Achei que consegui apresentar bem o argumento, mas, assim que ele ajustou o cinto, arrumou a gravata e me lançou um olhar como se esperasse que eu me ferrasse, sabia que era o fim. Ele acabou comigo.

Foi muito frustrante, sobretudo sabendo que, se eu estivesse numa quadra de tênis, acabaria com ele, dando uma cortada e fazendo com que corresse feito louco. Mas era um debate, e os meus superpoderes não existiam. Quase desejei que ele debatesse com Cassidy em sua ridícula roupa de Harry Potter, de modo que ela apagasse aquela cara afetada dele.

Capítulo 16

— **A**ntes de entregar a vocês as chaves dos quartos, aqui estão as regras — disse a professora Weng, decidida a nos humilhar no alvoroçado saguão do hotel. — Os quartos não são mistos. Se eu descobrir alguma coisa, estão fora do time. Podem jantar no restaurante do hotel ou no shopping do outro lado da rua. Se forem ao shopping, devem voltar às oito. Nada de sair à noite e nada de cigarros, e nem quero saber se já podem comprar cigarros. Vamos nos encontrar aqui, amanhã cedo, às 7h45. Qualquer despesa no quarto é responsabilidade de vocês. Entendido?

Resmungamos que sim, e ela nos passou seu número do telefone antes de entregar o envelope das chaves a Toby.

— Estou no quarto 39 — a professora avisou antes que pegássemos o elevador. — Se houver alguma emergência.

Cassidy riu, botando a mão na boca.

— Desculpe — ela disse —, mas um dos idiotas dos Rancho me convidou para uma farra no quarto deles. Disseram que era número 37.

A graça do que ia acontecer nos acertou em cheio.

— Coitada da professora Weng — Toby comentou, chateado. — Como é que vai conseguir ler sossegada aqueles romances devassos, na banheira, com aqueles bagunceiros jogando Beer Pong no quarto ao lado?

— Cara — eu disse, já me encolhendo. — Que visão medonha!

— É sério! Mas ela prefere isso — Austin retrucou. — Concordou em treinar debates para ter uns momentos de paz. Weng mora com os pais, cara. Ela iria assessorar o time de luta livre se isso significasse

um quarto de hotel uma vez por mês.

— Ela sempre pergunta na recepção se o quarto tem banheiro — Toby disse. — O primeiro que rir perde cinquenta pontos.

— Pra que servem esses pontos? — finalmente perguntei.

Achei que a pergunta era pertinente, mas parece que não, pois todos ficaram me encarando, horrorizados.

— Ah, Ezra — Cassidy pareceu chateada. — Agora você acabou de perder os seus.

— É possível ter pontos negativos? — perguntei, quando o elevador abriu e nos deixou no quarto andar.

— Não tenho permissão para explicar as regras do jogo — disse Toby. — Nem para reconhecer se estamos ou não jogando alguma coisa. Vamos lá, pessoal.

Tínhamos dois quartos, e bem próximos um do outro. Os meninos marcharam para um; as meninas, para o outro.

— Hum — eu murmurei, avaliando as duas camas de casal e tentando não falar o óbvio: éramos cinco.

E então Luke abriu uma porta que parecia um closet, mas que na verdade dava para o quarto das meninas.

— Oi — disse Phoebe, enquanto ela e Cassidy se juntavam a nós.

E finalmente percebi que ninguém tinha a intenção de conservar a separação dos sexos.

— Todo mundo pronto para jantar? — Toby perguntou.

— Não vamos trocar de roupa? — Dei uma olhada no meu terno.

— Não — Phoebe respondeu, sorrindo. — Rito de passagem. Jantar no time com uniforme de time. E, se você sujar, problema seu.

— Ela diz isso — Luke confidenciou —, mas na verdade passa a camisa de todo mundo de manhã, se a gente pedir com educação.

— Passo coisa nenhuma! — Phoebe pegou um travesseiro e jogou nele.

O shopping center do outro lado da rua não era ruim, mas eu me senti muito constrangido com os sete de nós usando terno. Bem, seis de nós, e uma com uniforme de Hogwarts. Acabamos indo ao Cheesecake Factory, sem dúvida uma escolha esquisita, pois havia um Denny's e um Burger King. Não costumávamos falar disso, mas eu sabia que Toby nunca tinha muita grana.

— Quem quer entradas? — Toby perguntou alegre, escancarando o

cardápio imenso. Ele percebeu a minha expressão e começou a rir.

— O jantar é por conta do Faulkner.

— Não tem graça — retruquei. — Nem o pessoal do tênis faz isso com os novatos.

— Relaxe — Toby mostrou um cartão de crédito. — Vai sair do orçamento do time. Aliás, coisa que você tecnicamente aprovou no último mês de abril. Com bastante generosidade, devo acrescentar.

— Ah, certo — concordei acanhado. — Eu tinha aprovado o orçamento dos times, realmente. — Entrada pra todo mundo, então. Podem me agradecer depois.

— Na verdade, o novato paga a bebida — Luke me disse.

Phoebe balançou a cabeça.

— Ele está brincando.

Pedimos algumas entradas, e todo mundo me contou sobre a rivalidade com os tais Rancho.

— Eles odeiam a gente — disse Austin. — Acham que não levamos o debate a sério.

— A gente *não* leva o debate a sério — Sam falou arrastado.

— É, mas antes a gente levava — Austin explicou. — Durante o nono ano, éramos como times irmãos, ou sei lá o quê. Antes do seu tempo.

Sam e Phoebe estavam no segundo ano; eu sempre me esquecia disso.

— Naquela época, debate era uma porcaria — disse Luke. — O treinador Kaplan revistava os quartos de surpresa.

— Era uma droga — Toby concordou. — Coitado do Kenneth Yang.

— O que aconteceu com Kenneth Yang? — Cassidy perguntou, bebendo um pouquinho.

Todo mundo suspirou, e eu tive a impressão de que era uma história que já tinham ouvido zilhões de vezes. Mas Toby quis contá-la de novo, abrindo um enorme sorriso:

— Bom, o treinador Kaplan entra às duas da manhã, pra ter certeza de que estava todo mundo na cama, porque o Kenneth Yang tinha feito uma tremenda exibição ao trazer com ele o tabuleiro do Banco Imobiliário. Então o treinador está, tipo, “Abram a porta! Seus merdinhas, sei que estão jogando aí”, e ninguém abre a porta porque tinha bebida *em todo canto*. Então, ele acorda todo mundo do *quarto*

ao lado, e entra com tudo, e dá com Kenneth Yang com três gravatas em volta da cabeça, fazendo umas misturas de saquê enquanto passava a calça. — Todo mundo se esborracha de rir. E Toby continua: — E o treinador Kaplan fica, tipo, “Que merda é essa Yang?”. Porque o Kenneth Yang era o capitão do time na época e um dos melhores debatedores de planos políticos. E aí o Kenneth Yang, com as três gravatas ainda na cabeça e com uma maldita cueca, olha para o treinador e diz: “Não é o que está pensando. Recebi um cartão de azar no Banco Imobiliário, treinador”.

A essa altura, até a Phoebe estava engasgando com o refrigerante.

— E o que aconteceu? — perguntei.

— Uma semana de suspensão — disse Toby. — E ele foi expulso dessa competição externa pelo resto do ano. Carly Tate assumiu o posto de capitão. E ela tinha ficado com o capitão dos Rancho no ano anterior, então foi meio esquisito.

— E então, Tropa de Dragões, por isso os Rancho são o inimigo — explicou Austin.

— E por isso o portão dos inimigos foi baixado — Luke acrescentou, recebendo olhares enviesados em troca, por razões que não entendi.

Pedimos um cheesecake de chocolate de sobremesa. Ele chegou junto com metade da equipe do Cheesecake Factory batendo palmas e cantando uma música que lembrava “Parabéns pra você”.

Colocaram o cheesecake diante de Cassidy, com uma velinha enfiada bem no meio de um enfeite de chantili. Ela ficou vermelha quando se deu conta do que estava acontecendo, mas levou tudo na brincadeira, soprando a velinha e dizendo que ia guardá-la como lembrança de nossa infantilidade.

No fim das contas, vi que todo mundo sorrateiramente tinha enchido a mochila com coisas de festa. Sobretudo, gim, uísque e vinho — o tipo de bebida de que meus pais gostavam, não a cerveja baratinha misturada a refrigerantes nas festas da escola. Também havia alto-falantes, daqueles caros que plugavam no iPod do Austin, e água tônica com limão, fatias de bons queijos e uma baguete, e foi particularmente engraçado ver Phoebe tirá-la de sua mochila. Não conhecia gente de dezesseis anos que levava baguetes para uma festa.

Quando percebi, estava no meio de uma festa. Apareceu um bando de gente de uma escola chamada Wentworth, trazendo uma garrafa de prosecco, que Cassidy cochichou que era champanhe de pobre. Eles vinham de uma escola pequena de Los Angeles e davam a impressão de ser mais velhos e mais acabados, ainda que alguns estivessem

apenas no primeiro ano.

Arregaçando as mangas, Sam fez as vezes de barman, enchendo taças de plástico e copos de vidro que estavam no banheiro. Parecia saber preparar coquetéis, anunciando o nome de cada um deles e reclamando por não termos uma garrafa de St. Germain e por Luke ter trazido o vermute errado. O time de Wentworth — e seis de seus integrantes estavam ali — se dirigira para a sacada, fumando e bebendo prosecco.

Austin armou os alto-falantes e ajeitou o seu iPod.

— Algum pedido? — perguntou.

— Faça com que a gente se sinta jovem e poderoso — Cassidy disse, sentando-se de pernas cruzadas em uma das camas. Estava bebendo o que parecia Sprite, mas provavelmente não era.

Os primeiros acordes de alguma coisa horrível da Beyoncé saíram dos alto-falantes de Austin e todo mundo protestou.

— Brincadeirinha! — ele garantiu, e mudou para Bon Iver.

Toby me passou um uísque com gelo, e eu o provei com cuidado. Não era muito de beber, mas tínhamos música boa e uma baguete na tábua de passar, além de Cassidy com as pernas cruzadas no edredom, numa roupa de estudante, então virei tudo, porque estava cansado de ser cuidadoso.

Sam imediatamente tornou a encher meu copo, e eu mandei ver, deixando a reflexão para depois. Só percebi o que tinha feito quando a minha cabeça começou a girar por causa do analgésico misturado ao álcool, combinação condenada pelas bulas. Sentei-me junto de Cassidy, que conversava com uma loira bonita da Wentworth.

— Mas você está aqui. — A menina franziu a testa, e eu tive a impressão de que falavam da escola antiga de Cassidy.

— Não soube ainda? — Cassidy sorriu firmemente. — Agora estou em Eastwood. — A menina riu, incrédula. — Sério. — Cassidy insistiu. — Temos festas de integração e tudo o mais. É uma graça.

— É, uma graça. — A menina me deu uma olhada, os lábios retorcidos num sorriso conhecido.

— Já conhece o meu irmãozinho Cassius? — Cassidy perguntou, passando o braço pelo meu ombro como se fôssemos parentes. — Difícil acreditar que ele só tem quatorze anos.

Por um instante, a menina acreditou.

— Achei que seu irmão... — ela começou, séria.

— Estava brincando — Cassidy interrompeu, friamente. — Nossa!

— Sou Ezra — disse, estendendo a mão, gesto que combinava com o terno.

— Blair — ela se apresentou, com um meneio dos cabelos. Ela me fitou com os olhos semicerrados, e percebi que era o tipo de menina que gostava de chamar a atenção dos garotos. — Nossa, você é charmoso. Vamos lá, charmoso, vamos dançar.

Não dava para dançar. Nem antes e com certeza agora menos ainda, com dois copos de uísque na cabeça e uma falta de equilíbrio definitiva.

— Sinceramente, não posso — protestei quando ela me puxou.

Em seguida, as luzes se apagaram, e ficamos na escuridão.

— Ei, estou abrindo uma garrafa de vinho aqui — Sam reclamou, com um sotaque mais forte depois de uns drinques, como uma paródia dele mesmo.

— Psiu! — alguém disse.

A porta do quarto adjacente se abriu, e lá estava Toby com uma vela.

— Todos de pé diante dos capitães — alguém ordenou.

Austin parou a música, e todos se levantaram.

A vela tremeluzia enquanto Toby e o outro capitão de time, Peter, um sujeito com aparência formal, reforçada pelo antigo Rolex do avô, foram até as duas cadeiras do canto. Peter carregava um martelinho de juiz (obviamente), que batia no braço da poltrona, imagino que só pelo ritual.

— Um brinde — ele falou alto, erguendo o copo. — Aos virgens! Que recuperem o tempo perdido!

Todo mundo riu e bebeu; ainda que talvez o termo não se aplicasse a nós, possivelmente se aplicava à grande maioria naquele quarto, cheio de debatedores com idades entre quatorze e quinze anos. Sentia Cassidy do meu lado, e quando a olhei, meio vacilante por causa do álcool, percebi certa instabilidade nela também, mas de outro tipo.

Luke acendeu as luzes, deixando-as mais fracas, e Sam fechou a porta da sacada. Assim começou a reunião.

Foi a reunião mais estranha de que já participei, como um tipo de sarcástica sociedade secreta. Toby e Peter se revezaram, escolhendo membros diferentes de seus times para debater reciprocamente sobre temas ridículos, tais como: se o presidente dos Estados Unidos poderia

ser escolhido por meio de um bilhete de loteria, ou se o papa venceria um urso numa queda de braço. Todos nós votávamos em quem vencia, e quem perdia tinha de tomar um trago de gim.

Fundamentalmente, tudo não passava de um sofisticado jogo para beber.

Para minha surpresa, ganhei o debate sobre se “Verdade ou mentira seria uma alternativa eficaz para um julgamento criminal”. Mas a minha vitória durou pouco, já que me fizeram beber assim mesmo porque eu era novato.

O debate da Cassidy foi depois do meu, e, quando ela se dirigiu para a parte da frente do quarto a fim de enfrentar Blair, todo mundo ficou em silêncio. Cheguei a pensar que Cassidy iria recusar ou se sair mal de propósito, mas ela não fez nada disso.

Ao contrário, ficou ali calmamente dando golinhos de sua bebida, enquanto Blair argumentava que os vampiros não deveriam ter direito a voto, e por fim ajeitou a gravata, sorrindo.

— A minha admirável adversária argumenta que os vampiros não merecem o sufrágio, como fizeram antes dela muitos políticos importantes, porém desinformados, os quais defenderam a continuidade da marginalização das mulheres e de outras minorias — Cassidy começou. — No entanto, os vampiros já foram humanos em algum momento. Até que ponto os direitos de um homem podem ser negados, se ele já provou ter uma mente racional? E quem aqui iria concordar com essa violação flagrante de liberdade? Não, a ameaça real ao nosso sistema eleitoral é o lobisomem! Pode o lobisomem votar quando está em forma de lobo ou apenas quando assume a aparência humana? Podemos nós garantir que ele não esteja apenas dando um voto pelo macho alfa de sua matilha e não por si mesmo?

Foi hilário e também inteligente. E era mesmo o estilo de Cassidy. Eu não daria prosseguimento a isso, e aparentemente Blair também não, pois, quando chegou a vez da tréplica, ela balançou a cabeça, tomando um gole de gim, e aceitou a derrota.

Cassidy tomou um trago também. Então caminhou meio zonzinha até a cama, sentando-se perto de mim e apoiando a cabeça no meu ombro.

— Sufrágio de lobisomem? — perguntei.

— Estou cansada — resmungou. — Nem sei do que estava falando.

Toby apertou a mão de Peter, encerrando assim o debate, e Austin ligou o som de novo.

Alguém puxou as cobertas de uma das camas e transformou a sacada numa fortaleza. Os casais se enfiavam aqui e ali, procurando

um pouco de privacidade, e eu me perguntava se Cassidy iria sugerir que participássemos, mas ela não fez isso.

Austin quebrou a baguete ao meio, duelando com Toby, desleixado de tão bêbado e rindo, até Phoebe se arrastar para fora do forte de cobertores e gritar com eles:

— Vocês por acaso têm ideia da dificuldade de não deixar uma baguete estragar numa mochila *a noite toda*? — ela se enfureceu.

E as palavras levaram todos à histeria.

Eu já estava bem bêbado àquela altura. O quarto parecia girar um pouco enquanto me sentava em uma das camas com Cassidy encolhida no meu ombro como um gato. Estávamos jogando no iPad de Austin, tentando sabotar um ao outro com lances traíras. Agora, tocava uma música num ritmo calmo.

— Oi — Cassidy disse, deixando o iPad de lado. — Oi.

— Oi pra você — retruquei. É, definitivamente bêbado.

— Acho que Blair gosta de você — Cassidy afirmou, mordendo os lábios para não rir. — Só conversei duas vezes na vida com ela, então sou especialista nisso, e te garanto, acho que ela está apaixonada.

— Claro que está — provoquei. — Sou irresistivelmente charmoso.

— Ah, é mesmo? — Cassidy sorriu, o rosto a milímetros do meu. A trança se desfizera, caindo-lhe sobre os ombros com cheirinho de xampu de menta.

Aí, Toby berrou:

— Tudo bem! Vocês todos podem ser *floquinhos de neve bonitos*! Vou pra lá para ser um *floquinho esquisito*!

Cassidy olhou para mim e começou a rir, enquanto a indignação atabalhoada de Toby se dirigia a Sam e Austin, mas não de verdade. Senti então a incompletude desse instante ir sumindo pelas grades da sacada e pelo shopping onde tínhamos fingido celebrar o aniversário de Cassidy. E, afinal, talvez fosse melhor assim, pois eu queria que o nosso primeiro beijo fosse mais do que alguma coisa movida a álcool durante o torneio de debate.

A festa terminou por volta das duas da manhã, com todos numa tentativa desanimada de arrumar tudo antes que o time de Wentworth voltasse aos quartos para dormir algumas horas. Cassidy preparou café numa cafeteira pequena, e nós o bebemos em taças de plástico.

— Ok, hora de organizar a bagunça — Toby disse, saindo do banheiro num roupão do hotel, com os cabelos molhados e óculos no

lugar das lentes de contato. — Quem vai se acomodar com quem?

Phoebe surgiu à porta do outro quarto enrolada em uma toalha e usando chinelos grandes o suficiente para anunciar que ela e Luke dividiam a cama de lá.

Sam e Austin trocaram olhares e encolheram os ombros.

— Tudo bem, se você não roncar — Sam disse.

— É, pra mim também. — Austin passou por Toby e sumiu no banheiro.

— Um de vocês quer uma cama sozinho? — Toby perguntou para mim e Cassidy.

Cassidy me olhou, mas achei melhor não dizer nada.

— Vamos dividir esta aqui — ela disse, batendo a mão no edredom. — Privilégios de capitão, Ellicot. Fique com a cama inteira.

E foi assim que acabei dividindo a cama com Cassidy Thorpe.

Antes que eu entendesse o que estava acontecendo, Cassidy tinha trocado de roupa, usando uma regata e um short de pijama, e se enfiara embaixo das cobertas. Eu saí do banheiro com a minha sambacação e camiseta, sentindo-me constrangido. Austin e Sam já estavam dormindo, virados para a beirada da cama, ambos roncando.

Cassidy levou um dedo aos lábios e fez um sinal indicando Austin, que dormia de boca bem aberta.

Eu sorri.

— Escuta — cochichei —, não trouxe pijama. — Você se importa... é... tudo bem?

Estava tentando ser um cavalheiro em relação a entrar na cama com ela usando uma cueca, já que tinha arrumado mal a minha mala, mas Cassidy balançou a cabeça e puxou as cobertas.

— Entra aí — ela disse.

Sentei-me, colocando os fones no ouvido, um gesto que me pareceu incrivelmente adulto, considerando que havia uma menina do outro lado da cama. Aí, senti a mão de Cassidy na minha perna.

— Ainda dói? — ela perguntou, passando os dedos no meu joelho.

— Não — menti, calmamente. Os dedos dela traçaram a minha cicatriz, e entendi que não acreditava em mim. — Não precisa ter medo de me chutar quando estiver dormindo — acrescentei.

— Eu não faria isso. — Ela se ergueu no cotovelo, encarando-me. — Vai ter que me segurar firme para garantir.

E com isso ela se virou e apagou a luz.

Arrastei-me para baixo das cobertas, esperando que meus olhos se ajustassem à escuridão e imaginando que Cassidy poderia me ver muito bem. As cortinas estavam fechadas, e no quarto havia essa escuridão cheia de expectativas e corpos adormecidos e meninas em shortinhos azuis de pijama.

Se eu me esticasse, os nossos braços se tocariam. Essa possibilidade, ou seja, nossa pele se tocar embaixo das cobertas, me excitava. Perguntava-me se ela sentia a mesma coisa. E então ela suspirou.

— O que foi? — murmurei.

— Psiu — Cassidy cochichou, aproximando-se até colocar a cabeça no meu ombro. — Não estrague.

Embora fosse tarde e eu estivesse cansado, devo ter ficado ali uma hora, frustrado e com tesão, e incapaz de qualquer coisa enquanto Cassidy dormia com o rosto no meu ombro.

Capítulo 17

Na manhã seguinte, acordei com os celulares de todo mundo despertando ao mesmo tempo. Sentia-me péssimo. Meus braços circulavam Cassidy, e, não sei como, minha cabeça estava no ombro dela, embora tenha certeza de que estávamos deitados de outra forma quando dormimos.

— Oi... — sussurrei. — Hora de acordar.

— Hummmm — Cassidy murmurou, ainda sonolenta, os cabelos espalhados pelo travesseiro. Era uma situação tão íntima acordar com ela ali, nos meus braços, que eu mal conseguia acreditar nisso.

Na cama ao lado, Sam se queixou:

— Cara, pensei que fosse ficar do nosso lado.

— Que bonitinho — eu disse. — De conchinha?

— Cale a boca, Faulkner — foi a vez de Austin grunhir.

Cassidy se aconchegou no meu braço, encolhendo-se toda.

— Mais cinco minutos — sussurrou.

— Vamos — eu a cutuquei de leve —, você precisa se levantar e passar a minha camiseta.

Isso a acordou.

Ela abriu bem os olhos e deu um sorriso forçado.

— Bom dia pra você também — disse Cassidy.

Não sei como conseguimos nos levantar e nos vestir, guardar as nossas coisas e descer para o saguão a tempo. Achei que a professora Weng fosse desconfiar da gente pelo estado em que estávamos, mas ela mal

reparou. Tinha olheiras profundas e continuava bocejando. Provavelmente os babacas do Rancho não a deixaram dormir com seu jogo de Beer Pong.

— Vamos parar em algum lugar para tomar café? — Toby perguntou, e a professora assentiu.

Então, quando chegamos a SDAPA, já estávamos bem melhor.

A professora Weng se encaminhou para a sala dos instrutores, e nós para a nossa mesa na cafeteria, onde acomodamos nossas coisas e ficamos esperando pela próxima rodada de nomes. As garotas foram ao banheiro se maquiar, e Toby, para um canto da cafeteria, fazendo sinal para que eu o seguisse.

— *Então* — ele começou a falar, sorrindo como se me acusasse de alguma coisa —, vocês dois estão juntos?

Ato reflexo, olhei para a nossa mesa, ainda que as meninas ainda não tivessem voltado.

— Não sei — respondi, sendo bem sincero. — Talvez.

— Vocês estão agindo como se estivessem juntos.

Ele tinha razão; agíamos desse modo. Eu passara a noite inteira com uma garota aninhada no meu ombro, como se tivéssemos acabado de transar. Uma garota por quem eu estava apaixonado e a quem nem sequer beijara. E eu não tinha a menor ideia de como lidar com isso.

— Você se incomoda se estivermos juntos? — perguntei.

— Eu não vou fazer uma cena furiosa de ciúme, se é isso que está preocupando você. — Toby deu um sorriso malicioso, mas viu que eu falava sério. — Sinceramente? Eu sabia que isso iria acontecer. Ela está a fim de você.

— Tem certeza?

— Não. Só quero que você faça papel de bobo e seja rejeitado pela primeira vez na vida. Afinal, eu sou como o avestruz que joga areia no seu rosto.

— Na verdade, o avestruz enterra a cabeça na areia — eu corriji.

— Só estava testando você.

O resultado da terceira rodada saiu antes que eu pudesse dizer alguma coisa, e todo mundo ficou se espremendo na parede mais próxima para ver. Toby e eu também nos aproximamos e vimos o nosso nome e o da nossa escola na lista do torneio. Memorizamos os números das nossas salas, repetindo-os algumas vezes.

Estávamos voltando para a nossa mesa quando Cassidy segurou no

meu braço, com a expressão séria. Reparei, então, que ela não estava mais usando a gravata Grifinória, que fazia parte do uniforme da escola.

— A terceira rodada já saiu — fiz um sinal com a cabeça em direção à parede com a lista. — Estava esperando você para darmos uma volta.

— Ezra, precisamos conversar — Cassidy disse. — Agora.

Então, entendi que, fosse o que fosse que ela precisava me dizer, não seria bom. Saímos da cafeteria e fomos para o pátio. Ela parou ao lado de uma parede com um mosaico retratando um dia lindo na praia; de certa forma, soava como crueldade colocar aquele tipo de coisa na escola. Cassidy parecia nervosa, o que não era um bom presságio. E continuava calada. Então, subitamente, superei a minha sensação de medo.

— Bom, você pode me dizer, seja lá o que for.

Cassidy colocou os cabelos atrás das orelhas. Eles estavam soltos, caindo em ondas nos ombros, e ela parecia mais jovem e mais vulnerável.

— Você não pode ir para a sua terceira rodada — disse ela. — Vai ter de ir para a minha. Fiz uma troca entre nós.

Eu esperava qualquer coisa, mas não isso. Franzi a testa, sem entender realmente.

— Você está competindo como se fosse eu — ela explicou. — Os juízes não veem o nosso nome, apenas uma sequência de números, por isso, mandei você para as minhas rodadas de ontem, e não para as suas.

— Espere. — O impacto do que Cassidy estava falando me derrubou. — Nós estávamos *trapaceando* durante todo esse tempo?

— Não! — Cassidy exclamou com ímpeto. — Eu... Eu havia parado de competir, Ezra. Tinha desistido de competir, e você me forçou a voltar. Assim, eu achei que essa era a saída. Veja, eu não estava aqui de fato se você fosse eu.

— Eu sei — comecei a falar devagar —, mas, se eu estou competindo como se fosse você, então você está competindo como se fosse eu. E isso é trapaça.

Cassidy sacudiu a cabeça.

— Eu joguei a primeira partida — disse ela. — Nenhum de nós estará nas finais.

— Mesmo assim continua sendo imoral. Mesmo que nenhum de nós vença. Então, isso significa que hoje eu vou competir como se fosse você o dia todo?

— É, é isso — Cassidy respondeu, erguendo o queixo. Mas, então, como se acontecesse em câmera lenta, vi sua bravata desmoronar. Os ombros se curvaram e os olhos se encheram de lágrimas. — Desculpe — ela sussurrou. — Não queria que ficasse sabendo desse jeito. Eu não quero estar aqui; não quero tomar parte nisto. Achei que você pudesse entender.

— Talvez eu entendesse melhor se você me contasse o que realmente aconteceu. — Mas eu sabia que ela não me contaria. Não ali, com as últimas gotas de álcool se dissipando pelos nossos poros, ao lado daquele mosaico ridículo, com centenas de adolescentes num vaivém contínuo em seus uniformes.

— Ezra, por favor — disse Cassidy. Suspirei sem tirar os olhos dela. As lágrimas continuavam lá, e o rosto estava pálido. — Desculpe — ela murmurou. — Mas nenhum de nós pode voltar atrás no que fizemos. Você me colocou nessa. Eu troquei nossa posição. Agora, é ir com isso até o fim e estaremos quites.

— Não me importa se estaremos quites — retruquei. — Alguma coisa está acontecendo com você.

— Não está acontecendo nada — Cassidy explicou. — Você se lembra da sua primeira semana na escola? De como todo mundo olhava pra você e você tinha vontade de sumir? É isso que está acontecendo comigo aqui. É assim que estou me sentindo. Pensei que você fosse entender. Pensei que fôssemos parecidos.

— E somos — eu disse, perguntando-me como ela tinha conseguido transformar meu aborrecimento em compreensão de um instante para o outro. — Você tem razão; sinto muito... Só me dê alguns minutos para pensar.

Eu não uso resumos prontos, nem copio os exercícios dos meus amigos, nem compro trabalhos escolares pela internet. Sou ético em relação a essas coisas. Cassidy errou ao fazer a troca, mas os debatedores se enfrentaram aleatoriamente nas rodadas preliminares. Se nenhum de nós dois chegasse às finais, não haveria nenhum problema. Não tomaríamos o lugar de ninguém e nem sequer desfrutaríamos alguma vantagem desleal para ir em frente. Só trocamos de lugar. Então, eu achava que *não era* uma trapaça de verdade. E, se ela tinha me colocado nessa situação, é porque eu era o responsável.

— Precisamos pensar bem — eu disse. — Se mudássemos as

posições novamente agora e enfrentássemos alguém com quem já tivéssemos debatido, seria o caos.

— Eu sabia que você faria isso por mim, Ezra. Tinha certeza de que iria entender. — Cassidy me deu um abraço, pressionando a cabeça no meu peito, e eu acreditei então que ela tinha decidido me contar o que significava tudo aquilo, pois, independentemente do que fosse, provavelmente eu estava imaginando coisas bem piores.

Não contei nada a Toby sobre nossa fraude. Cassidy e eu fomos para as rodadas de cada um naquela manhã e agimos como se nada estivesse acontecendo; como se o grande lance entre nós fosse o fato de termos dividido uma cama.

O resultado das rodadas finais saiu à tarde; nenhum de nós estava nela. Todos olharam chocados para Cassidy, perguntando-se quem teria batido a imbatível Cassidy Thorpe, mas ela apenas sorriu e se recusou a falar, como se a piada fosse boa demais para ser compartilhada.

A não ser pelo fato de ela a ter compartilhado comigo. Portanto, a piada também era minha, e eu não estava achando nenhuma graça.

Cassidy disse que éramos iguais, e quase acreditei nisso. Ela me levou a crer que a estivesse socorrendo, porém, quanto mais pensava no assunto, mais me perguntava por que ela não ganhava de uma vez o torneio, demonstrando por que era uma campeã imbatível. E depois me perguntava se isso realmente importava. Porque, sempre que fechava meus olhos, eu a imaginava aninhada em meus braços na cama do hotel, as pernas macias e quentes contra as minhas, e também todas as coisas que queria, mas sabia que não poderia ter. Então, parte de mim desejava que Cassidy fosse a única exceção.

Capítulo 18

Naquela noite, fiquei na escrivaninha revendo as correções do professor Moreno no meu ensaio sobre o *Gatsby*. Os postes de luz do Meadowbridge Park já estavam acesos fazia horas, iluminando os arbustos de madressilva e as faixas fluorescentes dos tênis daqueles que corriam ali. Pensei na lanterna de Cassidy, e em como eu ficava à janela esperando que o quarto dela escurecesse, e em como F. Scott Fitzgerald teria adorado isso.

Cooper gemeu, pedindo atenção. Esparramado aos meus pés, ele roía um osso, segurando-o entre as patas como se estivesse fumando um cachimbo. Inclinei-me para acariciá-lo, e ele suspirou.

— Tem razão — eu disse. — Eu sei; sou um caso perdido.

Com o interruptor da luminária da minha escrivaninha, enviei um OLÁ.

As lâmpadas do quarto de Cassidy se apagaram, e a lanterna piscou. DESCULPE.

— Ela está se desculpendo — contei para Cooper, que não compreendia código Morse.

Ele ergueu a cabeça como se dissesse: *Mas você já sabia disso, meu velho.*

A lanterna dela piscou de novo.

ME PERDOE.

Desta vez, não hesitei.

SEMPRE, respondi.

A minha mãe me acordou cedo demais na manhã seguinte.

— Ezraaaaa — ela trinou, enfiando o rosto pelo vão da porta do meu quarto. — Tem gente te esperando.

— Hã... Que horas são? — consegui dizer.

— Nove horas — ela respondeu. — Querido, você anda muito cansado. Não acha que é melhor ligar para o Dr. Cohen?

Ainda zonzinho, percebi que precisava parar de usar a frase “Estou cansado” como desculpa para permanecer sozinho no meu quarto.

— Fiquei acordado até tarde para terminar um trabalho.

— Tem uma menina muito simpática lá embaixo querendo que você tome café com os seus amigos do time de debate.

Sentei-me na cama.

— *Cassidy* está aqui?

— Na cozinha com o seu pai. Ela é bonita, querido. E os pais são médicos.

Percebi então, horrorizado, que meus pesadelos tinham se concretizado: enquanto eu dormia, os meus pais estavam lá embaixo atormentando a menina de quem eu gostava com perguntas sobre os pais dela.

Cinco minutos depois, quando entrei correndo na cozinha, ainda abotoando a camisa, encontrei Cassidy sentada no chão de pernas cruzadas, acariciando as orelhas de Cooper.

— Oi! — ela disse, animada. — Você se esqueceu do café da manhã com a turma, né?

— Ih — respondi, constrangido, justificando-me mais para meus pais, pois sabia muito bem que não havia *nenhum* café da manhã do time.

— Podemos levar o Cooper? — Cassidy perguntou.

Cooper ergueu a cabeça, já meio interessado.

— A um restaurante? — minha mãe perguntou, assombrada.

— Claro que não, Senhora Faulkner — Cassidy respondeu. — Está todo mundo vindo para a minha casa comer panquecas. A nossa empregada não se importa. Fica do outro lado do parque.

— Tudo bem, acho... — minha mãe concordou, ainda um pouco em dúvida.

Assim que saímos, Cassidy segurando Cooper pela guia, encarei-a, sério.

— O que está *realmente* acontecendo? — perguntei.

— Você não acreditou em mim? — Cassidy arregalou os olhos, com cara de inocente. — Sinceramente, Ezra, estou magoada.

Acompanhei Cassidy, passando pelo portão dos pedestres que levava ao parque. Cooper ia todo saltitante e empinado de importância. Segurava a guia na boca, parecendo muito satisfeito.

— Aliás, tem protetor solar na minha bolsa, se quiser um pouco — Cassidy disse, segurando o portão.

— E por que eu ia querer protetor solar?

— Vamos fazer uma caça ao tesouro, não falei?

— Não, você disse que íamos comer panquecas com o time de debate. Na *sua* casa — retruquei.

— Era um código para “Vamos fazer uma caça ao tesouro”. E por isso precisamos do Cooper. Nosso farejador de trufas.

Ela entrou à direita no caminho que levava às trilhas de Eastwood.

— Tá bom — cedi. — Me dê o protetor solar.

Ela o tirou do fundo da bolsa, e eu passei um tanto no rosto enquanto Cassidy brincava com Cooper. Ele me olhava como se dissesse: *Então, essa é a garota, velho.*

— Você cuida do GPS — Cassidy me disse, entregando-me o celular.

— Não feche o aplicativo ou vamos ter de começar de novo.

Então ela me guiou pelas trilhas, explicando que estávamos procurando uma cache, uma pequena cápsula. Havia inúmeras delas escondidas pelo país todo, e tínhamos de resolver uma charada para conseguir encontrá-las.

— Às vezes não tem nada dentro, e às vezes há pequenos tesouros — ela continuou explicando. — Mas, se a gente leva alguma coisa, tem de deixar algo no lugar.

— Lei da preservação das caches — comentei.

— Sim, senhor atleta iletrado, exatamente. — Cassidy sorriu, e seu cabelo estava ainda mais vermelho à luz do sol. Havia um pouquinho de protetor solar embaixo da orelha dela.

— Peraí — eu disse, estendendo a mão. — Tem protetor solar no seu queixo.

— Tirou? — Cassidy perguntou.

— Não, espalhei mais.

— Tudo bem, pelo menos não tenho protetor no meu *cabelo*.

— Não é protetor. Você está me deixando de cabelos brancos.

Continuei nos orientando pelas trilhas, e contando a Cassidy algumas histórias sobre um mundo invisível que eu e Toby tínhamos inventado ali quando crianças. Encontramos a cache sob um tijolo solto num muro atrás de uma igreja católica, cheia de bobagens, principalmente brinquedinhos baratos das redes de fast-food. E o mais importante era que essas trilhas *estavam* cheias de tesouros enterrados.

Mas só então compreendi que ela estava armando a brincadeira para mim, pois essa aventura significava um pedido de desculpas pelo que tinha acontecido no torneio de debates. Afinal, simplesmente dizer “sinto muito” era normal demais para uma menina como Cassidy Thorpe.

— Você não quer assinar aqui? — perguntei, indicando o celular de Cassidy, que tinha acabado de tocar uma musiquinha de congratulações e exibia uma lista de nomes.

— Pra quê?

— Para que as próximas pessoas que encontrem isto saibam que estivemos aqui — respondi, e pareceu bem bobo. Mas os olhos dela se animaram.

— Hum — ela disse, agarrando o telefone e teclando rapidamente.

— Minha vez — retruquei, pegando o celular de volta. Mas fiquei sério ao ver o que ela escrevera. — Quem é Owen?

— Meu irmão — Cassidy explicou. — A foto na tela do meu celular... A gente costumava fazer isso, bagunçar o universo.

— Então vocês se inscreviam em boletins informativos esquisitos e coisas assim? — perguntei.

— Todo mundo faz isso. Nós trocávamos cartões de biblioteca, usávamos o nome um do outro em comentários de blogs, estragando o amplo registro cósmico de quem fez o quê.

— Por quê? — perguntei novamente, confuso.

— Sabe, o mundo tende a ser caótico — Cassidy disse. — Só estou dando uma mãozinha. Você também pode. Invente um nome ou um personagem. E a próxima pessoa que encontrar esta cápsula vai pensar que as coisas realmente aconteciam assim. Pelo menos concorde com essa possibilidade.

— Uma personagem? — brinquei. — Só você pensaria nisso.

Mas agora sei que não é verdade; a história está cheia de

personagens. E até a epígrafe que Fitzgerald colocou no início de *O grande Gatsby* é assinada por um escritor que não existe. Somos levados a acreditar em pessoas inteiramente imaginárias, prisioneiras inventadas de um hipotético Panóptico. Mas a questão não é se a gente acredita ou não nelas; a questão é se queremos isso ou não.

— Acho que fico com a realidade — disse, devolvendo o celular a Cassidy.

Ela olhou para ele e depois para mim, desapontada.

— Achei que, de todas as pessoas, você iria querer escapar.

— Prisioneiros imaginários continuam prisioneiros — comentei, o que aparentemente estava certo, pois Cassidy deslizou sua mão até a minha e foi me contando mais sobre Foucault enquanto caminhávamos pelo parque.

Naquela noite, quando Cassidy piscou a lanterna para dizer olá, fiz o impensável: respondi por mensagem de texto.

Na verdade, fiquei surpreso por isso ter funcionado. E, depois de um vaivém de mensagens relativamente curto, ela me deu o endereço e concordou em me esperar do lado de fora de sua casa. Quando estacionei, Cassidy estava apoiada num poste de luz, banhada por uma iluminação alaranjada. Segurava o suéter verde que sempre vestia, uma manga rastejando no chão.

— Oi — disse. — Aonde vamos?

— Você se esqueceu do jantar do time — brinquei, dando marcha à ré.

Cassidy riu, prendendo o cinto de segurança. A água que pingava do cabelo ainda molhado desenhara uma mancha abstrata no ombro da blusa azul. Eu lhe disse que queria lhe mostrar uma coisa, mas que era uma surpresa. Segurei a mão dela, e seguimos assim até a rodovia, na quietude tranquilizadora de um domingo à noite em Eastwood, ouvindo os Buzzcocks.

Assim que cheguei à 5 Norte, o silêncio foi substituído pelo vazio da rodovia à noite, e abrimos as janelas, vertendo música como cascalho ao nosso redor. Depois de alguns quilômetros, comecei a ouvi-lo a distância, o estrondo surdo do que íamos ver.

— O que é esse barulho? — Cassidy perguntou, curiosa.

— Espere — sorri, adorando o suspense.

E então um fogo de artifício estourou acima da passagem do Harbor Boulevard. Ficou ali, brilhando no céu noturno, até sumir numa

nuvem de fumaça.

— Fogos! — Cassidy se virou para mim, encantada.

Mais três fogos surgiram acima da rodovia, transformando-se em estrelas roxas ao estourarem na fumaça que se dissipava. O céu se assemelhava a carvão, e os fogos de artifício continuaram explodindo ainda mais alto, e imensos.

— Fogos de artifício da Disney — eu disse, saindo da rodovia. — Achei que poderíamos assistir.

Havia um carro-restaurant logo à saída da rodovia, que ficava aberto mais por otimismo do que por clientela. Parei no estacionamento vazio, e Cassidy abriu o teto solar. Com um sorriso luminoso, mais ainda que os fogos de artifício, ela deslizou pelo teto solar, balançando as pernas. Um dos cadarços de seus tênis tinha desamarrado, escorregando suavemente pelo freio de mão.

— Suba! — ela convidou, e assim fiz, enquanto ela me esperava sob os fogos em forma de planetas e estrelas.

Ficamos ali sentados, lado a lado, as mãos entrelaçadas de um jeito infantil, o rosto voltado para o céu. Os fogos estouravam no alto, soando como tambores.

— Oi — Cassidy disse, cutucando-me no ombro.

— Oi.

— Isso é legal.

— Muito legal — concordei. — O melhor estacionamento que já vi.

Cassidy balançou a cabeça diante da minha tentativa horrível de fazer graça. Mais três fogos estouraram: roxo, verde, dourado.

— Existe uma palavra para isso — ela me explicou —, em francês, para quando ficamos com uma impressão mais duradoura de algo passageiro. *Sillage*. Sempre penso nela quando os fogos explodem iluminando a fumaça dos que estouraram antes.

— Que palavra ruim — brinquei. — Parece uma desculpa para se agarrar ao passado.

— Bom, eu acho bonita. Uma palavra para lembrar pequenos momentos fugazes.

E, então, eu achei Cassidy linda, mas as palavras ficaram agarradas em minha garganta, como quando eu me sentava numa mesa diferente na hora do almoço.

Voltamos nossa atenção para os fogos, embora eu estivesse com dificuldade para me concentrar, pois meus dedos se entrelaçavam aos

dela, e a perna da minha calça jeans se pressionava contra o algodão clarinho da saia de Cassidy, e a brisa deixava no ar um pouquinho do xampu dos seus cabelos.

— Não seria incrível — eu disse — se a gente pudesse enviar mensagens secretas nos fogos, como no código Morse?

— Por quê? — Cassidy perguntou, o rosto a milímetros de distância do meu. — O que você diria?

A distância entre nós diminuiu quando meus lábios tocaram os dela. Nós nos beijamos como se não estivéssemos estacionados numa parte não muito agradável de Anaheim, sentados no teto do meu carro num dia normal de escola. Beijamo-nos como se houvesse uma cama a ser compartilhada durante o torneio de debates, e não fosse problema o fato de eu ter esquecido o pijama. E então nos beijamos de novo, para confirmar que era real.

Ela tinha gostinho de tesouro escondido e balanços e café. Tinha gostinho de fogos de artifício, de coisa que a gente podia apenas chegar perto, mas nunca ter.

— Espere — Cassidy cochichou, afastando-se.

Sillage, pensei. A impressão duradoura de um beijo que terminou.

Ela desceu do teto, enfiando-se no banco de trás com um sorriso malicioso e fazendo sinal para que eu a acompanhasse. Aprendi três coisas naquela noite: 1) A intimidade ao dividir uma cama não chega aos pés da intimidade de transar num banco pequeno demais; 2) inexplicavelmente, alguns sutiãs abrem na frente; 3) Cassidy não sabia que sou judeu.

Capítulo 19

Levei Cassidy para a escola todos os dias naquela semana. Aparecia em frente à casa dela com dois copos de café para a viagem, esperando que viesse correndo pela calçada, balançando a mochila de couro.

A casa de Cassidy era imensa, uma dessas *villas* em estilo espanhol que a gente pensa que são duas casas geminadas por causa da simetria exagerada, e ainda com quatro garagens. Lembrava-me de quando tinham construído essa área, dois anos depois da minha, e de como todo dia de manhã o barulho dos trabalhadores me acordava, sem que eu precisasse de despertador. Lembro-me de uma estranhamente silenciosa manhã de segunda-feira quando o bate-estaca enfim parou, e minha mãe ficou gritando comigo porque dormi demais.

Como eu poderia saber, na época, que a casa branca do outro lado do parque pertenceria a Cassidy Thorpe? Que de uma fileira de McCasas quase idênticas haveria uma janela em particular que eu procuraria toda noite antes de dormir, por causa de mensagens secretas?

Levou cerca de cinco minutos para todo mundo da escola perceber que estávamos juntos. Suponho que não fôssemos muito bons em guardar segredo, ou talvez nem estivéssemos tentando. Fazia muito tempo que eu namorara Charlotte, portanto já tinha me esquecido de como eram essas coisas, de como todos ficavam nos encarando quando descíamos do carro, de óculos escuros e com os mesmos copos de café.

No intervalo, todos já sabiam; parecia que o campus inteiro nos observava quando nos sentamos à nossa mesa com o resto do grupo de debate.

— Sinceramente — disse Phoebe, fitando-me de modo sério —, você

me pegou de *calça justa* hoje. Podia ter me avisado que isso ia acontecer.

Presumi que Phoebe se referia, hã, às câmeras de celular voltadas para nossa mesa. Era constrangedora a novidade nesta mesa em particular, e ainda mais a certeza absoluta de ser eu o motivo de todos olharem, sem que eu soubesse se por inveja ou desaprovação.

Todo o mar de atenção virou um riachinho ao longo da semana, assim que todos perceberam que Cassidy e eu não íamos nos jogar nos braços um do outro e dar amassos na mesa. Isso não significa que não demonstrássemos publicamente afeto. Sempre havia nossas mãos entrelaçadas e um ou outro beijo de despedida quando tínhamos aulas diferentes.

Durante o intervalo, na quarta-feira, fui à diretoria e pedi a chave do elevador à Sra. Beams, secretária da escola.

— Ezra — ela disse, avaliando-me por cima dos óculos de leitura com um olhar sério —, você devia ter pegado essa chave *no primeiro dia de aula*.

— Esqueci... — retruquei, acanhado, ainda que a resposta mais precisa fosse que eu fiz questão de não pegá-la.

— Já estamos em outubro, rapaz — ela bronqueou.

— Tem razão; eu sei.

Ela me entregou a chave, e eu a coloquei no bolso da calça, tentando parecer mais patético ao sair do escritório, caso ela mudasse de ideia. Não usei a chave até aquela tarde, quando o sinal tocou. Cassidy se encaminhou para a sala da professora Martin, pelas escadas próximas do estacionamento, nosso trajeto habitual, mas eu a interrompi.

— Vamos pegar o outro lado — eu disse.

Ela ergueu uma sobancelha, mas me acompanhou. Enfiei a chave na fechadura do elevador para portadores de necessidades especiais, tentando não parecer muito satisfeito comigo mesmo.

— Damas na frente — anunciei, com formalidade.

— O que significa isso? — Cassidy perguntou, desconfiada, entrando no elevador.

Encolhi os ombros e esperei as portas se fecharem antes de tomá-la pela cintura.

— Já pensou em transar num elevador? — sugeri, sorrindo.

Enquanto observar a mim e a Cassidy logo virou uma obsessão na

escola, a nossa mesa de almoço estava obcecada com as notícias de uma rave silenciosa em Los Angeles, na sexta-feira seguinte. Toby se voluntariou para dirigir, e Phoebe prometeu se liberar da função de babá, e quando eu finalmente resolvi tomar coragem para perguntar o que era exatamente uma rave silenciosa, todos me olharam como se eu fosse doido.

— É um tipo de *flash mob* — Cassidy explicou. — Milhares de pessoas desconhecidas se reúnem num espaço público, colocam os fones de ouvido no mesmo instante e começam a dançar.

Sem êxito, tentei imaginar a cena, mas tive de admitir que parecia mais interessante do que um musical de três horas sobre adolescentes alemães deprimidos, o programa da última vez que estivemos em Los Angeles.

— Então, tem um amanhã? — perguntei.

— É. E a gente vai ficar bem no meio — Toby me informou.

Luke e Sam já tinham planos de ir jogar paintball com alguns meninos da igreja a que pertenciam, e Phoebe não conseguiu se desvencilhar da função de babá. O resultado foi Toby, Austin, Cassidy e eu amontoados na Quase Baleia sexta-feira depois da escola.

Toby nos fez parar num posto de gasolina para comprar salgadinhos, então parecia uma viagem pra valer, embora levasse duas horas no máximo. Cassidy levou um pacote de balas de alcaçuz, e Austin misturou um energético numa raspadinha de cereja, para piada geral.

— É *bom* — Austin retrucou. — Sinceramente, vocês nunca ouviram falar de raspadinha com Red Bull?

— Não sei qual a graça de cafeína sem café. Ou café sem cafeína, aliás — informei.

— Que se dane. — Austin vestiu o capuz ao pegar o troco no caixa. — Um dia o mundo vai reconhecer Red Bull como um legítimo grupo alimentar, e daí quero ver quem vai achar graça!

— Todo mundo — Cassidy retrucou secamente. — Vão estar tão viciados em cafeína que não vai dar pra fazer mais nada.

Então voltamos para o Quase Baleia, onde havia — vejam só — um toca-fitas. Toby tinha um monte de fitas de sons variados que havia conseguido em feiras de trocas e brechós, então fomos ouvindo “Happy Bday Heather!!!” ao sair na 5 Norte. Era como jogar roleta-russa com músicas horríveis da década de 1980 saindo de cinco dos seis tambores do revólver.

— Credo! — Cassidy fez uma careta. — Mude isso. Sobrecarga de Ace of Base.

Toby tirou a fita, e Austin, que dirigia contra a vontade, colocou outra.

— Existe nostalgia dos anos 90 — Austin observou, enquanto esperava a fita rebobinar —, e existe essa tecnologia antiquada. Infelizmente, estamos com a última.

Toby não gostava que ninguém insultasse o seu carro. Para ele, o Quase Baleia era “uma relíquia magnífica da duradoura crise da classe média suburbana”.

— Austin, você dirige um *Jetta*.

— Era da minha irmã! — Austin protestou. Pelo espelho retrovisor, vi que ficou vermelho.

Não comentei nada, já que tinha ganhado um Beemer ao completar dezesseis anos. Cassidy me ofereceu um de seus Red Vines[8], e eu aceitei sem pensar, mordendo as duas pontas e só então me dando conta do que estava fazendo.

— Toby — chamei —, lembra que a gente fazia canudinhos com essas balas no clube dos escoteiros?

— Achei que só eu fizesse isso — Austin disse.

— E algum de vocês apertava aqueles copinhos de papel que ficavam perto de bebedouros para fazer potinhos? — Cassidy perguntou.

Eu não fazia ideia do que ela estava falando, mas Toby sim.

— É. A gente tinha que soprar neles e amassar o fundo ao mesmo tempo para dar certo.

E aí passamos o resto da viagem lembrando antigos programas da Nickelodeon, e Furby's e câmeras I-Zone e Tamagotchis, e como era esquisito que todo mundo fizesse chamadas por vídeo e assistisse à televisão nos computadores.

— Cara — Austin disse ao sair da rodovia —, em cinquenta anos, a casa dos velhos vai ficar cheia de veteranos ouvindo Justin Bieber nas estações antigas e comentando que o cinema era 2D.

— Todos os seus desejos são desejos universais — Cassidy disse. — Estou parafraseando, mas é Fitzgerald.

— Acho que ele não estava se referindo a *Neopets*[9] — Toby falou com sarcasmo enquanto se dirigia ao centro do cruzamento e esperava para fazer a manobra.

— Bom, ele estava falando da condição humana — Cassidy retrucou. — E, se para a nossa geração isso significar o desejo coletivo de um mundo antes dos smartphones... que seja... Não há sentido em especular sobre o impacto duradouro de um passado recente; se a cultura popular fosse previsível assim, então tudo seria obsoleto no instante em que surgisse.

Por alguns instantes, ninguém disse nada. E então Austin gargalhou.

— Meu Deus, o que andam *ensinando* a essas crianças na escolinha?

— A se conformarem — Cassidy respondeu, como se Austin não estivesse de gozação.

Havia um fluxo caótico no shopping. Todo mundo olhava todo mundo, imaginando quem estava ali para participar do *flash mob* e quem estava simplesmente fazendo compras.

Chegamos um pouco cedo, então fomos até a Barnes & Noble. Toby e Austin foram para a seção de quadrinhos, e Cassidy e eu acabamos sozinhos na seção de arte, onde folheamos um livro sobre Banksy, esse grafiteiro subversivo do qual nunca ouvira falar.

— Adoro mesmo é ele ter feito um monte de dinheiro falso e jogado em cima de uma multidão — Cassidy disse, com os olhos brilhantes e animados. — As pessoas acharam que era de verdade e tentaram usá-lo nas lojas, e ficaram furiosas quando descobriram que era falso. Mas, agora, essas notas valem uma fortuna no eBay. É ao mesmo tempo real e não real, sabe? Não valem nada como dinheiro, mas valem como arte. O meu irmão costumava falar sobre esse tipo de coisa, do valor da arte, se uma cirurgia pode ser arte, se piercings e tatuagens são cirurgia... — Então, Cassidy parou de falar, fechando o livro. — Temos de procurar Toby e Austin — ela disse.

— Eles podem esperar — insisti, inclinando o rosto de Cassidy em direção ao meu e roubando-lhe um beijo.

— É mesmo? — ela murmurou, os lábios ainda nos meus.

Quando nos distanciamos, Toby estava ali, fazendo careta. Cassidy e eu nos dirigimos para a escada-rolante, meio constrangidos pela surpresa.

— Espere — eu disse, pondo a mão no bolso de trás. — Trouxe uma coisa pra você. — E entreguei a Cassidy o iPod que tinha emprestado do meu pai; Cassidy ficou olhando para ele, completamente desconcertada. — É um empréstimo — expliquei. — Coloquei algumas músicas.

Ela sorriu.

— Você fez *set list* para o *flash mob*? — perguntou.

— Mais ou menos. É só você apertar o play. Está sincronizado com o meu, então podemos dançar as mesmas músicas.

Por volta da meia-noite do dia anterior, eu tive essa inspiração e fiquei acordado até umas duas horas escolhendo uma trilha perfeita. Tinha imaginado uma bem romântica, nós dois no meio de estranhos, dançando a mesma música. Mas o sorriso de Cassidy sumiu, e eu tive a impressão de que se sentia decepcionada.

— O que foi? — perguntei.

— Ezra, é um *flash mob*. A graça é cada um dançar a própria música, e fica tudo lindamente diversificado. Milhares de desconhecidos, todos escolhendo uma música diferente para preservar a própria experiência. É um palco de dança onde todos os gêneros de música são tocados ao mesmo tempo, e ninguém deve saber o que o outro está ouvindo.

— Desculpe — murmurei, constrangido.

Ela me devolveu o iPod com um sorriso encorajador.

— Tudo bem — ela disse. — Você não sabia.

— Você pode colocar em *shuffle* — sugeri. — Assim, não seria a mesma música que a minha.

— Tudo bem, mas prefiro ouvir as minhas músicas e ver você tentando descobrir quais são — Cassidy retrucou, sorrindo com sinceridade.

Toby e Austin tinham descido as escadas e esperavam na porta da livraria. Austin comprou um livro que estava guardando na onipresente mochila.

— Vamos — Toby disse, impaciente. — Dois minutos!

Todos nos juntamos no pátio central, onde montes de estudantes do ensino médio e universitários tentavam parecer indiferentes. Todos com fone de ouvido esperavam as cinco horas em ponto. Um grupo de caras com jeito *hipster* nos cumprimentou, dizendo a Toby que a gravata-borboleta dele era “de qualidade”.

— Viram só? — Toby deu um sorriso. — Gravata-borboleta é legal.

Posicionamo-nos perto de uma fonte que Toby julgava estar bem no meio de tudo. O Grove estava lotado, o que não surpreendia em uma sexta à tarde. Famílias com carrinhos de criança e turistas com máquinas fotográficas bonitas passeavam pelos caminhos de pedestre, cuidando de seus afazeres, fazendo compras ou simplesmente

conhecendo o lugar. Por mais um minuto de agonia, ficamos nesse clima palpável de expectativa coletiva, com milhares de desconhecidos tentando fingir que nenhuma razão especial os levara ali, até Toby cochichar “Já”.

Numa deixa invisível, todo mundo colocou o fone de ouvido e apertou o play. Adolescentes saíam das lojas, correndo na direção do saguão central para se juntar à dança.

Era fantástico! Estranhos sorrindo um para o outro, dançando break ou rock, ou balançando-se de acordo com algum ritmo misterioso que só a pessoa ouvia. Aumentei o volume dos meus fones, e dancei meio atrapalhado ao som de Clash.

Cassidy estava com fones DJ caros e dourados, que brilhavam à luz do sol. Ela os posicionou bem firmes nos ouvidos, fechou os olhos e ficou dançando como se ninguém estivesse olhando. A barra de seu vestido turquesa subiu perigosamente, e um antigo relógio de bolso preso a um colar saltava no peito dela, para baixo e para cima, e Cassidy estava tão bonita que eu mal conseguia aguentar.

Toby dançava de maneira engraçada, fazendo passos esquisitos e se esbaldando. E Austin fazia contorções complicadas que imaginei serem techno.

Em volta, pares de desconhecidos dançavam juntos, rindo. Fiquei impressionado com o número de pessoas gravando vídeos do evento, incapazes de participar do momento. Tinha um cara mais velho fantasiado de banana e movimentando a pélvis, desesperado para chamar a atenção. Fiquei imaginando em que área trabalharia, se num banco respeitável ou em algo completamente aviltante.

Mas esse *flash mob* não era para o cara da banana, nem para as pessoas constrangidas que ficavam filmando, nem para os grupos que saíram das lojas para ver o que estava acontecendo. Era para aqueles capazes de dançar como Cassidy, como se ninguém estivesse olhando, como se o momento fosse infinito o suficiente para não ser preciso lhe documentar a existência. Então, fechei os olhos e tentei.

Quando os abri, Cassidy estava ali, com os fones no pescoço. Ela me incentivou a fazer a mesma coisa, e, ao fazê-lo, fiquei chocado com o silêncio. Tinha tanta certeza de que a minha trilha sonora era parte de tudo que nem sequer percebera milhares de pessoas dançando em absoluto silêncio.

Nós dançamos por meia hora talvez, até que virou mais um espetáculo que um *flash mob*. Ninguém queria voltar ainda, então resolvemos jantar em Santa Mônica, numa hamburgueria antiga.

Depois fomos caminhar pela avenida, inventando histórias de vida trágicas e engraçadas para o cara da fantasia de banana. Los Angeles à noite se tornava diferente, mais vibrante e misteriosa. Eu estava quieto, porque tínhamos andado muito e não sabia se aguentaria mais. Então Cassidy apertou a minha mão e disse:

— Vamos sentar num banco e olhar as pessoas.

— Parece ótimo — concordei, aliviado.

Toby e Austin se enfiaram numa livraria para procurar uns livros de quadrinhos que não haviam encontrado na outra loja, e eu e Cassidy nos sentamos para esperá-los. Achei que tinha fingido muito bem conseguir acompanhá-los até ali, mas algum sinal eu dera, porque Cassidy suspirou e me lançou um olhar sério.

— Você podia ter *falado* alguma coisa — ela ralhou.

— Tá tudo bem — menti.

— Não, você quer que todo mundo *pense* que está bem. É diferente.

Encolhi os ombros e fiquei quieto. Cassidy estremeceu, e eu a puxei para junto de mim.

— Você acha que eles estão juntos? — ela cochichou, o rosto quentinho no meu pescoço.

— Quem?

— Toby e Austin.

Assustei-me com a pergunta, porque esse tipo de coisa não passava pela minha cabeça.

— Por que você pensou nisso?

— Sei lá — ela sacudiu os ombros. — Uma impressão. Mas posso estar enganada. Austin não parece muito esse tipo.

— E Toby parece? — não tinha me dado conta de que era uma pergunta retórica até fazê-la.

Era estranho para mim pensar que Toby podia ser gay. Não deixava de ter sentido, mas não me incomodava nem nada. Sempre dormíamos na casa um do outro quando crianças, e nunca fora esquisito. Ele era Toby, o capitão destemido.

Não demorou para que Austin e Toby voltassem.

— Vamos embora — eu disse, no caso de estarem prontos para andar mais ainda.

Cassidy me olhava insistentemente pelo canto dos olhos enquanto voltávamos para o carro, como se achasse que eu devia dizer alguma

coisa, mas de jeito nenhum eu iria pedir para o Toby trazer o carro.

— Banco de trás! — Austin gritou, correndo para pegá-lo. Ele se esticou, e depois cruzou os braços. — Não me acordem.

Toby virou os olhos.

— Não vou dirigir com todos vocês dormindo. Faulkner, vem pra frente.

Eu já havia me ajeitado, e um cochilo seria ótimo para esquecer a dor do joelho.

— Vou fazer companhia pra você — Cassidy disse, subindo no assento da frente.

Nossos olhares se encontraram pelo espelho retrovisor, e eu lhe dei um olhar agradecido antes de jogar o casaco no colo como um cobertor e cair no sono nas vias entupidas da 10 Leste.

Capítulo 20

No final de semana, Cassidy me levou para fazer compras num brechó. Ficava num conjunto de lojas de discos de vinil e restaurantes vegetarianos a poucos quarteirões de um grande centro comercial de luxo, um lugar por onde já tinha passado algumas vezes, mas pelo qual nunca me interessara.

Havia esculturas esquisitas em todo canto, que Cassidy chamava de “montagens artísticas”.

Uma delas era feita de barris enferrujados, e eu disse que o artista deveria refazê-la, levando Cassidy ao riso. O cabelo dela estava solto e lhe caía pelos ombros em ondas, como eu mais gostava. Ela tinha calçado botas de salto alto, e o fato de estar mais alta me despertava a sensação de mais proximidade, de ser mais fácil alcançá-la, ao andarmos de mãos dadas.

Ela me arrastou para uma lojinha estreita, abarrotada de roupas de segunda mão. Vasculhei, sem muito entusiasmo, uma arara de camisetas. Mais gente olhando que comprando. No balcão estava uma loira com cabelo rastafári e um brinco no nariz, e um rapaz asiático com o braço coberto por tatuagens e os lóbulos das orelhas esticados se postava junto do provador.

— Nossa, perfeito! — Cassidy exclamou, segurando uma monstruosidade de penas azuis que talvez tivesse sido um casaco ou um roupão.

— Não! — exclamei.

— Você vai experimentar! — ela insistiu, rindo ao colocá-lo no lugar.

Depois de algum tempo, ficou óbvio que Cassidy estava me

provocando com as piores coisas que encontrava.

— Essa é uma camiseta preta — ela me informou, ao olhar o que eu segurava. — Ah, Ezra, não vou fazer isso por você. Você tem de se expressar. Você não é do tipo que usa camisa da Abercrombie toda abotoada e jeans folgado.

Fiquei olhando a camiseta preta, e percebi que Cassidy não me arrastara até uma loja para comprar jeans novos. Na verdade, ela estava determinada a me ajudar a descobrir quem eu queria ser, agora que andava com um time de debate e participava de *flash mobs* e me infiltrava em aulas da faculdade. Dava para entender isso. Se eu não queria mais andar com meus antigos amigos, provavelmente não continuaria me vestindo como sempre. Sobretudo porque eu tinha perdido muito peso durante o verão e nada mais me servia.

— Alguma sugestão? — perguntei, pois isso parecia seguro.

— Hum... Que tal uma jaqueta de couro? — Ela me avaliou como se eu fosse um brinquedinho particular.

Quando despejei a minha pilha de roupas no balcão para pagar, a garota dos rastafáris sorriu.

— Linda jaqueta — disse, levantando-a. — Você devia usá-la com o jeans preto.

— Ah, tá bom — retruquei, pegando o cartão de crédito.

— Mas não com essa camisa. — Ela riu enquanto colocava tudo numa sacola.

— Tem certeza de que não quer o roupão de penas? — Cassidy brincou ao entrarmos no carro.

— Não. Toby ficaria com ciúme.

— Muito ciúme — Cassidy concordou.

Um carro esperava para ocupar minha vaga, e tão encostado na traseira do meu que eu mal podia manobrar.

— Sério, por que o mundo está cheio de motoristas babacas? — resmunguei.

— Bom, você está embaixo de uma árvore. Talvez ele seja apenas um *schattenparker* — Cassidy disse, ligando o rádio. Apertou algumas estações já selecionadas, mas encontrou apenas três comerciais seguidos. Desistiu.

— O que é *schattenparker*?

— É alemão. — Cassidy sorriu. — Em tradução livre, significa “alguém que só estaciona o carro à sombra para que não fique

quente”. O alemão é cheio de insultos muito bons.

— Como o quê? — perguntei.

— Hum. — Cassidy pensou um instante. — *Vomdoucher*. Alguém que não suporta banho frio. E eu gosto muito de *backpfeifengesicht*, que significa “uma cara que pede um bom soco”. É muito shakespeariano.

Sacudi a cabeça.

— Onde você aprende essas coisas?

— Você nunca fica entediado? — Cassidy perguntou.

— Tá, mas não procuro insultos em alemão no Google.

— Por que não? É fascinante!

Balancei os ombros, entrando na rodovia.

— Acho que isso nunca me ocorreu.

— Sabe o que acabei de pensar? — Cassidy perguntou, brincando.

— O quê?

— Nunca vi o seu quarto.

Felizmente, os meus pais tinham ido comprar novas luminárias, ou lâmpadas, ou algo parecido. Eu não havia prestado muita atenção na explicação da minha mãe naquela manhã, mas o fato é que não estavam em casa e demorariam para voltar.

— Devo ter medo? — Cassidy perguntou, cautelosa, enquanto subíamos para o meu quarto. — Será um desses quartos bagunçados e com cheiro de queijo velho?

— Claro. E tem pôster de moças de biquíni também. E uma gaveta inteira de lubrificantes.

— Ficaria decepcionada se não tivesse — Cassidy gargalhou.

O meu quarto não tinha nada de excitante, exceto pela cama de casal. Geralmente, estava sempre bem arrumado. E, se não estivesse, a minha mãe o arrumava antes que a faxineira viesse às terças-feiras, o que significava que xeretava todas as minhas coisas.

Eu não tinha permissão para pendurar pôsteres nem nada desse tipo, então havia apenas duas gravuras emolduradas: McEnroe e Fleming em Wimbledon, e mais umas coisas de navegação de que meu pai gostava, mesmo que a gente nunca tivesse navegado. E havia também uma prateleira grande com fotografias de danças da escola, um par de consoles de games e um espaço vazio onde ficavam os meus troféus de tênis, antes de eu guardá-los numa caixa no armário.

Abri a porta, e Cooper passou correndo por nós e pulou na cama, apoiando a cabeça no controle remoto do Wii.

— Cooper, sai fora! — eu disse, rindo.

— Ah, coitadinho. — Cassidy se sentou na cama e acariciou as orelhas dele.

— Assim ele não sai — comentei.

— Por que você tem um quadro de um veleiro? — perguntou ela. Mas eu apenas sacudi os ombros e me sentei ao lado dela. — Deixe que eu adivinho. Porque outra pessoa o escolheu e o colocou num quarto decorado para encapsular quem *você* é, mesmo que não se interesse em absoluto por barcos.

— Se eu disser que sim, ganho um beijo?

— Não na frente do cachorro! — ela fez cara de quem estava chocada.

— Cooper, cai fora! — eu disse, cutucando-o.

Cooper se ergueu, considerou a questão e prontamente se deitou de novo.

Cassidy por fim persuadiu-o a sair da cama e o enxotou para fora do quarto.

— Pronto — ela disse. — Conseguimos *sexisolar* o seu poodle muito bem.

— Façanha desbloqueada. — Tinha aprendido essa frase em nossa mesa de almoço, o que fez Cassidy sorrir.

Ela se curvou para tirar as botas, e depois ficou andando descalça pelo meu quarto, avaliando-o.

— Onde estão seus livros? — perguntou.

— Embaixo da cama — admiti, acanhado.

Cassidy se agachou e espiou.

— A biblioteca perdida de Alexandria — ela comentou.

— Não entendi, mas tudo bem.

— Você devia colocá-los nas prateleiras. A menos que tenha medo de que o time de futebol apareça aqui e descubra que você é um tremendo nerd.

— Não li muitos deles — contei, antes que ela pensasse o contrário. — São livros da época da faculdade da minha mãe.

— E nunca vai ler nada se ficarem escondidos embaixo da cama.

— Vou vestir a minha jaqueta de couro e amanhã irei até uma cafeteria ler um deles — prometi, sorrindo.

— Ah, metido — Cassidy brincou, jogando-se na cama. Estava arrepiada por causa do ar-condicionado, e a blusa meio caída revelava uma alça de sutiã de rendinha.

— Hum, vem cá — eu disse, puxando-a para cima de mim.

Esqueci uma música para dar clima, mas não importava. Pela primeira vez, tínhamos uma cama grande só para nós dois, uma porta trancada, e os ecos de uma casa vazia atrás da fechadura.

Beije-i-a no pescoço, escorregando as alcinhas de sua blusa pelos ombros dela, e beijando-os também. Puxei a blusa pela cintura, esperando que ela percebesse que eu queria que ela a tirasse.

— Muito sutil — ela disse, sentando-se e contorcendo-se ao tirar a blusa. Raios de luz de um final de tarde entravam pelas cortinas, dourando a pele de Cassidy.

— É roxo — eu disse feito um bobo, encantado com a aparência dela no sutiã de renda e com as curvas suaves de sua cintura.

Então Cooper soltou um ganido patético e raspou a pata na porta. Cassidy deu uma olhada, e Cooper gemeu de novo, mais alto.

— Quietto, Cooper! — ela exclamou, mas a menção ao seu nome o encorajou.

— É só ignorar — eu lhe disse.

E bem que tentamos. Mas é difícil fingir que um cachorro não está ganindo do outro lado da porta.

— Está ficando pior — Cassidy comentou, tentando não rir. — Não dá pra fazer alguma coisa?

— Ele nunca faz isso — resmunguei, levantando-me. Abri a porta, mas Cooper ficou me encarando, os olhos castanhos trêmulos. Tentou mais um ganido. — Não! — eu disse. — Quietto, Cooper! Fora!

Não vai dar, velho, seus olhos diziam. Deitou-se, colocando a cabeça entre as patas, e gemeu baixinho.

— Muito bem — agradei, fechando a porta com um suspiro.

Cassidy estava sentada na cama, de sutiã e jeans, os cabelos soltos pelos ombros.

— E aí, onde está essa gaveta cheia de lubrificantes? — ela brincou.

— Não vamos precisar dela — prometi, e a minha camiseta juntou-se à dela no chão.

Começamos a nos beijar de novo. Cassidy por cima, enganchada em mim. Seus cabelos roçavam meu rosto, e ela mordiscou meus lábios quando nos beijamos. Eu praticamente queria morrer; era muito excitante. Levei a mão ao sutiã e travei uma batalha malsucedida com o fecho, conseguindo enganchá-lo inteiro no velcro da minha braçadeira.

— Hum, temos um problema — admiti.

— Você... é... terminou? — Cassidy perguntou, sem graça.

— Não, nada disso — garanti. — Mas é que... estou preso no seu sutiã.

Preso era eufemismo. O meu punho estava praticamente algemado nas costas dela.

— Ah — Cassidy mordeu os lábios. — Talvez eu devesse... e se eu... espere... vou puxar pela cabeça.

— Que humilhante — resmunguei, enquanto Cassidy serpenteava-se para tirar o sutiã.

— Bem, isso dá um novo sentido ao termo “armadilha” — ela brincou, e nós dois rimos, a situação ainda mais interessante pelo fato de ela estar sem sutiã.

— Então, onde quer que eu ponha? — perguntei.

— *O quê?!* — ela exclamou.

— Ai, não... o *sutiã* — esclareci, despregando-o da minha braçadeira. — Desculpe.

— Você fica tão fofo assim vermelho. — Cassidy sorriu, maliciosa. — E, já que perguntou, que tal eu te mostrar onde pôr *exatamente*?

Ela deslizou debaixo das cobertas, e eu joguei o sutiã no chão, fechei os olhos e cerrei os punhos, deixando que a deliciosa pressão do calor de sua boca macia me levasse aos nossos fogos de artifício, todos explodindo de uma vez.

Mais tarde, depois de lhe ter retribuído a gentileza e de já estarmos vestidos, e após Cassidy ter manifestado toda a sua admiração pelo fato de haver uma suíte em meu quarto, e depois de termos deixado Cooper entrar de novo e inocentemente jogarmos Mario Cars com a porta aberta, para o caso de meus pais chegarem, Cassidy me perguntou se eu era virgem.

Dei uma pausa no jogo, já que tinha o controle A.

— Arram — disse, imaginando se adivinharia.

— Ah, meu Deus. — Ela segurou um sorriso, torcendo os lábios. —

Não pode ser!

— Ei, eu era um cara bacana! — tentei brincar.

— Sei, é horrível — Cassidy comentou ironicamente, brincando com o controle ao perceber o que tinha iniciado. — Bom, “estou me guardando” — Cassidy enunciou, como se fosse uma piada, depois encolheu os ombros, constrangida. — Por que chamam isso de “se guardar”? Como se a gente tivesse que ser resgatada? Como se virgens tivessem que ficar a vida toda envolvidas numa cerimônia sagrada que as “guarda” de relações sexuais.

— Contanto que você não tenha problemas com relações incompletas, acho que tudo bem — sorri.

— Que coisa é essa de *relações incompletas*? — Cassidy franziu a testa.

Tentei fazer uma cara de inocente.

— Será que poderia mostrar a você de novo?

Capítulo 21

Não sei bem se consigo apontar o momento exato em que comecei a ficar irreparavelmente diferente. Acho que não foi um momento; foi um processo. Uma reação química, se preferir. Eu não era mais o Ezra Faulkner, o menino de ouro, e talvez já não fosse, mas, quanto mais ficava com Cassidy, melhor me sentia em relação a isso.

Depois que ela foi para casa, e meus pais voltaram de seu passeio por várias lojas de decoração, assunto muito falado durante o jantar, vesti minha nova jaqueta de couro e me olhei no espelho. Olhei de verdade, como vinha evitando fazer há algum tempo.

Desde o acidente, só via as coisas que não iam bem: o cabelo muito longo para um atleta, a musculatura reduzida, o antigo bronzeado substituído por uma palidez doentia, os jeans antes justos agora caindo no quadril, mesmo com a ajuda de um cinto.

Mas dessa vez, ao olhar no espelho, não vi mais nada disso. Estava tudo ali ainda, não como falhas, apenas como fatos: magro, cabelo longo e despenteado, pálido. Suponha que eu mesmo, embora em uma versão diferente daquela que a maioria das pessoas se lembrava.

Num gesto solene, tirei os livros escondidos sob a cama e os coloquei nas prateleiras. Não que eu planejasse ler muito, mas era uma boa sensação olhar as prateleiras e contemplar suas possibilidades. Pensar que um pedacinho do meu quarto finalmente representava alguma coisa de mim, e eu era um cara que não tinha medo de livros na estante.

Fiquei imaginando como seria o quarto de Cassidy, se ele a encapsularia de uma maneira inviável no meu. Perguntava-me se seria um pouco como o de Charlotte, com desenhos de joaninhas ao longo da janela e uma mesinha cheia de cosméticos, aparentemente

indicando uma menina vaidosa.

— Por que nunca vamos à sua casa? — perguntei a Cassidy quando a peguei para irmos à escola, na segunda-feira.

— Porque temos uma empregada — ela disse, suspirando. — E ela contaria aos meus pais que eu trago meninos ali quando eles não estão.

— Tecnicamente, sou um só — disse, fazendo um gesto de cabeça para o segurança quando passamos por ele.

— Pior ainda — Cassidy me garantiu. — Acredite; é melhor assim. Não está perdendo nada.

— Talvez — retruquei, percebendo que ela queria mudar de assunto.

Cassidy tomou um gole do café que eu tinha trazido.

— Você já experimentou um café tipo French press? — ela perguntou. — Acho que ia gostar mais.

Cassidy e eu fomos ao cinema na sexta à noite, num encontro pra valer, no Prisma Center. Ela usava um vestido bonito, e eu, a minha roupa nova, e assistimos a uma comédia horrível com os mesmos atores que sempre participam dessas comédias horríveis.

A saída do cinema sempre me deixa estranhamente animado, envolto pelo cheiro de pipoca e com todo mundo falando sobre o filme. É como se tudo ficasse mais vivo, e a linha entre o provável e o cinematográfico se tornasse mais tênue. A gente faz grandes reflexões, como mudar para algum lugar excitante, ou arriscar algum sonho, ou sei lá o quê, mas depois não faz nada. Dá uma *sensação* de que a vida poderia ser como num filme se quiséssemos.

Nunca conseguira explicar a ninguém por que esses momentos ao sair do cinema eram tão sagrados, então fiquei surpreso quando Cassidy sorriu, mas não disse nada até chegarmos à escada rolante, permitindo-me desfrutar o silêncio perfeito de um momento absolutamente particular.

— É assustador — ela observou, dando-me a mão — ficar ouvindo um monte de conversas idênticas.

— Bom, então vamos ser os únicos com uma conversa diferente — prometi. — Me conte alguma coisa de quando era criança.

Cassidy sorriu, agradecida.

— Quando eu tinha sete anos, a minha melhor amiga soprou as velas do meu bolo de aniversário. Chorei porque achei que os meus

desejos não iriam se realizar. Agora, você me conta alguma coisa.

— Hã — pensei. — Aos sete, oito anos, eu e Toby pegamos um punhado de bijuterias de plástico de sua irmãzinha e enterramos tudo no canteiro de flores da mãe dele. Acho que a gente queria encontrar um tesouro enterrado, mas arrumamos a maior confusão. Tive que dormir num quarto separado, e ficou parecendo a coisa mais demorada do mundo.

— Não sabia que eram amigos há tanto tempo.

— Desde o jardim da infância — expliquei. — Dividíamos até o armário da escola.

Um dos rapazes da escola nos interrompeu para nos cumprimentar. Paramos para comentar que filme cada um tinha visto, o mesmo, aliás, e como fora horrível.

Na saída, passamos por metade das meninas do time de polo aquático, as quais passeavam perto de uma das fontes. Elas acenaram; retribuí com um sinal de cabeça.

Eu não tinha programado nada romântico, mas, como nenhum de nós queria ir direto para casa, acabei me oferecendo para mostrar a Cassidy o castelo do parque. Na verdade, apenas um imenso e antigo playground com uma imensa fortaleza de concreto construída lá pelos anos 1980, lugar onde eu costumava brincar quando criança.

No caminho, Cassidy descobriu que eu nunca tinha experimentado uma barra de Toblerone, o que considerava totalmente inaceitável, então paramos numa loja para comprar algumas. Enquanto esperávamos para pagar, o que talvez fosse a equipe principal inteira de futebol americano se amontoou na fila atrás da gente. Estavam comprando duas dúzias de latas de óleo na forma de spray antiaderente.

A situação era tão absurda que eu nem consegui rir de tão espantado.

Cassidy lançou-me um olhar sorridente.

— Oi — eu disse, virando-me.

Connor, o zagueiro, pareceu surpreso ao me ver, embora não tão surpreso quanto eu ao ver a formação completa do time largando uns bons trocados em spray de cozinha.

— Faulkner — disse ele, fazendo um sinal também para Cassidy: — Mulher do amigo.

Connor estava embriagado, o cheiro de álcool exalando em ondas. Eu esperava que alguém assumisse a direção do carro dele.

— Existem de vários sabores — Cassidy disse, educadamente, indicando o spray de cozinha com um sinal. — Não sei se sabe disso.

Segurei uma gargalhada. A situação toda parecia muito esquisita. E o pior era que o caixa, um garoto da escola bem mais novo que nós, sugeria paúra com a perspectiva de registrar a compra do time, e não era para menos.

— Sim, obrigado — Connor respondeu, acanhado, como se a gente o tivesse flagrado comprando pacotes de camisinha. Sinceramente? Teria sido menos surpreendente.

Paguei com rapidez, e apressei Cassidy até o estacionamento, onde gargalhamos a valer.

— O que significa *aquilo*? — Cassidy perguntou, arfante.

— Sei lá, mas parece que era a formação completa do nosso time de futebol americano comprando 24 latas de spray antiaderente de cozinha!

— Minha nossa! — Cassidy falou, ainda rindo. — Quero morrer! — Ainda ríamos quando estacionei numa vaga vazia no castelo do parque. — Talvez seja algum tipo de ritual — Cassidy continuou, especulativa. — Tipo, eles têm que se lambuzar de óleo para jogar e se agarrar.

— Se fosse isso, eu saberia. Os caras do tênis iam tirar muito sarro deles. — Como se a gente já não fizesse isso. Afinal, nós jogávamos um esporte de clube de campo. Eles usavam proteções acolchoadas e se atiravam um no outro.

— Talvez estejam aprontando com alguém.

— Provavelmente é algum jogo com bebida. Sprays de cozinha e cerveja.

— Ah, Deus.

Ficamos olhando para o imenso castelo de concreto, uma combinação esquisita de caixa de areia e trepa-trepa. Cassidy carregava os doces e bebidas que tínhamos comprado numa sacola plástica parecendo um buquê enrolado no punho dela.

— Então, é só subir? — ela perguntou, em dúvida, segurando-se numa parede de pedra que acompanhava a lateral da fortaleza.

Percebi que a dúvida era por *minha* causa.

— Bem, tem uma *escada*. — Dei a volta pelo outro lado do castelo, tentando levar na brincadeira o fato de não conseguir nem lidar com um maldito trepa-trepa de criança.

Chegamos ao mirante do castelo, o ponto mais alto do playground, e foi deprimente como me senti triunfante ao chegar ali. Havia um pequeno timão de plástico no balcão, o que fez Cassidy rir.

— É igual ao castelo do Monty Python! — ela disse, pegando o timão. — Vamos dar uma voltinha.

— Achei que não gostasse de cruzeiros — brinquei, sentando-me no chão emborrachado de nosso pequeno forte.

A lua cheia brilhava no alto, iluminando os contornos das bétulas, e dava para ouvir que ainda havia alguém nas quadras de tênis que ficavam além da área de refeição, apesar de já estar quase na hora de fechar. Quem sabe algum conhecido.

Cassidy sentou-se junto de mim, o vestido me provocando ao dançar com a brisa. Ela quebrou a barra de chocolate ao meio e esperou que eu a experimentasse com um sorriso que dizia “eu disse”.

Terminamos num tempo vergonhosamente curto, e eu a observei lambendo distraída o chocolate dos dedos. Ela corou quando percebeu a minha reação.

— Aposto que você tem gosto de chocolate — Cassidy disse.

— Aposto que sim — concordei. E então ficamos bem ocupados em nossa pequena torre particular, enquanto Cassidy se sentava no meu colo, enlouquecendo-me com as pernas nuas. Eu a beijei no pescoço, e ela enfiou as mãos por baixo da minha camisa, e eu não tinha ideia de onde isso ia parar, mas não me importava: a possibilidade magnífica de beijá-la tinha se tornado um fato incontestável em minha existência diária, e eu mal podia acreditar em como era sortudo.

Corri as mãos pelas coxas de Cassidy, meio esperando que ela as afastasse, mas, em vez disso, ela se sentou como se tivéssemos sido apanhados por sua querida e amável avó, e até onde eu sabia, era isso mesmo.

— Tem alguém aqui — Cassidy disse, arrumando o cabelo. E foi espiar pelas ameias. Esperei desesperadamente que ela tivesse imaginado o ruído, mas então ouvi uma gargalhada. Gargalhadas e latas de aerossol sendo chacoalhadas.

— Você não vai acreditar. — Cassidy me fez sinal para ir dar uma olhada.

Após estacionar suas caminhonetes e Blazers, o time de futebol americano estava todo ali. Com as latas de spray de cozinha nas mãos, eles investiam contra os balanços e trepa-trepas.

— É brincadeira! — cochichei, enquanto começaram a lançar o

spray no trepa-trepa.

— Que coisa horrível — Cassidy sussurrou. — A gente tem que fazer alguma coisa.

— Pode deixar — eu lhe disse. Afinal, nada acaba mais com o clima romântico do que testemunhar atos de vandalismo.

Eles não me viram até que eu cheguei à beirada da caixa de areia. Com a chave do carro, apertei o alarme, fazendo todo mundo pular.

— Ei! — eu disse, parando o som. — Connor MacLeary, seu bêbado, venha aqui!

Connor tropeçou na minha direção, chutando areia. Descalço, usando a camiseta do time e shorts jeans, ele parecia estranhamente vulnerável. Eu o conhecia desde o jardim da infância, e nesse momento nem sequer me lembrei de que era um membro de bengala do time de debate da escola prestes a encarar o zagueiro do time campeão de futebol americano; pensei apenas em como Connor tinha se recusado a usar um chapeuzinho de papel na festa de Ação de Graças da escola no jardim da infância. E em como tivera um acesso de raiva, e a professora Lardner o levava para se sentar até que se acalmasse.

Ele era o cara que se recusava a enviar cartões no Dia dos Namorados para as meninas gordinhas, mesmo que o normal fosse enviá-los para todo mundo; o cara que sempre se esquecia de alguma coisa do uniforme de escoteiro, e que fazia dioramas em papel almaço.

E naquele momento praticava vandalismo com óleo em spray no playground, o que era tão ridículo que a imensa diferença entre as nossas respectivas mesas da escola nem entrou em consideração quando decidi confrontá-lo.

— Faulkner! — Connor gritou, abrindo os braços como se fosse literalmente me abraçar no parque do castelo. — Timing perfeito! Pegue uma lata!

— Você é um filho da puta — falei. — Também um idiota, mas principalmente um filho da puta!

O sorriso dele sumiu, e Connor coçou a cabeça como se não estivesse acreditando na minha irritação, como se houvesse algum mal-entendido.

— O que foi? É uma brincadeira — ele explicou, rindo.

Balancei a cabeça, enojado.

— Nunca vi nada mais distante de uma brincadeira. Você está num *playground*. De *criancinhas*, seu imbecil. Junte seus capangas antes que

algum garotinho quebre um braço.

Finalmente, ele compreendeu que eu estava realmente zangado. Ergueu a cabeça, medindo-me, e, por um instante, achei que talvez me atacasse. Mas ambos sabíamos que ele não iria se dar bem. Não na segunda-feira, na escola; o time inteiro contra um cara de bengala.

Suspirei impaciente e liguei o alarme do carro de novo.

— Acabe com isso — ameacei. — Agora.

— Tá bom, Faulkner. Meu Deus! — Connor sacudiu a cabeça e caminhou na direção do seu time.

— Ei, imbecis — eu o ouvi gritando. — Joguem as latas fora. Foi uma ideia idiota. Vamos tomar cerveja lá na minha garagem.

Sentia-me invencível quando voltei ao castelo, como se tivesse realizado uma ação realmente boa. Sorri ao ver Cassidy. Ela estava sentada na escada, observando o time sair furtivamente. Sentei-me ao seu lado e a puxei para junto de mim.

— Completei o desafio, cara donzela — brinqueei —, e voltei ao nosso castelo para contar histórias sobre o meu triunfo.

Mas Cassidy não sorria.

— Não acredito no que fez — ela disse. — Achei que ele fosse pular em você.

— Derrotei o ogro — insisti. — Sou agora o rei do castelo.

— Ezra, é sério.

— Connor não faria nada. Eu o conheço desde os cinco anos.

Inclinei o rosto de Cassidy em direção ao meu, tentando retomar o que tínhamos começado, mas obviamente eu tinha esgotado a minha cota de êxitos naquela noite, pois Cassidy não se entusiasmou com meu gesto.

— Não quero que nada aconteça a você — ela comentou, fazendo um coque no cabelo. — Não me assuste desse jeito, tá bom?

— Nada de aventuras — prometi, e, como estava tarde, eu a levei para casa.

Ela parecia assustada no caminho de volta, talvez por realmente achar que testemunharia uma briga entre o namorado e o time de futebol americano. Como se, no final das contas, preferisse que eu não tivesse feito nada.

Capítulo 22

A escola na segunda-feira foi insuportável. Não imaginei que alguém soubesse o que tinha acontecido, mas ficou evidente que *todo mundo* sabia. Um garoto da equipe júnior de tênis, Tommy Yang (o irmão mais novo do sem-calça e mestre da mistura de saquê Kenneth Yang), do segundo ano, tinha estado nas quadras naquela noite e visto tudo.

— Queria ser invisível — gemi, deitando a cabeça na mesa, na hora do almoço.

— É. *Eu* queria que o peru deste sanduíche não estivesse suando tanto quanto um gordinho numa jacuzzi — disse Toby, filosoficamente, descascando dois pedaços incrivelmente pegajosos de carne e balançando-os para enfatizar o que dizia.

Eu ri, sentindo-me um pouco melhor a respeito de toda a atenção indesejada, quando Luke sorriu e reclinou-se na cadeira.

— Então... ouvi uma história bem engraçada — ele disse. — Me disseram que Faulkner combateu o time inteiro de futebol americano na sexta à noite.

— O que tem de engraçado nisso? — perguntei, sem humor para as besteiras de Luke.

— É verdade? — Toby jogou metade do sanduíche na embalagem.

— Em grande parte, sim — admiti. — Depende de que versão ouviu.

— Prefiro ouvir a sua versão — disse Phoebe, inclinando-se na cadeira. Lembrei-me então de que ela cuidava do jornal da escola.

Cassidy se juntou a nós, desembulhando um pacote de barras de granola.

— Oi — ela me cumprimentou, beijando-me rapidamente no rosto.

— Eu não contei nada. Garanto.

— Eu sei. — Suspirei. — Tommy Yang estava nas quadras de tênis.

E então contei a todos o que tinha realmente acontecido, deixando de lado a parte sobre eu estar com meia equipe o tempo todo graças a Cassidy e a minha, hã, fortaleza. Toby gargalhou tanto que chegou a roncá-lo, o que eu não o via fazendo desde que éramos crianças.

— Detesto dizer isso — Austin sacudiu os ombros, acanhado —, mas essa ideia de usar spray de cozinha assim é genial.

— O tipo de gênio que se enquadra no reino dos pedófilos e psicopatas — Phoebe observou.

— Mal posso acreditar que não te arreventaram todo — Sam disse.

— Bom, não sei se notou, mas estou mancando — brinquei.

Toby gargalhou.

— Eu teria mijado nas calças — ele me disse. — Se estivesse sentado no parque e esses capangas aparecessem bêbados e felizes com seus sprays; não estou brincando, eu teria alguma disfunção física.

— Era só o Connor MacLeary — comentei. — Ele parece um grande cachorrinho bêbado. Mesmo.

— Talvez para você — Toby retrucou. — Mas ele fez da minha vida um inferno na escola. Quem você acha que obrigou Tug Mason a mijar no meu Gatorade?

Na verdade, quando Toby mencionou isso, o mistério sobre Tug Mason e sua inclinação para mijar em bebidas foi solucionado. Afinal, as pessoas não fazem esse tipo de coisa sem estímulo.

— Toby tem razão — Phoebe concordou. — Esses caras do futebol são uns beberões. Não ganham um jogo há quanto tempo?

— Bom, eles desempataram com Beth Shalom na última temporada — informei. — Embora isso não conte muito, porque metade do outro time não viera por causa do Rosh Hashanah[10].

— Que bom que o Faulkner pode nos dar as estatísticas do futebol americano do ano passado — Luke resmungou.

— Vá se ferrar — eu disse.

— Vá ferrar a sua namorada — ele retrucou —, se é que o seu pau não está ferrado também.

A mesa ficou em silêncio, e até o barulho do pátio pareceu sumir, restando apenas eu e Luke Sheppard, com seus óculos desleixados, seu

nojento sorriso afetado e esse insulto imperdoável.

Sempre achei que, se alguém me chamasse de aleijado, como se fosse motivo de vergonha, eu não me importaria. Acho que só pensara nisso em termos amplos, na palavra em si, como quando Charlotte chamava a turma de debates de um time de nerds ou de uma orquestra de perdedores. Mas o que Luke fizera não era um insulto genérico. Era genuinamente ofensivo, e ele não ia se safar dessa.

— Você é um filho da puta — disse Phoebe, dando uma bofetada no rosto dele. O tapa ecoou, ou talvez a palavra é que tenha reverberado, e, conseqüentemente, o mundo inteiro rugiu e voltou ao seu lugar.

Phoebe se levantou, levando a mochila junto. O espírito turbulento de seu almoço inacabado ficou ali na mesa: metade de um biscoito de chocolate e um sanduíche de pasta de amendoim com duas mordidas exatas.

— Vou ver se ela está bem — Cassidy disse.

— Não. — Sacudi a cabeça. — Eu vou.

Encontrei Phoebe num banco de metal do lado de fora do complexo de natação, na beirada do estacionamento. Ali não havia mesas para almoço, então era um bom lugar para o mau humor, se a gente não se importasse com o cheiro de cloro.

Os olhos de Phoebe estavam vermelhos, e ela afagava a mão direita como se ainda doesse. Então me deu espaço no banco, eu me sentei, e não dissemos nada.

— Ele é um idiota — Phoebe resmungou depois de algum tempo, enxugando os olhos na manga do suéter.

— Eu sei. — Peguei um pacote de lenços na minha mochila.

— Você tem lenços de papel. — Ela balançou a cabeça como se eu acabasse de lhe oferecer um lencinho bordado.

— A minha mãe compra montes deles. Tenho desinfetante de mão também, se quiser apagar a cara do Luke da sua mão.

— Você não precisa ser tão simpático comigo — ela murmurou.

— Bom, você meio que defendeu a minha honra.

— Eu dei um tapa em *Luke Sheppard*.

Ela fez o nome dele soar como se significasse alguma coisa. Como se ela não tivesse o direito de esperar que ele a cumprimentasse no corredor, e como se ele realmente fosse tanto quanto queria parecer. Era chato ver a Phoebe ali, com seu rabo de cavalo e os óculos, um ano mais nova que eu e tão pequena que seus pés mal encostavam no

chão, estarecida por ter sido a única pessoa entre nós com coragem de colocar Luke no seu devido lugar.

— Ele estava sendo um *backpfeifen*, sei lá o quê. Uma cara que pedia um monte de socos — eu disse. — Então, não se preocupe. Não fez nada que ele não merecesse.

— Agora até estou querendo que o tapa fosse mais forte — Phoebe falou, pensativa. Eu ri. Ela continuou: — Nossa, não acredito no que ele disse — e estremeceu, como se a cena toda se repetisse na cabeça dela. — Ninguém enxerga você assim. Um coitado, sei lá. Luke costumava se comparar a você, como ambos disputavam as coisas. Ele sempre reclamava que você era um atleta presunçoso e tolo que não fazia nada, mas levava os créditos. E agora você está aqui do mesmo lado, e você é na verdade um cara bem legal, e isso está acabando com ele. Ou seja, se tem alguém que não pertence a essa mesa, esse alguém sou eu.

Nunca tinha me ocorrido que Phoebe se sentisse insegura conosco. Talvez porque sempre visse a nossa mesa como mista, e não como um grupo de rapazes com suas namoradas, ou talvez porque Phoebe se desse bem com todo mundo. Mas não aguentava vê-la perdida em tantas dúvidas.

— Escute — eu disse com firmeza, como fazia quando precisava dar sermão no time. — Todo mundo da nossa mesa adora você.

Phoebe me olhou como se não tivesse certeza de eu estar falando sério.

— Mas e se não adorarem mais? — perguntou, trêmula.

— Se você e Luke se separarem?

Phoebe sacudiu a cabeça.

— É difícil explicar — ela disse. — É como... sou paranoica em relação a emprestar o meu laptop, achando que vão descobrir algum arquivo secreto que fará todo mundo pensar que sou horrível... algo de que nem me lembro. E, mesmo que não haja nenhum arquivo assim, continuo paranoica, entende?

— Todo mundo se sente assim. Até Luke.

— Está enganado. Luke não se importa se alguém achar que ele é horrível, desde que façam o que diz.

Percebi então que Phoebe o conhecia infinitamente mais do que eu. Que Luke a tinha abraçado nos cinemas e enfiado a língua em sua boca nos torneios de debate, e que ela jamais se sentira feliz com isso, nem com eles dois.

— Eu gostaria que alguém tivesse medo de me perder — Phoebe disse. — Mas Luke só tem medo da perda do poder.

Eu meneei os ombros, sem saber o que dizer, então silencieei. Fiquei olhando o ginásio do outro lado do complexo de natação, e, depois de um tempo, passei o braço pelos ombros de Phoebe, porque ela era pequena e estava chorando, e isso parecia correto. E ficamos assim até o sinal tocar.

Naquela semana, tínhamos votação para rainha do baile, e a urna brilhante ficava rindo de mim diante da sala. Tínhamos de escolher um menino e uma menina para rei e rainha do baile, e eu nunca fui bom nisso. Seria estranho votar em mim mesmo, até em coisas como as eleições para administração discente, em que eu tinha de tomar a iniciativa, e sempre achei que os meus votos não soavam sinceros quando anotava o nome dos meus amigos. Por fim, deixei a folha de votos em branco.

Quando me sentei para almoçar, a mesa estava estranhamente vazia. Luke e Sam tinham saído do campus, indo ao Burger King ou algo assim, e não falamos sobre aonde eles haviam ido, ou se voltariam.

Phoebe tinha roubado meio saco de pipoca doce da sala de jornalismo, e cada um pegou um punhado. Cassidy nos mostrou como tirar a parte inferior de modo que ficassem parecendo dentes. Bem, ela fingiu que tinha perdido um dente, e depois riu quando entendemos o que fizera. Mas o nosso riso parecia sem graça, como se estivéssemos num teatro quase vazio, e nada que a gente fizesse deixaria o espaço diferente.

A nossa mesa permaneceu nessa situação por dois dias, até Luke e Sam reaparecerem como se nunca tivessem se ausentado. Luke ostentava um ar complacente, e, quando desembulhou o sanduíche, um lampejo de prata brilhou no dedo dele. Um anel da pureza[11]. Inicialmente, achei que fosse ironia, então não entendi por que todo mundo estava rindo. Mas era sério para Luke, ou pelo menos era isso o que queria que a gente pensasse.

— O que posso dizer? — ele meneou os ombros, humildemente. — Enxerguei os erros do meu caminho.

Phoebe riu com desdém, sussurrando, como se fosse para Luke ouvir:

— É mais provável que esteja saindo com alguma menina da igreja.

Incrível! Em vez de Luke reaparecer envolto numa nuvem densa de constrangimento, como são essas coisas em geral, essa atitude mais-

santo-que-você e o anel sagrado nos davam a chance de rir dele, uma oportunidade que Toby não desperdiçou. Era como se a culpa em nossa mesa tivesse se resolvido com uma rachadura, com Luke e Sam de um lado, e o restante de nós do outro, imaginando como nem sequer tínhamos visto o terremoto.

Capítulo 23

Sexta-feira de manhã e a segunda confraternização do ano. Os arcos de balões de gás em cada seção das arquibancadas eram de cores outonais. Parecia o carnaval mais desanimado do mundo.

Juntei-me a Toby e Cassidy na terceira fileira da seção dos mais velhos, onde Toby reservara o lugar da ponta para mim.

— Tem certeza de que não quer ficar na fileira dos professores? — ele brincou.

— Vá se ferrar — respondi, também brincando.

— Vá ferrar sua namorada — Cassidy acrescentou, rindo. A gente fazia isso agora. A frase tinha virado uma gozação do grupo, e eu ficava contente com isso.

Nós nos acomodamos na arquibancada, esperando o início da confraternização. Abaixo de nós, a tanga pink de Staci Guffin subia magnificamente pelos jeans, formando uma cauda de baleia de neon.

Toby a apontou com uma cara de desaprovação que fez Cassidy abafar um riso histérico, e eu senti uma espécie de maldade no riso deles, ainda que Staci fosse uma de minhas ex-namoradas. A confraternização então começou, e as meninas do grêmio estudantil, usando saias escocesas, entraram dançando ao som abominável de Kate Perry. Olhei para Toby, que balançou a cabeça como se constrangido por elas.

— VETERANOS! CADÊ A ANIMAÇÃO? — gritou Jill, levando a mão ao quadril.

O barulho era ensurdecedor.

E continuou assim por mais uns cinco minutos, incentivado pelos

pedidos: *Não estou ouvindo* e *Ah, agora sim*.

Tiffany Wells, nossa irremediavelmente loira presidente dos eventos sociais, pegou o microfone. No ano anterior, durante as reuniões do grêmio estudantil, ela fizera anotações com uma caneta enfeitada de penas rosa. E daí se tem a impressão de que os amigos riram dela, que não entendia muito o motivo do riso.

Todos prestamos atenção enquanto Tiffany anunciava o tema do baile: Monte Carlo. Ela o comunicou como fosse especialmente emocionante um cenário de papelão fundo imitando motivos de cassinos e “mesas de blackjack de verdade”.

Toby queria morrer.

— Jogatina falsa e comportada — ele cochichou. — No ginásio de esportes!

Tive de admitir, *era* o fim!

E então Jill entregou um envelope a Tiffany.

— Certo — disse, separando bem as vogais de um jeito particularmente californiano —, vamos anunciar os indicados para rei e rainha do baile, e eu estou superanimada, gente! — ela gritava no microfone, fazendo todo mundo estremecer com a reverberação. — Se eu chamar o seu nome, venha até aqui receber a rosa real!

— Meu Deus — Toby cochichou. — Parece a gravação de um reality show.

Eu ri.

Cassidy nos mandou silenciar, fascinada.

— Os indicados para rainha — Tiffany continuou, chamando Jill Nakamura, Charlotte Hyde, Sara Sumner, que tem uma panelinha detestável de meninas da Liga de Caridade que fingem morar em mansões à beira-mar da Back Bay, e Anamica Patel.

Estremeci ao ouvir o nome de Anamica. Era uma dessas brincadeiras cruéis que Charlotte gostava de fazer: dizer a todo mundo para indicar alguém só de gozação, e Anamica sem dúvida foi o alvo naquele ano. Anamica era um pouco obcecada demais com notas altas, mas não merecia receber vaias dos idiotas do fundão.

— Que horror! — Cassidy cochichou quando Anamica se encaminhou para pegar a rosa real, o rosto vermelho de vergonha.

— E agora, os indicados para rei — Tiffany continuou, assim que as vaias pararam. — Evan McMillan.

Evan ficou andando com a rosa acima da cabeça como se fosse um

prêmio.

— Jimmy Fuller.

Jimmy ergueu o punho.

— Luke Sheppard.

Luke tentou agir como se estivesse acima disso, embora se percebesse a expressão de triunfo no rosto dele.

— E Ezra Faulkner.

Gelei. O ginásio pareceu silenciar, e tudo o que eu conseguia pensar era: *Ah, Deus, eu sou a Anamica Patel. Sou a piada da vez.*

Não sei como cheguei até o centro do ginásio, mas de repente a rosa estava em minhas mãos, e a escola inteira foi se levantando ao meu redor, parecendo que eu era um gladiador condenado.

Quando me sentei de novo, Toby ria.

— Que bom que você já tem um terno — ele disse.

— Cale a boca — sussurrei, sentindo-me péssimo e desejando que todo mundo parasse de me encarar.

Na hora do almoço, eu continuava completamente confuso com o que tinha acontecido: talvez uma piada, ou algum vestígio de pena, ou alguma outra coisa bem diferente. De qualquer modo, metade da minha turma de Matemática veio me cumprimentar, como se a indicação fosse motivo de orgulho e não de constrangimento.

Parecia estranho, como se todos os convites de festas que eu recusei tivessem sido autênticos, como se não importasse o fato de eu mal conseguir subir escadas, namorar uma menina do time de debate e passar os finais de semana estudando com Toby Ellicot.

— Parabéns — eu disse a Anamica, depois da aula de Matemática, pois parecia a coisa certa a fazer, já que tínhamos ambos uma rosa murchando em nossas carteiras.

— Ah, você também? — Anamica me olhou como se eu estivesse rindo dela.

— O que foi? — perguntei, confuso.

— Já *entendi*, Faulkner. O seu popular grupinho maldoso votou em mim de gozação. Não precisa esfregar isso na minha cara.

— O *meu* grupinho? — Acho que ela não tinha visto o memorando dizendo que o trono fora usurpado há meses. E então pensei que Anamica e eu estávamos na mesma situação: constrangidos, atravessando um dia que nos tinha banhado de uma atenção não

desejada. Mas ela obviamente não achava isso

— Me deixe em paz — avisou, jogando a rosa no lixo.

Havia uma tensão estranha e inegável pairando sobre nossa mesa na hora do almoço. Eu nunca antes competira diretamente com Luke, e tinha a nítida sensação de que ele não gostava dessa ideia, achando que éramos adversários finalmente lançados um contra o outro.

Toby ficou alheio a essa tensão enquanto explicava os bailes da escola a Cassidy, em voz alta: como todos nós tínhamos de posar para um fotógrafo que arrumava a tela de fundo na sala de treinamento de peso, como os professores ficavam desajeitadamente próximos à parede do ginásio, espantados com a música e a dança.

— É hilário — Toby garantiu a ela. — Todas as meninas com vestidos de cetim cheios de pedrarias falsas, e todos os caras chegam por trás delas, e eles dançam de modo sensual... uma dança maluca

— Dança maluca? — Cassidy ergueu a sobrancelha.

— Tipo, dança provocativa, assim encosta, encoxa, esfrega, rebola... — Toby explicou, com uma imitação que me fez engasgar com o chá gelado.

— Podemos fazer isso, por favor? — Cassidy me pediu. — E você tem de me levar pra jantar num desses lugares horríveis, com máquinas de refrigerante e palitos de massa crocante.

— Acho que o cara tem que convidar a menina pra dançar — eu disse.

— Ah — ela soou desapontada ao pensar nisso. — Tudo bem, farei cara de surpresa.

Eu ri.

— Combinado — prometi.

— Ih, esconda-se! — Toby sussurrou, mas levei um tempinho para ver do que estava falando. Charlotte Hyde caminhava até nós, e sozinha. O rabo de cavalo brilhava ao sol, e ela sorria como se soubesse que todos a olhavam.

— Ezra — ronronou. — Venha até a mesa um instantinho.

A mesa. Como se só existisse uma no pátio inteiro.

— Por quê? — perguntei, desconfiado.

Charlotte ficou remexendo a ponta do rabo de cavalo, incomodada.

— É por causa do baile. Precisamos de você.

Supirei e me levantei, achando que era melhor resolver logo isso. Luke também se levantou, supondo que o convite o incluía. Charlotte ergueu uma sobrancelha.

— Você, não — ela disse, pegando no meu braço e me levando para longe.

Charlotte estourava bola de chiclete e sorria para mim, acariciando-me o braço. Seu perfume era o de sempre: uma combinação de colônia, brilho de lábios e algum chiclete de fruta, o que sugeria um irresistível cheiro artificial de morangos.

— Que jaqueta bonita — ela comentou, enquanto nos dirigíamos a minha antiga mesa. — Mal consigo tirar as mãos dela.

— Foi Cassidy quem escolheu.

— Vai levá-la ao baile, não vai?

— Ela é minha namorada, Charlotte.

Chegamos à mesa, e todos ergueram os olhos.

— Cara! — Evan disse, sorridente. — O trio foda no baile. Somos uns *reis* do cacete!

Não tive coragem de lembrá-lo de que haveria apenas *um* rei. Então sorri e disse:

— É, sem dúvida.

— Céus! — Jill virou os olhos. — Rolei de rir quando chamaram Anamica. E depois *Luke*. Que piada!

— Pois é. — Charlotte deu uma risadinha. — Ele ainda usa *aparelho nos dentes*.

Fiquei ali, pouco à vontade, imaginando se alguém admitiria que eu só fora indicado por compaixão, até Evan me arrastar de lado e explicar que eles iam arrumar uma suíte de hotel para depois do baile. Teria Beer Pong, e logo em seguida uma festa na banheira de hidromassagem. Queria saber se eu topava.

— Quanto? — perguntei, supondo que ele não estivesse de fato me convidando, bem como à minha namorada, para encher a cara com eles no Four Seasons.

— Uns cem paus. Talvez mais, se a gente arranjar uma limusine.

Evidentemente, era pra valer. Evan de fato achou que eu ia querer pagar pelo prestígio de ser coparticipante do que sem dúvida terminaria em confusão.

Dei um jeito de arrumar umas desculpas e caí fora.

- Oi — disse, acanhado, quando retornei à minha mesa.
- O que eles queriam? — Luke perguntou, estreitando o olhar.
- Nada. Rachar uma limusine.

Mas sei que ele não acreditou em mim.

Convidei Cassidy para o baile enquanto estudávamos com Toby no café da livraria Barnes & Noble na tarde seguinte. Pedi ao barista que escrevesse o convite no café.

Ao vê-lo, Cassidy sorriu.

— Meu Deus do céu — ela cantou, num sotaque sulista forçado —, um cavalheiro querendo me levar ao baile.

— Vamos jantar no Fiesta Palace — prometi. — Você pode pedir batatinhas num sombrero e tem um cara que vem e faz chapeuzinhos de balão de gás com a banda de mariachi.

— Nossa, senhor Faulkner! — ela exclamou, ainda com o sotaque ridículo. — Isso parece mesmo maravilhoso.

E aí Toby fingiu sentir nojo quando nos beijamos.

O celular de Cassidy tocou com uma secretária qualquer confirmando uma consulta (“O consultório do dentista”, ela cochichou, fazendo careta), e saiu para falar. Perguntei a Toby quem ele iria levar ao baile.

— Acho que eu e Phoebe podemos ir, como amigos — ele admitiu.
— E Austin está decidido a levar uma menina da classe de Inglês, ele acha que encontrou sua alma gêmea.

— Ah, então vocês não... — parei de falar, constrangido.

— Não, Faulkner, não somos — ele respondeu, seco.

Encolhi os ombros, desejando que Cassidy voltasse para me salvar. Mas isso não aconteceu.

— Hã, tudo bem... quer dizer, tanto faz. Se vai com Phoebe ou...

— Puxa, cara, isso dói — Toby acrescentou. Para minha surpresa, parecia que ele controlava o riso. — Eu não sou gay. Quero dizer, *acho* que sou, mas vou descobrir na faculdade. A gente *tem de ter* certeza para sair do armário na escola. E eu sou irremediavelmente solteiro, nunca beijei, nenhuma perspectiva no horizonte, sempre namorando minha mão esquerda e uma pilha de DVDs de *hentai*.

— Hentai? — perguntei, tentando ficar sério. — *Mesmo?*

— Sim. Acaba de ganhar muitos pontos de nerd por saber o que é

isso.

— Hã. — E pensei nisso. — Bom saber.

— Ah, não se preocupe, você não é meu tipo — Toby disse, áspero.

— Imaginei, se você gosta de hentai...

— Não fale mais de hentai — ele implorou. — Não devia ter mencionado isso. — Ambos rimos, já que admitir gostar de animês de nus japoneses era uma vergonha, e nós dois sabíamos que eu ia encher o saco dele o resto da vida. — Escute — Toby continuou, tomando um gole do seu frappuccino —, obrigado por ser legal. Estava um pouco preocupado.

— Sério? — Fiquei pensando se eu dava a impressão de ser o tipo de cara que repudia o melhor amigo por algo assim. Não era um bom pensamento.

— Seus antigos amigos me chamariam de veado — Toby disse.

Estremeci.

— Não chamariam, não!

— Deixe-me esclarecer — Toby começou, amargo. — Eles me chamariam de veado *de novo*.

Ele sacudiu a cabeça e não me contou quando o haviam ofendido, e eu queria pressioná-lo, mas Cassidy voltou, e Toby então fez com que ela entrasse em sites bobocas com fotos oficiais constrangedoras, e a gente riu tanto que o barista veio propositalmente limpar a mesa.

Capítulo 24

Todo mundo concordou que jantar no Fiesta Palace era um golpe de gênio muito irônico, então fiz reservas para seis. Ou melhor, liguei e tentei fazer reservas, só para ser ridicularizado pela mulher que atendeu ao telefone.

Austin não parava de falar da tal menina que ia à academia de artes e sabia fazer efeitos especiais de maquiagem, e Phoebe e Cassidy foram comprar vestidos durante três dias seguidos, e a coisa toda foi virando uma produção tão grandiosa que eu não saberia dizer se estávamos mesmo levando tudo a sério.

Mas era mais ou menos assim que funcionávamos. Sempre de gozação, mas não a ponto de não querer participar. Claro que a minha mãe ficou extasiada por eu ter convidado Cassidy para o baile. E não parava de perguntar qual era a cor do vestido que ela usaria (até onde eu sabia, Cassidy ia de fraque e cartola), e se íamos ao jogo (não), e onde íamos jantar (menti, falando o nome do restaurante italiano de que ela e meu pai gostavam), e o que íamos fazer depois (assistir a uma maratona de “Doctor Who” na casa do Austin).

Segunda-feira, tivemos de votar em rei e rainha na sala de aula. Fiquei lembrando as eleições para a administração discente, quando a gente marcava A para um candidato e B para outro e assim por diante. Entreguei a minha folha em branco, tentando não lembrar que estivera hospitalizado durante as eleições do ano passado. Em vez disso, pensei em Cassidy, e no modo como ela pronunciava algumas palavras com sotaque britânico, e como detestava quando, nos restaurantes, as pessoas pegavam guardanapos demais. Era como se eu estivesse colecionando lembranças dela; como se eu soubesse o que aconteceria.

Na tarde do baile, havia uma fila imensa na floricultura, e eu tentei me distrair observando a molecada que viera com os pais, e ficava por ali fingindo não estar constrangida. Mas depois de algum tempo isso se tornou chato, então, tirei uma foto de um colar havaiano de flores rosa-choque e enviei para Cassidy com a mensagem: *me ofereceram esse colar pelo mesmo preço do buquê de pulso!*

Você está brincando, né?!, ela imediatamente respondeu.

Ri e a deixei imaginando enquanto pagava o buquê.

O meu telefone tocou quando me dirigia ao carro.

— Por favor, não me diga que comprou aquilo — ouvi Cassidy falar.

— Não comprei — admiti. — Mas ia ficar lindo!

— Muito engraçado.

Tony Masters entrou chiando no estacionamento, com as janelas da Blazer abertas e espalhando rap bem alto. Tocou a buzina me cumprimentando, e eu dei um pulo de susto.

— Droga! — exclamei, meio apavorado, embora ainda na calçada.

— O que foi?

— Nada. Só um filho da puta da escola.

— Tá certo, mas tente não morrer antes desta noite.

— Se eu encontrar um imenso SUV preto com jeito de que não vai parar no sinal vermelho, dou marcha à ré — prometi.

— Como assim?

— O acidente — contei. — De maio passado...

— Você nunca me contou essa parte. Sempre se referiu ao “acidente”.

— Ah, achei que tinha contado. — Enfiei a mão no bolso para pegar as chaves. — Eu estava saindo da festa do Jonas, e ainda tinha um carro bacana, antes deste Voldemort. — Silêncio, e certa hesitação da parte de Cassidy. — Falei que tinha decidido apelidar o Volvo? — continuei, perguntando-me por que ela não estava rindo. Talvez impressionada com o nome superinteligente com que eu nomeara o carro.

— Desculpe. — Ela parecia distraída, como se estivesse no cabeleireiro ou algo assim. — Tenho de desligar.

— É, eu também. Te vejo à noite.

Fiquei pronto um pouco antes e passei uns produtos no cabelo que eu

nunca usara para ir à escola, e fiquei ali, em frente ao espelho, arrumando minha gravata um tempão. Não me sentia nervoso por levar Cassidy ao baile, pois tinha certeza de que iríamos brincar e nos divertir com nossos amigos como sempre, mas essa história da eleição de rei e rainha me dava a sensação de ser obrigado a voltar para um mundo que eu estava contente de ter deixado.

Eu não esperava ser o rei. Ficaria envaidecido, claro, mas seria bobagem, já que é o tipo de coisa que acabava assim que acontecia. Mesmo assim, ajustei o alarme do celular para a hora em que a professora Reed, conselheira do corpo discente, dissera que os indicados deveriam se dirigir à sala verde. A “sala verde”, como se fosse algum lugar mais charmoso do que o pequeno anexo com um banheiro unissex para portadores de necessidades especiais, atrás do ginásio de esportes.

Peguei *O grande Gatsby* enquanto esperava Cassidy chegar e reli os trechos sobre as festas, pois pareciam bem animadas. Fiquei tão absorvido na leitura que não percebi que o tempo passava, assustando-me quando a minha mãe bateu à porta do meu quarto.

— Talvez devesse ligar para Cassidy, querido — ela sugeriu, preocupada. Estava com uma câmera pesada e antiquada que meu pai lhe tinha dado no Chanucá^[12], uns cinco anos atrás.

— É, vou mandar uma mensagem — prometi, pegando o celular. Mas, como ela não respondeu, liguei. Caiu na caixa postal, e achei bobagem deixar um recado.

Depois de meia hora de atraso, como Cassidy ainda não tinha ligado nem enviado mensagem, comecei a ficar preocupado. Minha mãe enfiou a cabeça pela porta do quarto, perguntando o que estava acontecendo. Ela fingia estar alegre, com aquela lamentável câmera antiga, e, não sei por que razão, dei uma olhada no celular e fiz de conta que Cassidy tinha acabado de me responder.

— Ela está muito atrasada — menti, pegando as chaves. — É mais fácil se eu for buscá-la. Não se importa, né?

O segurança do Terrace Bluffs, já acostumado a me ver indo buscar a Cassidy, acenou e me deixou passar. Uma criança desenhara, com giz, fantasmas e abóboras na rua. Algumas casas em Summit Terrace já estavam decoradas para o Halloween: lâmpadas cor de laranja brilhantes nas árvores e teias de aranha falsas nas cercas.

Peguei o buquê e toquei a campainha, imaginando se finalmente iria conhecer os pais de Cassidy. Ninguém respondeu; bati mais forte, e toquei de novo, tentando não ser muito mal-educado.

— Alô! É Ezra — chamei, caso pensassem que era um desses meninos de bicicleta que iam de porta em porta falando das alegrias da Igreja dos Santos dos Últimos Dias. Afinal, eu *estava* de gravata. Uma limusine passou, com Tommy Yang, do time de tênis juvenil, pondo a cabeça pelo teto solar. Ele gritou para mim; eu acenei. Só depois de a limusine desaparecer na esquina comecei a entrar em pânico.

Liguei para ela de novo. O celular tocou cinco vezes antes de entrar na caixa de mensagem: “Oi”, ela disse, rindo. “Deixe uma mensagem de 140 caracteres ou menos e — oh, meu Deus, Owen, pare, estou tentando gravar um recado — desculpe, então, deixe uma mensagem. Ou envie um telegrama se for urgente.”

— Hã — eu disse. “Oi. Sou eu, Ezra. Aqui, na frente da sua porta, e o buquê está ficando suado. Não, espere, isso é meio nojento. Úmido. Desculpe, piorou. Bom, venha abrir a porta logo porque a campanha já está toda cheia de impressões digitais.”

Há quem sinta medo de falar em público. Eu tenho medo de deixar mensagens de voz. Falar no vazio, e a voz sendo *gravada*, sem ensaio nem aviso, sempre me deixou confuso.

Após estar certo de que não tinha ninguém em casa, voltei para o carro, tentando não me apavorar. Cassidy tinha *sumido*, e fiquei sem entender o que estava acontecendo. E então, sem saber como agir, liguei para Toby.

— Oi! — ele disse, respondendo ao primeiro toque. — Vocês dois estão a caminho?

— Cassidy sumiu — respondi, chateado.

— Como assim, sumiu? — ele parecia se divertir, como se esperasse uma explicação engraçada.

— Ela não apareceu, não respondeu as minhas mensagens e estou do lado de fora da casa dela, mas ninguém atende à porta. Chame a Phoebe.

Toby me pediu para esperar, ouvi uma conversa abafada, e por fim Phoebe pegou o celular e me perguntou o que estava acontecendo.

— Não sei — respondi, a voz falhando. — Cassidy não está em casa e não atende o celular. Vocês não foram ao cabeleireiro ou algo assim?

— Não — Phoebe disse, num tom de voz sério. — Não falo com ela desde ontem.

— Falei com ela esta tarde — expliquei, hesitante. — Pode ligar pra ela? De repente, está me evitando.

— Claro — Phoebe respondeu. — Um minuto; vou usar o meu celular.

Ouvi o barulho do restaurante, e um som distante de celular tocando, e aí um bipe tímido e “Oi, deixe uma mensagem de 140 caracteres ou menos...”.

— Sinto muito — Phoebe lamentou. — Ela não atendeu.

— É. Ouvi.

Ficamos em silêncio, pensativos.

— Quem sabe o cabeleireiro atrasou? — Phoebe sugeriu.

— Talvez — comentei, pouco otimista.

— Bom, Austin acabou de chegar e, ah, meu Deus, a namorada dele é completamente gótica. Não estou brincando. Está de batom preto e tudo o mais.

Ouvi certo barulho, e Toby pegou o telefone de novo.

— Temos que tirar sarro de Austin agora. Avise quando estiver a caminho, certo?

— Tá bom — prometi. — Vão em frente e façam os pedidos.

Desliguei o celular e procurei a programação musical que tinha feito para essa noite, ouvindo os Kooks cantando sobre o mar, enquanto um carro passava, um farol acendia e eu esperava o celular tocar. Em vão.

Depois de algumas canções, coloquei o cinto de segurança e saí do meio-fio. Alguma coisa estava errada. Cassidy sempre me esperava. Sempre, com a lanterna na janela do quarto; sempre descendo sorridente pela calçada diante de sua casa, nunca atrasada nem desaparecida.

Antes de mais nada, havia minha preocupação. Imaginei-a numa vala nas trilhas de caminhada, ou num acidente de carro na rodovia, deitada num leito de pronto-socorro, com aquela cortininha fina escondendo-a. Imaginei-a tragicamente, e nunca me ocorrera imaginá-la em uma tragédia.

Como não sabia o que fazer, fiquei rodando por Eastwood. Dirigir me acalmava, especialmente à noite, com a luz dos postes ondulando levemente fora de foco e as ruas vazias, além dos trechos escuros das antigas fazendas.

Passei então pelo castelo do parque, e alguma coisa me fez parar. Uma figura na torre mais alta, aquela com o timão. Uma garota.

Estacionei. Sentia o coração bater dentro do ouvido, não querendo saber, mas sem conseguir me impedir de descobrir.

As luzes do estádio apontavam nas quadras de tênis, derramando uma névoa suave no concreto do castelo. Assim que saí do carro, eu o vi: o verde inconfundível do suéter preferido de Cassidy.

Cruzei o gramado, chamando-a. Ela pulou da torre com facilidade, saltando a caixa de areia e cruzando o playground.

Enquanto vinha ao meu encontro, observei o jeans e a camisa xadrez, os tênis, o cabelo num rabo de cavalo. Parecia uma garota que não tinha a menor intenção de ir a um baile, e, seja lá o que isso significasse, boa coisa não era.

— O que está fazendo aqui? — perguntou Cassidy com uma expressão séria e fria, como se eu fosse a última pessoa que desejasse ver, e a irritação de sua voz me confundiu.

— O baile — expliquei, forçando um sorriso, para brincar. — Lembra?

Cassidy abriu a boca para falar alguma coisa, mas simplesmente disse, como se fosse óbvio:

— Não vou.

— Está certo. Bom, talvez pudesse ter me avisado antes? — E encolhi os ombros, desamparado.

As luzes do estádio de repente pareceram mais fortes, como aquelas das salas de cirurgia.

— Vá pra casa, Ezra — Cassidy implorou. — Por favor, vá embora.

— Não!

Cassidy me encarou, os olhos de quem não conseguia mais chorar.

— Meu Deus, não percebe que você é a última pessoa com quem quero conversar agora? — ela perguntou.

— É, percebo, mas não entendo por quê.

— É complicado. — Cassidy cruzou os braços como se estivesse com frio, e o meu instinto era lhe oferecer o meu paletó, mas é claro que não o fiz. Com nós dois ali naquela colina gramada do castelo do parque, um buquê murchando no banco do meu carro, enquanto os nossos amigos comiam as entradas numa mesa com assentos vazios, não ia ser assim gentil.

— Talvez possa me explicar mesmo assim?

— Tudo bem, querido. — Ela nunca me chamara assim antes, e eu não gostei. — Não é óbvio? Você. Eu. Namorando. Eu estava me divertindo. Mas meu namorado chegou de São Francisco de surpresa. Ele acabou de ir ao posto de gasolina para comprar cigarros. Você

provavelmente não vai querer estar aqui quando ele voltar.

Cassidy fez um sinal com a cabeça na direção do posto de gasolina, logo do outro lado da rua. Pensei em ir até lá e dar um soco na cara do miserável. Mas Cassidy fungou, e me pediu para ir embora.

Ficamos ali, olhando um para o outro com frieza. O castelo estava atrás dela, como uma foto de uma noite que tínhamos compartilhado há milhares de anos duas semanas antes.

— Eu... o tempo todo... tinha mais alguém? — perguntei, entorpecido.

Ela ergueu um pouco a cabeça, colocando as mãos nos quadris, como se fosse difícil ter de me explicar.

— Como poderia ser você? Meu Deus, Ezra, vê se se enxerga. Você é um rei do baile sem moral que perdeu a virgindade com alguma líder de torcida numa banheira. Você me leva para comer hambúrguer e ao cinema de sexta à noite num lugar multiplex. Você representa tudo o que existe nessas cidadezinhas caipiras de que sempre faço piada, e você ainda estará aqui daqui a vinte anos, treinando o time de tênis da escola para reviver os dias gloriosos.

No dia em que recolocaram o osso quebrado do meu pulso, eu acordara numa mesa de operação. Foi só um instante, e logo os médicos aumentaram a anestesia. Mas naqueles segundos as luzes estavam brilhantes e quentes, e os cirurgiões se curvavam sobre mim, e o meu sangue pingava do bisturi deles, e senti que estava num pesadelo.

Mas foi pior ouvir Cassidy. Eu não estava quebrado quando saí de casa uma hora antes, com o buquê de rosinhas brancas ainda frescas da geladeira, mas estava arrebetado agora.

Fiquei olhando Cassidy, horrorizado. O queixo dela se projetava teimosamente e os olhos pareciam um furacão, e eu não tinha onde me esconder.

— Tá bom — eu disse, desanimado. — Desculpe. Eu... desculpe.

Virei-me e fui embora.

— Ezra! — ela chamou, desesperada, como se eu estivesse agindo de modo insensato.

Fiz uma pausa, refletindo, mas o que mais havia para ser dito? Continuei então a minha marcha fúnebre até o estacionamento.

A morte de um relacionamento. Pelo menos, eu estava vestido para o velório.

O meu celular parecia uma lista de compras de tantas chamadas perdidas, mas não quis ligar para ninguém. Dirigi até minha casa na escuridão fria, passando pelo fantasmagórico trecho de bétulas brancas e depois pela alça que circundava Eastwood como um laço.

Apertei os freios num sinal vermelho que tinha surgido recentemente, e o buquê voou, caindo no chão. Deixei-o ali, deslizando para a frente e para trás, ferindo as pétalas a cada curva da estrada.

— Ezra? — a minha mãe chamou quando cheguei.

— É. Oi.

Ela viu no meu rosto que tinha acontecido algo profundamente, horripilantemente ruim. E que eu não queria falar.

— Vai ao baile, querido? — perguntou.

— Não.

Subi, com Cooper me seguindo preocupado, e bati a porta, trancando a nós dois no quarto. Deitei na cama de terno e fechei os olhos.

É assim que nos enterram, pensei. No melhor terno, aquele usado em casamentos e funerais, um terno com que as meninas cobriram os ombros nas noites frias e do qual as lavanderias tiraram todas as manchas.

De repente, não aguentei mais aquela roupa. Ela a escolhera para mim, e essa ideia me horrorizou.

Cooper ganiu, nervoso, batendo o rabo nas cobertas enquanto eu me despia completamente. Fiquei olhando o ventilador, mas as pás me lembravam do meu carro anterior, o logo da BMW, então me virei, afundando o rosto no travesseiro.

Foi então que ouvi: o alarme no meu celular. O resultado da eleição de rei e rainha. Nem quis saber.

O alarme continuou a cada dois minutos, enquanto eu fiquei ali despido, desconsolado na escuridão. Chorei de desalento, pelo modo como as palavras de Cassidy tinham me aleijado, e pelas três palavras não ditas que eu vinha carregando comigo, e como uma delas acabara de mudar.

— Odeio você, Cassidy Thorpe — sussurrei. — Eu odeio você.

Capítulo 25

Há um relógio na sala de aula de Cálculo do professor Choi que tem 72 segundos em cada minuto. Já o contei antes, fascinado por essa discrepância, mas sem acreditar muito nela. Havia alguma coisa errada no relógio, não no tempo propriamente dito.

Naquele final de semana, alguma coisa estava errada com o tempo, que passou numa agonia de minutos arrastados e horas perdidas. Ignorei o celular e fechei as cortinas, suportando a angústia até chegar a hora de ir para a escola, quando me esgueirei furtivamente com dois dias de barba por fazer e lições de casa inacabadas.

Foi estranho dirigir para a escola sozinho, como se estivesse esquecendo alguma coisa. Observei os trabalhadores migrantes nos campos de morango, dando duro para colher frutas fora da estação, e pensei que preferia estar ali, sentindo o sol me queimar a nuca, mas engajado num tipo de atividade que ocuparia a minha cabeça o suficiente para repelir toda a dor que sentia. Mas não; eu tinha uma prova de Cálculo.

Fui reprovado no teste, pra valer. Era como se a minha cabeça não quisesse acelerar, como se simplesmente quisesse pôr o pé no freio. Desacelerar. Sei lá.

Quando soou a campainha e entreguei a minha folha de resposta, Anamica ergueu os olhos e me encarou.

— Olha só — disse, guardando a calculadora com mais força que o necessário. — Se não é o rei da festa.

Sei muito bem que a resposta certa não é: “Hã? O quê?”, mas foi o que eu disse.

Anamica suspirou e me lançou uma cópia do jornal da escola.

Obviamente, havia uma foto da confraternização na página principal, com todos os indicados segurando a rosa real e ninguém olhando para a câmera. Suponho que tenham feito também uma foto do baile, com todos usando roupas formais e tal, mas essa eu perdi.

Ezra Faulkner e Jillian Nakamura nomeados rei e rainha. *Artigo e fotos de Phoebe Chang*, dizia o subtítulo.

— Certo — eu disse, ainda chocado. — Uau. Então parece que aconteceu mesmo.

— Você tinha que me acompanhar — reclamou Anamica. — Quando todos os indicados subiram ao palco, eu tive que ir sozinha porque você deu o fora.

— Sinto muito — resmunguei, enquanto recebia no ombro um tapinha de Justin Wong.

— E aí, Faulkner! Parabéns! — ele cumprimentou, já saindo para o intervalo.

— Obrigado. — Fiquei ali, meio zozinho, enquanto outros dos meus colegas de classe me parabenizavam. Tinha chegado à escola naquela manhã sob uma névoa de angústia, na esperança de atravessar o dia sem que prestassem muita atenção em mim, mas obviamente isso não aconteceria.

Tony Masters passou por nós e puxou a alça da mochila de Anamica.

— Não se preocupe, voto gozação, você vai ganhar como animal de estimação em outra oportunidade.

Anamica lhe lançou um olhar sombrio, como se me culpasse disso também, e de repente eu simplesmente tive de sair dali. A última coisa que queria era explicar por que perdera o baile, e Anamica Patel era a última pessoa com quem queria conversar.

— Desculpe — disse, e saí rápido da sala, pegando uma escada para me desviar da quadra.

Rei do baile. E eu de cueca e jogado na cama, num profundo desespero, quando anunciaram o título.

Dava até para imaginar a escola inteira ali, confusa, enquanto chamavam o meu nome e eu não estava em lugar nenhum. Dava até para imaginar que alguém, Toby, Phoebe, ou mesmo Austin, tivesse enviado uma mensagem. Mas é claro que o meu celular ficara desligado, e ainda estava. Um imenso prazer me invadira ao vê-lo apagar na mesinha de cabeceira, sem carga nenhuma.

Eu não ia para lugar algum em particular, só estava evitando as

pessoas, então acabei no meu carro, desejando ter coragem de sair, mas o cara da segurança iria me importunar.

Quando o sinal tocou, decidi que não assistiria à próxima aula. Em vez disso, escondido pelo casaco, enfiei-me em uma das mesas do fundo da biblioteca, ouvindo uma lista de músicas antigas de Dylan e me lembrando da primeira vez que as tinha ouvido, no consultório do Dr. Cohen, a trilha sonora perfeita para o meu inferno pessoal. Quando ergui os olhos, o pátio já estava lotado para o almoço e a bibliotecária me encarava ainda sem saber se me permitiria ficar ali o dia todo.

Levantei-me, tentando me preparar mentalmente para a penosa experiência de encarar a escola inteira como o rei da festa. Minha aparência estava horrível, o cabelo num emaranhado só e a barba crescida. As olheiras pareciam uma parábola, e a camiseta que eu vestia já vivera dias melhores.

Os meus olhos automaticamente se dirigiram para a mesa de Toby: Phoebe me viu e acenou, mas hesitei, sem vontade. E então a voz animada de Evan McMillan atravessou a tensão do pátio:

— E aí, Faulkner! Traz essa realeza pra cá!

De repente, compreendi o que devia fazer. E talvez já soubesse o tempo todo. Fiz um sinal de cabeça para Evan, e caminhei até ele, até a mesa junto da parede que separa um pátio do outro, com a escola inteira me olhando, como se nunca tivesse saído de lá.

Com um sorriso bem-humorado, aguentei as palhaçadas e tapinhas nas costas do time de tênis, e esperei que alguém me oferecesse um lugar na mesa já lotada.

— Trevor, levante-se — Evan rosnou para um dos mais novos.

— Foda-se, estou de muleta — Trevor se queixou.

Estava mesmo. Com uma dessas lesões esportivas superficiais, do tipo que nos tiram de um jogo. Em dúvida, Trevor foi pegando a muleta, mas eu sacudi a cabeça.

— Guarde-a para mim — eu disse. — Tenho que comprar o almoço.

Mas não me mexi. Por um lado, estava sem apetite, por outro, não confiava em mim mesmo para voltar. De qualquer modo, pouco importava, pois não conseguiria sair dali mesmo se quisesse, pois metade da equipe das meninas queria me abraçar, afinal *meu Deus do céu, não era muuuuito grandioso que eu tivesse ganhado como rei e onde é que eu estava na hora?*

Resmunguei alguma coisa sobre uma briga com Cassidy, e todas elas

arrulharam como costumam fazer, como se essas coisas tristes e cachorrinhos fofos fossem permutáveis.

— Ah, tudo bem — falei, pouco à vontade com toda a atenção. — Sinceramente.

Charlotte ficou ali no alto do muro, balançando as pernas compridas e bronzeadas e observando tudo.

— Só para esclarecer — ela disse, pulando do muro e jogando o cabelo num movimento fluido —, você brigou ou terminou?

E eu me permiti dizer:

— Nós terminamos.

— Já estava mesmo na hora. — Charlotte pousou a mão no meu braço por um breve instante. — Ah, e bem-vindo de volta.

O bom rei a casa torna. Essa frase ridícula se alojou em minha cabeça durante todo o almoço, quando por fim Aaron Hersh se levantou e eu pude me sentar, e Charlotte, Jill e Emma Rosen foram até a fila do almoço e voltaram rindo, agarradas a um sanduíche de peru, um Gatorade amarelo e pacotinhos de mostarda, insistindo que eu não precisava lhes pagar.

Dei uma olhada para a mesa de Toby enquanto desembulhava o sanduíche, e foi como se as últimas seis semanas nunca tivessem acontecido. Cassidy desaparecera, restando apenas Phoebe e os meninos, e muito espaço entre eles nos bancos.

Luke flagrou-me olhando e fez um movimento arrogante com o queixo, como se dissesse *você fica aí do seu lado, que eu fico no meu.*

— Faulkner? O que você acha? — Jimmy jogou em mim uma batatinha, para chamar a minha atenção.

Eu a tirei da roupa com uma colher, jogando-a de volta na embalagem dele.

— Divirta-se comendo essa coisa que passou pela minha virilha.

Todo mundo riu. Jimmy balançou os ombros, levando a embalagem à altura do rosto, e a esvaziou.

— Não ligo — ele respondeu. — E aí, vem ou não?

— Aonde? — perguntei.

— Pro treino, cara. — Achei que ele estivesse brincando. — Alguém tem que fazer companhia no banco pro Trev aqui — Evan insistiu.

Acho que não havia meio-termo numa descida ao inferno, então disse que iria. Na verdade, que alternativa havia? Ficar no quarto

fingindo não escutar a minha mãe andando de um lado para o outro de preocupação e achando que o fantasma de Cassidy, do outro lado do parque, não iria me assombrar?

Quando o sinal tocou, indicando a hora da aula de Física, eu passei pelo lugar onde ficam as bicicletas e acabei procurando a Cannondale vermelha de Cassidy. Mas ela não estava lá. Claro que não. Nem Cassidy Thorpe.

Trevor e eu nos sentamos em lados opostos do banco perto do bebedouro e nos cumprimentamos com um aceno de cabeça. Eu não o conhecia muito bem; era mais novo, e acho que me lembrava dele sem camisa, anunciando o perfume oficial da Abercrombie & Fitch quando Charlotte costumava me arrastar para compras. Mas, como isso não era um bom tema de conversa, resolvi ficar calado.

Um grupo de namoradas do time de tênis chegou e se sentou à mesa de piquenique junto ao bebedouro. Conversavam entre si, sem demonstrar muito interesse pelas quadras.

— Oi, Ezra — Emma chamou, provocando-me com um esmalte de unha. — Quer que eu faça as suas?

— Claro — brinquei, sentando-me com um sorriso.

Ela chegou a pensar que eu falava sério

— Faulkner! — Evan gritou da quadra. — Bata umas bolas com Trev, tá bom?

Da mesa onde as namoradas se reuniam, ergui os olhos e disse:

— Não dá! As minhas unhas ainda estão molhadas.

— Não estão! — Emma guinchou. — Eu ainda nem comecei!

— Vou voltar, prometo — eu disse, piscando.

— Então, é... quer que eu pegue umas raquetes? — Trevor perguntou, nervoso.

— Vá em frente — respondi. Afinal, por que não?

Dividimos a quadra com Evan e Jimmy, e usamos umas raquetes ruins que o treinador guardava no vestiário. Trevor, que só tinha uma torção no tornozelo, jogou as muletas de lado e foi pulando até a linha de rebatidas. Eu já o havia visto nos juvenis, mas não esperava que estivesse na equipe principal antes do terceiro ano.

Deixei a bengala e me dirigi à quadra. E então me dei conta de que Trevor estaria ótimo na semana seguinte, mas eu ainda permaneceria na linha lateral, o que me lembrava de modo cruel de que as coisas jamais voltariam a ser como antes, independentemente da pessoa com

quem eu me sentasse na hora do almoço.

Lancei um par de bolas fáceis a Trevor e depois algumas mais difíceis. Foi ótimo segurar a raquete de novo. Após uma semana sem a munhequeira, vi que os médicos estavam certos: o meu pulso tinha sarado. Mas é claro que não conseguia jogar de verdade, pelo menos não um jogo inteiro, nunca, e não havia como me enganar.

Infelizmente, o professor Anthony nos viu.

— Faulkner — ele disse, friamente.

— Olá, senhor — respondi, percebendo que estava segurando uma raquete e uma bengala.

— Você está no meu time, Faulkner? — ele perguntou.

— Não, senhor.

— Então, por que está na minha quadra?

Estremeci.

— É...

— Só estávamos brincando um pouco, senhor — Trevor disse, mexendo-se nas muletas.

— Brincando? E não foi assim que você se machucou, Barnes? — o professor revidou, com azedume. — Trevor resmungou que sim. — Fiquem fora das quadras, senhores — o treinador continuou, em tom de ordem — até que consigam dar três voltas completas com uma raquete acima da cabeça. É claro que vou exigir uma demonstração.

— Sim, senhor — murmuramos, e voltamos para os bancos.

— Três voltas completas, maldito. — Trevor desdenhou da punição.

Três voltas completas, pensei. Daria tudo para conseguir completar uma. Mas é claro que não disse nada. Em vez disso, estiquei-me no banco como se isso me desse prazer, mas jurando intimamente nunca mais aparecer ali.

— Minha nossa! — Emma guinchou, assustada. — O que é aquilo?

Ela apontou para o outro lado das quadras de tênis, onde um animal grande se enfiava pelos arbustos ao pé das colinas, a pelagem acobreada brilhando no sol.

— Cara, é um coioote — Trevor sussurrou, nervoso.

Mas, assim que o vimos, os arbustos pararam de mexer; o animal voltava para as montanhas.

— Que esquisito — eu disse —, em geral não aparecem durante o

dia.

— Talvez não fosse um coioote — Emma brincou, com voz de assustar. — Ou talvez estivesse procurando você.

A minha mãe me encurralou quando cheguei em casa. Parece que ela tinha ligado duas vezes. E eu não havia atendido ao celular.

— Onde andou? — ela perguntou, mais preocupada do que chateada.

— No treino de tênis — respondi, e ela achou que eu estava brincando.

— Ezra! — Dirigiu-me aquele olhar de mãe. Cooper, cochilando no tapete embaixo da pia da cozinha, acordou e ganiu, pesaroso. — Sente-se.

Sentei-me. Ergui os olhos como se fosse uma provação. Esperei.

— Você engravidou aquela menina? É isso o que está acontecendo?

De tudo o que eu esperava ouvir da minha mãe, essa estava praticamente na lista de espera.

— É, pode planejar o enxoval — resmunguei. — Não, mãe. Pelo amor de Deus!

Olhamos um para o outro durante um tempo, e ela adoçou, percebendo exatamente por que eu estava desanimado o final de semana inteiro.

— Ezra, querido — ela murmurou. — As meninas mudam de ideia. Acontece. Deus sabe que eu parti alguns corações na minha época.

— Mãeee — gemi, abaixando a cabeça.

— É só um comentário, querido. Uma ducha e a barba feita não fariam mal. Você pode continuar péssimo e *limpo*.

— Que *maravilha* de conselho — eu disse, sarcástico.

— Olhe o tom — ela avisou, servindo-nos um suco sem açúcar. — Como foi a escola?

— Fui eleito rei. — Contei isso como os amigos de Toby costumavam fazer com declarações sérias... com um certo sorriso afetado, como se não fosse verdade, mas, se fosse, não seria engraçado?

— Mesmo? — ela ergueu a sobrancelha.

— Mesmo.

— Que *maravilha* — ela comentou, com uma animação falsa. —

Aposto que essa menina está arrependida de dispensar você.

Não tive coragem de lhe dizer que era o contrário.

Capítulo 26

Na terça-feira, Cassidy também não apareceu na escola. A professora Martin, que se achava muito esperta, me escolheu durante a chamada para perguntar se eu sabia por onde a Senhorita Thorpe andava. A classe toda riu diante dessa situação propositadamente desconfortável, enquanto eu gaguejava um “*no se, señora*”, desejando desaparecer.

Tinha aula num curso avançado à tarde, e assim arrumei algumas desculpas esfarrapadas, nas quais ninguém acreditaria, para passear pelas quadras de tênis, e depois fui ao Complexo Médico de Eastwood com as janelas do carro abertas.

O tempo estava maravilhoso, e, enquanto o calor transbordava pelo carro, meus pensamentos reviveram uma conversa durante o almoço daquele dia, quando Jimmy falou que umbigos saltados se pareciam com mamilos. Evan riu tanto que se afogou com o refrigerante, e teria sido hilário se eu não ficasse pensando muito tempo naquilo, o que acabou se tornando incrivelmente depressivo. Na verdade eu não entendia como se tornara tão doloroso ficar perto de Evan e Jimmy, se fomos companheiros de equipe desde o nono ano.

Nós três fomos os únicos novatos da escola a fazer parte do time de tênis. Mas, agora, sentado ali na mesa do almoço, pensando na primeira festa do curso de formatura de que iríamos participar, os três muito nervosos e vestindo nossas jaquetas de couro como se usá-las irradiasse tranquilidade, pensei se realmente algum dia tivemos algo em comum além de aguentar a aporrinhção dos alunos mais velhos um ano antes que o restante dos nossos companheiros de time.

Era frustrante ficar ali ouvindo conversas, em sua maioria de fofocas e piadas sem graça feitas à custa de alguém, me contendo para não fazer nenhuma observação inteligente e fingindo que me divertia. Era

como se eu tivesse saído para uma aventura épica, perseguido os fogos de artifício e enterrado o tesouro, dançando a música que apenas eu podia ouvir e voltasse apenas para saber que nada havia mudado, exceto para mim. Talvez fosse melhor assim, lembrando aqueles poucos meses no começo do ano como uma coisa maravilhosa que acabou, em vez de viver no mundo de Cassidy sem ela.

O Dr. Levine me passou a série de exercícios de sempre. Conversamos sobre como eu estava me saindo e se iria ver o Dr. Cohen depois, e não sei por que perguntei se era possível dispensar a bengala.

O Dr. Levine me olhou pensativamente por um momento e, então, voltou-se para a minha ficha.

— Acho que podemos tentar por uma semana e ver como você se sai — respondeu ele —, desde que entenda bem que estamos trabalhando dentro do seu limite atual de movimento, o que realmente é bem restrito.

Eu disse que entendia, e lá veio ele me desanimar com uma lista de cuidados e não acompanhados de uma pilha de folhetos.

Guardei tudo na mochila e caminhei para o hall pensando que, ainda assim, seria bom guardar aquela estúpida chave do elevador. Como o banheiro onde eu normalmente trocava as roupas dos exercícios estava em reforma, usei o outro, que ficava ao final do corredor, sendo, portanto, obrigado a passar pela sala do Dr. Cohen.

Hesitei do lado de fora. Não aparecia ali desde o verão, quando rapidamente planejei o que dizer para sair do trauma semanal da terapia antitrauma. Era estranho passar por uma porta e saber exatamente aonde ela conduziria, e como minha vida estava péssima quando estive ali da última vez, uma espécie de antinostalgia.

A porta da sala de espera estava aberta, e uma garota entrou. Usava o uniforme vermelho e amarelo dos Rancho, e ela chamou minha atenção com um sorriso constrangido antes de se dirigir às escadas.

Não estava com vontade de voltar para casa, então continuei andando e cruzei a ponte, perambulando um pouco pelo campus da UCE. Era menor do que me lembrava, e, com a mochila nas costas e a jaqueta de couro, desapareci imediatamente em meio à multidão de estudantes. Senti alívio ali, como se fosse invisível depois dos últimos dias, quando olhar para mim se transformara na atividade extracurricular para a qual toda a escola aparentemente tinha se inscrito.

O lugar me lembrava do dia em que Cassidy e eu fingimos ser

alunos, mas, então, eu sabia que seria possível. Pensei na coroa de flores feita perto do riacho, com Cassidy rindo quando lhe contei que provavelmente eu acabaria em alguma faculdade estadual das redondezas, que eu realmente não planejava ir embora do Condado de Orange. No entanto, ela estava certa. Eu não pertencia a este lugar; não me via num dormitório a cerca de vinte quilômetros de casa, ouvindo toda noite, antes de dormir, os estrondos só um pouco mais distantes dos fogos de artifício da Disney.

Eu meio que esperava ver Cassidy saindo de um prédio, com jeans e tênis, seu disfarce. Imaginei-a me olhando, secretamente feliz por ter me encontrado. Iríamos nos sentar num dos muitos bancos de madeira, e ela me diria como sentia muito por aquele lamentável engano. Mas esse tipo de coisa nunca acontece, exceto em filmes horrorosos.

Fui até a biblioteca, onde a garota sentada atrás da escrivaninha me acenou sem tirar os olhos do livro que lia. Pensei que ela não fosse me deixar entrar, ou no que eu faria uma vez que estivesse lá dentro. Mas eu carregava uma mochila cheia de livros, e ali havia uma área bem confortável, de maneira que me sentei, peguei minha lição e coloquei os fones de ouvidos. Só que me acomodei em um sofá de frente para a entrada; parte de mim desejava que Cassidy aparecesse.

Naturalmente, isso não aconteceu, e depois de um tempo parei de olhar para a porta cada vez que ela abria. Fui inundado pela sensação de paz ali dentro, ouvindo um álbum antigo de Frank Turner, resolvendo as questões de Física e tomando um copo de café surpreendentemente bom para um campus. Após guardar minhas coisas, perguntei-me se estava de fato procurando Cassidy ou se esperava encontrar a mim mesmo.

Não sei o que eu esperava quando entrei furtivamente em Discurso e Debate na quarta-feira. Mas com certeza não era Cassidy abandonando a leitura de algum livro enorme, com uma tristeza assombrosa nos olhos.

— Está de volta — eu disse, aumentando ainda mais a estranheza entre nós.

— O que aconteceu com a sua bengala?

— Estou bem sem ela. — Escorreguei desajeitadamente para o meu lugar, de certa forma provando exatamente o contrário do que tinha falado. O copo de café que segurava virou, espalhando o líquido para todos os lados. — Desculpe, estava cheio demais. — Tirei alguns lenços de papel da mochila para secar a mesa.

Cassidy fechou os olhos e respirou fundo, como se estivesse se controlando para evitar dizer e fazer um milhão de coisas de uma vez. Pegou de novo o livro, dobrando-o como um escudo. A mesa seca entre nós ainda cheirava suavemente a assado francês.

A professora Weng não reparou que eu andara ausente da aula. Resfriada, estava determinada a não perder os dias que passou doente, e impôs à classe um documentário sobre a história do discurso público e diminuiu a luz.

Cassidy estreitou os olhos para seu livro em função do brilho ofuscante da TV, e eu tentei em vão prestar atenção ao DVD. Uma absoluta tensão carregava o ar à nossa volta, pela acusação que eu não iria fazer, pela relação que tivemos um dia e por uma justificativa em que, com certeza, nenhum de nós acreditava.

Se ela achava que eu era uma brincadeira, então, devia ter rido muito depois que terminamos, em vez de agir como se quisesse desaparecer completamente. Alguma coisa acontecera. Alguma coisa importante. Embora todos os sinais apontassem para uma explicação comum — a maneira como, às vezes, usava roupa de garotos, a foto no telefone registrando Cassidy acompanhada por um garoto que ela dizia ser seu irmão, o fato de nunca ter me deixado ir à casa dela, como se precisasse se esconder —, eu não podia acreditar em nada disso.

Acabei frequentando regularmente a biblioteca da universidade naquela semana, indo de carro até lá todos os dias para fazer meu dever de casa. Estava acostumado com muitas atividades à tarde: tênis, reuniões do comitê de alunos, e até as aulas preparatórias do SAT. E também havia o time de debate, e Toby e Cassidy para preencher as minhas tardes. Agora, eram frustrantes as horas intermináveis de tempo livre, e eu me sentia estranhamente agradecido ao meu orientador por ter me inscrito em vários cursos avançados, pois assim poderia esticar as minhas lições por horas se as fizesse minuciosamente.

Eu percebia a preocupação de minha mãe, porque, quando cheguei em casa na terça, ela tinha deixado a bengala encostada na porta do meu quarto, como se eu a tivesse esquecido, em vez de decidido não usá-la mais.

Havia algo reconfortante a respeito da dor de andar sem a bengala. Algo que tranquilizava a dor física que eu tinha de suportar, a qual fazia parte de mim independentemente de Cassidy. Pensei no pino de metal no meu joelho, substituindo a parte que não funcionava mais. Mas não era o meu coração, fiquei repetindo. Não era o meu coração.

Capítulo 27

Na sexta-feira, quando encontrei Toby e Phoebe no carrinho de café, eles pareceram surpresos, e não muito contentes, por me ver.

— Oi — cumprimentei-os meio encabulado, entrando na fila atrás deles.

— Ah, tenho permissão para conversar com você? — Toby fingiu preocupação. — Ou os seus amigos atletas vão me arremessar contra os armários? — Ri da piada. Em nossa escola não havia armários, pois cada um de nós mantinha um conjunto pessoal de livros em casa. Ele continuou: — Bom, você está com uma cara horrível.

— Cassidy e eu rompemos — expliquei, como se a escola inteira ainda não soubesse.

— Eu disse que está com uma cara horrível, não com o coração partido — Toby me corrigiu. — E você bem que podia ter retornado as minhas mensagens, já que cuidei para que ninguém percebesse que faltou na segunda. Fiquei preocupado.

— Tem razão, obrigado. Não ficar retido foi ótimo. — Era tão agradável estar com eles na fila do café que só então percebi como sentira saudade de todos. — Depois, acabei evitando atender ao telefone — expliquei, desajeitadamente.

Phoebe sorriu com certa hesitação e começou a dizer alguma coisa, mas então pareceu mudar de ideia.

— Sem bengala — ela comentou.

— Pois é, eu a troquei por alguns feijões mágicos e pela ditadura de um pequeno país no Oriente Médio.

— Para seu azar, um clima árido, em cujo solo os feijões mágicos

não germinam — Toby assinalou num tom seco.

— Sabia que, de alguma forma, iria me atrapalhar nessa história — fingi certo desapontamento.

Phoebe riu, e Toby começou a falar sobre como, no caso de os meus feijões mágicos crescerem, eu deveria ordenar aos meus súditos que os colhessem. O fato de nós três ficarmos ali contando piadas bobas me deixou feliz como há um bom tempo não me sentia.

— Escutem — comecei —, eu gostaria de...

— Ezra! Oi! — Charlotte gritou, abraçando-me com uma intimidade que vinha do nada. Jill e Emma se materializaram ali, e as três ficaram no nosso lugar à frente da fila, como se soubessem exatamente o que estavam fazendo e seguras de que iriam consegui-lo.

— Você não se importa, não é mesmo? — Charlotte perguntou suavemente, passando na frente de Phoebe para pedir o café.

A expressão de Phoebe ficou muito séria, e ela murmurou alguma coisa incompreensível. Toby tossiu significativamente.

— Ezra estava guardando nosso lugar, não é, querido? — Jill bateu no meu braço.

— Sim, claro — respondi, e estremei ao ouvir minhas próprias palavras.

Toby voltou-se para mim indignado, e eu não podia culpá-lo.

Cassidy estava abaixada na cadeira, na aula de Discurso e Debate, já com a leitura do livro da quarta-feira bem avançada. Sentei-me e também peguei um livro. Ela me olhou de soslaio e suspirou, afastando-se na cadeira como se a minha presença a fizesse recuar.

— Isso é sério? — perguntei.

— O quê? — ela franziu a testa, como se não entendesse minha pergunta.

— Não podemos nem mesmo nos sentar próximos agora?

Cassidy colocou o livro de lado, observando-me por um momento, e, obviamente, não encontrou o que procurava.

— Bom, nós não precisamos *realmente* continuar sentados um ao lado do outro.

— Ok — eu disse extremamente tenso e me levantei.

Fui me sentar a uma mesa vazia um pouco atrás. A professora Weng entrou e colocou um dos seus documentários horríveis, e Cassidy e eu voltamos à leitura do nosso livro e, de vez em quando, olhávamos

para a janela pela luz fraca da sala.

Depois de algum tempo, senti um tapa no meu ombro e quase dei um pulo.

— Venha comigo — Toby disse.

Eu nem sequer o escutara chegar.

Como a professora nos tinha abandonado na sala para assistir ao DVD, peguei minha mochila e saí com Toby até o Anexo.

— Não faça mais isso — Toby começou a falar, inclinando-se na mesa do centro, envolto em uma confusão de papéis que ainda precisava selecionar. Num canto, dos fones do iPod mais antiquado do mundo, se ouvia um som que parecia uma ópera.

— Não faça o quê? — perguntei.

— Você está me cortando a cabeça de novo — Toby me acusou furiosamente.

— Não sei do que você está falando! — E não sabia mesmo. Mas Toby estava muito sério.

— Tem certeza? — ele desdenhou. — Você se lembra do meu aniversário de doze anos? Da cabeça decepada? De como, de repente, não éramos mais amigos?

— Você está dizendo que Cassidy é uma *cabeça decepada*?

— Não, Faulkner. Estou dizendo que *you* é um idiota. Está me deixando de lado, exatamente como fez no sétimo ano.

Toby me encarou, e eu cruzei os braços, enfrentando o olhar dele.

— Caso tenha esquecido, foi você que segurou a cabeça — eu disse.

— Não estou falando daquela cabeça estúpida, Faulkner! Estou falando de você. *Eu* era a criança gorda que desenhava histórias em quadrinhos. Iria sofrer bullying de qualquer forma. Você age como se aquele dia na Disney fosse a minha grande tragédia, mas foi *you* quem perdeu seu melhor amigo. Você começou a almoçar com os atletas populares e esqueceu como é viver desprezado porque estava ocupado demais tentando ser bacana. Poderíamos nos ver depois da escola, se você quisesse. Mas você simplesmente acabou com a nossa amizade porque todos esperavam que agisse assim. E está fazendo a mesma coisa de novo, droga!

Olhei horrorizado para Toby, compreendendo que ele estava certo. Eu o deixara de lado. Para ser justo, tínhamos doze anos, e eu achava um milagre que a minha aparência e as minhas roupas e o meu competente jogo de bola tivessem me livrado desse inferno. Mas,

sinceramente, não me ocorrera que eu não precisava perder meu melhor amigo naquele ano. Que eu podia escolher.

— Sou mesmo um cuzão, não é? — comentei.

— Com certeza. E pode fazer alguma piadinha gay pelo fato de eu gostar de cuzão — Toby sacudiu os ombros, tentando não sorrir.

— Bem que eu faria, se não pegasse mal pra mim também...

Toby riu alto.

— Falou!

— Me desculpe se eu te afastei. Não sabia... Toda essa chateação com Cassidy...

Suspirei e olhei para a sala da professora Weng.

— Obrigado pelas mensagens. Estamos *até hoje* esperando vocês dois no Fiesta Palace — Toby reclamou.

— Me desculpe — murmurei de novo, sentindo-me muito mal.

— Mas como ela terminou com você? Pediu para parar em alguma lanchonete e aí decretou o fim?

— Não, porque isso seria ao menos um pouco decente da parte dela. Ela não apareceu, e eu a encontrei no parque do castelo com outro cara.

Toby deixou a caneta cair das mãos.

— Você está brincando! Na noite do baile?

— Qual o problema? Ela não estava mesmo pensando em ir — sacudi os ombros.

— Claro que estava! — Toby insistiu. — Ela me enviou fotos do vestido de 500 dólares perguntando se eu achava que você iria gostar dele, e arrastou Phoebe por todas as lojas de sapato de Eastwood.

— Está falando sério?

— Olhe só, Faulkner. Veja as mensagens das meninas — Toby pegou o celular. — Só aguentei isso por causa da nossa amizade.

— Eu sei disso. — Olhei a foto que Cassidy tinha enviado, um reflexo no espelho de um provador de roupas. Ela fazia uma careta enquanto posava descalça com um vestido amarelo-ouro. Phoebe, ao fundo, tentava não aparecer na foto.

— Não foi uma boa ideia mostrar a foto para você, cara — Toby disse cauteloso, afastando de mim o celular. — Suas mãos estão tremendo.

Mas eu mal o ouvia. Pensando apenas que as mensagens e a foto provavam que Cassidy queria ir ao baile comigo. E mais importante ainda: ela havia mentido naquela noite no parque.

— Cuidado com o que você vai fazer — Toby me disse. — Comece do começo. Usar a introdução “Uma vez, meu melhor amigo me alertou sobre uma garota, mas eu não dei ouvidos a ele” é opcional.

Provavelmente, ele quis dizer que eu deveria começar a partir de sábado à noite, mas havia tantas partes que eu omitira... E precisava voltar no tempo e ir mais fundo. Então lhe contei tudo: como Cassidy me fez passar por ela no torneio de debate, o beijo durante os fogos de artifícios da Disney, a comunicação com as lanternas, tudo tão perfeito, e também as coisas horríveis que ela disse na noite do baile, sobre eu ser um idiota destinado a ser treinador da equipe de tênis numa tentativa patética de reviver meus dias de glória.

— Parece que ela queria que você a odiasse — Toby franziu a testa. — É o tipo de mentira horrível que se conta para garantir que uma pessoa nunca mais fale com a gente.

— Ela nem consegue ficar perto de mim, e eu não *fiz* nada — falei com desespero.

— Você sabe mesmo como escolher mulher, hein? — Toby brincou.

— Acho que sou amaldiçoado.

— Eu não diria isso — Toby refletiu. — É mais como sofrer as consequências de uma tragédia pessoal.

As consequências de uma tragédia pessoal. Gostei disso. Parecia apropriadamente fúnebre.

— É, pode ser — concordei, sentindo-me indescritivelmente grato a ele. Grato por me chamar para conversar, por me tirar da classe e me forçar a falar sobre o que tinha acontecido, apesar de eu ter agido como um imbecil nos últimos tempos. Por ser meu amigo de verdade, e não apenas alguém com quem eu dividia a mesa do almoço, ou competia no mesmo time. Porque, se havia alguém que podia me ajudar a encontrar as respostas para tudo aquilo, esse alguém era Toby.

— Escute, pode parecer loucura, mas tenho a sensação de que perdi algo importante do que aconteceu — eu disse. — E preciso saber o que foi. Tenho de descobrir a verdade sobre Cassidy Thorpe, e conto com você.

Claro que ele me ajudaria. Independentemente de eu precisar, é assim que as coisas funcionam entre amigos. Toby me olhava como se não acreditasse que eu pudesse pensar que eles se recusariam a me

ajudar. E eu pensava: Toby, Phoebe, Austin, eles me visitariam no hospital, e não apenas me mandariam um cartão brega. Eles não me chamariam para jogar tênis e pegariam uma raquete apenas para ganhar alguma aposta estúpida.

Cassidy havia se enganado sobre uma coisa naquela mentira desesperada que inventara no parque. Não seria eu quem, daqui a vinte anos, treinaria o time de tênis da escola num lance furioso para reviver meus dias de glória: seria Evan.

Capítulo 28

Quando cheguei em casa, minha mãe estava me esperando com duas enormes abóboras e duas facas, evidentemente curtindo a ilusão de que eu acharia engraçado fazer isso.

— Achei que você poderia participar da brincadeira — disse ela, gesticulando em direção à mesa da cozinha, que estava forrada com muitas camadas de jornal. Então me sentei e comecei a esculpir um rosto sorridente nas nossas abóboras e a conversar com ela até ter certeza de que não me faria participar dessas festinhas por um longo tempo.

— Marquei uma consulta com o Dr. Cohen pra você — minha mãe me disse enquanto colocava nossas abóboras-lanternas na porta da frente da casa.

Parei de acender e apagar a luz de LED e me virei horrorizado para ela, percebendo então que toda aquela conversa era apenas para chegar a isso. As abóboras foram apenas o primeiro passo.

— Mãe, não faça isso.

Cooper, que estava investigando as abóboras, olhou para mim como se quisesse saber a razão de meu aborrecimento.

— Só uma consulta — ela insistiu. — Você sabe que precisa mesmo de um retorno para ver como está. Pode me passar aquela lâmpada?

Fiz uma careta e passei a ela a luz de LED com a qual brincava.

— Não preciso de um terapeuta.

Ela suspirou. E ajustou a lanterna de abóbora. Deixou claro que não íamos falar disso ali na frente da casa porque, céus, os vizinhos podiam ouvir! Por fim, fechou a porta, apertando os lábios enquanto

me observava.

— Eu estou *bem* — insisti. — Só terminei uma relação.

— Sua consulta não é negociável — minha mãe disse. — Lamento, querido, mas o seu pai e eu concordamos sobre ela. Marquei para quarta-feira, depois da aula.

— E se eu não estiver a fim de ir até lá e conversar com um médico sobre a minha vida pessoal? — perguntei.

Não me importava que estivesse sendo um idiota. Ela não podia me obrigar. Como esperava que eu voltasse àquele consultório aonde, da última vez que estive com o Dr. Cohen, ainda cheguei de muletas, com um monte de receitas de analgésicos a fim de que eu superasse as novidades de nunca mais participar das atividades esportivas do colégio ou da faculdade? Ter de atualizá-lo com todas as coisas que ele nunca entendeu, e ainda falar sobre Cassidy e Toby e meus antigos amigos. Discutir a minha vida como se ela fosse o enredo de um romance que li, mas não entendi.

— Você pode reclamar o quanto quiser — minha mãe me advertiu —, mas, se não for a essa consulta, perderá o seu carro por um mês. Inclusive para ir à escola. Não me importo de levá-lo no meu carro, sabe disso.

— Que ótimo! — contestei, voltando à cozinha para dar uma olhada na despensa, porque ela com certeza não tinha comprado doces de Halloween. Pelo menos em casa eu não corria o risco de sofrer um *kummerspeck*, ou seja, ter excesso de peso devido a questões emocionais.

Luke promoveu outra sessão do cinema itinerante no sábado à noite, um filme de terror clássico, na quadra de esportes, e eu naturalmente não fui convidado. Toby insistiu para que eu fosse mesmo assim, mas não achei que seria uma boa ideia. No final, acabei indo à festa de Halloween na casa de Jill, aonde cogitara não ir.

Queria ter ficado em casa porque andava muito cansado ultimamente. Mas cheguei à conclusão de que não dava para ficar olhando a minha mãe arrumando aquelas caixinhas de uvas-passas para as crianças que viessem para o Halloween, enquanto meu pai estudava algum documento importante em seu escritório de casa, suspirando toda vez que a campainha da porta tocava. Então, no caminho da casa de Jill, comprei aqueles dentes de plásticos com os caninos bem grandes e purpurina para passar no corpo. Parecia bem patético, e eu duvidava de que alguém na festa percebesse a minha ironia, mas, de qualquer forma, foi o que deu tempo de criar.

Jill morava num antigo loteamento do lago, onde a maioria das casas tinha sido reformada por seus novos donos. Na parte de trás, havia uma doca particular, na qual os pais dela atracavam um barco à vela. Para a festa de Halloween, Jill sempre o decorava como um barco fantasma, com teias de aranha, uma bandeira pirata e muita cerveja em parte do casco.

Em anos anteriores, o time de tênis se fantasiara com lençóis, promovendo tantas rodadas de cerveja que eu ainda estava bêbado quando acordei na manhã seguinte, coisa que eu nem imaginava ser possível.

A festa já estava no auge quando cheguei. Todas as meninas pareciam usar a mesma fantasia, ou seja, lingerie e salto alto, não que eu estivesse reclamando. O time de futebol se apoderava de um barril de chope na sala, e alguns dos rapazes se esforçavam para tomar chope usando máscara de Hillary Clinton, o que acabava sendo desconcertante o suficiente para se tornar plausível, uma vez que Connor MacLeary estava envolvido. Passei por duas garotas na cozinha que usavam a mesma fantasia de dançarina, as quais gritavam uma com a outra enquanto uma amiga tentava interrompê-las: “Calma, meninas! Não é como se estivessem usando o mesmo vestido do baile de formatura!”.

Esforcei-me para não rir enquanto abria a porta de tela e passava para o quintal. Começava a ter a infeliz impressão de que havia chegado tarde demais à festa. Alguns alunos do segundo ano, que eu duvidava tivessem sido convidados, já estavam pra lá de bêbados nos arbustos, e muitos copos se espalhavam pela grama.

— Ezra! — Charlotte exclamou, disparando ao meu encontro. Não se equilibrava muito bem em cima dos saltos e se vestia como uma princesa da Disney com propensão a *pole dancing*. — Você veio!

— Claro — respondi. — Acha mesmo que eu perderia um navio pirata cheio de cerveja?

— Mas não veio fantasiado! — Charlotte parecia me provocar, embora eu não estivesse certo.

— Sou um vampiro — retruquei, e imediatamente coloquei as minhas presas de plástico.

— Hummm — Charlotte ponderou. — Ficaria mais realista sem as presas. Venha.

Ela deu uma risadinha e me puxou até a mesa onde seus amigos se acotovelavam. Pelo que parecia, talvez tivesse me enganado sobre o tema. Ali, as garotas eram todas princesas sensuais da Disney, e os

rapazes, maquiados como mortos-vivos, estavam de queixo caído em função das roupas reveladoras das meninas.

— Cara, você conseguiu! — Jimmy se entusiasmou, derramando a cerveja do seu copo. Era como se achasse que eu ainda era a alma da festa, ou talvez tivesse bebido demais para se lembrar de que eu perdera o bonde.

A festa estava uma bagunça, e rolavam muitas das coisas das quais todo mundo iria se arrepender quando elas se espalhassem em boatos pela escola inteira na segunda-feira. Depois de uma paquera, Trevor e Jill se afastaram para se agarrar em algum canto e, aparentemente, ele vomitara no meio disso tudo. Muito galante, ele conseguiu não sujar os sapatos de Jill — e ainda dizem que o cavalheirismo está morto. Evan e Charlotte brigaram sem qualquer razão, o que terminou com Charlotte olhando para ele do meio de um círculo de princesas da Disney putas da vida, enquanto Evan extrapolava os limites ao abrir o armário de bebidas e entornar meia garrafa de uísque, apesar de Jill gritar que seus pais iriam matá-la quando descobrissem.

Diante de tais cenas, deduzi que era só questão de tempo para os guardas darem as caras e levarem muitos para a delegacia, e eu não queria estar ali quando chegassem. Deixei minha cerveja e os dentes de plástico sobre a mesa, e estava pensando na melhor maneira de sair dali, passando pela porta da cozinha, quando Charlotte me chamou:

— Você está indo embora? — ela perguntou.

Não sei por que dei tal resposta, exceto pelo fato de estar cansado ali, observando as cenas babacas e decadentes da festa, mas balancei os ombros e disse:

— Sim, afinal a festa está horrível.

— É verdade — ela concordou. — Mas ninguém vai se lembrar disso tudo na segunda.

— Só vão se lembrar do navio pirata cheio de cerveja.

— E de Ezra Faulkner aparecendo sem fantasia — ela me provocou.

— Ah, vá se danar! Sou um vampiro! — insisti.

— É mesmo? — Charlotte riu, encostando-se em mim. — E devo ter medo?

Ela me fitou de olhos semicerrados. Percebi que aquela conversa se tornara incômoda e que estávamos em uma festa onde nada de bom aconteceria. Além disso, ela nem estava tão vestida assim, e meu corpo todo brilhava de purpurina.

— Bom, aproveite o Halloween, Char — disse, afastando-me

desajeitadamente do garoto sentado na porta.

— Ezra, espere — Charlotte pediu. — Antes de ir, podemos conversar?

Respondi que sim e a levei para a lavanderia. Charlotte se sentou na máquina de secar, e eu, na de lavar roupa, observando-a examinar o esmalte saindo das unhas.

— Sinto falta de você — ela disse, ainda olhando para as unhas.

Não esperava uma coisa dessa, e fiquei desconcertado.

— Charlotte, você está bêbada... e está saindo com Evan.

— Nós brigamos de novo — ela afirmou num impulso. — Eu e você ficávamos tão bem juntos, Ezra. Eu queria que a gente não tivesse terminado.

Ela colocou a mão na minha perna, e eu me surpreendi ao ver que estava séria.

— Bem, mas terminamos — eu disse sem rodeios.

— Eu sei. Mas podemos voltar.

Ela apertou a minha perna e aproximou o rosto perto do meu, me desafiando a beijá-la.

E então, por um momento, imaginei o beijo acontecendo. O gosto dos lábios de Charlotte, a curva de suas costas, os seios que se projetavam de um top dourado. E então imaginei Evan abrindo a porta e surpreendendo-nos ali. Só que, cinco meses atrás, numa outra festa, fui eu que abri a porta, porque era assim que as coisas aconteciam com Charlotte: tão impulsivas e tão sem significado.

— Não — insisti, afastando a mão dela da minha perna. — Não podemos, não é uma boa ideia.

Vi que os lábios dela tremeram por um instante e, então, ela se acalmou. E eu fiquei pensando se tinha imaginado aquilo.

— Por que não? — perguntou. — Você não tem namorada, e Evan vai superar isso. Lembra como a gente ficava abraçadinho no sofá de casa depois da escola? E também quando eu fazia biscoitos e você ficava nervoso achando que iriam queimar enquanto nos beijávamos? E aquela vez que fomos a um parque e você me deu dez dólares para que eu ganhasse um animal de pelúcia? Ou aquela vez em que saímos em um encontro duplo com Jimmy e aquela caloura que derrubou refrigerante no colo dele e nós não conseguimos parar de rir?

Eu me lembrava de tudo e até sorri diante das lembranças. Mas elas pareciam pertencer à minha infância, pareciam ser de muito, muito

tempo atrás.

— Veja, você está sorrindo — Charlotte continuou, estimulada. — Sei que acha que estou bêbada, mas só bebi quatro cervejas, então não me sinto tão mal assim. E isso é diferente. Lembra o ano passado na praia, quando você me pediu em namoro e na segunda-feira a escola inteira falava de nós? Podemos ser aquele casal de novo. Não importa que tenha feito parte do time de debate ou que tenha saído com aquela ruiva esnobe. Sério mesmo, não me importo com essas coisas. Podemos fazer de conta que os últimos cinco meses nunca existiram.

Charlotte interrompeu sua tagarelice e me olhou com uma expressão de súplica.

— Poderíamos, mas eu não quero — eu disse, delicadamente.

— Você está me rejeitando? — ela apertou os olhos em sinal de descrença.

O fato é que Charlotte apenas mencionou as partes boas do que compartilhamos. Teria ela convenientemente se esquecido de como me atormentava com seu mau humor quando saíamos, brigando a troco de nada? Que me dava listas de compras para o aniversário dela e para o Natal e que eu sempre confundia as coisas? Que eu nunca podia escolher os filmes, e que ela escolhia as músicas no carro porque eu só ouvia “um monte de chatices depressivas”? E os erros gramaticais em suas mensagens? E que ficava histérica se eu demorava a lhe responder? E que ela sempre me escalava para ser o motorista nas festas, inclusive de *seus* amigos, e que sempre copiava as lições de espanhol de Jill no intervalo porque eu me recusava a deixá-la copiar de mim?

Por um momento, pensei em lhe dizer que ela era egoísta e negligente, que achava que o mundo lhe devia alguma coisa simplesmente porque era bonita, e que eu não queria estar por perto quando ela descobrisse que ninguém lhe devia nada. Mas, claro, não falei nada. Perto dela, era impossível pensar em algo que valesse a pena mesmo dizer.

— Olhe só, Charlotte, você é bem legal — comecei a falar. — Você sabe disso. Mas não quer sair comigo. Nós nem combinamos. Eu sou meio nerd. E manco da perna, e tenho um carro horrível, e detesto tanto as coisas por aqui que fico na biblioteca da universidade depois da escola fingindo que já fui embora.

— Como você pode odiar Eastwood se ela é ótima?

— Você a acha perfeita; eu a acho panóptica.

— Céus, por que usa essas palavras horrorosas? — ela perguntou,

exasperada.

— Desculpe — falei, lembrando-me de que Charlotte ficava chateada quando alguém usava uma palavra cujo sentido ela desconhecia, e cujo significado jamais perguntava.

— Às vezes, você é mesmo um idiota — Charlotte me acusou. — Como esta noite, quando todo mundo veio fantasiado de zumbi e você usou isso. Não quer ser como todos?

— Não muito — respondi, desejando que ela compreendesse o quanto eu tinha mudado, e como sabia muito pouco sobre mim.

Charlotte considerou a minha resposta por um instante e, então, deu um sorriso malicioso.

— Muito engraçado — disse e se jogou em mim.

— Charlotte. — Eu a afastei. — Eu disse não.

— Como eu ia saber que era pra valer? — De repente, ela pareceu extremamente ofendida. — Não pode concordar com uma conversa particular numa festa, e ser *só isso*.

— Ah, não tinha percebido... — Estremeci ao entender que Charlotte imaginara que eu também desejava ficar sozinho com ela.

— Você *nunca* percebe *nada*. — Charlotte suspirou, exasperada. — Às vezes, você é um idiota de verdade e nem se dá conta disso. Eu achava que você agia assim de propósito, e, por isso, eu flertava com outros rapazes, só pra deixar você com ciúme.

Eu ri, incrédulo.

— Então é só isso? Flertar com outros rapazes? Engano meu. Na festa de Jonas, eu devia ter entendido que você estava apenas *flertando*.

— Não. Você devia ter engolido tudo e tentado resolver na segunda-feira, e ainda me levar ao baile, como todo mundo esperava — Charlotte teve um acesso de fúria.

— Baile? — Achei que não tinha ouvido bem. — Você sabe onde eu estava na noite do baile, Charlotte? No hospital, sem saber se voltaria a *andar*. E nós dois sabemos como eu fui parar lá.

O silêncio pairou sobre nós por alguns segundos, e acho que nós dois desejamos que algum casal bêbado chegasse ali tropeçando e nos interrompesse, aliviando aquele silêncio desagradável. Mas isso não aconteceu.

— Se nós dois sabemos, por que tenho a sensação de que você está me acusando? — ela perguntou. — Eu nem estava *lá*.

— É verdade, você *não* estava lá. Quando os paramédicos chegaram, eu estava completamente sozinho. Você me *deixou* lá. Simplesmente me abandonou.

Charlotte ficou pálida e não conseguia me encarar.

— Estávamos bêbados — ela disse, na defensiva. — Eu, sem carona, e todo mundo gritava que os guardas viriam logo por causa do acidente, e eu tenho tanto horror a sangue que teria desmaiado.

— Um pedido de desculpas bastaria — eu lhe disse. — Olhe, já é tarde, e a nossa conversa acabou. Por que você não vai procurar o Evan?

— Você vai contar a ele o que eu disse? — ela perguntou, preocupada. — Porque eu só disse que terminaria com ele se...

— Não, Charlotte, não vou contar nada pra ele. O hímen da sua integridade permanecerá intacto. A joia preciosa da sua reputação não será denegrida.

Saí da festa de Jill pensando que algumas vezes não vale a pena confirmar o que já sabemos sobre as pessoas que conhecemos bem. Charlotte não me queria naquela noite. Queria uma versão imaginária do rapaz com quem ela costumava sair, mas a quem ela nunca se preocupou em realmente ver como pessoa. E talvez esse Ezra imaginário voltasse com ela e tentasse esquecer os últimos cinco meses. Mas *ele* ficaria convencido de que seria mais feliz assim, de que, no final das contas, nenhum dos dois era mau, de que era possível se refugiar na popularidade e na desatenção, e ambos nunca reconheceriam o dano que haviam causado às pessoas ao redor ou as mentiras em que acreditavam para fazer sua própria felicidade possível.

Mas não me importava o que o Ezra imaginário da cabeça de Charlotte teria feito, porque ele não existia e com certeza não era eu. O que *eu* fiz foi pegar o carro e voltar para casa, passando pelos semáforos cobertos de ovos e pelos álamos cheios de papel higiênico, afagar Cooper no tapete da cozinha, onde ele continuava emburrado por não poder participar das brincadeiras do Halloween, e cair na cama sem nem mesmo me preocupar em tirar aquela purpurina ridícula do corpo.

Capítulo 29

Domingo à noite, Cooper estava esquisito, com expressão inquieta, e a cabeça erguida como se escutasse alguma coisa para além do mosaico de ladrilhos de nossa piscina cheia de folhas.

— Calma, garoto — falei, meio desatento, passando a mão na cabeça dele enquanto folheava catálogos de universidades na minha escrivaninha.

Esses catálogos estavam cobertos de fotos de um mundo que me fazia lembrar dela, um lugar transbordando de possibilidades desconhecidas e aventuras. Fiquei imaginando como seria ir para o leste, onde as folhas ficavam douradas e a neve cobria os telhados, onde as bibliotecas se assemelhavam a castelos e os salões dos restaurantes pareciam ter saído de Harry Potter. Mas todos os folhetos sugeriam a mesma promessa de uma Nova Inglaterra, e então me dei conta de que havia uma grande diferença entre decidir ir embora e saber para onde ir.

Os coiotes estavam de volta a Eastwood, e Cooper, de alguma maneira, os tinha percebido. Dois gatos domésticos haviam sido arrastados no final de semana, e um coiote foi visto em Terrace Bluffs. A manchete do jornal da região insinuava que a cidade estava aterrorizada, como se as ruas estivessem lotadas de lobos noturnos movendo-se furtivamente nas sombras e caçando os velhos e os doentes.

Assim como em alguns lugares há surtos de arrombamentos ou roubo de carros, nós temos coiotes. Não é tão surpreendente quando pequenos animais desaparecem, e de vez em quando eu topava com alguma coisa furtiva perto das quadras, quando treinava à noite.

Às vezes, os laguinhos de carpa da vizinhança eram invadidos

durante a noite, ou um atleta percebia que um coioote o observava nas trilhas, mas ninguém nunca fora morto por esses animais. Era uma ideia absurda, como algo saído de romances de vampiros e bruxas.

Mesmo assim, havia uma van do Controle de Animais estacionada ao lado do campo de futebol americano, e, todos os dias daquela semana, víamos, pelas janelas das salas de aula, funcionários rastreando as trilhas.

Sentei-me à mesa de Toby novamente, onde pouco se dissera sobre a minha volta. Austin ergueu os olhos do iPad apenas para afastar o cabelo do rosto e dizer que já era tempo de eu voltar, perguntando-me se eu já tinha visto o novo console da Nintendo.

— Não, mas você sabia que tem um jogo com *O grande Gatsby*? — perguntei.

— Mentira sua. — Austin teclava com fúria.

Dei uma olhada na minha antiga mesa de almoço, onde havia um monte de Mentos que Jimmy ameaçava jogar no refrigerante de Emma. Evan rugiu de rir, e Trevor começou uma torcida animada. Quando Jimmy inevitavelmente sucumbiu a essa tentação, os meninos se afastaram às gargalhadas, enquanto o refrigerante de Emma soltava um jato espumante no ar.

— Ah, merda! — resmungaram, alegres.

As meninas ficaram ali, pingando refrigerante e indignadas com a explosão, enquanto ela diminuía. O chão perto da mesa estava alagado, e a parte da frente do uniforme de torcida de Charlotte, ensopada. Evan ergueu os olhos e me flagrou. Com o queixo, fez sinal para que eu fosse até lá, mas eu só sacudi a cabeça.

— Emma vai matar você — eu disse, pegando um pedaço da torta de Phoebe.

— O relacionamento deles é *explosivo* — Phoebe disse, demorando para golpear a minha mão do seu lanche.

— Dez pontos para Chang — Toby afirmou.

— Ele devia guardar o refrigerante de lembrança, como um *mementos mori* — eu sorri pretensiosamente. A mesa toda ficou em silêncio.

— Entenderam? — perguntei. — Tipo, Mentos, momento...

— Entendi — Toby garantiu. — Meu Deus, Faulkner! Poesia? Em *latim*?

— Cinquenta pontos — falei. — A menos que alguém faça uma

melhor...

— Privilégios de compartilhar alimentos ativados — disse Phoebe, oferecendo-me mais um pedaço.

— Cara! — Austin tirou os olhos do iPad. — Existe *mesmo* um jogo do *Gatsby*! Por que estão me olhando assim? O que foi que não entendi?

O pessoal do Controle de Animais desistiu da busca na quarta-feira, e os professores distribuíram um folheto sobre medidas de segurança, que culminava em uma série ridícula de questões do tipo falso-verdadeiro sobre ataques de coiote. Virei o folheto em cima da carteira, sem me importar em lê-lo com atenção.

A minha escola era boa no uso de papel reciclado, e levei um instante para reconhecer o que estava do outro lado do folheto *Prevenindo ataques de coiotes!*: a sobra dos folhetos do luau do ano passado, terminando com uma cópia ruim do conselho de classes usando colares havaianos e óculos escuros. Se a gente segurasse o folheto contra a luz, criava-se a impressão perturbadora de que era uma foto das vítimas de ataques. Na verdade, éramos vistos como uma fábula moral.

Quando me dirigi ao centro médico no fim daquela tarde, o sol estava começando a se pôr, e esses veios dourados de luz atravessavam as magnólias que dividiam os grupos de vagas do estacionamento. Com a luminosidade, as folhas pareciam falsas, como de cera. Cassidy teria adorado isso.

Eu estava ligeiramente adiantado quando abri a porta do conjunto 322, norte: Grupo de Saúde Mental Cohen e Ford. A enfermeira da recepção sorriu, inexpressiva, e me perguntou qual o nome do médico, e se eu era um paciente novo. Eu respondi “Dr. Cohen” e expliquei que já estivera ali antes, e então ela digitou alguma coisa no computador mais antigo que já vi em funcionamento, informando-me que as providências relativas ao plano de saúde estavam sendo tomadas e que eu podia me sentar e relaxar.

Já percebi que os únicos lugares onde insistem que a gente relaxe são os menos relaxantes do planeta: salas de espera de aeroportos, dentistas, psiquiatras e aquelas salinhas acortinadas dos hospitais. Enfim, sentei-me, pensando como me sentia incrivelmente *não relaxado*.

Tudo estava decorado, e eu não estou exagerando, tudo estava decorado para as Festas. Havia bonecos de neve sem associação com religião alguma, flocos de neve e guirlandas brilhantes com imensas

folhas de hortelã. Um horror. Além disso, já se acomodava ali uma senhora usando um sari e com uma expressão de quem esperava um filho, folheando uma revista decrépita.

Ela tossiu e remexeu-se na cadeira, fazendo a guirlanda balançar. Uma pequena avalanche de purpurina desprendeu-se, e eu não tive sorte de conseguir escapar daquele colorido todo. Fiz uma careta e tentei tirar o brilho dos ombros, mas não adiantou.

A recepcionista apareceu e me disse que o Dr. Cohen estava vinte minutos atrasado nas consultas. Suspirei e ajeitei os fones no ouvido, pegando uma papelada de inscrição de universidade que vinha estudando. A mulher da revista, muito xereta, decidiu depois de uns cinco minutos perguntar:

— É inscrição para faculdade? — Assenti. — Aonde vai se inscrever? — ela perguntou, sem timidez.

— Hã, essa é da Duke — respondi —, e essa é de Dartmouth.

— Você deve ser um menino inteligente — ela comentou, como se eu tivesse três anos, o que não era muito elogioso.

— Não muito. — Balancei os ombros. — Mas vale a pena tentar.

— A minha filha conseguiu bolsa pelo desempenho escolar — a mulher disse, como se esse fato fosse relevante em nossa conversa.

— Que ótimo. — Mexi nos meus fones de ouvido, esperando que ela se desinteressasse pelo assunto.

Tinha acabado de voltar minha atenção para a papelada quando a porta do consultório do Dr. Ford se abriu. Ergui os olhos, achando que seria a filha da senhora xereta, e que ela faria uma apresentação constrangedora, mas me enganei.

Cassidy Thorpe entrou na sala de espera, e alguma coisa nos seus gestos sugeria que estar ali era rotina. Parecia ter chorado, com os olhos ligeiramente avermelhados, e vestia um suéter branco que caía dos ombros sardentos. Carregava uma capa de chuva nos braços, com o cinto pendente.

Quando me viu, empalideceu. Mordeu os lábios. Parecia que queria sumir.

Ficamos nos encarando, muito constrangidos, já que a sala de espera de uma clínica psiquiátrica não é o melhor lugar para encontrar um ex, principalmente se está decorada com mil pedaços brilhantes de docinhos falsos. Não sabia o que ela estava fazendo ali, mas ia descobrir!

— Oi — eu disse, tirando os fones.

A papelada escorregou do meu colo para o chão, e eu e Cassidy a olhamos como se eu tivesse quebrado um vaso da casa de alguém.

— O que está fazendo aqui? — ela perguntou.

— Vendendo biscoitos das escoteiras — respondi.

Nenhum de nós riu.

— Não, de verdade.

— Bom, estive envolvido num acidente — respondi, ainda tentando brincar. — Então tenho que enfrentar essa chateação de convencer os médicos de que não estou passando por uma crise incapacitante de depressão. Entendeu o *incapacitante*?

— Pare — Cassidy insistiu, como se minhas palavras a fizessem se sentir ainda pior. Era estranho, pois ela costumava rir desses jogos de palavras bobos.

Ela se ajoelhou e pegou a papelada. Resmunguei um agradecimento e coloquei tudo na mochila de novo.

— Aliás, você iria detestar Dartmouth — Cassidy disse.

— É mesmo? Vamos falar disso agora? — minhas palavras saíram sarcásticas antes que pudesse me conter, e ficaram pairando no ar. Mas não havia mais jeito de retirar o que dissera.

— Bom, vejo você na escola. — Cassidy começou a se afastar, mas eu não ia permitir.

— De jeito nenhum — levantei-me. — Você não quer se sentar perto de mim na aula, tudo bem. Quer ficar enfiada na biblioteca, esteja à vontade. Mas topei com você aqui, e vai me dizer o que está acontecendo.

Pouco me importei de a senhora de sari estar nos espiando por trás da revista. Não liguei de minha camiseta estar respingada de purpurina. Só queria que ela confiasse em mim, pelo menos uma vez, e me dissesse por que um relacionamento que navegava tranquilo virara um naufrágio.

— Fique fora disso, Ezra — os olhos dela imploravam, mas as palavras soaram mais como um aviso do que qualquer outra coisa. E isso me enfureceu.

— Me obrigue.

— O que você acha que venho fazendo? — ela perguntou, exasperada.

Cassidy tinha a expressão muito tristonha dos últimos dias, uma tristeza que andava oculta por mais tempo do que o período que

permanecemos juntos. E eu estava cansado de imaginar o motivo.

— Eu não sei. Me ferrando?

— Com licença — a recepcionista disse, aparecendo no vestíbulo. — Algum problema?

— Está tudo bem — Cassidy e eu respondemos em uníssono, ambos soando péssimos.

— Para o saguão? — sugeri.

Cassidy me lançou um olhar aborrecido, mas me acompanhou.

— O que foi? — perguntou, assim que a porta se fechou atrás da gente.

— Então, você vem sempre aqui? — Tentei não sorrir, pois soava ridículo.

— Não é da sua conta — ela fuzilou, obviamente não achando graça.

Se ela queria continuar nesse tom, tudo bem. Eu já estava cansado do que estávamos fazendo, do que quer que fosse essa vasta e intransponível terra de angústia.

— Claro que não. Mas sabe o que acho? — perguntei, sem esperar resposta. — Acho que estava sozinha aquela noite no parque. Que esse tal “namorado” não existia.

Eu vinha lidando intimamente com essa teoria e não tinha planejado tal acusação, mas, assim que a pronunciei, soube que estava certo.

— Por que eu inventaria? — Cassidy perguntou, desviando-se da pergunta.

— Inventou? — pressionei.

— Que *importância* tem isso, Ezra? Nos separamos. Nem tudo o que é bonito tem final feliz.

— Só estou tentando entender o que fiz para que você agisse assim. Sério, Cassidy, o que houve de tão trágico para que você desejasse nunca ter me conhecido?

Cassidy ficou olhando o tapete. Passou o cabelo por trás da orelha. Deu um sorriso triste.

— A *vida* é trágica — ela disse, amarga. — Sabe como classificam as peças de Shakespeare, não? Se terminam com casamento, é comédia. Se terminam com funeral, é tragédia. Então, a gente está sempre vivendo tragédias, porque sempre existe algum fim, e não é com um

maldito casamento.

— Nossa, muito obrigado. E muito esclarecedor. Somos todos prisioneiros. Ah, não, estamos vivendo tragédias, só passando o tempo até o nosso funeral.

Cassidy fez uma cara mal-humorada, mas não liguei. Sentia-me furioso por ela estar ali, por estar angustiada e por não se explicar.

— Ninguém está *morto*, Cassidy — eu disse, áspero. — Não sei dizer se você é louca, mentirosa ou se gosta de magoar as pessoas. Cheia de charadas e citações, e não consegue me dar uma resposta de nada. Estou *cansado* de esperar você se dar conta de que me deve uma resposta.

Não queria ter explodido assim, e meu tom de voz não era baixo quando disse tudo isso. Ela ficou olhando o tapete por um bom tempo, e, quando ergueu o olhar, havia uma tempestade tropical se formando em seus olhos. Duas lágrimas escorreram pelo seu rosto.

— Não devo nada a você — Cassidy soluçou —, e, tem razão, queria que a gente não tivesse se conhecido.

Ela passou rápido por mim, descendo as escadas, sabendo que eu não poderia segui-la.

— Eu também não! — gritei, sem intenção, mas sem me importar.

A porta da escada bateu em resposta.

Respirei fundo, corri a mão pelo cabelo e aguentei firme até voltar para o consultório e dizer à recepcionista que seria melhor eu remarcar a consulta.

Capítulo 30

Outro coiole foi visto na pista de corrida, atrás do Meadowbridg Park, então os meus pais só falavam disso. Esse assunto até eclipsou o tema das novas luminárias do banheiro do quarto de hóspede, ou seja, se deviam ou não devolvê-las, pois foram entregues com uma ligeira imperfeição no vidro.

Até os meus amigos faziam piadas sobre isso. Phoebe, principalmente, saboreava como era — vou abrir aspas — “profundamente irônico que o nosso mascote da escola, um suposto símbolo de nosso orgulho, tenha se tornado emblemático de nosso medo coletivo”.

Alguns dos meus antigos colegas do tênis, em minha antiga mesa da hora do almoço, começaram a imitar uivos de lobos, e Connor MacLeary acabou pegando dois dias de suspensão por causa disso, coisa que achamos muito engraçada, pois a escola literalmente o estava forçando a perder aula.

Havia um torneio de debate em Santa Bárbara naquela semana, e, claro, eu não iria. As inscrições aconteceram semanas atrás, quando ainda estávamos obcecados com o baile, e Cassidy não quis se inscrever. Eu não a pressionara, imaginando que passaríamos o final de semana juntos. Mas o interessante é que Toby me contou que a Barrows School estaria lá. Portanto, supus que Cassidy já soubesse disso quando sugeriu que pulássemos esse debate. A maneira como ela se esquivava de certas coisas também fazia parte desse mistério.

Toby causou furor na sexta-feira, desfilando de terno pelo pátio com um lenço roxo no bolso e uma gravata com motivos de pavão, e até Luke e Sam se juntaram a nós no almoço, acanhados, com alfinetes de bandeirinha americana nas lapelas. Era esquisito nós seis ali, como se

fôssemos dois grupos que nunca tivessem sido coesos. E mais estranho ainda era pensar que Cassidy fora a conexão entre nós.

— Por aqui ainda, Faulkner? — Luke zombou.

— E você, ainda dando aquela impressão horrível de Draco Malfoy? — perguntei.

Todo mundo rachou de rir, e até mesmo Sam tentou não rir. Luke resmungou alguma coisa entredentes, arrastando Sam para a fila do café.

— É meio triste, se a gente pensar bem — Austin falou, pensativo.

— O quê? — perguntei, achando que elealaria de algum *video game*.

— Que ninguém convide Luke para nada porque o irmão dele é da polícia. Cara, ele toma isso como coisa pessoal.

— Nossa! Por favor, seja um ser humano mais vezes — Phoebe implorou.

— Pra quê? Nunca vou chegar à liderança — Austin sacudiu os ombros, filosoficamente, pegou o celular no bolso do paletó e voltou ao seu joguinho.

— E aí, Faulkner? — Toby disse. — Tem algo específico que queira saber do pessoal da Barrows School quando eu encontrar com eles no torneio?

— Sei lá... Algo sobre o ano passado? — sugeri. — Sobre o que aconteceu?

— Você é quem manda. — Toby colocou os óculos escuros e recostou-se na cadeira para tomar sol. — Você a conhece melhor do que qualquer um.

Não tive coragem de dizer que eu estava começando a achar que não a conhecia. E talvez o que Toby descobrisse não ajudasse em nada. Porque, depois do que havia acontecido no centro médico, eu não sabia se nosso relacionamento tinha jeito.

Continuava a me lembrar insistentemente dos olhos de Cassidy cheios de lágrimas ao dizer que desejava que a gente nunca tivesse se conhecido. Dos cabelos dela enquanto se afastava de mim, certa de que eu não a seguiria. Da mentira boba que gritei.

Tínhamos funcionado tão bem juntos, e depois apodrecemos, como corpos cujo enterro foi adiado. Eu lera em algum lugar que o cabelo e as unhas dos defuntos na verdade não crescem, apenas parece que sim, pois a pele se contrai à medida que o corpo resseca. Então, dá

para mentir até na morte, enganando as pessoas lá da cova. Será que era isso? Eu estava olhando o corpo decomposto do que eu e Cassidy fôramos um dia, equivocado ao achar que ainda havia vida nele, agarrando-me a uma mentira.

Naquela tarde, observei os meus amigos entrarem na perua da escola, com a bagagem cheia de bebidas e Fruit by the Foot, e então voltei para casa e fiquei jogando *video game* sem som para poder ouvir a ligação de Toby.

A minha mãe devia estar com pena de mim, pois me deixou dormir até tarde num sábado. Acabei acordando por volta do meio-dia, depois de ter decidido que, quanto a relacionamentos monogâmicos, eu poderia fazer pior do que me casar com a minha cama.

Já que todos os meus amigos estavam em Santa Bárbara, fui até a biblioteca de novo, estudando as inscrições para as universidades sem entusiasmo, e checando o meu celular feito um doido.

Não tinha sentido incomodar Toby, pois ele teria rodadas de debate durante todo o dia, e me flagrei desejando ter ido ao torneio. Lembrei Austin e seu acervo interminável de vídeos do YouTube, e Phoebe distribuindo salgadinhos contrabandeados (“nostalgia dos anos 90 garantida”), e até Sam arregaçando as mangas para preparar coquetéis superintoxicantes. E Toby com seu terno de brechó e a insistente teimosia para que nós o chamássemos de “Senhor, meu capitão”.

Como as meninas próximas a mim na biblioteca conversavam num tom bem alto, reajuste os fones de ouvido. E foi assim que quase perdi a ligação, quando o celular tocou.

— Sim? — disse, atacando o aparelho.

— Cara, você perdeu uma festa e tanto! — Toby soou superagitado, como se alguém tivesse acabado de arrancá-lo de duas latas de Red Bull. — Ah, Faulkner! Você devia ter vindo! Todo mundo queria você aqui. Menos Luke, que ficou tão bêbado ontem à noite que mijou na cama.

— De quanto mijo estamos falando? — perguntei, recolhendo minhas coisas. As meninas ao lado me lançaram um olhar estranho, e com razão.

— Se a cama dele fosse o golfo, seria um poço de petróleo.

— Que maravilha de amigo você é por me contar essa. — Passei pela catraca, fazendo um sinal para a moça que sempre me deixava entrar sem a identidade.

Lá fora estava nublado, não tão encoberto, mas tomado pela névoa.

Acontecia às vezes. Um gigantesco cúmulo engoliria totalmente Eastwood, e a gente permaneceria um ou dois dias no meio dessa nuvem, sem conseguir enxergar meio palmo adiante do nariz.

Toby contou a história das horas de vergonha de Luke, e eu fiquei olhando a névoa e ouvindo-o rir do fato de que Luke não só tinha molhado a cama, Ele havia molhado *a cama do quarto de outro time!* Ri um pouco uma ou duas vezes, porque era o esperado, mas estava começando a achar que Toby me escondia alguma coisa.

— Qual a má notícia? — perguntei sem pensar.

Toby fez uma pausa. Nós nos conhecíamos bem, e eu conhecia esse silêncio. Era sério.

— Conversei com algumas pessoas do time da Barrows hoje — ele respondeu, tentando ganhar tempo.

— E?

— Cara, você está sentado?

— Cara, fale logo! — implorei.

— Cristo, estou tentando! — Toby insistiu. — Tá bom. Bem, você conhece o irmão de Cassidy?

— Seis anos mais velho? Supercampeão de debate? cursando medicina em Yale? — completei, imaginando o que Toby saberia e eu não.

Toby suspirou, a respiração entrecortada ao telefone.

— O irmão da Cassidy morreu.

— O quê? — engasguei. Jamais imaginaria tal coisa.

— Ele faleceu no ano passado — Toby disse. — Foi quando Cassidy saiu da escola e dos debates.

Nunca tinha ouvido Toby daquele jeito. Não apenas chateado, mas envergonhado, como se tivesse sido muito duro com Cassidy, até mesmo injusto com ela, interpretando-a mal, da pior maneira possível. Afinal, o grande mistério da lendária Cassidy Thorpe não era do tipo que alguém gostaria de contar.

— Como ele morreu? — perguntei, quebrando o silêncio.

— Parece que algum problema cardíaco. Foi de repente. Saiu um artigo sobre isso no jornal da escola. É... espere aí. — Ouvi alguma movimentação, e então Toby continuou: — Desculpe. Preciso ir à cerimônia de premiação; a professora Weng está me apressando. Mas eu posso enviar uma mensagem... estou brincando, professora...

— Pode ir — eu disse. — Tudo bem. Mais tarde, apareço.

Desliguei e fiquei olhando o mostrador das horas do celular brilhando, pensando em quanto tempo Toby tinha levado para destruir tudo o que eu achava que sabia sobre Cassidy Thorpe. Compreendia agora por que ela falava de escapar do Panóptico. Cassidy vinha falando de tudo, menos do fato de que seu irmão já havia escapado.

Capítulo 31

Naquela noite, voltei para casa com a estranha impressão de que o acontecido entre mim e Cassidy, independentemente do que fosse, tinha a ver com o irmão dela, não com nós dois. Essa morte repentina, e como ela saíra da escola, voltando para casa no último ano. Era como se Cassidy tentasse encontrar um lugar onde se esconder do fato de que a morte tinha acontecido, ou talvez ela tentasse chegar a um acordo sobre isso.

Tantas peças desaparecidas de Cassidy Thorpe se encaixaram. As roupas de rapaz que usava às vezes, a casa fantasmagórica, a senhora preocupada falando com ela no torneio de debates, o modo desesperado de garantir a derrota.

Eu sabia o que significava ser encarado com pena. O olhar de todos nos acompanhando pelos corredores, como se a gente estivesse marcado pela tragédia e não pertencesse a mais nada. E conseguia entender por que ela rejeitou isso. Porque quis guardar consigo a morte do irmão. Porque veio para uma cidade onde quase não conhecia ninguém, e arrumou um namorado que entendia o sentido de estar fragilizado.

De repente, tive absoluta certeza da minha imbecilidade no consultório do psiquiatra. Imperdoável. Eu lhe disse: “Ninguém está morto”. E não podia ter escolhido nada pior para dizer.

E então me ocorreu: Cassidy apenas não queria me contar, e isso não significava que não quisesse me namorar. Agora eu sabia. Sabia por que ela parecia tão triste às vezes; porque me implorava que deixasse a tristeza ir embora.

Tudo tinha começado na noite do baile. Ela estava bem antes. Mesmo na sexta-feira, quando a professora Martin nos disse que

planejássemos umas férias especiais, Cassidy tinha se entusiasmado, contando-me sobre uma concepção artística de hotel onde se dormia em caixões. Bom, é bem mórbido.

— Mas, se a gente se hospedasse lá, não poderíamos ficar na mesma cama — eu disse. — Caixão. Sei lá.

— Ah, a gente dava um jeito — Cassidy tinha me garantido, percorrendo minha perna com a mão, mesmo ali em plena aula de Espanhol.

Foi só no dia seguinte que tudo gorou.

Lá estava Cassidy então, na tarde do dia do baile. Talvez tivesse começado a se arrumar. Pintou as unhas, ou sei lá o que as meninas fazem. Tirou as etiquetas do vestido. Pegou o celular depois que fez aquela brincadeira sobre o colar havaiano. E então ela se lembrou de alguma coisa. Do aniversário da morte de seu irmão? Não, ainda não tinha dado tempo disso. Talvez tenha se esquecido de alguma coisa. Do aniversário dele? Algum costume que compartilhavam? E aí o baile, de repente, não importava mais; nada mais importava a não ser o fato de que ele tinha morrido e não tinha morrido, pois ela não conseguia escapar dessa morte, não importava o que fizesse.

Então, ela fora ao parque, porque Cassidy gostava de parques, porque era para onde ia quando precisava dizer as coisas ou refletir, e ali a encontrei. Estava escuro, e ela não tinha percebido, e aí já era tarde demais para explicar a verdade que vinha escondendo de todos havia tanto tempo. Ela não imaginara ficar tão íntima de ninguém em Eastwood, porém, agora que eu estava ali, o que me diria para que eu fosse embora?

Então ela tinha mentido. Claro que sim. Eu a peguei desprevenida, e ela não teve tempo de planejar nada direito. E aí veio essa história de namorado, e que eu era só diversão. Uma mentira inspirada exatamente na história que eu lhe contara sobre meu rompimento com Charlotte, e ela nem sequer percebeu como aquelas palavras acabariam comigo. Ela voltaria atrás — mudaria de ideia —, mas eu já estava me afastando. E, quando por fim teve coragem de voltar às aulas e me encarar, não conseguiu me enfrentar de jeito nenhum.

Essa explicação ficou rodando na minha cabeça enquanto me dirigia para casa, abaixo do céu arroxeadado, passando pelos intermináveis e antigos campos de golfe entre Eastwood e Back Bay. Se entendi bem, então Cassidy me afastou porque era mais fácil fazê-lo do que explicar que o irmão tinha morrido, e não havia nenhum outro lugar aonde ela ir para fingir que a morte não havia acontecido. Se entendi bem, não devíamos ter nos separado naquela noite no parque, e ambos

sofríamos com isso.

O meu pai me abordou quando cheguei em casa:

— Vem aqui um instante, campeão — ele disse, guiando-me até o seu escritório com um sorriso de quem desejava se gabar de algo.

Tirei a mochila e me sentei no sofá. O cheiro do jantar vinha da cozinha, e parecia comida italiana, o que era estranho.

— A mamãe está fazendo lasanha? — perguntei, esperançoso, enquanto o meu pai verificava umas planilhas do Excel.

— Sem glúten. — Ele girou a cadeira na minha direção e bateu os dedos na mesa.

— Talvez o gosto seja melhor. — Dei um jeito de ficar sério.

— Primeira etapa: lasanha; em seguida: pizza — ele disse, piscando. Aí, cruzou as pernas e entrou no assunto. — Soube que anda bem ocupado.

— Inscrições para a faculdade — expliquei. — É mais fácil fazê-las na biblioteca.

Ele disse que se sentia feliz de saber que eu pensava em meu futuro, e eu concordei com um sinal de cabeça e fiquei ouvindo enquanto ele desandava a falar sobre seus bons tempos de presidente da fraternidade Sigma Alfa Ípsilon. Quando terminou, sorriu, esperando, acho eu, que eu confirmasse as minhas ambições de seguir os passos dele como sempre tínhamos planejado. Mas não agi assim.

Em vez disso, contei que estava pensando em ir para o leste. E mencionei uma série de faculdades cujos folhetos eu tinha guardado na minha escrivaninha. As sobrelhas dele se ergueram diante de alguns nomes, e não era para menos. Mencionei História, Inglês, Química. contei que achava que podia conseguir algo melhor que uma universidade estadual, que pelo menos queria tentar.

— Bem, que surpresa — disse meu pai, perscrutando-me. — Amadureceu bastante este ano, garoto. Você teve de amadurecer, e sinto por isso. Mas fico feliz que tenha um projeto de vida.

— Quer dizer que tudo bem? — perguntei, mal acreditando nisso.

— Não vou falar pela sua mãe. — Ele sorriu, irônico. — Mas *eu* acho que seria ótimo para você. E é claro que a minha fraternidade tem membros na maioria das escolas.

Eu ri, achando graça pela primeira vez em uma pseudobrincadeira do meu pai. E, quando a minha mãe nos chamou para jantar, toda feliz diante de uma travessa de lasanha com sabor ligeiramente

saudável, finalmente tivemos outro assunto que não se concentrasse em luminárias.

Depois do jantar, fui até a casa de Toby.

— Oi — ele disse, levando-me ao seu quarto. De óculos e calça de pijama, ele me lembrou de quando éramos pequenos, nós dois fuçando a casa de noite quando deveríamos estar na cama.

Ele me deu um controle antigo, N64, que costumávamos disputar, e colocou um jogo sem me perguntar nada. Era um antigo Mario que eu lhe dera em algum aniversário, na época em que isso era o máximo, e a gente jogava mil vezes, passando por todos os níveis secretos. Mas desta vez era diferente.

— Quer ver o tal artigo? — Toby finalmente perguntou.

Disse que sim, e ele o abriu no computador.

Ali estava, Owen Alexander Thorpe. Primeiro lugar da turma da Barrows School, foi para Princeton e depois para a faculdade de medicina de Yale. Morreu aos 23 anos, inesperadamente, em virtude de um problema cardíaco causado por uma tromboembolia. Aprendi o suficiente no meu tempo de hospital para saber: Owen morrera em função de coração partido.

Havia uma foto, também, uma foto brega de turismo, que tomava metade da tela. Dava para ver a Torre Eiffel ao fundo, o chão molhado de chuva, alguns desconhecidos de guarda-chuva. Owen sorria constrangido, o cabelo caindo nos olhos, cujo tom de azul era igual aos de Cassidy, evidentemente algo de família. Ele usava um cachecol no pescoço, e o braço circulava alguém que fora cortado da foto. Dava para ver apenas um pedaço de capa de chuva e a ponta de uma sacola de compras. Devia ser da mesma série de fotos de férias que Cassidy tinha no celular.

Para seu mérito, Toby me deixou ali olhando para a tela do computador por um bom tempo. Só quando o vizinho acendeu as luzes, que refletiram na janela do quarto de meu amigo, é que me dei conta de onde estava.

A casa do outro lado da rua havia se transformado devido aos enfeites de Natal. Horrorizados, Toby e eu olhamos pela janela e vimos um par de imensos bonecos de neve infláveis e iluminados, que surgiam do nada nas laterais de uma manjedoura de néon. Alguém tinha subido no telhado e usado dúzias de fios de luzinhas para escrever “Feliz aniversário, Jesus” em pisca-pisca verde e vermelho.

— E ainda nem é Ação de Graças — comentei.

— Pelo menos eles podiam ter caprichado mais na letra — Toby comentou, fechando as cortinas. — E aí, o que vai fazer?

Suspirei, passando a mão no cabelo.

— Bater à porta dela com flores? — Assim que completei a frase, ela já soou patética. Como uma entrega atrasada de flores para um funeral.

— É? — Toby perguntou, pensativo.

— Não sei — respondi, alquebrado. — Olhe, eu gosto dela. Gostava dela, sei lá. E se puder acertar as coisas... porque eu sinto muita falta dela, e acho que Cassidy também sente. Então, vou lá bater na maldita porta.

— Estamos falando da *Cassidy*. — Toby arqueou a sobrancelha, tentando transmitir a gravidade da situação. — Ela te chamou de fraco, brega, atrasado e caipira.

— Eu me lembro — retruquei, secamente, esperando que Toby não apenas se divertisse, mas também chegasse a algum ponto.

— E você quer aparecer na casa dela com *flores*?

Estremeci, entendendo o argumento imediatamente.

— Certo. Péssima ideia — resmunguei.

— Precisa é de um cortador de grama — sugeriu Toby. — Ou de uma máquina do tempo, como a TARDIS do Doctor Who. Você pode construir uma TARDIS e convidá-la para se aventurar com você.

Sabia que Toby estava brincando, mas alguma parte das últimas palavras me pegou. Uma aventura. Cassidy tinha me proporcionado uma aventura, como um pedido de desculpas pelo torneio de debates.

— Você nem está me ouvindo, está? — ele reclamou.

— Não. — Afinal tinha me ocorrido uma ideia estranha, que certamente jamais seria considerada comum. Eu já sabia como reconquistá-la.

Na manhã seguinte, levantei-me bem cedo. Vesti roupas escuras e saí de fininho enquanto todos dormiam. Assim que as luzes começaram a se acender em Terrace Bluffs, voltei para casa.

Era cedo demais para tomar banho, e eu não queria acordar os meus pais, então limpei a sujeira e as tintas o melhor que pude com um pano úmido e coloquei umas roupas mais apresentáveis.

Esperei, andando pra lá e pra cá, e, quando bateram sete horas, não consegui aguentar mais. Desci. Cooper apareceu no momento em que

eu amarrava os sapatos. Ergueu a cabeça e gemeu para mim.

— Psiu — disse.

Do que se trata, velho?, parecia perguntar.

— Já volto. Só vou ver Cassidy — cochichei.

Quando mencionei o nome dela, Cooper empertigou-se e gemeu mais alto.

— Pare com isso! Vai acordar todo mundo!

Mas não teve jeito. Cooper me seguiu até a porta, soltando outro ganido insistente.

— Você quer sair comigo, Cooper? — perguntei, exasperado. — É isso? Ou você vem ou eu não vou.

Ele começou a andar em círculos diante da palavra “vem”, então desisti e fui pegar a guia.

— Tem que se comportar — disse-lhe, prendendo a guia. — Sério. Não devia levar você. Não pode puxar a guia nem nada.

Tive a impressão de que entendeu, pois, ao deixá-lo sair, parou para me esperar, como se soubesse que era uma ocasião especial.

As ruas estavam vazias e cinzentas de névoa, que eu esperava se dissiparem, mas não tive essa sorte. O asfalto molhado e os para-brisas dos carros pontilhados de orvalho completavam a paisagem. Até a entrada para o Meadowbridge Park estava escorregadia.

Cooper farejou indignado quando percebeu que íamos atravessar a grama molhada, mas eu lhe expliquei que ele insistira para vir, e então eu ri ao vê-lo marchar comportado, com o focinho erguido.

Mas não achei graça quando ele se sacudiu para tirar a água do pelo, do outro lado do parque.

— Cooper! — zanguei.

Você pediu essa, velho — a expressão dele parecia dizer.

Suspirei. Acho que ele tinha razão. E, quanto mais pensava, mais me sentia feliz por Cooper ter vindo, já que Cassidy gostava dele.

Quando vimos a casa, respirei aliviado. Antes até imaginara que ele teria desaparecido, mas ainda permanecia ali, enfeitando a entrada com magnífica ironia: meu boneco de neve feito de plantas que voavam por lá.

Ele tinha cerca de um metro e setenta, olhos de botão e um pedaço de canudinho lhe definia a boca. Um cachecol velho em volta do pescoço flutuava na brisa. Ainda estava um pouco úmido da pintura.

Um boneco de neve onde não nevava, feito por um menino que mal via a hora de ir embora, e dado a uma menina que nunca pertencera àquele lugar.

Toby tinha razão: não era hora de flores. Era hora de gestos grandiosos. Hora de construir um boneco com plantas soltas por ali.

Cooper ficou me olhando, imaginando por que tínhamos parado, e eu lhe murmurei que esperasse. Ele empinou a cabeça, e depois foi se aliviar na roseira do vizinho.

A névoa se diluía, finalmente. Estávamos do outro lado da rua de Cassidy, e eu a imaginava saindo pela porta da frente de pijama, o cabelo desarrumado do sono, sorrindo alegre quando visse o boneco.

Teclei o número dela no celular. Esperei três toques. Quatro.

Então um sonolento e cochichado “olá”.

— Saia — eu disse.

— Ezra, é você? — ela resmungou.

— Se não aparecer na porta da frente em cinco minutos, vou tocar a campainha sem parar.

— Não está falando sério — ela protestou.

— Campainha — ameacei. — Fora. Em cinco minutos.

E desliguei.

— Hora de nos escondermos — disse a Cooper, mas ele não cooperou. Agia estranhamente, as orelhas em pé, o corpo rígido e os pelos eriçados. — Vamos, Coop — continuei, apressando-o com um puxão da guia. — Assim você vai entregar a gente.

Consegui por fim persuadi-lo a atravessar a rua e ficar atrás de um carro estacionado, justo quando Cassidy saía da casa.

Vestia jeans e o suéter verde de sempre. Estava tão bonita, e tão vulnerável, cruzando os braços no peito sob a luz cinzenta da madrugada, enquanto descia a calçada da frente de sua casa.

Franzia a testa, e então viu o boneco e riu. Fazia tempo que não a via tão feliz.

— Ezra? — ela chamou, hesitante.

— Sim, oi — respondi, acanhado, juntando-me a ela no gramado.

Cooper esfregou o nariz nas pernas dela, e Cassidy bocejou, acariciando as orelhas do cachorro.

— Oi, bonitinho — ela balbuciou. — Você fez esse boneco de neve?

— Fez — comentei. — Sozinho. E me arrastou aqui pra chamar você.

— É maravilhoso — Cassidy disse, e então mordeu os lábios e ficou séria. — Vamos lá, te ajudo a tirá-lo daí.

Achei que não tinha entendido direito.

— Vai me ajudar a tirá-lo? Acabei de passar a noite toda montando essa coisa.

Cassidy suspirou. Olhou para o chão. Puxou as mangas do casaco.

— Não pedi que o fizesse — murmurou.

— Não, não pedi — retruquei zangado. — Meu Deus, estou tentando me desculpar pelo que disse, tá bom? Estou tentando lhe dar alguma coisa interessante e esquisita e bonita pra que você, quem sabe, finalmente converse comigo sobre o seu irmão, e você quer tirá-lo daí?

— Quero que tire — Cassidy afirmou friamente, desviando o olhar. — Eu lhe disse pra deixar isso pra lá. Disse que era melhor não saber.

— Obviamente, eu não escutei.

— É, *obviamente* — ela disse, zombando de mim. — Mas, se não quer me ajudar a tirar esse boneco daí, por favor... vá embora, por favor.

— Tudo bem — concordei. — Vamos, Cooper, vamos embora. Cassidy não quer falar com a gente, pois está brava com o fato de eu ter descoberto por que nos separamos.

— Não descobriu — ela gritou. — Só encontrou a charada.

Mas eu estava saturado de charadas, e saturado desse humor imprevisível de Cassidy, e saturado de nunca ser bom o suficiente para ela.

Escancarei o portão do parque, e Cooper logo se sentou na calçada, recusando-se a se mexer.

— Esta é a última coisa de que preciso — falei. — Não posso arrastar você. Tem que andar.

Cooper me olhou como se achasse que eu devia voltar e ajudar Cassidy a destruir alguma outra coisa que eu por engano achei que ela quisesse. Por fim, levantou-se e me seguiu.

O nevoeiro não tinha se dissipado de todo, e era quase impossível distinguir o azul brilhante dos balanços, e menos ainda o outro lado do parque.

— Ezra! — Cassidy chamou, e eu me virei, procurando-a. Estava no portão. Não havia deixado que eu me afastasse, depois de tudo.

— Ezra, corra! — ela gritou, a voz em pânico.

E então eu vi o coiote.

Era enorme, e deslizava silenciosamente através da neblina.

— Corra! — ela gritou de novo, mas eu não conseguia, e parte de mim sabia que o coiote percebera meu pavor. Fiquei paralisado, observando o imenso animal caminhando na minha direção através do nevoeiro amorfo.

E então Cooper latiu furioso, soltando-se da guia, e saltou na direção do coiote, latindo e rosnando, arrastando a coleira pela grama úmida.

Os dois animais atiraram-se no pescoço um do outro, numa luta feroz na beirada da caixa de areia, enquanto observávamos impotentes.

Fui mancando até eles, os gritos de Cassidy se transformando em soluços abafados quando pressionou as mãos na boca. Que chance tinha Cooper? Um poodle velho de dezesseis anos contra um coiote selvagem?

— Caia fora! — eu gritei para o coiote, mas já havia muito sangue. As presas do animal se prendiam à garganta de Cooper, e meu cachorro gania, em gemidos horríveis, e o meu coração martelava, e tudo o que eu conseguia pensar era *não, não é possível; isto não é real*.

— Cooper, não! — Cassidy gemeu. — Por favor, não.

Meu velho amigo ficou inerte, e o coiote, aparentemente satisfeito, soltou o pescoço de Cooper e se foi, deslizando pela cerca e desaparecendo na trilha.

Não me importei de estar sentado no meio de um parque numa nebulosa madrugada de domingo. Não me importei de estar começando a chover. A cabeça de Cooper repousava no meu colo, e as minhas mãos apertavam o ferimento, e a pelagem dele já estava banhada de sangue, e minhas mãos, vermelhas.

— Ah, Deus — arfei. — Desculpe. Desculpe, garoto. Você vai ficar bom. Agente firme. É um herói, Coop. Vai ficar bom.

Olhei para Cassidy, que estava tão branca que tive medo que fosse desmaiar.

— Ele precisa de ajuda — eu disse. — Seus pais são médicos.

— Estão de plantão.

— Temos que fazer alguma coisa! Vamos levá-lo para o hospital veterinário. Preciso que pegue as chaves do carro no meu bolso.

Mantive as mãos pressionadas contra o ferimento de Cooper, e Cassidy enfiou a mão no meu bolso e conseguiu pegar as chaves.

— Você precisa ir direto para o meu carro e dar a volta com ele. — Fiquei surpreso com minha calma aparente.

— Eu não sei dirigir — Cassidy disse, a voz trêmula.

— Mentira que não dirige! Traga o carro.

Cassidy concordou, entorpecida, e cruzou o gramado, o cabelo balançando como uma chama no nevoeiro que parecia exalar fumaça.

Cooper soltou um ganido de cortar o coração, e eu apertei ainda mais as mãos no corte de seu pescoço, tentando juntá-lo, e a nós dois.

Cassidy tocou a buzina quando estacionou.

— Não consigo erguê-lo — gritei, a voz falhando de vergonha.

Cassidy veio ajudar, e conseguimos ajeitá-lo no banco de trás. Ela subiu também, colocando as mãos sobre as minhas no ferimento de Cooper.

— Você dirige — ela insistiu. — Tem muita névoa.

Liguei os faróis de neblina e dirigi. Um silêncio denso no carro, e a direção grudenta de sangue.

Capítulo 32

Cassidy e eu nos sentamos olhando para a frente no ar-condicionado gelado da sala de espera do hospital veterinário. Parecia um pesadelo, e eu estava um tanto confuso a respeito dos detalhes, mas sabia que eram 7h30 da manhã e que Cooper passava mal, e eu me sentia apavorado com a ideia de que não pudessem salvá-lo.

Cassidy estremeceu e enfiou as mãos nas mangas de sua blusa. Tirei minha jaqueta de couro e passei pra ela.

— Obrigada — murmurou, vestindo-a e puxando as pernas sobre a cadeira, como se quisesse ficar ela toda dentro da jaqueta.

Eu estava em choque, entorpecido pela vastidão do que tinha acabado de acontecer; nós dois estávamos. Na sala de espera vazia, só nós dois ali, e a balança de animais num canto. A recepcionista, cuja presença eu tinha esquecido, tossiu e olhou para mim.

— Com licença. Por que você não usa o banheiro para se limpar um pouco?

Seu sorriso não se estampou nos olhos quando mostrou aonde queria que eu fosse. Paralisado, caminhei até o banheiro e acendi a luz.

Um fantasma me olhava no espelho. Rosto sombrio, face muito pálida, camisa cheia de sangue. Minhas mãos estavam particularmente horríveis. Pensei com amargura que aquela era uma fantasia muito mais apropriada para a festa de Halloween do que a que usara.

Curvei-me sobre a pia e fiquei olhando o redemoinho de água alaranjada que alcançava o ralo e sumia, e continuei observando até a água ficar limpa. Eu não conseguia fechar a torneira e voltar para a sala.

A cena continuava se repetindo na minha cabeça: aquele coiote fantasma atrás de mim no meio da neblina, e meu coração descompassado quando Cassidy gritou o meu nome e pediu que eu corresse. A maneira como Cooper lutou com o coiote mesmo com a terra encharcada de sangue, e tudo por culpa minha, porque eu sabia dos coiotes, mas não dei ouvidos.

Por fim, alguém bateu à porta.

— Ezra? — Cassidy me chamou, parecendo aflita.

— Só um segundo. — Joguei um pouco de água no rosto e abri a porta.

— Já faz um tempo que você está aqui. Fiquei preocupada.

Encarei-a de sobrelance erguida, e ela desviou o olhar.

— Eles já disseram alguma coisa? — perguntei.

Cassidy sacudiu a cabeça.

— Vamos — ela disse, segurando a minha mão. E então hesitou, pois minhas mãos estavam geladas da água da pia, mas não disse nada. Sentamos de novo na sala de espera, e Cassidy ficou bem perto de mim. Não sei o que ela queria dizer com tal gesto, mas me invadiu um lampejo de esperança decorrente da sensação de nos tocarmos, de que talvez a distância entre nós não fosse tão permanente quanto o meu desespero me fizera crer.

Cassidy puxou ainda mais minha jaqueta sobre os ombros.

— Me lembro bem do dia que compramos esta coisa — ela falou, quase que pra si mesma. — Nós transamos em cima da sua biblioteca perdida. McEnroe e Fleming viram tudo. A sua munhequeira enroscou no meu sutiã.

— E aqui estamos — tentei fazer uma piada. — Você e eu e Cooper. Como uma molécula de carga positiva, atraindo apenas tragédia.

— Não... Não me faça um boneco de neve de plantas e aí me diga coisas como essa.

— Me desculpa? — tentei.

— Sou eu quem tem de pedir desculpas — Cassidy murmurou.

Lá fora, um carro dos bombeiros passou bem rápido, com a sirene acionada, indo ao encontro da tragédia de alguém.

— Como você descobriu sobre o meu irmão? — Cassidy perguntou, e não a culpei por estar curiosa.

— Toby — admiti. — O torneio da semana passada.

— Então, agora sabe por que eu não quis mais competir.

— Sei, e sinto muito — respondi baixinho, percebendo como a palavra “desculpe” era inútil em certas situações.

— Ok, não, nada está ok. Na verdade, tudo está completamente *não ok* sobre Owen, mas não me incomoda mais que você saiba sobre ele.

— Bem, se tomasse tal decisão três semanas atrás, teria nos poupado de um monte de problemas. — Cassidy ergueu os ombros e conteve o riso. — É que... — comecei gaguejando e tentei de novo: — Não entendo por que você mentiu naquela noite no parque. Eu entenderia se me dissesse que não queria ir àquele baile estúpido por qualquer razão, mas você me mandou embora, e isso doeu pra caramba.

— Tive de agir daquele modo — Cassidy suspirou. — Céus, não acredito que esteja falando com você agora.

— Eu quero que fale comigo — insisti. — Tenho *tentado* fazer com que converse comigo, daí o boneco de neve, que você odiou.

— Não *odiei*. Na verdade, amei. Só não queria que meus pais o vissem e perguntassem de onde veio aquilo. — Uma sombra de angústia percorreu o rosto de Cassidy mais uma vez. — Ezra, eu não posso fazer isso. Desculpe, mas não posso. Você está certo, eu *devo* uma explicação pra você. Mas vou bancar Sherlock Holmes.

Por alguns instantes, ela ficou brincando com o zíper da jaqueta, e eu ouvia o ritmo nervoso dele subindo e descendo, como a batida de um coração. *Zip-zip. Zip-zip. Zip-zip.*

— A história com Owen — Cassidy começou — não é como falar da bagunça do universo ou dos grafiteiros subversivos, ou entrar furtivamente numa aula na faculdade. Foi assim que tudo foi interrompido, quando os nossos pais o forçaram a entrar na faculdade de medicina. Isso acabou com ele. Ele me contou que estava convencido de que os cadáveres eram alguém conhecido, um antigo professor ou alguém mais. Ficava falando ao telefone de coisas assim, de como estava preso no laboratório, esperando para cortar a carne humana e preencher fichas antes de lavar o sangue de suas roupas, e de como dizer às pessoas que elas estavam morrendo, ou aos seus entes queridos que alguém tinha morrido, ou que o seguro não cobria aquilo, ou que não havia nada mais que ele pudesse fazer para livrá-los da dor, e estava apavorado de pensar que assim seria o resto de sua vida. Então começou a tomar banho a toda hora, porque dizia que, por mais que se lavasse, pedaços de mortos e a morte e as doenças grudavam nele. Aos poucos, ele foi se transformando num fantasma, mas não podia voltar atrás porque já tinha perdido as datas em que as faculdades estudavam os formulários para avaliar tais situações, e ele

sentia muito medo dos nossos pais pra dizer que queria desistir do curso.

Cassidy ficou em silêncio novamente. Procurei sua mão, e ficamos olhando as nossas mãos apertadas uma na outra. A minha, com calos ainda por causa do tênis. A dela, pequena, sardenta e tremendo, o esmalte já saindo das unhas.

Ela puxou a mão, secando os olhos e fungando como se não quisesse chorar.

— Uma noite — Cassidy continuou —, ele pegou um bisturi escondido do laboratório e levou pro quarto. E me telefonou pra me dizer que estava muito assustado, cansado e estressado. E eu lhe pedi que pegasse um avião e viesse pra casa. Eu lhe disse que pegaria o trem no fim de semana e que falaríamos ambos com os nossos pais. Mas eles eram horrorosos sobre tudo isso. Fomos a um restaurante muito chique ao ar livre, na Back Bay, e eles ficaram escolhendo bebidas, discutindo as entradas, e, então, Owen pegou as chaves da mamãe e saiu furioso dali. E eu não o detive. Não saí correndo atrás dele e não lhe pedi que me devolvesse as chaves.

Cassidy se voltou para mim, sem conseguir conter as lágrimas.

— Mas ele morreu de um infarto... não de um acidente de carro — eu disse.

— Ezra — Cassidy murmurou, como se implorasse que eu entendesse. — Quando ele saiu do restaurante, acabou entrando na Land Rover preta da nossa mãe.

Senti tudo girar quando percebi o que ela estava me dizendo. O carro. O carro da festa de Jonas, o carro que não parou depois de bater no meu.

— Não! — exclamei como se o peso da batida me atingisse a cabeça. Revivi o estrondo daquela noite, o choque da colisão, a derrapagem horrível de tudo o que eu queria e de tudo o que escapava pelas minhas mãos estendidas. Era a resposta para o mistério errado... O mistério que eu não queria resolver.

Continuamos ali sentados na nuvem repugnante da verdade, nenhum de nós bravo ou magoado, os dois apenas desorientados por essa dor, por essa tristeza. E, por mais que eu quisesse que o meu grito de dor explodisse e acabasse com o dia, e rastejasse de volta àquele porto seguro, e me entregasse à luz lânguida, e fizesse todas aquelas coisas que machucavam e não traduziam nenhum heroísmo, sobre as quais as pessoas nunca escreviam poemas, nada fiz.

— Há quanto tempo você sabe? — perguntei.

— Soube na tarde do baile — ela respondeu. — Quando você me telefonou da floricultura.

— Voldemort, o Volvo — repeti, lembrando-me das palavras.

Então, foi isso o que aconteceu. Eu havia contado a Cassidy os detalhes que faltavam sobre o acidente. E, embora eu lhe contasse sem querer, Cassidy decidiu ficar longe de mim. Ela não estava fugindo de mim, mas da obrigação de ter de me olhar nos olhos e revelar quem estava dirigindo aquele SUV preto que não parou no sinal.

— Ele nos falou que bateu numa árvore. — Cassidy balançou a cabeça. — Meus pais ficaram furiosos, mas acreditaram nele. Voltei para Barrows, e ele ficou em casa, pois não estava se sentindo bem, mas acho que queria evitar a escola. Ele achava que era crise de pânico. Afinal, existem aquelas piadas horríveis sobre os estudantes de medicina sempre acharem que têm uma doença fatal, e meu irmão não queria que rissem dele. Mas teve uma embolia em consequência do acidente, e o coágulo foi para o coração. Quatro dias depois, meu pais chegaram em casa e ele tinha morrido.

Cassidy apertou a minha mão e me olhou, como se me pedisse perdão. Mas eu não tinha muita certeza da razão por que o fazia.

Fiquei pensando em como o irmão dela morreu naquela casa. Assim, fazia sentido aquele lugar sempre me parecer fantasmagórico, assombrado. Dava para entender porque ela nunca queria voltar para lá.

— Me desculpe — sussurrei.

Cassidy encolheu os ombros, porque, até onde eu sei, os cientistas precisam ainda descobrir a reação apropriada para “me desculpe”.

— O que não consigo entender é por que ele não contou que tinha batido em alguém — ela insistiu. — Talvez estivesse tão fora de si que realmente achou que fosse uma árvore.

— Ou talvez não tenha sido ele — falei pouco esperançoso. — Existem muitos SUVs pretos em Eastwood.

— Ezra — Cassidy me repreendeu, como se estivesse sendo irracional. — Noite de sexta-feira, antes do baile, por volta das dez? Entre Terrace Buffs e Back Bay? Era ele. Não consegui contar aos meus pais. Não contei pra ninguém, só pra você.

Ela deu um sorriso triste e apertou a minha mão de novo de um jeito que comprimiu o meu coração.

— Estou feliz que tenha me contado; é melhor assim. Somos os dois lados da mesma trágica moeda. É como se já estivéssemos juntos antes

mesmo de nos conhecermos.

— Não, *não* é assim. Você não entende? Nós não podemos ficar juntos. Quando olho pra você agora, tudo que eu vejo é Owen. Eu o vejo morto em você. O jeito que você está sentando, com as pernas esticadas, eu o vejo jogando o carro em você. E então penso em como eu poderia apresentá-lo aos meus pais. O rapaz que o filho morto deles feriu... Não podemos. Nunca.

Pensei nisso. Olhava o relógio na parede do outro lado sem de fato vê-lo. Passei a mão nos cabelos. Em seguida, olhei de novo para ela, morrendo de vontade de segurá-la bem perto de mim, mas sabendo que não podia. Talvez uma parte minha já tivesse começado a entender que querer Cassidy perto era o mesmo que empurrá-la para longe. Talvez já entendesse que a nossa física não desafiava nenhuma lei da gravidade, e com ela havia sempre uma reação igual e contrária.

— Gostaria que você me deixasse decidir o que quero fazer — disse, por fim. — Estou falando sério; nada do que sei agora muda a falta que sinto de você e o fato de querê-la de volta. Nos damos muito bem, e é uma tragédia jogar isso fora por causa de uma coisa que nenhum de nós fez. Porque acho que todo mundo tem a sua tragédia. E, no final das contas, fico feliz de que aquele acidente de carro tenha sido meu. Do contrário, não estaria me inscrevendo em universidades da Costa Leste, ou não teria feito parte do time de debates, ou nenhuma das outras coisas, porque não teria encontrado você.

— Mas eu *não* fiz nada disso — Cassidy insistiu. — Ezra, essa garota que você está perseguindo não existe. Eu não sou uma aventureira boêmia que leva você à caça do tesouro e lhe envia mensagens secretas. Sou esta confusão triste, sozinha, que estuda muito e afasta as pessoas e se esconde numa casa assombrada. E você ainda continua querendo me dar créditos porque *você* finalmente decidiu que não se sentia contente espremido no corredor estreito das expectativas de todo mundo. Mas se lembre de que tomou essa decisão antes mesmo de nos conhecermos, no primeiro dia de aula, quando não mediu as palavras no curso avançado da Europa.

Tinha me esquecido completamente do dia em que nos conhecemos, e de que, quando eu já tinha saído da confraternização, banqueei o sabe-tudo com o meu professor, e me livreí dos meus colegas no almoço. Só me lembrava dela, sempre dela, como a força motivadora que havia por trás das minhas ações.

— Isso — disse ela, convencida, pois a minha expressão devia ter mudado. — Percebe? Você está entendendo agora, mas eu descobri há muito tempo que, quanto mais inteligente se é, mais tentado se fica a deixar as pessoas imaginarem você. Nós entramos um na vida do outro

como fantasmas, deixando pra trás lembranças assombradas de pessoas que nunca existiram. O atleta popular. A nova garota misteriosa. Mas somos nós que escolhemos, no final, como as pessoas nos veem. E eu prefiro ser lembrada da forma errada a fazer você, entre tanta gente, infeliz.

Havia suplício nos olhos de Cassidy, algo que eu não tinha visto antes, e percebi que não importava se nada do que ela dissera fosse verdade, pois acreditava tanto em cada palavra que não havia meios de convencê-la do contrário.

Para Cassidy, o Panóptico não era uma metáfora. Representava, sim, o maior fracasso de tudo o que ela era, uma prisão que ela havia construído para si mesma pela incapacidade de parecer menos do que perfeita. E então ela se transformou num fantasma, numa busca incessante de escapar, não da sociedade, mas de si mesma. Cassidy sempre viveria limitada pelo que todos esperavam dela, porque tinha muito medo e relutava muito a corrigir nossa imaginação imperfeita.

Mas não lhe falei nada. Agi como se acreditasse nela, afinal, o que mais poderia fazer? Havia aquele poema que ela tinha declamado naquele dia perto do riacho, sobre tudo acabar por fim, e tão rápido. Cá estávamos nós dois perguntando a questão irrespondível sobre o que mais poderíamos ter feito.

— Eu não quero que a gente termine. — Não era uma pergunta.

— Ezra — sua voz parecia extremamente triste. — Você é melhor sem mim. E eu não quero estar por perto quando você entender isso.

Ela tirou a minha jaqueta e a colocou nos meus ombros. Eu a observei, sem compreender até que ela se afastou e reprimiu o choro, procurando ser forte. Pude sentir o adeus pairando entre nós, pesado e definitivo, e então o veterinário apareceu na porta, com uma expressão severa.

— Sr. Faulkner? O senhor pode vir até aqui um instante?

— Ah, que bom, ele está bem? Vai ficar bom?

O veterinário olhou para a prancheta que tinha nas mãos, como se não quisesse enfrentar o meu olhar, e, naquele momento, eu já sabia. Eu o segui sem me virar para trás, a identificação de Cooper apertada na minha mão trêmula, como se ele me pedisse que fizesse luto como se fosse um herói, e assim Cassidy desapareceu da minha vida.

Capítulo 33

Durante mais de uma semana, a urna com as cinzas de Cooper ficou na minha mesa, e toda vez que minha mãe tocava no assunto de levá-las para algum lugar, bastava o meu olhar para que ela se calasse e saísse do quarto.

Eastwood estava corrompida para mim, um lugar pitoresco que pretendia embalar os moradores na crença de que, por trás de seus portões e além de seu toque de recolher, nada de ruim poderia afetá-los. Era um lugar tão fatalmente imperfeito que se recusava a reconhecer que tanta imperfeição fosse possível.

As fileiras impecáveis de casas marchavam, soldadinhos nas linhas de frente do subúrbio, esperando com valentia que nunca deparassem com um fim trágico. Mas muitos depararam. Tantas casas idênticas atrás de portões idênticos sustentavam as marcas da tragédia, e saindo daquelas casas alguns determinados deixaram Eastwood e todas as suas promessas vazias para trás para sempre.

Toby e eu espalhamos as cinzas de Cooper na trilha de caminhada uma tarde já no final de novembro, embora não fosse legalmente permitido. No elogio fúnebre, da minha cópia já bem manuseada de *Gatsby*, recitei o famoso verso sobre a poeira que flutua na vigília dos sonhos, enquanto esvaziava a urna funerária no vento.

Ao voltar com Toby pelo parque, minha bengala afundando na grama molhada, vi a luz do quarto de Cassidy acesa e eu me lembrei de olhar para ela querendo saber. Querendo saber no que as coisas se transformavam quando já não se precisava mais delas, o que o futuro reservaria assim que tivéssemos passado por nossa tragédia pessoal e, no final das contas, fosse comprovada a nossa capacidade de sobrevivência.

Quando Cassidy não apareceu na escola no semestre seguinte, não me surpreendi. Eu havia esperado durante algum tempo que ela voltasse ao conselho da escola, retornasse ao Panóptico do qual nunca tinha verdadeiramente escapado, e tudo bem. A irrevogabilidade de sua partida me permitiu reivindicar os lugares que um dia foram nossos como meus, a dizer adeus aos parques da minha infância e às trilhas de caminhadas, em vez de me agarrar aos momentos perdidos com uma garota perdida que se recusava a ser encontrada.

Estou na faculdade agora, e já faz algumas semanas que as folhas se tornaram lembranças sob os nossos pés e nossas bandejas começaram a desaparecer do refeitório, contrabandeadas sob nossos casacos de lã na expectativa de a primeira neve a cair.

Aliás, está nevando enquanto escrevo isto, os flocos escorregando pela janela do meu quarto, que dá para um pátio gótico. Toby veio de Boston para passar o fim de semana comigo, e o meu quarto ainda conserva sinais de sua visita; um livro de arte sobre Magritte que o namorado de Toby insistiu em me mandar, ainda que eu nem sequer imagine de onde ele tirou a ideia de que eu goste da arte surrealista. Um colchão inflável, que há dias venho tentando entregar à garota do final do corredor, mas nossos horários parecem não bater nunca. E esta foto fantástica do meu aniversário de dezoito anos que Toby colou na parede acima da minha mesa enquanto fui lavar a cafeteira na cozinha comunitária.

Phoebe fez a foto, girando na cadeira da montanha-russa no último instante, mesmo que o funcionário da Disney gritasse com ela para olhar para a frente. É uma imagem desfocada que nos registra, Toby e eu, na fileira de trás da Thunder Mountain Railroad. Toby ria de alguma coisa que Austin tinha falado, e eu estava quase olhando para a câmera. Estou sorrindo para Phoebe diante das promessas sussurradas daquele último verão, e da profunda relutância por ter de deixar pessoas legais para trás. Mas tivemos muito tempo para a indecisão juvenil, tanto separados como juntos, e era hora de prosseguirmos, ainda que mancando, rumo ao futuro, depois dos montes de cinzas inesquecíveis de nossas histórias.

Sempre me pergunto o que será de Cassidy Thorpe. Ela foi a primeira de nós a sair de Eastwood, voltando para Barrows School naquela primavera que só consigo imaginar como uma história em que todos nós estávamos mal representados. Não afirmo que lhe perdoe por se recusar a cooperar com a talvez-felicidade daquilo que poderíamos ter vivido, mas entendo por que ela escolheu agir assim, e ela nunca me pediu que lhe perdoasse.

De qualquer forma, ela estava certa. Eu jamais devia ter lhe dado

tanto crédito. Tudo se misturou, o aparecimento de Cassidy e Toby retornando à minha vida e a primeira vez que li um livro que de fato falava pra mim, e a questão de quem eu queria ser como resultado da minha tragédia pessoal. Porque eu tomei uma decisão naquele ano, começando pelo fato de que eu nada tinha a ver com os times de esportes ou com coroas de plástico, e a realidade é que, se eu tivesse tomado aquela decisão sem ela, nunca me apaixonaria por uma garota que considerava o amor a maior desgraça de todas.

A verdade de tudo é que, durante toda a minha vida, eu vinha perseguindo a experiência errada, e, embora Cassidy tenha sido a primeira pessoa a se dar conta disso, ela não incorporou os elementos que me permitiriam prosseguir por um caminho diferente. Ela acendeu uma fagulha, talvez, ou assoprou a chama, mas o incêndio era meu. Oscar Wilde disse certa vez que viver é a coisa mais rara do mundo, porque a maioria das pessoas apenas existe, e isso é tudo. Não sei se ele tem razão, mas sei que passei um longo tempo existindo, e, agora, eu pretendo viver.

Agradecimentos

Se os agradecimentos fossem notas, provavelmente eu as cantaria em um tom bem desafinado; portanto, fiquem felizes por eu não tê-los recompensado com notas de agradecimentos. Em vez disso, vou concentrá-los numa pequena lista.

Primeiro, minha agente, a incrível Merrilee Heifetz. Sua fé inabalável tanto em mim como neste livro realmente mudou a minha vida. Espero que me desculpe por ter enviado tantos e-mails com muitas imagens de girafas esticando a língua (embora eu ainda ache que você se divertiu com elas). Minha editora, Katherine Tegen, por me ajudar a dar a este livro um enredo arrojado e por ser a melhor coisa do Facebook. Sara Nagel, por se encantar com tudo que tinha a ver com este livro, e por conspirar e me mandar um bicho-preguiça de pelúcia quando eu estava no hospital. Liane Graham, por sentar-se comigo em telhados do Brooklyn e conversar sobre o amor. Se os livros pudessem ser escritos como presentes para as pessoas, este seria para você. Kaleb Nation, a única razão pela qual continuo no Skype.

Philo, a inspiração indireta para tudo, mas particularmente Sam e Cris, por terem sido consultores, gente como Ezra, e por terem deixado que eu esmagasse um piano com um martelo e brincasse de ser uma moça sonhadora com mania de fadas — mas, obviamente, não achavam isso de fato, amém. Pessoal do YouTube, Paige, Karen, Adorian, Kayley e Alexa. Minha companheira de quarto, Jennifer, por editar tudo antes de ser editora e antes de isto ser um livro. E a todos da HarperCollins, muitíssimo obrigada. Se eu pudesse, colocaria o link de um GIF aqui, mas provavelmente os meus agradecimentos não poderiam ser muito do tipo Tumblr, então, vou me segurar.

Notas

[1] Nos Estados Unidos não há vestibular. O desempenho ao longo dos anos escolares conta pontos na hora de o aluno se candidatar a uma vaga na universidade desejada. O debate faz parte das atividades escolares, e existem competições entre as escolas. (N.T.)

[2] Referência ao livro *O apanhador no campo de centeio*, de J. D. Salinger (N.E.).

[3] *Napoleon Dynamite* é uma comédia dramática norte-americana de 2004, cujo protagonista (nome do filme) representa o estereótipo adolescente do nerd (N.E.).

[4] Tradução livre de: Tell me, what else should I have done?/Doesn't everything die at last, and too soon?/Tell me, what is it you plan to do/With your one wild and precious life? (N. T.)

[5] International House of Pancakes (N.E.).

[6] *The O.C.* foi uma série de televisão que contava a história de um grupo de adolescentes e de suas famílias que viviam em Newport Beach, no Condado Orange, na Califórnia. No Brasil, chamava-se *The O.C.: um estranho no paraíso*.

[7] Scholastic Aptitude Test, teste de aptidão das escolas norte-americanas, semelhante ao Enem. (N.T.)

[8] Red Vines é uma marca de alcaçuz vermelho bastante doce. (N.E.)

[9] Programa de simulação de animais de estimação virtuais, criado em 1999. (N.E.)

[10] Rosh Hashanah é o nome dado ao Ano-Novo judaico. (N.E.)

[11] Os anéis de pureza, ou anéis de castidade, surgiram nos EUA na

década de 1990, indicando abstinência sexual para os cristãos. (N.E.)

[12] Chanucá é uma festa judaica, também conhecida como Festival das Luzes. (N.E.)

Quando o chão é tirado dos nossos pés,
nem sempre temos a opção de cair.

O COMEÇO de TUDO



ROBYN SCHNEIDER

